

CRIMES EM PRIMEIRO GRAU

Joseph Finder

Autor de Hora Zero

Rebo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CRIMES
EM PRIMEIRO GRAU

JOSEPH FINDER



Dados da edição: Editora Rocco, 1998, Rio de Janeiro;
Gênero: Romance policial;
JOSEPH FINDER
CRIMES EM PRIMEIRO GRAU
Tradução de Haroldo Netto Rio de Janeiro — 2002
Título original HIGH CRIMES Copyright (c) 1998 by Joseph
Finder

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante autorização do autor, a/c de Baror
International, Inc., Armonk, NY, EUA

Direitos para a língua portuguesa reservados com
exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 4º andar 20011-040 — Rio de
Janeiro, RJ

Tel.: 2507-2000 — Fax: 2507-2244

e-mail: rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais MÔNICA MARTINS FIGUEIREDO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos
Editores de Livros, RJ

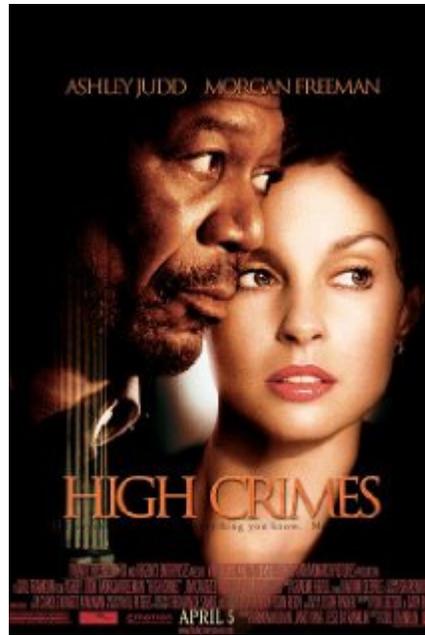
F531c Finder, Joseph Crimes em primeiro grau / Joseph
Finder; tradução de Haroldo Netto. — Rio de Janeiro : Rocco, 2002.

Tradução de: High crimes

ISBN: 85-325-1436-7 1. Ficção americana. I. Haroldo Netto.

II. Título.

CDD-813 02-0958 CDC — 820(73)-3



Morgan Freeman e Ashley Judd vivem Grimes e Claire em filme de 2002 dirigido por Carl Franklin.

Para Michele e para Emma & seu fã-clube

Aquele que tem olhos de ver e ouvidos de ouvir pode convencer-se de que nenhum mortal pode guardar um segredo. Se seus lábios ficarem em silêncio, ele fala com a ponta dos dedos; a traição escorre em cada poro.

— SIGMUND FREUD, *Dora*

PARTE UM

EXATAMENTE ÀS NOVE HORAS DA MANHÃ, Claire Heller Chapman entrou na vasta sala de aula da Faculdade de Direito de Harvard e encontrou um pequeno grupo de repórteres à sua espera. Havia quatro ou cinco, e um deles segurava uma volumosa câmera de vídeo.

Claire tinha esperado aquilo. Desde que o veredicto de Lambert fora anunciado, dois dias atrás, vinha recebendo ligações de jornalistas. Conseguira evitar a maioria, mas agora estavam na parte da frente da velha sala de aula, perto do seu púlpito, e enquanto avançavam eles foram gritando as perguntas.

Claire sorriu afavelmente. Só conseguia entender fragmentos.

— ... Lambert? Algum comentário? — ... Satisfeita com o veredicto? — ... Não está preocupada por ver um estuprador ser libertado? Um murmúrio de vozes de estudantes fez-se ouvir. Com o púlpito dando-lhe agora a vantagem de quase meio metro de altura, ela dirigiu-se aos repórteres.

— Lamento, mas vocês vão ter que sair da minha sala de aula.

— Um breve comentário, professora — disse a repórter da Tv, uma loura bonita que vestia um terninho salmão com enchimentos nos ombros iguais aos de um zagueiro de futebol americano.

— Agora não, sinto muito — disse ela. — Tenho uma aula para dar.

Seus alunos de Direito Criminal sentavam-se em longos arcos que se irradiavam de dentro para fora a partir da parte da frente da sala, como os anéis de Saturno. Na Faculdade de Direito de Harvard o professor era visto como uma divindade. Naquela manhã, a divindade estava sendo atacada.

— Mas professora, uma declaração rápida...

— Vocês estão passando dos limites, caras. Fora daqui, por favor. Fora.

Resmungando, eles começaram a se virar, espalhando-se ruidosamente no corredor central, tomando a direção da porta de saída.

Ela se virou para a classe e sorriu. Claire Heller, como era conhecida profissionalmente, tinha uns trinta e cinco anos, era pequena e magra, de olhos castanhos e covinhas no rosto, e o cabelo acobreado caía até o pescoço de cisne. Vestia um casaco de tweed cor de chocolate, clássico, mas não fora de moda, por cima de uma blusa de seda creme sem mangas.

— Muito bem — disse Claire para a classe. — Na última vez, alguém me perguntou quem era Regina e quem era Rex.

Ela tomou um gole d'água. Ouviram-se algumas risadinhas. Um pouco gargalhadas. Humor de faculdade de direito: você ri porque quer mostrar que entendeu, que é inteligente, não porque seja engraçado.

— É latim, pessoal.

Outro gole d'água. Tudo no tempo certo.

Um crescendo gradual de risadinhas.

— Direito inglês. Regina é a rainha. Rex, o rei.

Risadas altas, de alívio, dos mais lentos, que finalmente entenderam do que se tratava. A melhor plateia para comédias no mundo.

A porta da sala de aula bateu quando o último jornalista saiu.

— Muito bem, Terry versus Ohio. Uma das últimas decisões de Earl Warren no Supremo. Um verdadeiro marco histórico em jurisprudência liberal.

Claire percorreu com o olhar toda a sala, sem revelar qualquer emoção no rosto. Uns poucos estudantes gargalharam. Sabiam com quem estavam lidando.

Ela aumentou o volume da voz alguns decibéis.

-Terry versus Ohio. A grande decisão que permitiu à polícia revistar as pessoas por praticamente qualquer motivo. O Sr. ministro-presidente do Supremo. Earl Warren. deu essa de graça para os tiras.

Claire girou o corpo repentinamente.

— Srta. Harrington, e se os tiras invadissem seu apartamento uma noite, sem um mandado de busca, e encontrassem as pedras de crack que escondeu com tanto cuidado.

Poderiam processá-la pela posse da droga? Alguns risos contidos: Harrington, séria, estudiosa, muito alta, pálida e jovem, com o cabelo louro comprido repartido ao meio, não era exatamente do tipo que fuma crack.

— De jeito nenhum. Sem mandado, qualquer prova que encontrem poderá ser excluída do julgamento. Por causa da regra da exclusão.

— E onde essa regra teve origem? — perguntou Claire. — Na Quarta Emenda.

As olheiras visíveis no rosto da Srta. Harrington eram um sinal eloquente de como dormira pouco no seu primeiro — e infeliz — ano de direito.

Ela nos protege de buscas injustificadas por autoridades do Governo. Assim, qualquer evidência obtida graças à violação da Quarta Emenda deve ser excluída do julgamento. É chamada de "fruto da árvore envenenada." — Como seu frasco de crack — disse Claire.

A Srta. Harrington olhou melancolicamente para Claire através de círculos roxos que lembravam o focinho de um mão-pelada, e deu um meio sorriso.

— Exatamente.

Os estudantes, pelo menos os mais inteligentes, começavam a sentir a contracorrente: a velha e boa sabedoria liberal de Claire Heller, ela mesma um produto típico dos anos 60, que fora inclusive presa durante seus dias de estudante em Madison. Poder para o Povo. Foda-se o Governo. Hora de acabar com essa corja.

— Muito bem, alguém pode me dizer onde é que diz na Quarta Emenda que uma prova obtida ilegalmente deve ser excluída do processo? — perguntou Claire.

Silêncio.

— Srta. Zelinski? Cartwright? Williams? Sr. Papoulis? Ela desceu da tribuna e deu uma volta ao melhor estilo de Oprah Winfrey em um dos corredores.

— Em lugar nenhum, pessoal. Em lugar nenhum.

Do fundo da sala veio a melodiosa voz de barítono de Chadwick Lowell III, o cabelo louro já começando a recuar na testa, acima dos óculos redondos de armação de metal fornecidos pelo Plano de Saúde Nacional Britânico, provavelmente durante o ano em que ele passara como bolsista Rhodes na Universidade de Oxford.

— Estou entendendo que a senhora não é fã da regra de exclusão.

— Acertou — disse Claire. — Nunca tivemos uma coisa dessas vigendo no país até quarenta anos atrás — cento e setenta anos depois da adoção da Quarta Emenda.

— Mas a regra de exclusão — persistiu o Sr. Lowell III desdenhosamente — não a incomodou no julgamento do apelo de Gary Lambert, certo? A senhora conseguiu anular a condenação dele obtendo a exclusão de tudo que fora achado no seu lixo, certo? Assim sendo, acho que não se opõe à regra, se opõe? O assombro generalizado resultou em silêncio absoluto. Claire virou-se devagar para encará-lo. No fundo, sentia-se impressionada. O Sr. Lowell não se acovardou.

— Na sala de aula — disse ela — nós podemos falar sobre princípios. No tribunal põe-se de lado seja o que for aquilo em que se acredita e luta-se com toda e qualquer munção disponível.

Ela se virou para a tribuna.

— Vamos voltar agora a Terry versus Ohio.

— JÁ ENCERRARAM o EXPEDIENTE?

O garçom era um varapau, alto e muito magro, com pouco mais de vinte anos, insuportável. Parecia um modelo de Ralph Lauren. Tinha o cabelo louro curto, à escovinha; as costeletas eram raspadas. As pernas compridas estavam metidas numa calça jeans preta, e também era preta a camiseta de linho.

Claire, o marido Tom, e Annie, a filha dela de seis anos, estavam jantando em um restaurante familiar especializado em frutos do mar que ficava em um luxuoso shopping center no centro de Boston. Restaurantes que se diziam "familiares" geralmente se caracterizavam por balões de gás, lápis de cor e jogos americanos

de papel em vez de toalhas de mesa. Aquele era um ou dois pontos acima disso, e a comida era decente.

Claire atraiu o olhar de Tom e sorriu. Tom gostava de fazer graça com essa tradicional pergunta dos garçons. Os dois riam, aliás — desde quando jantar é cumprir expediente? — Já terminamos — disse Tom, amavelmente. Tom Chapman era um quarentão jovial, elegante e bonito no seu terno Armani azul-marinho. Viera direto do trabalho. Seu cabelo cortado muito curto começava a branquear e escassear. Os olhos eram cinza-azulados, mais cinza que azulados, cheios de rugas fundas nos cantos externos, e quase sempre exibiam um brilho divertido.

Claire balançou a cabeça, confirmando.

— Expediente encerrado — disse, com a maior cara-de-pau.

— Eu também encerrei meu expediente — disse Annie, o cabelo castanho brilhante preso num rabo-de-cavalo. Ela vestia sua jardineira favorita, de tecido de algodão cor-de-rosa.

— Annie-Banannie — disse Tom —, você não comeu nem metade do seu hambúrguer! — Estava tudo bem? — perguntou o garçom, preocupado.

— Excelente, obrigado — agradeceu Tom.

— Mas eu comi a batata frita! — Posso tentar você com uma sobremesa? — perguntou o garçom. — A marquise au chocolat com molho de pistachio é fabulosa. Gostosa de morrer. Ou então, podemos pensar num bolo de chocolate derretido, servido quente, que é realmente um pecado.

— Quero bolo de chocolate! — exclamou Annie.

Tom olhou para Claire. Ela sacudiu a cabeça.

— Nada para mim — disse.

-Tem certeza?— perguntou o garçom, em tom conspiratório. malicioso. — Que tal três garfinhos? — Não, obrigada. Acho que vou ficar só no café. E nada de bolo de chocolate para ela enquanto não comer tudo.

— Eu vou comer! — protestou Annie, se contorcendo na cadeira.

— Muito bem — disse o garçom. — Dois cafés? — Um — disse Claire, vendo Tom sacudir a cabeça. O garçom hesitou, inclinando a

cabeça na direção de Claire.

— Desculpe, mas a senhora é a professora Heller? Claire balançou a cabeça.

— Sou eu mesma.

O garçom deu um sorriso largo, como se tivessem acabado de lhe dar conhecimento de um segredo de estado.

— Vi a senhora na TV — disse ele quando se virou.

— Você não existe enquanto não aparece na televisão, você sabe disso — comentou Tom depois que o garçom se afastou. Ele apertou a mão de Claire por baixo da mesa laqueada. — O ônus da fama.

— Não exatamente.

— Em Boston, pelo menos. Como seus colegas da faculdade vão lidar com isso? — Desde que eu cumpra as minhas obrigações, eles, na verdade, não ligam a mínima para quem eu defenda. Se eu fosse advogada de Charles Manson iam comentar discretamente que sou maluca por publicidade, mas me deixariam em paz.

Ela segurou o rosto dele com ambas as mãos e plantou-lhe um beijo na boca.

— Obrigada — disse. — Uma comemoração maravilhosa. — O prazer foi todo meu.

A luz pegou em cheio a testa profundamente vincada de Tom. Ela admirou os planos do seu rosto, os zigomas bem marcados, o queixo quadrado. Ele usava o cabelo bem curto, quase em estilo militar, com a finalidade de amenizar o problema da calvície, mas como resultado parecia um garoto de escola crescido demais, todo escovadinho e ansioso para agradar. Seus olhos cinza-azulados, naquela noite mais para o azul que para o cinzento, eram translúcidos e inocentes.

Ele surpreendeu o olhar dela e sorriu. Que é? — Nada. Só estava pensando.

— Sobre? Ela deu de ombros.

— Você está um pouco abatida. Alguma coisa a ver com a libertação de Lambert? — É, acho que sim. Quer dizer, era a coisa certa a fazer, acho eu. Um caso verdadeiramente importante. Provas que poderiam claramente ter sido suprimidas, toda a questão de

"consentimento informado", busca e apreensão ilegais, descoberta inevitável. Questões importantes da Quarta Emenda.

— E ainda assim você libertou um estuprador.

Ele sabia como Claire tinha ficado preocupada por ter aceitado o caso Lambert. O famoso herdeiro da fortuna Lambert, Gary Lambert, de trinta e três anos, cujo retrato está sempre nas páginas da revista *People*, geralmente de braço com alguma supermodelo, tinha sido acusado pelo departamento de polícia da cidade de Nova York do estupro de uma garota de quinze anos de idade.

Quando os advogados de Lambert pediram a Claire para se encarregar do recurso, ela não hesitou. Sabia por que estava sendo contratada; não só por causa de sua reputação crescente mas sim pela sua posição de professora na Faculdade de Direito de Harvard. Sua proeminência na profissão legal podia compensar com sobras a reputação bastante excêntrica de Gary Lambert. No entanto, ela se sentiu fascinada pelas questões legais envolvidas, a revista feita pela polícia no apartamento de cobertura de Lambert e no seu lixo. Tinha certeza de que as duas coisas não se sustentavam. Nunca duvidara de que derrubaria a condenação dele.

De repente, como resultado do caso, Claire viu-se ocupando a posição de uma celebridade menor. Passou a ser convidada habitual da Court TV e do programa de entrevistas de Geraldo Rivera, especializado em assuntos jurídicos. O *New York Times* começara a citá-la em artigos sobre outros julgamentos e controvérsias legais. Certamente que não era reconhecida ao andar pelas ruas da cidade, mas estava na tela do radar da mídia nacional.

— Olha — disse Tom —, você sempre diz que quanto mais desprezível a pessoa, mais ela precisa de advogado. Certo? — Certo — concordou ela, sem muita convicção. — Em teoria.

— Pois bem, acho que você fez um grande trabalho e estou realmente orgulhoso.

— Talvez você possa dar as minhas entrevistas ao *Globe*.

— Terminei — avisou Annie, levantando um pedaço da casca do pão do hambúrguer. — Agora quero sobremesa.

Ela deslizou para fora da cadeira e se acomodou no colo de Tom.

Ele sorriu, levantou a enteada no ar e deu-lhe um beijo estalado na bochecha.

— Eu amo você, abóbora. Minha Annie-Banannie. A sobremesa já está vindo aí, querida.

— Esqueci de contar — disse Claire — que a revista Boston quer nos nomear um dos Cinquenta Casais Poderosos ou algo assim.

— Mãe, posso pedir sorvete junto com o bolo? — Deixe que eu adivinhe. Eles acabaram de telefonar porque você conseguiu libertar Gary Lambert.

— Pode sim, querida, pode pedir o sorvete junto. Na verdade, eles telefonaram há uns dias.

— Puxa, não sei o que dizer, querida. Não somos desse tipo de gente.

Ela deu de ombros e sorriu envergonhada.

— Quem foi que disse? De qualquer modo, seria bom para os negócios, não seria? Provavelmente atrairia um grande número de investidores à Chapman & Company.

— Acho que é um pouco brega, querida, só isso. Casais Poderosos... — ele sacudiu a cabeça. — Você ainda não disse que sim, disse? — Eu ainda não disse nada.

— Eu só queria que você não concordasse.

— Papai — disse Annie, um bracinho dobrado em torno do pescoço dele —, quando o homem vai trazer o bolo? — Daqui a pouco.

— Eles ainda vão ter que assar o bolo? — Parece que sim. Certamente que está demorando muito.

— Eu lhe contei que a polícia disse que pode ter recuperado uma das pinturas roubadas? — perguntou Claire.

A casa deles fora invadida alguns dias antes, quando dois dos seus quadros tinham sido roubados — um nu feminino de Corot, que ela dera a Tom em um aniversário recente, e uma natureza morta, a óleo, de William Bailey, que Tom amava e Claire detestava.

— Sério? E eu que estava todo animado para preencher os formulários do seguro. Qual deles a polícia encontrou? — Não sei. Claro que eu não me zangaria se o Bailey fosse perdido para sempre.

— Eu sei. Frio, preciso e controlado demais, certo? Pois bem, eu amava aquele quadro. De qualquer modo, querida, são apenas coisas, sabe? Objetos, troços. E ninguém saiu machucado, que é o mais importante de tudo.

O garçom chegou com uma bandeja. Nela estavam o bolo de chocolate, uma xícara de café e duas taças de champanhe.

— Cumprimentos da casa — disse ele. — Com as nossas congratulações.

QUANDO SAÍRAM DO RESTAURANTE, Annie disparou na frente e atravessou a praça de alimentação do shopping, gritando: — Quero brincar na espaçonave! A enorme espaçonave de plástico ficava na loja favorita da menina, ali perto, balizada pelas gigantescas estátuas de resina de personagens de desenhos animados diante da sua porta.

A praça de alimentação era contornada por restaurantes de comida rápida sofisticados e mobiliada com mesinhas redondas, bancos de madeira e fícus plantados em jardineiras de latão. O piso era de mármore altamente polido. O grande espaço aberto tinha três andares de altura e era cercado por sacadas que subiam até a claraboia de vidro iluminada por refletores. Na outra ponta da praça uma cascata artificial caía sobre um muro de granito irregular.

— Devagar. Annie-Banannie — exclamou Tom. e Annie fez meia-volta, agarrou a mão dele e puxou, tudo isso na mesma hora em que dois homens de terno se aproximavam.

Um deles disse: — Sr. Kubik, venha conosco, por favor. Vamos simplificar as coisas.

Tom virou-se, intrigado.

— Como? — Ronald Kubik, nós somos agentes federais. Temos um mandado de prisão para o senhor.

Tom sorriu, enrugando a testa.

— Pegaram o cara errado, companheiros — disse, pegando a mão de Claire e apressando o passo.

— Sr. Kubik, venha conosco calmamente e ninguém vai se ferir.

Intrigada, Claire deu uma risada ante o absurdo da cena.

— Vocês estão cometendo algum engano — disse Tom, erguendo a voz, sem achar mais graça em nada.

O homem da direita agarrou o braço de Tom abruptamente.

— Tire as mãos do meu marido! — exclamou Claire.

De repente Tom girou a pasta para a direita, acertou a barriga do homem, e o derrubou de costas no chão. Em seguida, num relâmpago, lançou-se para a frente e saiu correndo numa velocidade surpreendente.

— Tom, aonde você vai? — gritou Claire.

— Papai! — gritou Annie.

Uma voz gritou: — Pare! Em estado de choque, Claire viu os dois sujeitos que tinham falado em mandado de prisão saírem correndo atrás de Tom e daí em diante, de repente, outros homens começaram a surgir de todos os lados da praça. Por que ele estava fugindo se aquilo só podia ser um caso de identidade trocada? À esquerda de Claire, dois homens de cabelo curto e pouco menos de trinta anos, que tomavam café sentados à frente de uma loja de chocolates, puseram-se de pé com um pulo.

— Tom! — gritou Claire, mas ele já tinha atravessado quase toda a extensão da praça. Sempre correndo.

Um dos homens, vestindo um blazer azul-marinho e gravata, saiu da fila da pizzeria e começou a gesticular para os outros. Era um pouco mais velho e parecia ser o líder.

— Parem! — gritou. — Ninguém atira! À direita dela, outro homem de cabelo curto, que estivera matando tempo perto do Yogurt'n Salad, deu um pulo e juntou-se à perseguição. Dois turistas com máquinas fotográficas penduradas no pescoço desistiram de examinar a vitrina da Williams-Sonoma, viraram-se de repente e desandaram a correr para o outro lado da praça.

— Tom! — gritou Claire. O que diabo está acontecendo? De todas as direções, homens levantavam-se de mesas, emergiam de lojas. Turistas e tipos que pareciam estar ali à toa, passeando, subitamente saíam correndo rápida e facilmente, vindos de todas as direções e convergindo sobre Tom.

Uma voz alta, amplificada com um timbre metálico, saiu de um megafone: — Pare! Agentes federais! A confusão foi

generalizada. Nas sacadas dos andares superiores, as pessoas se aglomeravam por trás dos vidros, contemplando a cena sem acreditar no que viam.

Claire ficou parada, imobilizada em seu terror, a mente funcionando a toda velocidade. O que estava acontecendo? Quem eram todos aqueles homens caçando Tom? E por que ele estava fugindo? — Mamãe! — choramingou Annie. — Para onde papai está indo? — Cubram as saídas de emergência! — berrou o homem do blazer azul. Claire segurou sua pequenina Annie com força, acariciando-lhe o rostinho.

— Está tudo bem — disse. Era tudo o que conseguia pensar para dizer. O que estava acontecendo? Vindas de toda parte, as pessoas iam se aglomerar no meio da praça de alimentação. Um menino, agarrado na perna do pai, chorava.

No outro lado da praça, ela ainda podia ver Tom. correndo sempre mais depressa, derrubando cadeiras e bancos no caminho. De repente, ele virou na direção da parede coberta de azulejos brancos, perto do quiosque de comida japonesa para viagem, e acionou um alarme de incêndio. O som ensurdecedor de uma campainha fez-se ouvir. Os gritos vinham de todas as direções. As pessoas corriam sem rumo, berrando umas com as outras.

— Mamãe! — exclamou Annie aterrorizada. — O que está acontecendo? Abraçando Annie ainda com mais força, Claire gritou "Tom!" de novo, mas sua voz não pôde ser ouvida acima do barulhão inacreditável, da campainha do alarme de incêndio e de todo aquele berreiro. Ela viu Tom disparar na direção do conjunto de elevadores que levavam aos cinemas do andar de cima.

Um dos perseguidores, um negro magro e alto, conseguiu alcançar Tom e se lançou sobre ele. Claire deixou escapar um grito. Mas de repente Tom virou-se, bateu com a palma da mão direita no pescoço dele, agarrou-o por debaixo do braço com a mão esquerda e jogou-o no chão. O homem berrou de dor e ficou estirado, olhos fechados, agitando as pernas, aparentemente paralisado.

Claire a tudo observou paralisada, muda de assombro, num estado quase apático de horror e descrença. Nada fazia sentido. Só

conseguia ter um pensamento: Tom não sabia fazer nenhuma daquelas coisas.

Quando Tom passou pelo estande que tinha o cartaz PASTA PRIMO, outro homem saiu de trás do balcão e pulou em cima dele, que atracou-se com o tal homem. Os dois caíram juntos no chão, mas Tom quase que imediatamente pôs-se outra vez de pé e livrou-se dele. Mas o homem conseguiu se levantar e continuou avançando, agora com uma arma na mão. Tom pegou uma valise de metal, que parecia pesada, das mãos de um circunstante horrorizado e jogou-a em cima do seu perseguidor, derrubando a arma, que caiu ruidosamente no chão.

Na mesma hora ele girou e pulou na direção da falsa cascata que se lançava sobre uma parede de granito no fim da praça. Justo no momento em que dois outros homens saíam de uma porta de emergência ao lado do restaurante italiano.

Tom progrediu utilizando pés e mãos para subir pelos seixos e rochas na frente da cascata e aí, num pulo enorme — Claire mal podia acreditar no que estava vendo —, começou a escalar o muro de pedra, agarrando-se aos pedaços protuberantes, que usava como suporte para os dedos e os pés, erguendo-se com a força das mãos, de cara virada para a parede, como um alpinista experiente.

— Para! — gritou um dos homens para ele, ao mesmo tempo que puxava uma pistola e apontava. Disparou um tiro que abriu um buraco redondo no granito bem junto da cabeça de Tom.

— Tom! — gritou Claire, virando-se depois para os outros. — Parem com isso! O que diabos pensam que estão fazendo? Mal podia acreditar que Tom, seu marido de três anos, a quem amava e a quem conhecia tão intimamente, estivesse fazendo aquilo. Era como se outro homem tivesse tomado o lugar dele, um homem a quem não conhecia, um homem que era capaz de fazer coisas com as quais o seu Tom nunca teria sonhado.

Por um instante Tom se deteve, e Claire perguntou-se se ele tencionava realmente ficar ali parado, a quase três metros de altura, agarrado na face de um penhasco artificial.

Quando outro tiro estilhaçou o vidro da sacada logo acima do ponto onde se encontrava, Tom continuou a galgar o paredão de

granito com agilidade impressionante. Claire observou extasiada quando ele se agarrou na proteção de metal que contornava a sacada, balançou habilmente o corpo e caiu no meio da multidão que tinha saído ou que esperava para entrar nos cinemas, e que a tudo assistia, boquiaberta e fascinada. Tom desapareceu instantaneamente.

— Mas que droga! — gritou o líder dos perseguidores, alcançando a escada rolante e fazendo um gesto largo na direção dos seus homens. — Vocês dois, para a garagem! Você aí, sobe, entra no cinema! Depressa! Virou-se para outro dos seus comandados.

— Pombas, perdemos o filho-da-puta! — gritou.

Então, apontou diretamente para Claire e Annie e berrou: — Eu quero aquelas duas. Agora! CLAIRE E ANNIE FORAM CONDUZIDAS para um aposento pequeno e sem janelas que, pela aparência, e a julgar pelos dois sujeitos uniformizados que montavam guarda do lado de fora, de camisa azul-clara com ombreiras azul-escuras, devia ser um posto da segurança do shopping. O agente especial Howard Massie, do FBI, o homem do blazer azul, era um tipo musculoso e de cabelo cortado à escovinha, de olhinhos cinzentos e rosto marcado por furinhos. Os outros eram oficiais de justiça vestidos de funções policiais.

— Mas que história é essa? — indagou Claire, enquanto Annie se contorcia em seus braços. O nó de ansiedade no seu estômago crescera e a blusa estava molhada de suor nas axilas.

Annie conseguiu se livrar da mãe e desceu para o chão, mas ficou agarrada na saia de Claire.

— Cadê o papai? — choramingou.

— Sra. Chapman — disse o agente Massie —, penso que seja melhor se conversarmos sozinhos. Talvez sua filha possa esperar lá fora, aos cuidados de um desses simpáticos cavalheiros aqui.

Ele inclinou-se para a frente e deu um tapinha na cabeça de Annie. A reação da menina foi fechar a cara, sacudir a cabeça e se afastar dele.

— Tire as mãos de cima de minha filha — disse Claire. — Você não vai tocar nela. E ela vai ficar aqui comigo.

Massie concordou com um gesto de cabeça e conseguiu exibir de novo um arremedo de sorriso.

— Sra. Chapman, a senhora está obviamente aborrecida...

— Aborrecida? Dez minutos atrás nós estávamos jantando. De repente, todo mundo desanda a perseguir meu marido, dando tiros! Quer saber o que é aborrecimento? Você tem pela frente um processo civil de muitos milhões de dólares por uso desnecessário de força, perseguição imprudente e por colocar em perigo de vida os espectadores inocentes. Você e seus caubóis acabam de provocar uma chuva de merda sobre suas próprias cabeças.

— Sra. Chapman, temos um mandado amplo autorizando a prisão do seu marido. Quanto às armas, não estávamos autorizados a matar, mas tínhamos permissão para causar ferimentos, se necessário, mas nem chegamos perto disso.

Claire sacudiu a cabeça, riu e pegou o celular dentro da bolsa. Puxou a antena e começou a digitar um número.

— Você talvez queira ter uma história melhor preparada para o Herald e o Globe — disse. — Obviamente está atrás do homem errado e conseguiu fazer uma cagada federal.

— Se estamos atrás do homem errado — contrapôs Massie serenamente —, por que ele fugiu? — Evidentemente porque vocês saíram atrás dele numa perseguição feroz... — ela vacilou e comprimiu o botão END, desistindo da ligação.

— Está bem, qual é a sua versão? — Veja bem — disse Massie —, a senhora não quer fazer isso. Não quer chamar a mídia.

— Oh, não quero chamar, certo? Uma vez que o gênio sai da garrafa, não se consegue colocá-lo de volta. A senhora talvez não queira tornar isto um assunto público. Providenciaremos para que os relatórios da polícia sejam mantidos como assunto secreto, e faremos tudo que estiver a nosso alcance para impedir qualquer cobertura da mídia. É melhor rezar para não ter sido reconhecida.

— Mamãe — disse Annie, numa vozinha aguda, assustada. — Quero ir para casa.

— Só mais um minuto, queridinha — disse Claire, abaixando-se para dar em Annie um abraço rápido. — Exatamente a que você

está se referindo? — Seu marido, Ronald Kubik, é procurado por crime de assassinato.

Por um longo momento Claire ficou muda.

— Agora eu sei que você está atrás do homem errado — disse, por fim. Sorriu aliviada antes de completar. — O nome de meu marido é Tom Chapman.

— Este não é o nome verdadeiro dele — disse Massie. Ele apontou para uma mesa de reuniões branca e com aspecto ordinário. — Por que não nos sentamos? Claire sentou-se diante de Massie. Annie a princípio ficou na cadeira ao lado da de Claire, mas depois deslizou para o chão e começou a inspecionar a parte de baixo do tampo da mesa.

— E mesmo que se trate realmente do meu marido Tom — disse Claire —, quem ele é acusado de ter assassinado? — Desculpe, mas não estou autorizado a dizer, Sra. Chapman, ou prefere que eu a trate de professora Heller? Acredite, sabemos quem a senhora é. Temos conhecimento de sua reputação profissional. Estamos sendo extremamente cautelosos aqui. Mas o que a senhora sabe do passado do seu marido? O que ele lhe contou? — Sei tudo. Vocês pegaram o sujeito errado.

Massie balançou a cabeça, concordando, e sorriu compreensivamente.

— O que a senhora sabe é a lenda, a biografia que ele inventou. Infância feliz no sul da Califórnia, faculdade no Claremont College, corretor, mudou-se para Boston, fundou aqui sua própria firma de investimentos. Certo? Ela estreitou os olhos, balançou a cabeça afirmativamente.

— Lenda? — A senhora verificou no Claremont College? Ela sacudiu a cabeça.

— O que está sugerindo? — Não estou sugerindo nada. E, francamente, não posso lhe dizer muita coisa. Mas o seu marido, Ron Kubik, é fugitivo da justiça há treze anos.

— Esse é o nome que vocês usaram para chamá-lo lá fora — disse ela indistintamente, o coração batendo com força. — Nunca o ouvi antes.

— Ele não lhe contou nada sobre seu passado? — Ou isto é um erro colossal ou vocês o estão incriminando falsamente. Sei como trabalham. Tom não é um assassino.

— Três dias atrás vocês foram roubados na sua casa de Cambridge — disse o homem do FBI. — A polícia local levantou todas as impressões digitais, o que é um procedimento padronizado hoje em dia, colocou no AFIS, o Sistema Automático de Identificação de Digitais computadorizado e as impressões do seu marido foram reconhecidas. Estavam no sistema havia anos, esperando que ele cometesse outro crime ou fosse fichado por alguma razão. Azar dele. Sorte nossa, a polícia de Cambridge ter sido tão minuciosa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Meu marido nem estava em casa na ocasião. Os policiais não tiraram as digitais dele.

— A polícia levantou todas as impressões existentes na casa a fim de eliminar as das pessoas que não eram suspeitas. Naturalmente que as de seu marido apareceram. Quase conseguimos pegá-lo. Lamentavelmente, nós o perdemos alguns minutos atrás no estacionamento coberto. Seu marido já desapareceu antes, e tentará desaparecer de novo. Mas desta vez não dará certo. Nós o pegaremos.

Claire sentiu a boca seca e o coração disparar.

— Você não sabe com quem está se metendo — disse, com uma risadinha falsa.

— Ele entrará em contato — afirmou Massie. — Ele precisa da senhora. E quando isso acontecer, estaremos de olho.

CLAIRE ENCONTROU O CARRO NO ESTACIONAMENTO coberto do shopping, exatamente onde o deixara. Quase esperou encontrar Tom escondido no banco de trás, ou pelo menos um sinal qualquer dele. Um bilhete no painel, ou enfiado embaixo do limpador de para-brisa. Mas nada. A camionete Volvo da família estava vazia.

Durante alguns minutos ficou sentada imóvel, respirando fundo. tentando recuperar o controle. Agora é que começava a digerir a realidade — ou melhor, a irrealidade — do que acabara de acontecer. Enquanto Annie se acomodava no banco de trás.

lambendo uma casquinha de sorvete, seu medo aparentemente esquecido, a cabeça de Claire era um verdadeiro turbilhão. O que tinha acabado de testemunhar? Se Massie estava mentindo, como presumia, por que Tom fugira? E onde ele tinha aprendido a fazer aquelas coisas? O Volvo tinha um telefone e enquanto saía do estacionamento e voltava para Cambridge, Claire meio que esperou que tocasse, mas nada.

Para onde Tom teria ido? Será que estava bem? A casa deles era uma enorme construção em estilo georgiano, que só escapava de ser majestosa por causa de uma série de acréscimos desconexos erguidos por uma sucessão de proprietários anteriores. Ficava em Gray Gardens East, a parte mais elegante de Cambridge. Mesmo a uma boa distância, ela pôde ver, assim que virou na esquina, o clarão estroboscópico da luz azul, o desusado alvoroço causado pela atividade daquela hora tardia da noite. Seu estômago deu voltas.

A porta da frente da casa de Claire estava aberta.

Examinando com mais cuidado, ela viu que na verdade a porta fora retirada das dobradiças. O medo congelou seu estômago. Estacionou, pegou Annie no colo e correu.

Dentro da casa havia homens por toda a parte, abrindo gavetas e empurrando carrinhos com caixas de papelão cheias de papéis. Alguns estavam de terno e capa de chuva e outros envergavam jaquetas azul-marinho do FBI.

Annie caiu no choro.

— Por que esses homens estão aqui? — perguntou, soluçando. Claire acariciou as costas da menina quando entrou no vestíbulo.

— Não precisa se preocupar, minha gatinha.

— Muito bem — ela gritou em seguida—, quem é o encarregado aqui? Um homem de terno cinza e capa de chuva apareceu, vindo da cozinha: alto, cabelo castanho obviamente pintado, um pouco escuro demais, e bigode combinando. Ele exibiu um crachá de couro com a identidade.

— Agente Especial Crawford. do FBI — disse.

— Onde está o mandado de busca? — perguntou Claire.

Ele lançou-lhe um olhar de raiva e, relutantemente, enfiou a mão no bolso de dentro do paletó de onde tirou algumas folhas de papel que entregou a ela.

Claire examinou os documentos. O primeiro, a autorização para revistar a casa, parecia estar em ordem. Não apenas dava o endereço correto como descrevia a aparência do imóvel. Continha também uma lista ridiculamente longa dos itens procurados, algo como um rol de lavanderia. Tão detalhada e abrangente que não podia ter deixado de fora coisa alguma. Relações de telefones, passagens aéreas, de ônibus ou trem, quaisquer anotações relativas a horários de partida de voos ou de trens, jornais de fora do estado, anúncios, apontamentos relativos a essas coisas que porventura estivessem no lixo, nos arquivos de Tom, em meio a seus objetos pessoais... e não acabava nunca.

Claire levantou os olhos para Crawford.

— Onde está o pedido justificando o mandado? — perguntou.
— Lacrado.

— Onde está? Ele deu de ombros.

— Provavelmente no gabinete do juiz federal. Eu realmente não sei. De qualquer modo, o mandado é válido.

Ele estava certo, claro.

— Quero um inventário completo de tudo o que for retirado — disse ela.

— Certamente, madame.

Claire passou a ler o segundo mandado, o de prisão, onde aparecia o mesmo nome estranho, Ronald Kubik. O agente do FBI viu o que ela estava examinando e disse: — Tem também o nome presumido, Thomas Chapman, madame. Tudo está em ordem.

Ouvia-se o barulho feito pela equipe espalhada na casa e o arrastar da mobília no soalho do escritório de Tom, imediatamente acima. Gritos eram trocados de um lado para outro. Barulho de vidro estilhaçado. Claire encolheu-se involuntariamente. Tudo era irreal para ela, aterrorizante e ameaçador.

— Eles quebraram uma coisa! — exclamou Annie, perplexa, olhando para a mãe.

— Eu sei, querida.

— Mãe, eu quero que esses homens vão embora.

— Eu também.

-Sra... desculpe, professora Heller— disse o agente Crawford — se a senhora tiver qualquer informação sobre o paradeiro do seu marido e não nos revelar, poderá ser acusada de cumplicidade, o que seria um crime. E também de obstrução da justiça, que é outro crime.

— Experimenta — retrucou ela. — Vá em frente, me acusa. Sinceramente, eu adoraria.

Crawford olhou para ela com raiva.

— A senhora tem casa fora? — perguntou ele.

— Temos uma casa em Truro, Cape Cod. Pode mandar seus homens lá — não posso detê-lo —, mas pensa mesmo que, se Tom está realmente fugindo por algum motivo, vai se esconder em um lugar tão óbvio? Caia na real.

— Amigos ou parentes de quem ele possa tentar aproximar-se? — O que pensa que está acontecendo? — ela sacudiu a cabeça.

— A senhora entende, Sra. Chapman, que estaremos observando todos os seus movimentos, para o caso dele tentar entrar em contato com a senhora, ou a senhora tentar entrar em contato com ele.

— Estou perfeitamente informada — explodiu Claire — da merda que o Governo é capaz de fazer quando decide interferir na vida de um cidadão comum.

Crawford balançou a cabeça, meio sorrindo.

— E pode apostar como meu marido está ciente disso também. Agora, se não se importa, eu gostaria de pôr minha filha na cama.

A IRMÃ DE CLAIRE, Jackie, chegou meia hora depois que Annie foi para a cama. Era mais alta que Claire e mais magra, mas não mais bonita. Usava o cabelo claro comprido, com mechas. Era dois anos mais moça, mas parecia mais velha. Vestia jeans preto e camiseta também preta debaixo da imunda jaqueta de denim. As unhas eram pintadas, não de preto, mas algo parecido com berinjala, uma cor da linha Vamp, de Chanel.

Elas se sentaram na varanda envidraçada, que estava abafada e quente como uma estufa. O calor embaçava as paredes de vidro, que iam do chão ao teto, e escorria na superfície exterior. .

— Eles realmente puseram a casa abaixo, não foi? — disse Jackie, com sua voz rouca de fumante. Ela estava comendo frango com gergelim com pauzinhos, em uma caixa de papelão branca.

Claire concordou, balançando a cabeça.

— Não pode processá-los? Destruição de propriedade ou sei lá o quê? Claire sacudiu a cabeça devagar.

— Temos problemas maiores, garota.

— O que acha que está acontecendo? — Não sei — admitiu Claire, a voz trêmula.

Jackie tomou um gole da sua Pepsi Diet e pescou um cigarro no maço de Salem.

— Se incomoda se eu fumar? — Sim.

Jackie acionou o isqueiro de plástico assim mesmo. A ponta do cigarro ardeu, cor de laranja. Ela tragou e falou com a boca cheia de fumaça.

Estão atrás dele por assassinato? Tem que ser mentira. Papa Tom? — Papa? — Bom católico e Sr. Perfeito.

— Muito engraçado, Jackie. Você não está entendendo nada, está? Fica aí fazendo piadas.

— Desculpe. O mandado dizia o que ele fez? Claire sacudiu a cabeça de novo.

— Lacrado.

— Eles podem fazer isso? — Você não conhece o Governo. Não dá para acreditar no que essa gente é capaz de fazer impunemente.

— E o negócio do nome — como é mesmo? Rubik? — Kubik. Ronald Kubik. Não tenho ideia do que se trata. Jackie.

— Pode ser isso mesmo? — Não sei de mais nada. Eles parecem estar convictos do que dizem.

— Eles dizem que estão convictos. Quem sabe qual é a história verdadeira? — Boa questão. Vou querer um desses. Preciso de um.

— Hã-hã.

— Você é uma má influência — ela pegou um cigarro e o isqueiro. Acendeu, tragou e tossiu.

— Já faz uns dois anos.

— É como andar de bicicleta — disse Jackie.

— Ooh, mentolado! Eca! Quase tão ruim quanto cigarro com gosto de cravo. Parece Vick Vaporub.

Jackie contemplou através do vidro embaçado o terreno atrás da casa, perfeitamente ajardinado.

— E então, onde ele está? Claire sacudiu a cabeça e exalou uma nuvem de fumaça. A visibilidade dentro da varanda diminuiu.

Eles dizem que o perderam no estacionamento do shopping.

— E por causa disso você não acha que ele seja culpado de alguma coisa? — Para com isso! — retrucou Claire. — Claro que não pode ser verdade, Tom não é culpado de porcaria nenhuma.

— Então o que é que você vai fazer? — Fazer? Nada. Eles estão certos, Tom vai entrar em contato comigo. Ou voltará. E aí vai explicar o que está acontecendo. — E se ele for realmente culpado? — Você o conhece. Jackie — disse Claire, falando baixo e com a voz intensa e furiosa. — O que acha? — Você tem razão. Ele não é um assassino. Mas fugiu. E você precisa imaginar por quê.

Claire fez uma cara feia e sacudiu a cabeça como que para se livrar do pensamento.

— Sabe? — disse, depois de um instante. — Quando todos aqueles caras o perseguiram, um deles o alcançou e eu pensei que estivesse tudo acabado. Mas de repente Tom o derrubou. Imobilizou-o com as mãos nuas. Paralisou-o ou o nocauteou. Pode ser que o tenha matado, não sei.

— Jesus.

— E como se... Bem, nunca o vi fazendo nada de parecido. Não tinha ideia de que fosse capaz de algo assim. Foi assustador. E o modo como escalou a cascata. É como se um outro Tom tivesse se apossado do seu corpo.

— Eu não tinha ideia de que ele sabia fazer escaladas.

— Nem eu! As duas irmãs ficaram por um minuto em silêncio.

— Acha que vai sair alguma coisa nos jornais? — perguntou Jackie.

— Não recebi nenhum telefonema ainda. Não acho que alguém tenha me reconhecido, exceto o garçom, que provavelmente não viu o incidente.

Jackie exalou um pouco de fumaça pelo nariz, projetando queixo para frente.

— Tom vai voltar. E aí explica toda essa bosta.

Claire concordou.

— Ele é um grande padrasto. Annie o adora. É a menininha do papai.

— É sim — concordou Claire mais uma vez.

Ela experimentou um aperto no coração. Já sentia falta de Tom e estava amedrontada por ele.

— Annie me contou que ele foi à escola dela no Dia das Mães, semana passada.

Claire estremeceu.

— Eu me preparei toda para ir, mas tive de ir a Nova York para um encontro com os advogados de Lambert, e não consegui pegar um avião a tempo.

— Que pena! Ela deve ter adorado.

— Eu me senti horrível.

— Como é que consegue arranjar tempo no meio do dia para ir à escola dela? Eu achava que ele era um exemplo de obsessão e compulsão ao trabalho.

— Ele deixou o Jeff, que é seu corretor principal, cuidando dos negócios, acho eu. Não sei. Muitos homens não fariam uma coisa dessas.

— Pelo menos ele não chama a Annie de sua Princesa. Aí seria grosseiro.

— Tenho a impressão de que ela acha que ele é seu pai de verdade e eu a madrasta.

— Annie tinha o que, uns dois anos, quando vocês se casaram? Nem se lembra de quando ele não era seu pai.

— Ainda assim — disse Claire, com mau humor —, eu sou a mãe biológica.

— Será que vocês têm vodca aí? — perguntou Jackie.

CLAIRE TINHA CONVICÇÃO DE QUE CASAMENTOS são realmente apreciados apenas por quem teve um mau casamento anterior. Conheceu Jay, seu primeiro marido, na Faculdade de Direito de Yale, e na ocasião achava que formariam um bom casal. Ele era bonito, parecia afável (embora na realidade fosse seco e tenso), alto, louro e magro.

Dedicara a ela o tipo de atenção que nenhum homem lhe concedera antes, e só isso — para uma jovem insegura cujo pai abandonara a família quando tinha nove anos (Claire fizera terapia — reconhecia seus problemas) — era fascinante.

Jay era preocupado com sua carreira e tão trabalhador quanto ela, característica que Claire, erradamente, achava que os tornava compatíveis. Depois dos respectivos estágios, quando ela foi contratada para ensinar em Harvard, ele se mudou para Boston a fim de trabalhar numa firma importante no centro da cidade e também para ficar junto dela. Nessa ocasião, então, casaram-se. Trabalhavam e conversavam sobre trabalho. Nos fins de semana Jay relaxava tomando porres monumentais. Tornou-se também agressivo. Era, ficou evidenciado, um homem profundamente infeliz.

Embora Claire estivesse chegando aos trinta anos, nenhum dos dois estava pronto para ter filhos. Só mais tarde ela percebeu que sua relutância foi um dos primeiros sinais de um mau casamento. Quando ficou grávida, acidentalmente, Jay começou a beber com regularidade nos dias de semana, primeiro na hora do almoço, depois praticamente o dia todo. Seu trabalho sofreu com isso, claro. Não conseguiu ser aceito como sócio. Disseram-lhe para que começasse a procurar outras firmas.

Não queria filhos, ele disse. Não sabia nem se queria estar casado com ela. Admitiu que se sentia ameaçado pela mulher extremamente dinâmica e poderosa com quem se casara. Quando Annie nasceu, Jay já se mudara para a casa dos pais, em Austin, no Texas.

E ali estava ela, uma jovem estrela do corpo docente da faculdade de Direito de Harvard, um grande sucesso pelos padrões convencionais, só e sua vida pessoal era um caos. Sem a ajuda de Jackie, sua irmã, não sabia como poderia ter vencido esse período.

Jackie e um cara chamado Tom Chapman, o assessor de investimentos que Jay escolhera para gerenciar o pequeno, mas crescente, portfólio de ações do casal. Tom tornou-se um amigo, um esteio, um ombro onde encostar a cabeça para chorar. Quando Annie tinha seis meses, Jay, o pai que ela não chegara a conhecer, morreu num acidente de carro. Bêbado, naturalmente. E Tom Chapman fez-se presente quase todas as noites na casa de Claire, ajudando-a a atravessar o período difícil e a tomar as providências relativas ao funeral, aconselhando-a.

Cinco meses depois Claire e Tom começaram a namorar. Ele ajudou-a a resgatar sua saúde emocional, forçando-a a sair para assistir aos jogos dos Red Sox em Fenway Park e dos Celtics no velho Boston Garden. Explicou-lhe os mistérios do basquete. o contra-ataque em um ou dois passes e o corta-luz. Quando Claire ficava mal-humorada, ele insistia com piadas, na maior parte péssimas, até que ela acabava rindo justamente da falta de graça. Faziam piqueniques em Lincoln e uma vez, quando choveu, ele arrumou tudo em cima do carpete da sala do seu apartamento no South End, com as cestas de piquenique entulhadas de sanduíches.

salada de macarrão e batatas fritas. Tom era emocionalmente tão atencioso quanto Jay fora distante, omissos. Delicado e carinhoso, também gostava de se divertir, com um jeito travesso que ela adorava.

E amava Annie. Na verdade era louco por ela. Passavam horas a fio entretidos a montar castelos ou brincando com a grande casa de bonecas feita por ele. Quando Claire precisava trabalhar, Tom levava Annie para o playground ou até a loja de animais ou, então, simplesmente para dar uma volta na praça. Annie, que não compreendia o que acontecera ao seu pai verdadeiro, viu-se ao mesmo tempo atraída e ressentida, mas quando Claire se apaixonou por Tom, Annie se apaixonou também. Um ano e meio depois, eles se casaram. Finalmente Claire encontrara um homem com quem construir sua vida.

Tudo bem, o primeiro marido fora um erro. Claire uma vez lera um velho provérbio russo de que nunca se esquecera: a primeira panqueca sempre encaroça.

ELA ESCOVOU OS DENTES duas vezes com a nova pasta de bicarbonato e água oxigenada, mas a boca continuou com gosto de cinzeiro. Como nunca se incomodara quando fumava um maço por dia? Tom detestava vê-la fumar, e conseguira fazer com que deixasse.

Um pouco tonta da vodca que ela e Jackie tinham bebido, ajeitou-se na cama e ficou pensando.

Onde poderia ele estar agora? Para onde teria ido? E por quê? Pegou o telefone para ligar para Ray Devereaux, o detetive particular que costumava usar. O tom de discar, descontínuo, indicou a existência de mensagens na sua caixa postal.

Não havia nada de incomum naquilo, mas podia ser que Tom tivesse deixado um recado. Uma coisa era certa: somente os dois conheciam o código secreto para acessar o correio de voz.

Mas se o FBI estivesse mesmo monitorando os telefones, tomaria conhecimento de qualquer coisa que ela fizesse.

Claire fez a discagem abreviada da caixa postal.

— Por favor, disque sua senha — pediu a amável voz feminina do computador.

Ela teclou os dígitos.

— Você tem duas mensagens. Menu principal: para ouvir suas mensagens, teclou um. Para enviar uma mensagem, teclou... Ela teclou o número um.

— Primeira mensagem. Recebida hoje, às dezoito horas e quinze minutos.

Em seguida, uma voz de mulher.

— Oi, Claire, muito tempo sem falar com você. É Jen. Jennifer Evans era uma das amigas mais antigas e íntimas de Claire, mas adorava bater papo, e não havia tempo para isso agora. Apertou o número um para se livrar da voz dela, mas a mensagem começou a tocar de novo, do princípio. Frustrada, deixou-se ficar ouvindo — mas sem ouvir — a longa e complicada mensagem de Jen, até que finalmente ela desligou e reapareceu a voz do computador oferecendo as alternativas de ouvir de novo, apagar ou encaminhar a mensagem. Ela apagou e então entrou a mensagem seguinte.

— Recebida hoje, às dezenove e vinte e sete.

Voz de homem, de Tom, e o coração de Claire deu um pulo.

— Claire... querida... — ele estava falando de algum lugar ao ar livre, dava para ouvir o barulho do tráfego ao fundo. — Não sei quando você vai ouvir esta mensagem, mas não quero que se preocupe com nada. Estou bem. Eu... eu tive de fugir. Uma longa pausa. O ronco de uma motocicleta.

— Não sei até que ponto se pode confiar na segurança deste correio de voz, querida. Não quero falar muito, mas não acredite em nada do que lhe disserem. Entrarei em contato de um jeito ou de outro muito breve. Amo você, menina. E sinto muito, mas muito mesmo. E, por favor, dê um abraço bem apertado na minha bonequinha. Diga a ela que papai precisou viajar a negócios por pouco tempo e que sente muito não ter podido se despedir com um beijo, mas ele a verá em pouco tempo. Amo você, querida.

E a mensagem acabou. Ela a ouviu de novo, salvou-a, apertando o número dois, e finalmente desligou.

Sozinha na cama, começou a chorar.

ELA ACORDOU, ESTICOU A MÃO PROCURANDO Tom, e se lembrou.

Sentindo uma leve ressaca por conta do álcool bebido na véspera, preparou o café da manhã para Annie e para si própria, uma omelete de quatro ovos, pura, nada dentro e nada em cima, mas saiu legal, o que era quase um milagre. Tom era o chef da família, e preparar os ovos do café da manhã era algo que quase excedia o limite das habilidades culinárias de Claire. Ela colocou a omelete no prato favorito da menina, cortou em duas e ficou com a metade.

— Eu não quero — disse Annie, quando a mãe colocou o prato na sua frente.

— É omelete, querida.

— Não interessa. Não gosto. Gosto do jeito como o papai faz. Claire respirou fundo, bem devagar.

— Experimenta, querida.

— Não quero experimentar. Não quero comer.

— Vamos comer juntas, você e eu — Claire apontou para a metade que estava no seu prato.

— Está vendo? — Eu odeio. Quero como o papai faz.

Claire sentou na cadeira ao lado da filha e acariciou sua bochecha incrivelmente macia. Annie virou a cabeça bruscamente.

— Annie. os ovos acabaram, por isso não posso fazer mexidos como seu papai faz.

— Quero que papai faça os ovos.

— Oh, amorzinho, já falei que o papai teve de viajar por causa do trabalho. Por algum tempo.

O rosto de Annie ficou triste.

— O que é "algum tempo"? — Uns dois dias, talvez menos. Talvez um pouco mais. Mas é um trabalho muito, muito importante. Papai não teria viajado se não fosse tão importante assim. Você sabe disso.

— Mas por que ele fugiu de mim? Então era isso.

— Ele não fugiu de você, amor. Ele... bem, ele teve de fugir de uns homens maus.

— Quem? Uma boa pergunta.

— Não sei.

— Por quê? — Por que o quê? Por que ele teve de fugir? Annie concordou balançando a cabeça, observando com atenção, pendurada nas palavras da mãe.

— Ainda não sei.

— Ele vai voltar? — Claro que vai. Daqui a uns dois dias.

— Quero que ele volte hoje.

— Eu também.

O rosto de Annie ficou pálido. Por um momento pareceu que a tempestade passara, que as preocupações dela tinham sido aliviadas.

Mas de repente Annie levantou as mãos e empurrou o prato, que foi cair no piso de cerâmica. O prato estilhaçou-se ruidosamente, lançando pedaços por toda parte. A meia-lua amarela da omelete tremeu no chão, enfeitada com cacos irregulares de louça.

— Annie! — exclamou Claire, arfando.

Annie enfrentou a mãe com um olhar de desafio e triunfo. Claire foi arriando lentamente até o chão, enterrando o rosto nas

duas mãos. Não podia se mover. Não podia lidar com aquilo. Claire ergueu os olhos marejados de lágrimas para a filha.

que a encarou em silêncio, chocada.

— Mamãe? — disse a menina, num fio de voz.

— Tudo bem.

— Mamãe, desculpe.

— Tudo bem. Não é que...

A porta da frente se abriu. Um tilintar de chaves e depois uma tosse anunciaram a chegada de Rosa.

— É papai? — É Rosa. Eu já falei que seu pai vai passar uns dias fora.

— Sra. Chapman! — exclamou Rosa, correndo até Claire e ajudando-a a se levantar, devagarzinho. — A senhora está bem? — Estou bem, Rosa, obrigada. Sem problemas.

Rosa dirigiu um olhar rápido e preocupado a Claire e foi dar um beijo na bochecha de Annie, que ficou imóvel, esperando.

— Querida.

Claire passou a mão no cabelo e ajeitou nervosamente a blusa. Sabia que estava um terror.

— Rosa — disse ela —, preciso ir trabalhar. Pode fazer o café da manhã de Annie e levá-la até a escola? — Claro, Sra. Chapman. Vai querer rabanada, querida? — Sim — respondeu Annie, emburrada. Ela dirigiu o olhar furtivamente para a mãe e depois para Rosa.

— Estamos sem ovos, Rosa. Usei os últimos agora há pouco. Nisso aí — Claire indicou vagamente a sujeira no chão.

— Então eu vou querer waffles na torradeira — pediu Annie. Rosa ajoelhou no chão e foi pegando rapidamente os cacos de louça, que colocou numa sacola de papel da Bread & Circus.

— OK — disse ela. — Nós temos waffles.

— Me dá um beijo, amorzinho — disse Claire, inclinando-se para beijar Annie.

Annie, imóvel, recebeu o beijo e depois beijou a mãe.

No caminho para sair, Claire pegou o telefone da cozinha para ver se o tom de discar interrompido anunciava novo recado na caixa de voz.

Nada.

— A COISA ESTÁ PÉSSIMA — LASTIMOU-SE Connie Gamache, sua secretária há muito tempo. — O telefone não para de tocar há dois dias. O correio de voz está entupido, não aceita mais uma única mensagem. As pessoas estão ficando más. Há uma senhora e diversos cavalheiros aqui para ver você — ela abaixou a voz.

— Cavalheiros é modo de dizer.

— Bom dia, Connie — disse Claire, virando-se para olhar. A sala de espera, dois sofás duros e duas cadeiras sem braços, normalmente vazia ou eventualmente ocupada por um ou dois estudantes, fervia de repórteres. Dois deles ela reconheceu: o chefe do escritório em Boston do New York Times e uma repórter do noticiário do Canal Quatro, de quem gostava. Claire levantou o queixo em um cumprimento silencioso para ambos. A última coisa que queria era falar sobre o caso Lambert a um bando de jornalistas indignados.

— Eu preciso contratar uma assistente — prosseguiu Connie, sem uma pausa. — De repente você vira a Srta. Popular.

— Tenho uma reunião da congregação dentro de mais ou menos meia hora — disse Claire, destrancando a porta da sala — onde havia uma placa com seu nome profissional.

CLAIRE M. HELLER — e tirando o casaco ao mesmo tempo.

Connie foi atrás dela e acendeu a luz. Tinha os ombros e os quadris largos e os cabelos brancos; décadas atrás fora linda. Hoje parecia ter muito mais idade que os seus cinquenta anos.

— Você tem um monte de repórteres que querem entrevistas — advertiu. — Quer que eu mande todos embora ou o quê? Claire começou a esvaziar sua pasta, arrumando o conteúdo cuidadosamente em diversas pilhas sobre a comprida mesa de cerejeira. Deixou escapar um suspiro fundo de frustração.

— Pergunte à moça do canal Quatro — Novak, Nowicki, seja lá qual for seu nome — de quanto tempo ela precisa. E pergunte ao cara do Times se ele pode voltar depois, talvez hoje de tarde.

Connie sacudiu a cabeça em grave desaprovação. Era boa para lidar com a mídia, mas considerava todos os jornalistas sanguessugas a serem arrancadas no instante em que grudavam na

pessoa. Claire sentia-se grata, na verdade, pela preocupação de sua secretária, já que ela costumava estar com a razão — os repórteres tendem a fazer sensacionalismo, exagerar e ferrar o entrevistado se conseguirem. Além do mais, geralmente escrevem matérias cheias de erros.

Um minuto depois Connie retornou.

— Agora é que os deixei loucos. Carol Novak diz que só precisa de cinco ou dez minutos.

— OK — disse Claire. Carol Novak, era esse o nome dela, tinha sido boa com Claire — inteligente, razoavelmente precisa, mais isenta em relação a Harvard que os outros repórteres locais tendiam a ser.

— Só preciso de uns minutos para checar meus e-mails e depois você manda a Carol Novak entrar.

CAROL NOVAK DO CANAL 4 entrou com um câmera que rapidamente acendeu as luzes, mudou de lugar um abajur de mesa, arrastou duas cadeiras e posicionou-se diante da mesa de Claire. Enquanto isso a repórter, uma ruiva pequena e cheia de vida — muito bonita, mas excessivamente maquilada, como costumam ser as repórteres de TV —, batia papo. O contorno dos seus lábios era absolutamente perfeito, Claire notou, e as sobrancelhas faziam arcos perfeitos e finos. Na conversa, descobriram que ambas tinham filhos de seis anos de idade. Bisbilhotaram um pouco sobre outro membro da congregação da faculdade de Direito, muito mais famoso que Claire, e riram de uma piada. Carol fez um elogio e pôs a mão sobre a de Claire, de amiga para amiga. Parecia não saber absolutamente nada sobre o incidente do shopping. O câmera pediu a Claire se ela podia deslocar sua cadeira para a frente da estante de livros que ocupava uma parede do chão ao teto. Finalmente, quando o câmera disse que estava pronto, Carol sentou numa cadeira ao lado da de Claire, no mesmo enquadramento. e inclinou o tronco um pouco para frente, com uma expressão de profunda preocupação no rosto.

— Você tem sido bastante criticada recentemente por ter aceitado o caso de Gary Lambert — disse a repórter. A voz dela tornara-se repentinamente mais grave, cheia de solicitude.

— Por ter ganhado o caso, é o que você quer dizer. Carol Novak sorriu, um sorriso de matador.

— Bem, por ter conseguido libertar um estuprador condenado com base numa técnica.

Claire respondeu ao sorriso da repórter com outro igual.

— Não creio que a Quarta Emenda seja uma "técnica". O fato é que suas liberdades civis foram violadas na busca do apartamento. Meu trabalho foi defender os seus direitos.

-Mesmo que isso significasse que um estuprador condenado fosse ficar livre para agir de novo? Claire sacudiu a cabeça.

— Lambert foi condenado, mas houve falhas no julgamento. Nosso apelo provou isto.

— Você está querendo dizer que não foi ele? — Estou dizendo que o processo foi maculado. Se permitirmos que julgamentos com erros tenham lugar, nós todos correremos perigo.

Com que frequência dissera isso; sempre teria soado tão vazia, tão pouco convincente quanto agora? Carol Novak recostou-se na sua cadeira e encarou Claire com uma ferocidade no olhar que foi assustadora.

— Como mulher, como se sente por ter libertado um estuprador? Claire respondeu prontamente, disposta a não permitir que uma pausa pudesse ser erroneamente tomada por apreensão.

— Como já disse, não era disso que se tratava...

— Claire — interrompeu Carol Novak, com a aflição profunda, a intensidade, a preocupação cheia de medo de uma apresentadora de televisão entrevistando o morador de um parque de trailers que dormia com a filha que tivera com a própria filha -. você alguma vez sentiu — aqui — ela tocou no próprio coração — que o que estava fazendo era errado? — Se sentisse isso — afirmou Claire, com grande convicção e uma pausa dramática —, eu não faria.

Com isso ela deu um sorriso que dizia, E agora nós podemos dar a entrevista por terminada, sorriso com o qual, ela sabia, o Canal 4 encerraria a entrevista.

RAY DEVEREAUX ESTAVA NA PORTA da sala dela. O detetive particular era quase tão grande quanto a porta, mas, apesar de seus mais de cento e setenta quilos, não parecia gordo. Em vez disso, era

imponente. Sua cabeça parecia pequena, fora de proporção com o tronco imenso, mas talvez fosse ilusão de ótica, tendo em vista sua estatura.

Devereaux tinha um talento especial para o teatro. Ele não entrava nos lugares, fazia uma aparição dramática. Agora, por exemplo, posicionou-se na soleira da porta, braços cruzados acima da cintura, e esperou a deixa de Claire.

— Obrigada por ter vindo, Ray — disse Claire.

— De nada — respondeu ele, com ar soturno, como se tivesse realizado para ela um feito hercúleo. — Onde diabos você estaciona por aqui? — Na garagem dos professores. Mas devia haver muitas vagas na avenida Massachusetts.

Ele fez uma careta.

— Tive de parar diante de um hidrante. Deixei meu talão de multas em branco em cima do painel.

Já fazia doze anos que ele tinha saído da polícia, mas ainda usava todos os truques, privilégios e espertezas de quem estava na ativa. Seu talonário em branco de multas de estacionamento já tinha, sem dúvida, mais de uma década, mas as mocinhas encarregadas de verificar os parquímetros ainda observavam aquela senha e o poupavam de uma multa de cinquenta dólares.

— Parabéns, a propósito.

— Por quê? — Por ganhar a loteria, por que diabos acha que a estou cumprimentando? Pela vitória no caso Lambert.

— Obrigada.

— Você sabe que passou a ser um total an-te-ma para as outras mulheres, não sabe? Ele queria dizer "anátema".

— Nunca mais vão deixar você entrar no clube.

Nunca pensei muito nisso. Entre, fique à vontade. Sente-se.

Ele entrou hesitantemente, preocupado. Devereaux não gostava de se encontrar com Claire na sala dela, seu território. Preferia que fosse na sua toca, uma sala com as paredes revestidas de um material que imitava madeira, localizada na zona sul de Boston, cheia de diplomas e certificados emoldurados, onde ele era o czar.

Ele parou diante de uma das cadeiras destinadas a visitantes e olhou para ela como se não soubesse direito do que se tratava. A cadeira de repente pareceu muito delicada perto dele. Devereaux apontou para ela e sorriu. Quando sorria, era um garoto de dez anos de idade, e não um detetive particular de quarenta e sete.

— Você tem alguma coisa aqui que eu não quebre? — Sente na minha.

Claire levantou-se da cadeira de espaldar alto e forrada de couro e trocou de lugar com Devereaux. Ele sentou-se na cadeira dela sem objeções e ficou confortavelmente entronizado atrás da sua mesa. Um pouquinho de simbolismo de autoridade, imaginou ela, o poria à vontade.

— E então, você telefonou — disse Devereaux. Ele recostou-se e cruzou os braços por cima da barriga. A cadeira rangeu ameaçadoramente.

— Telefonei para você mas não deixei recado — disse ela, confusa.

— Seu número ficou registrado no meu aparelho e o reconheci. E então, de que se trata? Lambert de novo? Pensei que você tivesse acabado com aquele canalha.

— É outra coisa, Ray. Preciso de sua ajuda.

Ela lhe contou o acontecido na noite anterior: o shopping, os agentes perseguindo Tom, seu desaparecimento, a revista da casa.

Lentamente Ray foi se inclinando para a frente, até que ambos os seus pés encostaram no chão.

— Você está me sacaneando — disse ele.

Ela sacudiu a cabeça.

Devereaux contraiu os lábios e projetou-os para a frente como um peixe de aquário. Fechou os olhos. Uma pausa longa e dramática. Diziam que ele era ótimo em interrogatórios.

— Conheço um cara — disse ele, finalmente — do meu tempo de FBI. Provavelmente já está pensando em cair fora. Talvez eu o convide para trabalhar comigo.

— Você vai contratar alguém? — Falei que ia convidar.

— Bem, seja discreto. Voe abaixo da linha do radar, entende? Não deixe que saibam por que está interessado.

Devereaux fez uma careta.

— Agora você vai me dizer como fazer meu trabalho? Eu não lhe digo nada sobre delitos civis — ou seja lá o que for que você ensina.

— Tem razão. Desculpe. Mas será que tudo isso pode ser um erro, um mal-entendido? Devereaux contemplou o teto por um longo momento, visando a obter o máximo efeito dramático.

— É improvável. Pode contar como certo o fato de que eles grampearam seus telefones. E que puseram um aparelho para identificar e registrar toda comunicação eletrônica feita para lá.

— Aqui também? — Ora, não. Aqui não, claro.

— Quero que você faça uma varredura nos meus telefones. Devereaux deu um sorriso sardônico.

— Uma varredura nos seus telefones? Se eles estiverem trabalhando na central, o que tenho certeza de que estão, não vou encontrar nada. Posso fazer, se você quiser, mas não espere nada. De qualquer modo, mesmo que encontre algo, não posso tirar se for legal.

— Isso quer dizer que se Tom ligar para mim podem rastrear o telefonema e descobrir onde ele está? — Tenho certeza de que é o que eles querem. Mas ficou muito mais difícil hoje em dia. Basta comprar um desses cartões de telefone pré-pagos e na verdade será a companhia telefônica que estará fazendo a ligação, ou seja, impossível de se rastrear.

— Ele me deixou um recado no correio de voz.

— Onde? Aqui ou em casa? — Em casa.

— Eles podem ter acesso à sua caixa postal, sem problema. Não precisam de nenhum código secreto. Se eles tiverem um mandado, a NYNEX vai deixar que ouçam qualquer mensagem que esteja na sua caixa postal.

— Quer dizer que eles ouviram a mensagem deixada por Tom? — Pode contar com isso. Mas com certeza ele também tinha conhecimento disso.

— Eles provavelmente vão dispor de todos os registros telefônicos em casa e no escritório de Tom, certo? E assim poderão ver com quem ele tentou se comunicar.

— Exatamente.

— Mas apenas interurbanos, certo? — Errado. A companhia telefônica mantém um registro de todas as ligações locais que são feitas — número do telefone discado, duração do telefonema, tudo. É assim que cobram das pessoas que não têm planos ilimitados de chamadas. Mas não guardam esses registros além de um ciclo de cobrança, o que significa mais ou menos um mês.

— E, afinal, há algum modo pelo qual Tom possa entrar em contato comigo sem que eles saibam? Devereaux ficou em silêncio por um momento. Cobriu a boca com a mão em concha.

— Provavelmente.

— Como? — Tenho que estudar o caso. Naturalmente Tom já pensou nisso. E também temos que presumir que eles grampearam este seu escritório aqui.

— Você tem de descobrir o que está acontecendo, Ray. — Verei o que consigo desencavar.

Ele agarrou os braços da cadeira e encarou-a com um olhar teatral.

— É só, professora?

— QUERO COMER ASSISTINDO A A BELA E A FERA — anunciou Annie.

— Você vai comer na mesa — disse Claire tão severamente quanto pôde. Jackie serviu a irmã e a si própria de salada que tirou de uma imensa tigela rústica toscana.

Saladas eram uma de suas especialidades. Jackie estava passando por uma fase vegetariana, já tendo sido adepta da macrobiótica e do naturalismo, sempre fumando muito o tempo todo.

— Não. Eu quero comer assistindo a A bela e a fera. Quero comer macarrão com queijo no sofá assistindo a A bela e a fera.

Em um canto da cozinha espaçosa, Annie escondia sua vasta coleção de brinquedos, que incluía um Elmo esgarçado, um boneco todo rasgado de Kermit a Rã e, com as marcas de muitas batalhas, o Sr. Cabeça de Batata. Havia dúzias de outros que Annie nem tinha tocado ou lembrado da existência nos últimos meses. Um grande aparelho de televisão se defrontava com um sofá esfarrapado e com

a coberta manchada por milhares de macarrão com queijo congelados e esquentados no microondas, mil copinhos de suco de uva e mil picolés vermelhos (nenhum sabor sabido, apenas vermelhos).

— Anda, menina — disse Jackie —, vem comer com sua mãe e comigo.

— Não.

— Nós somos uma família — disse Claire, exasperada. — Nós comemos juntos. E você não vai comer macarrão com queijo. Jackie fez um frango delicioso.

Annie correu para o sofá e, desafiadoramente, enfiou a fita de A bela e a fera no aparelho de videocassete.

— Quero macarrão com queijo — disse.

— Não faz parte do cardápio hoje, menina — disse Jackie. — Sinto muito.

Ela virou-se para Claire.

— Pobrezinha... Como você ia se virar sem mim? — Não sei — reconheceu Claire, levantando a voz para a filha. — OK, escuta aqui, Annie. Venha cá.

A menina retornou obedientemente e parou diante da mãe, ereta como numa inspeção de recrutas. Sabia que tinha se metido numa tremenda encrenca.

— Se você comer o frango que a tia Jackie fez, pode assistir à A bela e a fera. No sofá.

— OK! — exclamou Annie, correndo de volta para o sofá. — Excelente! Ela apertou o botão que fazia o aparelho funcionar e mergulhou no sofá para se deleitar com os trailers intermináveis que mostravam outros vídeos da Disney e o anúncio da Disney World.

— Isso é que é saber impor a lei — murmurou Jackie. — Sua grande disciplinadora! — Só desta vez! — exclamou Claire, nem um pouco convincente. Serviu um pedaço de frango assado e purê de batatas num ato e levou para Annie, com um garfinho e um guardanapo. Ao virar-se, notou algo do outro lado da janela, uma forma escura visível através dos pés de lilás.

Era um carro azul escuro do Governo: um Crown Victoria. Jackie viu Claire olhando fixamente pela janela.

— Será que esses idiotas aí fora não estão enlouquecendo você? — Você não tem ideia de quanto — concordou Claire. — Um me seguiu até o trabalho e depois na volta para casa.

— Não se pode fazer nada a respeito? — Bem, eles se encontram em local que é propriedade pública. Estão respeitando a área cercada.

— Como assim? — Existe uma área em torno de uma residência que não pode ser ultrapassada. E eles não estão ultrapassando os limites.

— E o que me diz de sua liberdade de... sei lá, de não ser molestada por idiotas? Claire meio que sorriu.

— Claro, eu talvez pudesse ir à Corte para conseguir uma 209... Uma ordem restritiva contra eles. Obrigá-los a permanecer a cem metros de distância de mim.

— É. Aposto como isso ia fazer um grande sucesso, tentar fazer um juiz local ordenar ao Governo Federal que se afaste. Acho que não.

— Liguei para o escritório de Tom — disse Claire. Ela voltou para a mesa e, com um nó no estômago, tentou recuperar o apetite para o jantar que Jackie tinha preparado.

— Parece que Tom deixou mensagens no computador para o seu principal corretor, Jeff Rosenthal, e a assistente dele, Vivian, dizendo que teve de fazer uma repentina viagem de negócios para o exterior. Que ia ficar fora uma semana, talvez mais. Eles lá estão curiosos, porque todo mundo da firma foi interrogado em casa por agentes do FBI querendo saber um monte de coisas sobre Tom e seu paradeiro.

— Devem ter ficado desconfiados.

— Para dizer o mínimo. No seu e-mail, Tom disse a eles que o FBI talvez os interrogasse por causa de um certificado de segurança. Não creio que tenham se convencido.

— Não mesmo — concordou Jackie. — Aposto que não. Eles devem estar se perguntando milhões de coisas. Exatamente como nós.

ANNIE FOI PARA A CAMA sem qualquer problema, e Claire e Jackie ficaram sentadas no jardim de inverno, ambas fumando.

Jackie bebericava um copinho de Famous Grouse; Claire, numa camiseta Gap GG e calça de moletom, bebia água com gás.

— Annie parece estar indo bem, com papai fora — disse Jackie, exalando a fumaça pelas narinas.

— Ela tem tido momentos difíceis — disse Claire.

— Você se surpreende com o fato dela ser difícil às vezes? Não se esqueça de que leu O bebê de Rosemary quando estava grávida. E se ela for realmente filha de Satã? Claire sorriu amarelo.

— Você está aguentando legal? — quis saber Jackie. Claire balançou a cabeça.

— Não sei o que pensar. Pedi a Ray Devereaux para ver o que consegue descobrir.

— Os caras do FBI estão dizendo que ele tinha outro nome, outra identidade... você acha que eles podem estar dizendo a verdade? — Você conhece Tom, Jackie. Sabe que ele não é um assassino.

Claire pôs o cigarro no cinzeiro.

— Eu não o conheço — replicou Jackie. — E, obviamente, você também não o conhece.

— Ora, Jackie, deixa disso! — exclamou Claire. — Você sabe julgar bem as pessoas — como eu. Veja só quanto tempo nós duas passamos com Tom nos últimos três anos. Como é que pode dizer que não o conhece? — Ou é Ron? — Vá se foder! — Olha só, nós sabemos que ele é capaz de ficar bem zangado. Tem um temperamento forte. Nós todos vimos. Lembra aquela vez em que estávamos indo para Cape e um carro cortou a frente do nosso e Tom teve um ataque? — Ele não teve ataque nenhum.

— Ora, ele ficou com o rosto vermelho, xingou o cara do outro carro e acelerou atrás dele. Foi assustador! Você gritou um bocado e ele finalmente se acalmou, mas... Lembra? — Lembro — concordou Claire, cansada. — E daí? Tom tem um gênio ruim. Mas isto o transforma em um assassino? OK, mentiu para mim a respeito do seu passado, mas por causa disto eu tenho que achar que ele é um assassino? Jesus, Claire, quanto você realmente sabe a respeito dele? Quer dizer, você não conhece a família de Tom, conhece? — Não é verdade... eu conheci o pai dele, Nelson, no casamento e uma

vez depois, quando o visitamos no seu apartamento em Jupiter Island, na Flórida. Mas olha, acho que só estive com os pais de Jay uma vez.

— E você quase não conhece amigos dele.

— Amigos? Caras com mais de quarenta anos raramente têm mais que uns dois amigos, nunca reparou nisso? Os homens não são como as mulheres. Eles se casam e se enterram em seus empregos, mais ou menos como se sumissem da face da Terra. Todo homem considera os outros como possíveis rivais. Homens da idade de Tom têm colegas, têm contatos. Talvez tenham companheiros com quem pratiquem esportes ou assistam a jogos de basquete ou futebol. O que quero dizer é que Tom tem muitos "conhecidos" — todo mundo gosta dele. Mas não tem velhos amigos, que eu saiba. Mas Jay também não tinha velhos amigos.

— Claire, você nunca conheceu amigos de infância dele, ou colegas de faculdade. Ou qualquer pessoa que o tenha conhecido antes dele se mudar aqui para Boston. Estou errada? Claire suspirou e passou o dedo no copo, acompanhando as gotas de água formadas pela condensação.

— De vez em quando ele recebe telefonemas de um colega de faculdade. Lembro de uma vez em que recebeu uma ligação de um amigo da Califórnia. Não, parece que ele não mantém contato com qualquer amigo dos tempos de escola, não com regularidade. Mas Jackie, parece que você não escuta o que falo. Não há nada de extraordinário nisso. Por que cargas-d' água eu iria imaginar que estava mentindo para mim? — Então onde ele está? Para onde você pensa que fugiu? Claire sacudiu a cabeça.

— Não faço ideia.

Um longo silêncio instalou-se entre as duas irmãs.

— Você se lembra de como o papai era? — perguntou Claire de repente. — Eu não.

— É. mas eu me lembro. Quisera poder esquecer. Ele era um panaca.

— Lembra de como ele cheirava... sua loção de barba? — Lembro que ele recendia a puta francesa.

— Eu gostava do perfume dele. Old Spice. Sempre que sinto o cheiro de Old Spice, faço uma viagem de volta.

— De volta à sua infância feliz e ao nosso amoroso papai — resmungou Jackie. — Espero que Tom não use Old Spice. — Papai era um cara perturbado.

— Ele era um perdedor egoísta. Você sabe qual é o cheiro que associa a ele? — perguntou Jackie. — Falando sério. O cheiro de gasolina que o carro solta na hora de dar a partida. Sabe como é, gasolina que não foi totalmente queimada. Eu me lembro de ficar do lado de fora da nossa casa, na entrada para carros, de cascalho, dizendo adeus a ele, vendo-o ir embora, sentindo esse cheiro. Eu amava esse cheiro. Quer dizer, era um cheiro agridoce para mim porque eu não sabia se ele ia voltar. Nunca soube se estava indo embora para sempre.

Claire balançou a cabeça. As duas se sentaram em silêncio de novo. Jackie apagou outro cigarro e terminou seu scotch. — Pode me passar a garrafa? Ela serviu o resto de Famous Grouse.

— Ele é meu marido e eu o amo — disse Claire, calmamente. — Ele é um grande pai e um grande marido, e eu o amo.

— Ei, eu até que gosto do cara. O scotch acabou?

DA RUA, A LOJA DA DUNKIN' DONUTS NA CENTRAL SQUARE parecia uma delicatessen de luxo em Concord, do tipo que vende quarenta tipos de vinagre balsâmico e nenhum tipo de alface. Sua fachada verde-escura, com uma infinidade de vidraças pequenas, fora reformada recentemente em um dos acessos de modernização que acometem a Central Square com intervalos de alguns anos. Mas ia desandar, como todas as outras reformas, deixando intocada a miséria fundamental daquela região. A desgraciosa Central Square, terra de mil restaurantes indianos, região de lojas de noventa e nove centavos, de advogados de porta de cadeia e joalherias baratas, nunca perderia sua genuína e decrépita alma proletária.

Ray Devereaux telefonara de manhã cedo e pedira que ela fosse encontrá-lo depois que deixasse Annie na escola. Claire dispunha de uma hora antes da aula que precisava dar. Recusara-se a cancelar suas aulas. Estava mantendo todos os compromissos, aulas, reuniões e aparições em público, mesmo que mal conseguisse

pensar em outra coisa que não fosse Tom. Ray já estava sentado diante de uma minúscula mesa modular vermelha, a imensa barriga se derramando desajeitadamente da cadeira estreita presa na mesa. Reduzindo seu espaço, havia um carro de bebê vazio encostado nele. O bebê, cuja mãe estava sentada, indiferente, nas proximidades, com uma imensa saca de compras de plástico enrugado vermelho no colo, andava, ainda meio vacilante, de um lado para o outro, metido numa roupa de coelhinho vermelha, presa no pescoço com um laço cor-de-rosa. A mãe, uma mulher grande de cabelos negros, mantinha uma conversa animada em grego com um velho de cabeça branca, narigão e jaqueta preta de couro. Os alto-falantes estrondavam um rock (Rod Stewart, com sua voz rascante, em "Reason to Believe"), competindo com o barulho de fundo quase ensurdecedor do sistema de exaustão.

Ray estava atacando meticulosamente um donut de chocolate, com direito a goladas em uma caneca térmica de plástico. Ele era freguês da casa.

— Você tem companhia — disse ele, indiferente.

— Hem? — Você não anda mais sozinha.

Claire virou-se para a parede de vidro da loja. Um Crown Vic azul-escuro acabava de se afastar da calçada.

— Oh, isso. É, eles andam atrás de mim por toda a parte. Ida e volta para o trabalho. Devem estar querendo torrar meu saco.

— Eles provavelmente pensam que você tem saco — ele deu uma risada. — Mas tiveram de ir embora. Não podem parar em fila dupla no meio de todo esse trânsito.

Ele deu outra mordida das grandes, e limpou a mão com o guardanapo.

— Mandei um bilhete para os meus amigos da polícia de Cambridge — disse ele. — A boa notícia é que pegaram o ladrão que arrombou e entrou na sua casa. Mas as pinturas serão mais difíceis de encontrar.

— Ray, você não me chamou aqui na Central Square só para me dizer que...

— Fica fria, querida.

Ele a encarou com um olhar intenso até que ela o acalmou.

— Continua.

— Bem, liguei para a Associação Nacional dos Corretores de Valores, o pessoal que regula corretores de títulos, administradores de valores e o que mais você queira, e me mandaram um fax com o currículo que Tom forneceu a eles. Dei uma olhada. Nascido em Hawthorne, Califórnia. Curso secundário lá mesmo, na Hawthorne High School. Colou grau no Claremont Men's College, 1973. Telefonei para a associação dos ex-alunos e disse que queria entrar em contato com Tom Chapman, meu colega de turma, saber onde anda o cara, o que faz atualmente. Você ficaria espantada de ver quantas informações essas associações de ex-alunos guardam em seus arquivos. Um verdadeiro tesouro.

— Tudo bem — disse ela, tentando manter a voz neutra. O ambiente estava superaquecido; Claire tirou o casaco e o blazer.

— A má notícia é que seus amigos do FBI têm razão. Não há registro da passagem de um Thomas Chapman no Claremont Men's College. Que, a propósito, de lá para cá já mudou de nome.

Uma chinesa velha, sentada a poucas mesas de distância, cortava as unhas. A mãe de cabelos pretos pegou o bebê, agora gritando, e o pôs no carrinho.

— Isso me fez sair investigando — continuou Devereaux — para descobrir o que realmente está acontecendo com seu marido. E descobri algumas coisas realmente interessantes a respeito dele.

— Como? — Bem, aí vou checar com o Seguro Social. ver se há alguma irregularidade. A coisa mais estranha — tudo está cem por cento, tudo perfeito, só que não há pagamentos feitos ao Seguro Social antes de 1985. Nada. Bem, isso é um pouco estranho para um cara que tem, o que, uns quarenta e seis anos, ou algo por aí? A menos que nunca tenha trabalhado antes dos trinta, o que acho que é possível. Aí vou checar com o TRW, o pessoal do serviço de proteção ao crédito. E tudo está bem, nenhum problema — só que ele não tem registro de operações de crédito anteriores a 1985. O que também é muito esquisito.

Claire sentiu um nó no estômago. Mudou a posição dos pés, que tinham colado numa poça de café pegajoso derramado no chão de cerâmica vermelho e cinza.

Agora era Steely Dan quem tocava no rádio. Como se chamava mesmo aquela música? "Katie Mentiu?" "Katie Morreu?" Algo assim. Um suave solo de saxofone competia com o balido insistente de um forno de microondas e depois um coro ricamente harmonizado... "... Deacon Blue... Deacon Blue..." — No currículo aparecem diversos empregos depois da faculdade. Bons, respeitáveis, com empresas grandes, corretoras e similares. Por isso eu me pergunto, por que não há registro de pagamentos ao Seguro Social se o cara estava trabalhando o tempo todo? Dou então uns telefonemas e outra coisa estranha — todas as firmas para as quais ele trabalhou antes de abrir seu próprio negócio fecharam.

— Talvez ele dê azar — murmurou Claire. — Como um gato preto.

— Uma, ainda pode ser. Mas três? Três firmas de investimento e corretoras para quem ele trabalhou não existem mais. O que quer dizer que não há registros disponíveis. Nada que se possa examinar.

Claire a tudo ouviu em silêncio absoluto. Ficou observando uma mulher de cabelos curtos, cara de ansiosa e de óculos, com duas bolsas penduradas no ombro, entrar apressada, segurando uma Filofax, e pediu um café grande, fraco, com duas pedras de açúcar.

— O que temos então? — prosseguiu Devereaux. — Antes de 1985, quando já tinha, talvez, mais de trinta anos, ele não tinha cartões de crédito. Nem American Express, nem Visa, nem MasterCard. Vou mais longe — o Imposto de Renda também não tem conhecimento de Thomas Chapman antes de 85. Assim, ele põe no currículo todos aqueles empregos em firmas que não mais existem, não pagava Seguro Social e não declarava imposto de renda.

— O que eu devo concluir de tudo isso? — indagou Claire. Sentia-se incapaz de pensar. Manteve o olhar fixo. Sentiu uma vertigem.

— Bem, eu tenho um amigo que trabalha nas cercanias de L.A. e pedi a ele que desse um pulinho em Hawthorne. Bem ali, junto do aeroporto internacional...

— E ele também não foi aluno da Hawthorne High — interrompeu Claire. — Não precisa dizer. Dá para adivinhar.

— Não há registros na escola. Nenhum dos professores, os mais antigos, se lembra dele. Ninguém da classe de 73 se lembra dele. Ele não figura no anuário. Mais ainda, verificando-se os catálogos de telefone antigos, não se encontra o nome de seus pais. Nenhum Nelson Chapman morou lá. Agora, não estou dizendo que o FBI não seja mal informado. Não estou dizendo que seu marido cometeu algum crime. Só estou lhe dizendo que Tom Chapman não existe, Claire. Quem quer que seu marido realmente seja, o que quer que ele realmente seja — ele não é quem você pensa.

DEPOIS DA AULA, CLAIRE voltou para a sua sala, atendeu alguns alunos agitadíssimos — o semestre estava quase terminando e os exames finais eram iminentes — e verificou sua correspondência eletrônica.

Lamentavelmente, o reitor descobrira recentemente a possibilidade de corresponder-se pelo computador, e começara a usar o correio eletrônico para enviar tudo quanto era notícia e mais qualquer pensamento que lhe passasse pela cabeça. Havia diversos memorandos dele, supérfluos, dois questionários de jornalistas — uma tentativa de alcançá-la pela porta de trás —, mas ela sabia como lidar com isso: guardando o mais completo silêncio. Nada de resposta. E uma mensagem longa e prolixa de uma amiga que estava em Paris.

Para terminar, uma mensagem cujo endereço do remetente ela não reconheceu, na Finlândia. Estava endereçada à professora Chapman, o que era de estranhar, porque quase todo mundo a conhecia como professora Heller. Ela a leu, leu de novo, e seu coração começou a bater com força.

Prezada professora Chapman

Estou interessada em tê-la como minha advogada em uma questão de grande urgência e de enorme interesse pessoal. Embora as circunstâncias me impeçam de encontrá-la pessoalmente, entrarei em contato diretamente em breve. Telefone, inclusive correio de voz, insuficientemente reservado. Por favor, não acredite nas impressões

erradas a respeito do meu caso que possam ter lhe dado. Quando nos falarmos explicarei tudo.

Saudações afetuosas à senhora e sua menina.

R. LENEHAN R.

Lenehan, ela reconheceu de pronto, era uma referência ao restaurante favorito no South End de Boston, um lugar chamado Rose Lenehan's, onde tinham se encontrado pela primeira vez.

Ela clicou no ícone da resposta e digitou rapidamente: Muito ansiosa para que o encontro se dê o mais cedo possível.

NO MEIO DA NOITE, CLAIRE SENTOU NA CAMA de repente, encharcada de suor. Com o coração disparado, andou de um lado para o outro no quarto às escuras, onde a única iluminação vinha da luz de um poste da rua, até encontrar a gaveta onde guardavam as fotos da família. A equipe de busca do FBI deixara aquilo mais ou menos de lado. Os agentes estavam mais interessados em coisas mais reveladoras e imediatas — itinerários, datas de viagem, números de voos, esse tipo de coisa.

Havia um número incontável de fotos de Annie, álbum após álbum de fotos dela, desde o nascimento até a última, tirada na escola. Dificilmente não seria uma das crianças mais amplamente documentadas na história do mundo. Havia um álbum dela própria, um punhado de fotos do tempo de criança: Claire com Jackie, Jackie seguindo Claire de perto e Claire parecendo angustiada. Retratos da família, Claire, Jackie e a mãe delas, que sempre parecia cansada. Uma porção de fotos de Claire de férias no Wyoming com colegas de faculdade. Instantâneos da festa de formatura na faculdade (ela tivera um desgraçado de um acesso de acne e ganhara muito peso no semestre da primavera do último ano, e por isso nunca se permitira olhar para aqueles retratos).

E os de Tom? Um retratinho de bebê, pequeno e em preto e branco, com a margem recortada. Era um bebê genérico, podia ser qualquer bebê; não apresentava a menor semelhança com o Tom adulto. Mas retratos de bebê quase sempre não parecem com a pessoa adulta.

E as fotos dele quando menino? Nenhuma.

Ginásio? Nada.

Faculdade, também. Nada.

Não havia retratos de Tom a não ser aquele do bebê genérico. Nenhum anuário com as páginas desfiguradas por longos bilhetes de despedida escritos em caligrafia cheia de alças pelas garotas que haviam tido paixões não correspondidas por ele.

Que tipo de pessoa não tem retratos da época em que está crescendo? Por que nunca tivera curiosidade de saber onde estariam as fotos dele? VOLTANDO DA AULA NO fim da manhã, Claire foi seguida por dois alunos insistentes que se grudaram nela como cracas e, delicadamente, pediu que voltassem mais tarde. Tinha um compromisso.

explicou-se. Eles estavam nervosos por causa dos exames finais; ela teria imenso prazer em dedicar-lhes algum tempo no fim do dia.

Connie estava sentada à sua mesa, trabalhando na correspondência. Levantou os olhos, começou a dizer alguma coisa.

Claire sorriu e fez-lhe um aceno a ser traduzido como que-bom-ver-você-mas-estou-com-prensa-demais-para-conversar-justo-agora, entrou direto na sua sala e fechou a porta.

Ray Devereaux estava sentado na cadeira de Claire.

— Jogaram merda no ventilador — disse ele. Vestia um terno cinzento, surpreendentemente bem cortado, camisa branca e gravata num tom claro de azul-turquesa.

— Fale-me a respeito.

Ela se sentou em uma das cadeiras destinadas a visitantes e largou a pasta no chão.

— Suas fontes são boas? — Não especialmente. Tenho andado por aí, mas todo mundo está de boca fechada. Não se trata de uma operação de segunda classe — é coisa grande! — Qual é o tamanho desse "grande" de que estamos falando? Devereaux recostou-se na cadeira, que rangeu assustadoramente.

Ela meio que esperou que ele fosse cair para trás.

— Intensificaram a vigilância. Sabem que ele deixou uma mensagem no correio de voz para você, em casa, e aprovaram a escuta da sua caixa postal aqui em Harvard.

Eles não têm ideia de onde ele se encontra, mas estão esperando que entre em contato com você. Puseram gente vigiando a firma dele no centro da cidade. E uma dupla de sujeitos do lado de fora deste prédio. Para todo lugar aonde você for de carro, vão segui-la, para o caso de estar indo se encontrar com ele.

— Como naquela canção do Police, certo? — Claire sorriu tristemente. — "Cada passo que você der." O semblante de Devereaux manteve-se inexpressivo. — Vamos dar uma caminhada — disse.

FORAM DAR uma caminhada no quadrilátero da Faculdade de Direito. Ela notou que dois homens de terno os seguiam a uma distância não tão discreta.

— Bonito dia, hem? — disse Devereaux. — Um verdadeiro dia de fim de primavera.

— Ray...

— Ainda não, querida. Sempre achei que esses microfones direcionais de longo alcance são excessivamente valorizados, particularmente numa rua apinhada de gente, mas não quero me arriscar. Quer dizer, podíamos ir caminhar na avenida Massachusetts e deixá-los malucos tentando selecionar nossas vozes de uma centena de outros tagarelas, mas por que nos aventurar? Vamos dar uma volta no meu carro. Eu o peguei hoje de manhã e sei que não fui seguido, de modo que não é provável que tenham posto um grampo nele. Ainda.

O carro de Devereaux era um Lincoln novo. Um de seus clientes dirigia uma agência de leasing de automóveis e o deixava fazer leasings de graça em troca de seus serviços. Ele recostou-se no banco confortável, forrado de couro e bem acolchoado, enquanto ia dirigindo sem rumo.

— Você mencionou o pai dele — disse Devereaux. — Nelson Chapman. Disse que mora na Flórida.

— Você falou com ele? Devereaux sacudiu a cabeça vagarosamente.

— Não existe tal pessoa.

— Eu o conheci. Nós o visitamos no seu apartamento em Jupiter Island.

— Você conheceu um homem que disse se chamar Nelson Chapman. O apartamento que você visitou pertence a uma pessoa que nunca ouviu falar de Nelson Chapman. Vizinhos, mesmo os que moram lá há muito tempo, nunca ouviram falar nele. Se não acredita, pode ligar para lá.

— Você está dizendo que Tom contratou uma pessoa para desempenhar o papel de seu pai? — É o que está parecendo. Esta operação é realmente compartimentada — ele dirigiu com um único dedo. — Muito difícil de se conseguir alguma coisa. Meus contatos não sabem coisa alguma.

e os que sabem mantêm a boca trancada. Mas uma coisa eu descobri: eles estão dizendo que Tom foi um agente secreto do Pentágono.

— Ora, deixa disso! — ridicularizou Claire.

— Por que é tão difícil de acreditar? — Ele é um cara que trabalha com dinheiro.

— Agora. Mas o que me disseram é que ele era militar e que desapareceu, sem licença, há mais de uma década, e que está fugindo de algo realmente grave, realmente sério. Merda grossa.

— O que exatamente você está querendo me contar? — Dizem que ele é procurado por assassinato.

— É o que me disseram também.

— Que ele era um tipo qualquer de agente clandestino para o Governo dos EUA que cometeu um crime horrível e desapareceu.

Ela sacudiu a cabeça e mastigou uma unha. Um hábito dos tempos de faculdade que ela pensou que tinha interrompido.

— Não é possível.

— Você se casou com ele — disse Devereaux, sereno. — Você sabe.

Ele virou-se para encará-la e depois voltou os olhos para a rua.

Claire sorriu, um estranho sorriso amargurado.

— Até que ponto você conhece a pessoa com quem se casou? — Ei, não pergunte a mim. Eu não sabia quando me casei com Margaret que ela era uma peste, mas foi isso que ela revelou ser com o tempo. É possível que Tom tenha trabalhado para o Governo

para algum ramo clandestino das Forças Armadas? Claro. O fato é que ele inventou uma história, uma biografia. Aquele negócio da faculdade foi apenas a ponta do iceberg. Ele está escondendo alguma coisa, fugindo de alguma coisa. Isso eu posso afirmar com segurança.

— Mas não poderia haver uma... explicação benigna? — Tipo ele ter acumulado uma porção de multas por estacionamento indevido em Dubuque? Duvido.

Claire não sorriu.

— Mas eu vou lhe dizer uma coisa — prosseguiu Devereaux. gravemente. — Sempre achei Tom um pouco afável demais. mas como é seu marido, tive de tomar o lado dele.

Agora, quando o Governo começa a reunir forças para ir atrás de um sujeito, você precisa acreditar que também o Governo está escondendo alguma coisa.

NAQUELA NOITE, QUANDO CLAIRE tentava convencer Annie de que estava na hora de dormir, o telefone tocou.

Ela reconheceu a voz imediatamente: Julia Margolis, mulher do seu maior amigo na congregação de Harvard, Abe Margolis, que ensinava direito internacional.

— Claire? — disse ela, em sua forte voz de contralto. — Onde você está? Já se atrasou mais de uma hora e meia — está tudo bem? — Uma hora... Oh, meu Deus. Você nos convidou para jantar hoje. Puxa vida, Julia. Sinto muitíssimo, eu me esqueci totalmente.

— Tem certeza de que está bem? Isso não é do seu feitio.

Julia Margolis era uma grande e ainda bela morena com pouco menos de sessenta anos, grande cozinheira e ainda maior anfitriã.

— Tenho andado loucamente atarefada — disse Claire, corrigindo em seguida. — Tom teve de sair da cidade repentinamente a serviço, e a impressão que eu tenho é de que tudo está caindo à minha volta.

— Bem, deixei o peixe-espada marinando por qualquer coisa tipo dois dias e sinceramente detestaria desperdiçá-lo. Por que você não vem agora? — Sinto muito, Julia. Realmente sinto muitíssimo. Rosa já foi para casa, não tenho uma babá para ficar com Annie e estou simplesmente desatinada. Por favor, me desculpe.

— Claro, querida. Mas quando as coisas se acalmarem, você me telefona? Adoraríamos ver vocês dois.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, CLAIRE E JACKIE sentaram-se no estúdio do andar térreo, em duas poltronas de couro, ligeiramente desgastadas pelo tempo. Tom levava dois meses procurando as poltronas perfeitas para o escritório de Claire, porque uma vez ela as admirara em um anúncio da Ralph Lauren. Finalmente ele conseguiu encontrar um comerciante de Nova York que as importou do Mercado das Pulgas de Paris. Tinham vindo de um cabaré parisiense nos anos vinte para a Cambridge do final dos anos noventa, e ainda eram magnificamente confortáveis.

Jackie estava novamente de preto, calça jeans e camiseta. Pingos de tinta salpicavam sua camiseta e seus braços; ela era uma pintora que ganhava a vida como escritora técnica. Claire ainda envergava o conjunto azul com que fora trabalhar, uma bela cópia de Chanel, porque não tivera um minuto para trocar de roupa. Sentia-se exausta, com dor de cabeça e mal conseguia mexer o pescoço e os braços. Tudo o que queria naquele instante era preparar um belo banho de banheira e mergulhar na água quente por uma hora.

O estúdio refulgia, cor de âmbar, com a luz do sol que se punha.

— Ray Devereaux diz que Tom era um tipo qualquer de agente secreto do Exército que se meteu em alguma enrascada — disse ela.

— Jesus. Você acha que a informação dele é boa? — Geralmente ele é confiável. Sempre foi.

— Então, o que você acha, ele fazia alguma coisa para o Governo, para o Pentágono, uma coisa secreta, e talvez tenha se metido em encrenca? Aí... aí se ausenta sem licença, some, se esconde, troca de nome e vai para Boston, começa a trabalhar e espera nunca ser apanhado? Depois, por pura coincidência, um dia sua casa é arrombada, a polícia levanta as digitais e pronto, o Pentágono o encontra? É assim que as coisas se passam? — Basicamente, é.

Claire virou-se para ver se Jackie estava sendo irônica, ou simplesmente cética, mas não. Sua irmã estava pensando em voz alta, como costumava fazer.

— É difícil arranjar um emprego numa firma se você não tem referências para que sejam verificadas — continuou Jackie. — Assim ele começa seu próprio negócio. Deste jeito não tem ninguém vasculhando seu passado.

Claire fechou os olhos de novo e balançou a cabeça.

— E assim tudo o que você sabe a respeito de Tom é mentira — sugeriu Jackie, delicadamente.

— Talvez nem tudo. Muita coisa, uma quantidade enorme. Jackie prosseguiu, com muita delicadeza.

— Mas você se sente traída. Parece de propósito para partir seu coração.

Os olhos de Claire se encheram de lágrimas, lágrimas mais de frustração e cansaço que de tristeza.

— É traição, se ele está fugindo, se escondendo? — Ele mentiu para você, Claire. Nunca falou sobre isso. Ele não é quem lhe disse que era. Um homem capaz de mentir sobre sua vida, de criar todo um passado falso, é um homem capaz de mentir sobre qualquer coisa.

— Ele entrou em contato comigo novamente, Jackie. — Como? — Não sabemos se a casa está grampeada — disse Claire, apontando para o teto, embora não tivesse ideia de onde poderiam ser instalados microfones.

— Bem, o que você vai fazer? — perguntou Jackie, mas justo neste instante a campainha da porta tocou. As duas irmãs se entreolharam. Quem poderia ser? Claire levantou-se, relutantemente, e foi atender.

Diante da porta da frente estava um rapaz de pouco mais de vinte anos, com um cavanhaque fino e um brinquinho de metal tipo botão na orelha esquerda, vestindo bermuda de ciclista e jaqueta de couro.

— Mensageiros de Boston — anunciou.

Claire olhou para trás dele e viu dois Crown Victorias estacionados na calçada, na frente da casa. Os passageiros de

ambos os carros tinham os olhos fixos no visitante.

— Você é Claire Chapman? Claire fez que sim, alerta.

— Puxa vida, dona, aqueles caras ali me pararam e fizeram um milhão de perguntas, quem sou eu e o que estou fazendo aqui — a senhora tem alguma coisa acontecendo na sua casa? Está metida em alguma encrenca? Porque não quero causar problemas.

— O que é que você está fazendo aqui? — indagou Claire.

— Tenho um pacote para Claire Chapman. Só preciso ver uma identidade qualquer.

— Espere aí — disse Claire. Ela fechou a porta, pegou a bolsa em cima da mesa do hall e tirou a licença de motorista de dentro da carteira.

Claire abriu a porta de novo e passou-lhe a carteira.

O garoto a examinou, comparando o retrato com o rosto dela. Balançou a cabeça e fez nova exigência.

— Tenho que pedir para ver sua identidade de Harvard também.

— Quem mandou o pacote? — Sei lá — ele examinou o embrulho. — Uma pessoa chamada Lenahan.

Claire sentiu-se invadida por uma onda de alívio e depois de excitação.

— Aqui está — ela passou a identidade de professora. Ele examinou-a, e mais uma vez comparou a foto.

— OK — disse, cuidadosamente. — Assine aqui.

Ela assinou, pegou o pacote — um envelope rígido e fino de papelão, com cerca de vinte por trinta centímetros —, deu uma gorjeta para o garoto e fechou a porta.

— De quem é? — perguntou Jackie.

Claire sorriu e não respondeu. Tom sabia que os telefones estavam grampeados. o que significava que o correio de voz e o fax também não eram seguros. Ele sabia que estavam monitorando a correspondência. O aparecimento súbito de um mensageiro podia funcionar uma vez, porque sem ordem judicial não poderiam interceptar a encomenda.

Dentro do envelope havia uma carta escrita à mão, que encheu os olhos de Claire de lágrimas — e um plano, que, pela

primeira vez, trouxe-lhe esperança.

LUA CHEIA. NOITE QUENTE. OS AGENTES À ESPREITA, em seus sedãs fornecidos pelo Governo, cochilavam de tédio. Tinha se passado pouco mais de meia hora. A campainha da porta tocou e Claire foi atender. Não se surpreendeu nem um pouco ao ver os dois agentes do FBI, Howard Massie e John Crawford, vestindo duas capas de chuva praticamente idênticas.

Foi Massie quem falou primeiro ao entrar.

— Onde está o envelope? — indagou. Era um homem grande, maior do que se lembrava daquela cena de pesadelo no shopping e da "conversa" que se seguiu.

— Primeiro nós conversamos — retrucou Claire, levando-os para a área de estar ao lado do saguão de entrada, onde havia um sofá e duas poltronas confortáveis em cima de um tapete de sisal, em torno de uma otomana coberta com uma tapeçaria e bem provida de velhas New Yorkers. Era uma parte da casa que eles raramente usavam, e por isso tinha aquela aparência estéril de vitrina de loja de móveis.

— Se planeja — começou Crawford, ameaçador — esconder alguma coisa de nós...

Massie interrompeu-o.

— Precisamos de sua cooperação, e se seu marido tentou organizar um encontro...

Como vocês podem provar que o homem a quem procuram. esse tal de Ronald Kubik, é meu marido, Tom Chapman? — perguntou Claire abruptamente.

Massie olhou para Crawford. que disse: — São as impressões digitais, madame. Elas não mentem. Podemos lhe mostrar as fotos, mas o rosto dele está diferente.

Claire teve a impressão de que seu estômago virara pelo avesso.

— Como assim, o rosto dele está diferente? — Há apenas uma ligeira, quase imperceptível, semelhança entre as fotos que temos do seu marido e as de Ronald Kubik — explicou Massie. — A superposição das fotos demonstra de maneira indubitável que são a mesma pessoa, mas nunca se pensaria isso, não depois de tantas

cirurgias plásticas a que ele se submeteu. O sargento Kubik é um homem extremamente inteligente e determinado. Se não fosse pelo arrombamento da sua casa e a meticulosidade da polícia de Cambridge, levantando todas as digitais, ele poderia nunca ter sido apanhado.

— Sargento? — Sim, senhora — confirmou Crawford. — Nós somos apenas a agência de contato. Na realidade estamos trabalhando em nome da Divisão de Investigações Criminais do Exército, a CID.

Massie observou-a com os olhos semicerrados.

— Mas por que diabos o serviço investigativo do Exército está interessado em Tom? — Sei que a senhora é professora de direito em Harvard — disse Massie —, mas não sei o quanto sabe a respeito dos militares. Seu marido, Ronald Kubik, enfrenta uma série de acusações capituladas no Código de Justiça Militar, inclusive o Artigo 85, deserção e o 118, homicídio com premeditação.

— Quem ele matou? Supostamente? — Não dispomos desta informação — respondeu Crawford rapidamente.

Claire olhou para Massie, que sacudiu a cabeça.

— Sabemos que a senhora foi contatada pelo seu marido. Precisamos saber o paradeiro dele. Gostaríamos de examinar o pacote.

— Foi por causa disso que chamei vocês para conversar — disse Claire.

— Eu compreendo — disse Massie, o olhar penetrante.

— Vocês e eu queremos duas coisas diferentes — disse ela. — Eu só quero o que for melhor para ele. Agora, seja o que for que ele tenha feito, não será esclarecido com a sua fuga. Mais cedo ou mais tarde o Departamento de Injustiça o pegará.

— Nós achávamos que a senhora acabaria por ver luz — disse Crawford.

Claire dirigiu-lhe um olhar de absoluto desprezo.

— Não quero tratamento de criminoso. Nada de prisões dramáticas em locais públicos, nada de conduzi-lo algemado e muito menos de empunhar armas. Insisto: nada de algemas ou correntes.

— Isso não deverá ser problema.

— Como ele combinou me encontrar no aeroporto Logan, a rendição terá lugar no estacionamento na rua em frente ao terminal. Vou me assegurar de que ele estará desarmado ou jogará fora sua arma, e vocês poderão confirmar isso.

Massie aquiesceu.

— Agora, antes da rendição vou querer algum tempo sozinha com ele — um mínimo de uma hora.

Massie ergueu as sobrancelhas.

— Em particular, para que possamos conversar. Vocês podem vigiar de perto, para terem certeza de que ele não vai fugir, mas quero privacidade.

— Isso pode ser um problema — disse Crawford.

— Se for, podem esquecer a prisão. Ou ver a carta.

— Acho — disse Massie — que talvez consigamos isso.

— Ótimo. A seguir, quero garantias de vocês de que não vão congelar as contas dele.

— Professora — disse Crawford — não penso que seja...

— Façam acontecer, cavalheiros. É inegociável.

— Teremos de falar com Washington.

— E não quero o FBI acusando-o de ter violado a Lei da Identidade Falsa. Na verdade, quero que desistam de todas as acusações civis.

Crawford olhou para Massie, assombrado.

— E vou querer todas essas garantias por escrito, assinadas por um diretor do Bureau. Ninguém de nível mais baixo. Quero total responsabilidade. Ninguém vai tentar se esquivar disto alegando que não tinha autoridade necessária.

— Acho que conseguiremos arranjar isto — disse Massie. -Mas vai levar algum tempo.

— Levem tempo demais e a janela da oportunidade vai se fechar —, batendo nos seus dedos. Quero os documentos assinados ao meio-dia de amanhã. Nosso encontro será no início da noite.

— Meio-dia de amanhã? — exclamou Crawford. — Isso é — é impossível! Claire deu de ombros.

— Façam o melhor que puderem. Uma vez que tenhamos nos acertado, poderão ler a carta de Tom. E prendê-lo.

CLAIRE DEIXOU A CASA na manhã seguinte bem cedo usando um casaco azul-real brilhante que comprara no Filene's Basement, num surto de demência. Levou Annie para a escola, caminhando com ela até a escola e à sala de aula, e depois voltou para seu Volvo e foi para o trabalho. Dois Crown Victorias a seguiram como fiéis cães pastores.

Às onze e quarenta e cinco da manhã chegou, trazido por mensageiro, um pacote do FBI. escritório de Boston. Continha a carta que ela pedira, assinada por um diretor-assistente do FBI, cuja assinatura era um eletrocardiograma indecifrável.

Meia hora mais tarde um mensageiro passou para pegar uma folha de papel e levá-la a Massie no escritório do FBI, no centro da cidade.

Quando Connie saiu para almoçar, pouco depois de uma hora, Claire deu-lhe uma sacola de compras que continha o casaco azul-real bem dobrado e pediu que ela o deixasse com o garçom do agitado restaurante onde Connie invariavelmente almoçava com suas amigas de sempre. duas outras assistentes administrativas.

Claire em seguida deu uma aula e cancelou diversas reuniões que teria à tarde.

Às quatro e meia pegou sua pasta, fechou a sala. despediu-se de Connie e encaminhou-se para o elevador. Se havia alguém na sala de espera do seu andar. não reparou. Tomou o elevador. saltou no subsolo e perambulou pelos túneis que ficavam por baixo do campus da Faculdade de Direito até ter certeza de que ninguém a seguia. Eles sabiam os truques de sua profissão, conheciam as técnicas de vigilância e as várias maneiras que se pode perseguir alguém, mas ela conhecia as entranhas da Faculdade de Direito.

Às cinco horas em ponto, exatamente como Claire prometera aos agentes do FBI, seu Volvo saiu vagarosamente do estacionamento coberto reservado aos professores.

Quando ela passou caminhando, a uma boa distância, pôde ver a motorista de cabelos escuros, casaco azul-real e óculos de sol enormes, uma razoavelmente boa representação de Claire, ou pelo menos tão boa quanto Jackie conseguira, com a ajuda de uma peruca comprada apressadamente no centro da cidade. O Volvo

virou à direita, pegando o tráfego pesado da hora do rush na avenida Massachusetts, seguido de perto por um Crown Victoria descaracterizado, e desapareceu. Jackie iria até Logan — uma rota horrível, cheia de retenções naquela hora do dia — e lá iria de terminal em terminal, como se não soubesse exatamente em qual deles deveria esperar Tom. Eles, sem dúvida nenhuma, a seguiriam.

A carta que Claire mandou por mensageiro para Massie — espaço simples, impressa na LaserWriter do escritório de Tom em casa, em uma folha de papel carta Hammermill Copy Plus Bright White retirada de uma resma selada e conseqüentemente sem impressões digitais, não assinada — a instruíra para ir ao seu encontro no terminal da Delta no aeroporto de Logan, onde ele estaria chegando às cinco e meia na ponte aérea de Nova York. Haveria agentes esperando no portão das chegadas, mas, porque eles estavam desconfiados, naturalmente seguiriam seu Volvo, a fim de se certificarem de que ela estava indo aonde dissera que ia.

Em seguida Claire caminhou vagarosamente até a rua Oxford, atrás da faculdade, e localizou o Lexus de Tom num estacionamento pago. Fazia algumas horas desde que Jackie o estacionara ali, e por isso o tempo assinalado inicialmente no parquímetro se esgotara muito tempo atrás. Claire não se surpreendeu nem um pouco quando encontrou uma multa cor de laranja enfiada debaixo do limpador de para-brisa.

PEGUE o RADIO FM no quarto de dormir, fora a orientação dada por Tom na carta que lhe mandara, não na que ela escrevera para que o FBI lesse. Sintonize numa estação de frequência alta, em torno dos 108 megahertz. Assegure-se de que o sinal seja ouvido alto e claro. Depois leve o rádio para a garagem e passe a antena o mais perto possível de cada ponto da superfície do carro.

Veja se há interferência. Fique atenta para estalidos. Tente perceber uma mudança abrupta na qualidade da recepção.

Se detectar a presença de um transmissor no carro, ou se não estiver segura, não vá a lugar algum.

Se o carro estiver limpo, vá.

Mas espere a hora do rush. Meta-se no meio do trânsito da hora do rush, porque vai ser mais difícil que a sigam, no meio de

tantos automóveis. Dirija ao cair da noite, quando seguir um carro é mais difícil, porque as luzes de quem segue são visíveis a uma longa distância.

Faça um trajeto cheio de voltas, instruíra ele, mas isso era mais difícil de fazer do que de falar. Se você está sendo seguido, nada é realmente tortuoso. Antes de entrar na auto-estrada, contorne a cidade. Faça quatro curvas para a direita, uma depois da outra, para afastar quaisquer seguidores. Porque quem ainda estiver atrás do seu carro terá de estar seguindo você.

Faça muitas curvas à esquerda, porque as curvas à esquerda são mais difíceis de serem seguidas sem você perceber. Passe os sinais de trânsito na luz amarela sempre que possível. Espere o máximo possível antes dos sinais ficarem vermelhos, mas não corra perigo de vida.

Eles não andarão diretamente atrás de seu carro, se estiverem tentando fazer uma vigilância secreta. Vão segui-la um ou dois carros atrás. Pode haver até uns quatro automóveis seguindo você. Ou nenhum.

Cuidado com o lado direito à retaguarda do seu carro, o ponto cego que favorece os seguidores.

Dirija com velocidade irregular. Acelere, depois reduza. Dirija muito devagar, excruciantemente devagar, forçando todo mundo a ultrapassá-la. Pare em um local destinado a descanso de motoristas e deixe o automóvel na parte de trás do estacionamento. Faça uma refeição. Mate umas duas horas. Pegue uma pedra ou um objeto duro qualquer e quebre a lanterna de traseira direita do seu carro. Depois retorne para a auto-estrada.

Pelo menos uma vez faça um retorno na estrada, onde quer que isso seja possível.

Depois que passar pela Saída 9 da auto-estrada — logo depois de Sturbridge, no extremo oeste do estado —, comece a dirigir lentamente, na pista da direita, com os piscas ligados.

A princípio ela se maravilhou com a competência de Tom, seu conhecimento das técnicas de vigilância. Era um lado dele que nunca vira.

Mas logo se lembrou de quem haviam dito que ele era e reconheceu que pelo menos parte daquilo era verdade.

LOGO DEPOIS DAS DEZ horas daquela noite, quando era tarde demais para ligar para Annie mesmo que se atrevesse a fazê-lo, Claire estava em um trecho da rodovia em Berkshires, perto de Lee, Massachusetts, onde o trânsito era mais leve. Pensou em Annie, dormindo na sua cama, com Jackie no andar de baixo, fumando.

Naquele ponto, a estrada enfrentava um trecho montanhoso. Cortava ravinas, caía em campo aberto, mais adiante vencida um trecho mais íngreme até o topo de uma elevação. Ela seguiu lentamente, na pista da direita, o pisca alerta funcionando. Ninguém a seguia, disso estava segura. Quando começou a descer um trecho de declividade bem acentuada, viu, pelo retrovisor, um carro sair de uma região arborizada ao lado da rodovia, luzes apagadas, e acelerar até posicionar-se bem atrás dela. Em seguida piscou os faróis altos duas vezes. Claire virou na primeira saída, que era protegida por um bosque cerrado, parou e apagou as luzes.

O coração dela disparou.

Ficou olhando fixamente para a frente, sem se atrever a virar-se.

Minutos depois o outro carro estava parando bem atrás. Claire ouviu a porta dele abrir e passos no pavimento.

Virou-se então para olhar pela janela aberta e viu Tom, com a barba crescida de alguns dias lembrando uma mancha de carvão no rosto, binóculos pendurados ao pescoço, sorrindo para ela, que sorriu de volta.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, e ela lançou os braços em torno dele.

ELA O SEGUIU NO LEXUS POR UM CAMINHO SINUOSO, saindo da autoestrada, pegando estradinhas secundárias que se transformavam em estradas de terra, até que não tinha mais ideia de onde se encontrava. Tom dirigia um velho jipe preto Wrangler, mas não explicou como o conseguira. Passaram por dentro de uma cidadezinha que parecia ter ficado parada nos anos cinquenta. Ela viu de relance um velho anúncio cor de laranja da Rexall Drug, uma Woolworth que devia ter cinquenta anos de idade e uma antiga

placa redonda da Gulf. A cidade estava às escuras e com as persianas arriadas. Numa rua sem iluminação, passaram por uma escola elementar moderna, de tijolinhos, atravessaram uma linha de estrada de ferro e depois, por muito tempo, nada. Até que Tom fez um sinal para que parasse.

Ela estacionou o Lexus e juntou-se a ele no jipe.

— Aonde estamos indo? — perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Já vou lhe contar tudo.

Tom fez uma curva abrupta, sem sinalizar, e entrou numa floresta densa, com a estrada degenerando de macadame para cascalho compactado. que as rodas do jipe trituraram por uns bons cinco minutos, de cascalho compactado para piso de terra cheio de sulcos, que durou mais tempo ainda até que não foi mais possível continuar por causa de uma rocha. Ele desligou as luzes, depois o motor, e deixou o jipe deslizar até parar. Em seguida pegou uma enorme lanterna preta no chão e fez um gesto para que ela saísse com ele.

Orientados pelo clarão do poderoso fecho de luz, eles entraram em um emaranhado de grandes abetos deformados, privados da luz do sol na densa vegetação que se comprimia à margem de um pequeno lago. Tom conduziu-a num percurso irregular ao longo de uma trilha quase imperceptível, que na verdade não passava de um caminho aberto pelo uso e representado por um rastro de terra por entre as altas árvores. Claire o seguiu, escorregando diversas vezes. Estava usando sapatos comuns, sem tração. Fora do cone de luz emitido pela lanterna de Tom, nada podia enxergar. A escuridão era absoluta. Tudo indicava que era uma noite sem lua, tamanha a escuridão.

— Fique perto — disse Tom. — Cuidado.

— Por quê? — Fique perto — repetiu ele.

Finalmente Tom parou diante de uma casinha de madeira na margem do lago — uma cabana, na verdade — com um telhado acentuadamente inclinado, coberto com tabuinhas impermeabilizadas com betume, e no qual, aqui e ali, faltavam

algumas. A cabana estava em mau estado. Um papel amarelado na janelinha impedia que se visse seu interior.

O telhado descia tão baixo que Claire poderia encostar a mão no beiral. A cabana devia ter sido pintada de branco uma vez, provavelmente décadas atrás: agora os respingos remanescentes de tinta branca pareciam minúsculos flocos de neve na parede de tábuas curtida pelo tempo.

— Seja bem-vinda — disse Tom.

— O que é isto? Mas Claire sabia que sua pergunta não tinha resposta: o que era o quê, precisamente? Que aquilo era uma cabana abandonada à margem de um lago deserto na zona oeste de Massachusetts, era óbvio. Que era um esconderijo que Tom, de alguma forma, encontrara, era igualmente óbvio.

Ela se aproximou mais. Tom não se barbeava havia vários dias, e tinha círculos escuros debaixo dos olhos. As rugas da testa pareciam ainda mais profundas. Ele parecia exausto, esgotado.

Tom sorriu, um sorriso torto, envergonhado.

— Sou um poeta maluco de Nova York que precisa de um pouco de solidão por umas semanas. Isto aqui pertence ao cara que é dono do posto de gasolina Gulf da cidade. Era do pai dele, que morreu há uns vinte anos, mas sua família não queria nem chegar perto. Quando descobri, há alguns anos, achei que poderia usá-lo, se algum dia precisasse de um esconderijo rápido. E quando liguei para o dono, poucos dias atrás, ele ficou mais do que feliz em receber cinquenta pratas por semana de aluguel.

— Há alguns anos? Você então esperava por esse dia? — Sim e não. Parte de mim achava que nunca iria acontecer, mas outra parte sempre esteve pronta para isso.

-E o que você pensava que ia acontecer com Annie e comigo se isso acontecesse? — Claire, se eu tivesse ideia de que isto ia realmente acontecer, eu teria me mandado imediatamente. acredite em mim. Ele abriu a porta pesada, que rangeu nas dobradiças. Não havia fechadura.

— Entre.

Do lado de dentro, as tábuas de pinho branco do chão eram ásperas e gastas, e pareciam perigosamente cheias de lascas. Havia

um fogão a lenha, e em cima dele uma caixa de fósforos de cozinha Ohio Blue Tip, do tipo que acende riscando em qualquer lugar. O ar cheirava agradavelmente a fumaça de fogo de lenha. Ele parecia ter montado um lar. A cama, na verdade, não passava de um leito tosco e pobre, encostado numa parede e coberto com um cobertor de lã verde-escuro que parecia antiquíssimo.

Em cima da mesa pequena e frágil, de madeira, estavam empilhados gêneros alimentícios: uma embalagem de ovos, um resto de pão de forma, algumas latas de atum. Ao lado da comida havia uma pequena pilha de objetos aparentemente mecânicos que ela não reconheceu. Pegou um deles, uma caixa oblonga marrom-clara do tamanho de um par de binóculos com um visor em um lado. — O que é isto? — perguntou.

— Um brinquedo. Uma das coisas que peguei em uma loja de excedentes do Exército.

— O que é? — Proteção. Seguro.

Ela não insistiu.

O barulho do motor de um avião de pequeno porte quebrou o silêncio.

— Lembre-me de não comprar uma propriedade aqui neste lago — disse Claire.

— Há um aeroporto particular aqui por perto. Acho que estamos bem na rota de acesso. Assim...

Ele passou os braços em torno dela e deu-lhe um abraço tão forte que quase doeu. Mais uma vez ela foi levada a lembrar da grande força daqueles braços ágeis.

— Obrigado por ter vindo — murmurou Tom, beijando-a em cheio na boca.

Claire afastou-se.

— Quem é você, Tom? — perguntou com calma, mas com má intenção. — Ou é Ron? Qual dos dois? — Não sou Ron há tanto tempo... — disse ele. — E nunca fui feliz quando era Ron. Com você sempre fui Tom. Chame-me de Tom.

— Então, Tom — o nojo agora transparecia em sua voz. — Quem é você, realmente? Porque eu realmente não tenho ideia do que restará de você depois que todas as mentiras forem removidas.

É verdade o que estão dizendo? — O que é verdade? Não sei o que estão dizendo para você.

Ela levantou a voz.

— Você não sabe... O que estão me dizendo, Tom, é mais do que você jamais me disse.

— Claire...

— Então por que você finalmente não me conta a porra da verdade? — Eu estava protegendo você, Claire.

Ela deu uma risada amargurada que mais pareceu um grito rouco.

— Oh, essa é muito boa. Você mentiu desde o primeiro maldito segundo em que nos conhecemos, e estava me protegendo. Claro, por que eu não vi isso? Que cavalheiro você é, que sujeito cavalheiresco. Que protetor. Muito obrigada por me proteger, a mim e a minha filha, com três anos de mentira — não, o quê, com cinco anos de mentiras! Muito obrigada! — Claire, amor — disse Tom, tentando novamente envolvê-la com seus braços, e quando seus braços começaram a envolvê-la ela rapidamente lhe aplicou uma joelhada, com perfeição e grande efeito, na virilha.

— QUANDO CONHECI VOCÊ, EU me sentia só e deprimido e ganhava a vida decentemente administrando o dinheiro de outras pessoas. Precisava montar meu próprio espetáculo, meu próprio negócio, porque quem quer que fosse verificar a história dos meus empregos cuidadosamente ia descobrir que todos aqueles para quem eu havia trabalhado tinham fechado suas firmas e abandonado os negócios. Quem ia querer contratar um gato preto? Ele sorriu tristemente.

— A essa altura já se haviam passado mais ou menos seis anos que eu tinha desaparecido, passado a ser Tom Chapman, e ainda olhava para todos os lados sempre que andava pela rua. Eu continuava convencido de que iam me achar, porque eles são muito bons, Claire. Eles são realmente bons. São cruéis, e assassinos, e são realmente, realmente bons.

— Quem são "eles"?

— Trabalhei numa unidade clandestina supersecreta do Pentágono. Um grupo de apoio OPSEC. Um destacamento das

Forças Especiais.

— Tradução, por favor.

— OPSEC é segurança operacional — um grupo de doze elementos das Forças Especiais, altamente treinados e habilitados, que servem como agentes do Pentágono e que podem ser mandados para onde quer que sejam necessários a fim de prestar apoio a operações secretas e frequentemente ilegais em qualquer parte do mundo onde o Pentágono, a CIA ou o Departamento de Estado não queiram que se saiba estarem envolvidos.

Tom estava sentado na beira da cama. Ao seu lado, Claire sentou-se de pernas cruzadas.

— Tom, você tem de ir mais devagar.

Mas Tom não parecia querer reduzir o ritmo. Continuou com o seu monólogo estranhamente intenso.

— Oficialmente o grupo não existia, não aparecia em nenhum organograma ou lista telefônica. Não havia um único registro público de sua existência. Mas éramos extremamente bem dotados de recursos através do orçamento secreto do Pentágono, seu imenso caixa dois, usado para finalidades políticas ilícitas ou corruptas, como, por exemplo, compra de influência. Éramos oficialmente designados como Destacamento 27, mas às vezes nós nos denominávamos Árvore Ardente. Chefiados por um fanático, um sujeito corrupto chamado Bill Marks. Coronel William O. Marks.

— Acho que o nome é familiar — disse ela, sentindo-se estupefata. Sua cabeça girava.

Tom fez um muxoxo, enojado.

— Agora ele é o Chefe do Estado-Maior do Exército, membro do Estado-Maior Conjunto. Em 1984, quando a administração Reagan estava lutando uma guerra secreta na América Central...

— Tom, você tem que rebobinar. Recomeçar do princípio. Tudo isso é por demais abrupto e bizarro para fazer sentido para mim. Diga-me o que é verdade, o que não é.

Você fez ou não fez faculdade, trabalhou ou não para uma série de corretoras...? Tudo isso é ficção ou é verdade? Ele aquiesceu.

— A história que contei sobre o Claremont College — havia alguma verdade nela. Só que nasci e fui criado ao norte de Chicago. Mas é verdade o que falei acerca do divórcio dos meus pais, e sobre meu pai ter se recusado a pagar minha faculdade. Lembre-se de que isso se passou em 1969. Se você não fosse casado, estivesse estudando ou tivesse alguma incapacidade, era convocado e enviado para o Vietnã. Foi o que me aconteceu. Por alguma razão, fui selecionado para as Forças Especiais e, depois que terminou meu tempo no Vietnã, fui levado para Fort Bragg e lá designado para a Árvore Ardente. Eu era bom naquilo, e — tenho vergonha de admitir agora — acreditava no que fazia. Havia uma ligação sincera entre nós, éramos todos fanáticos. Acreditávamos que estávamos fazendo o trabalho sujo que nosso país precisava que fosse feito mas que seu Governo fraco de caráter tinha medo de fazer abertamente.

Ela olhou para Tom com uma expressão de curiosidade, e ele sorriu.

— Pelo menos era isso o que eu acreditava naquele tempo. Nos anos oitenta, a CIA e o Departamento de Defesa estavam atolados até os joelhos na América Central. A CIA publicava manuais ensinando seus agentes lá destacados a usarem tortura.

Ela balançou a cabeça afirmativamente; os manuais de treinamento da CIA tinham se tornado de conhecimento público.

— A administração Reagan ficou enlouquecida com essa história de derrotar os comunistas na América Central. Mas o Congresso não declarou guerra, de modo que oficialmente não podíamos nos envolver em combates. Devíamos só "assessorar". Assim, a nossa unidade foi mandada para lá, com uniformes descaracterizados — para, no caso de sermos apanhados, não podermos ser identificados — a fim de ajudar a treinar os guerrilheiros nicaraguenses em Honduras e cooperar como Governo de El Salvador. O departamento de Estado da administração Reagan assumiu a posição realmente legítima e inteligente de que não era preciso notificar o Congresso de que a CIA e o Pentágono tinham unidades secretas lá porque a lei conhecida como War Powers Act falava de tropas comuns e não de unidades antiterroristas. Ou seja, nós.

— Assim, um dia — 19 de junho de 1985 —, na bela região de San Salvador chamada de Pink Zone, a Zona Rosa, fuzileiros navais americanos, de licença e em trajes civis, jantavam sentados em cadeiras colocadas na calçada de uma série de restaurantes. De repente uma picape parou e dela saltou um bando de sujeitos com armas semi-automáticas.

Esses comandos urbanos — esquerdistas, guerrilheiros que se opunham ao Governo — conseguiram matar quatro fuzileiros, dois homens de negócios americanos e sete salvadorenos, e fugiram. Um verdadeiro massacre. Inacreditável.

"E a Casa Branca de Reagan ficou ensandecida. Tínhamos uma combinação segundo a qual os guerrilheiros esquerdistas de Salvador não atacariam americanos, e agora acontecia aquilo. Houve uma cerimônia na Base Aérea Andrews, para onde os corpos dos quatro fuzileiros foram embarcados de volta. Reagan ficou furioso. Jurou que moveria qualquer montanha e atravessaria qualquer rio — você se lembra de como ele falava, aquela poesia falsa — para encontrar aqueles canalhas e levá-los a julgamento." Claire balançou a cabeça, olhos fechados.

— O que ele não disse foi que as ordens já tinham sido dadas. Peguem os filhos-da-puta. Peguem os caras que fizeram aquilo. "Fechem o caso", disseram. O que significava matar todos os envolvidos, mesmo que remotamente. E assim a *Árvore Ardente* foi a campo para encontrar os assassinos. Tínhamos uma informação de que os comandos, uma dissidência da organização esquerdista chamada FMLN, eram sediados em uma aldeia nas proximidades de San Salvador. Uma aldeia mínima, estou falando de cabanas de sapê e coisas do gênero, Claire. A informação estava errada. Não havia comandos ali. Eram só civis, homens e mulheres idosos, crianças e bebês, e ficou evidente, de imediato, que não se tratava de esconderijo para comandos urbanos, mas, você entende, nós queríamos sangue.

Agora Claire virou-se diretamente para ele, encarando-o com um olhar penetrante e feroz.

— Era tarde da noite, dia 22 de junho. Toda a aldeia dormia. mas nós recebemos ordens para acordar todas as pessoas e arrastá-

las para fora de suas camas, de suas cabanas, e procurar armas. Eu procurava cachês de munição escondidas, no outro lado da aldeia, quando ouvi tiros.

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Tom, que abaixou a cabeça, os punhos cerrados.

— Tom — disse Claire, sustentando o olhar com a mesma firmeza de antes.

— E quando cheguei lá, todos estavam mortos.

— Todos? — Mulheres, crianças e velhos...

— Como foram mortos? — Metralhadoras...

A cabeça ainda baixa. Seu rosto estava contorcido, os olhos fechados com força, mas as lágrimas continuavam a pingar no cobertor grosseiro.

— Corpos estendidos, ensanguentados...

— Quem fez isso? — Eu... eu não sei. Ninguém quis falar.

— Quantos foram mortos, Tom? — perguntou ela, baixinho.

— Oitenta e sete — ele respondeu, sufocado.

Claire fechou os olhos de novo.

— Oh, Jesus — murmurou. E ficou se balançando para a frente e para trás, murmurando.

— Oh, Jesus. Oh, Jesus.

Tom, contraído e com o rosto vermelho como uma criancinha, soluçou silenciosamente.

DECORREU-SE UM LONGO SILÊNCIO.

Até que por fim ele voltou a falar.

A unidade foi chamada a Fort Bragg para interrogatório. A notícia se espalhou. Tinha de haver sanções.

Ele esfregou o rosto com a mão, espremendo os olhos, com força, com o polegar e o indicador.

— O coronel negou que tivesse dado a ordem e fez seus homens dizerem a mesma coisa quando foram interrogados pela CID, a Divisão de Investigações Criminais do Exército.

Puseram a culpa em mim. Disseram que eu tinha perdido o controle, que enlouquecera. Que eu tinha matado toda aquela gente. O coronel Marks ficou com medo de que, como eu não estava lá e me recusara a mentir por ele, viesse a ser o elo fraco da

corrente e dissesse a verdade. Assim, ele mudou tudo. Fez com que todos me acusassem. Fui ingênuo. Não tinha ideia do que estava acontecendo.

— Como assim? — Marks foi poupado. Eu fui levado a julgamento — homicídio em primeiro grau. Oitenta e sete acusações. E os que não quiseram colaborar com a farsa morreram, um por um. Cometeram suicídio em suas celas, acidentes de automóvel, o diabo. E eu sabia que estava chegando a minha vez. Porque o Pentágono queria encobrir o incidente. Você conhece o esquema — qualquer um deles podia ter tentado chantagear a liderança do Pentágono, porque todos sabiam que o comando fora cúmplice no massacre.

— E aí você fugiu.

— Não foi complicado. Subornei um dos PEs, os soldados da Polícia do Exército que me vigiavam —, pedi para ele sair e me arranjar uma Coca — e desapareci.

— Desapareceu como? — Meu Deus, Claire, nós éramos treinados para fazer esse tipo de coisa. Usei os mesmos truques usados no Programa Federal de Segurança de Testemunhas. Peguei um ônibus para Montana, arranjei um cartão do Seguro Social, o que é ridiculamente fácil uma vez que você tenha acesso aos registros de nascimentos e óbitos — que são públicos. Daí em diante, você vai conseguindo todos os outros cartões de identidade e dá início a uma história de crédito. Fiz meu próprio programa de proteção de testemunha. Desapareci e depois reapareci como uma pessoa totalmente nova. Mas acredite em mim, me sentia aterrorizado o tempo todo. Trabalhei em empreguinhos de merda, lavando pratos, preparando comida rápida, mecânico de automóveis, o diabo. E também fiz uma plástica. O nariz e o queixo tiveram a forma alterada, pus implantes no rosto. Os médicos não podem lhe dar um rosto totalmente novo, mas podem mudar o antigo de forma que você fique praticamente irreconhecível. E aí, lenta e cuidadosamente, comecei a montar um currículo falso. Registros médicos são os documentos mais fáceis — você simplesmente entrega ao seu médico, quem quer que ele seja, e ninguém pergunta nada. Os registros escolares são os mais difíceis — o Governo federal geralmente consegue um administrador para plantar

falsos documentos escolares, pelo bem da nação e tudo mais, mas eu não dispunha desse tipo de recurso. Ainda assim, minha nova realidade tinha de ser realmente sólida, porque eu soube após algum tempo que havia um prêmio de dois milhões de dólares pela minha cabeça.

— Oferecidos por quem — o Pentágono? -Não, nadadisso. Pelo menos não oficialmente. Pelos outros membros da Árvore Ardente, os sobreviventes.

— Inclusive o coronel Bill Marks? — Agora é general Marks — corrigiu ele. — General de quatro estrelas. Sou a única pessoa de fora do Pentágono que sabe do massacre. Se a notícia se espalhar...

— E daí, se a notícia se espalhar? Isso foi o quê, treze anos atrás.

— De que o atual chefe do estado-maior do Exército, membro do Estado-Maior Conjunto, comandou o massacre de oitenta e sete civis salvadorenhos, homens, mulheres e crianças e depois encobriu tudo.

Ela balançou a cabeça.

— Era por isto que minhas impressões digitais se encontravam na base de dados nacional. Se um dia eu aparecesse em algum lugar, se fosse preso por qualquer motivo, se simplesmente tirassem minhas impressões digitais, eles me pegariam. A polícia local não sabia a extensão do que estava fazendo, mas uma vez que submeteu minhas impressões à base de dados, pôs em andamento o processo. O Pentágono foi alertado, e de lá mandaram o FBI e os agentes de justiça federais. Se eu tivesse sabido o que a polícia fez, teria fugido para proteger você e Annie. O Pentágono quer me ver trancado na cadeia pelo resto da vida, tenho certeza, e uma porção de outras pessoas quer me ver morto.

— E então, quem era Nelson Chapman? — Um amigo. Na verdade, pai de um companheiro meu do Exército. Salvei a vida de seu filho uma vez. Estava disposto a me ajudar. Também quis me emprestar dinheiro para que eu pudesse iniciar minha firma de investimentos. Dobrei o dinheiro dele em quatro meses.

— Quanto tempo você pensa que vai poder ficar escondido aqui? — Sei lá. Não muito tempo, até começar a atrair suspeitas.

— Eu não fui seguida, tanto quanto possa ter visto.

-Você fez um grande trabalho escapando deles. Quase como uma profissional.

— Segui suas instruções, mais nada. E o e-mail que você me mandou — eles podem rastrear? — De jeito nenhum. Mandei através de um site na Finlândia que reenvia mensagens anônimas, ou seja, apagando toda a informação referente ao usuário antes de mandar a mensagem. Tenho uma conta de correio eletrônico em um desses provedores pequenos e independentes, pela qual eu pago com ordens de pagamento. Acessei essa conta através de um laptop que comprei por aqui, de segunda mão, usando um telefone público e um acoplador acústico. O truque do mensageiro só funcionaria uma vez, eu sabia...

A voz dele perdeu a força, e Claire virou-se ligeiramente, pondo as mãos nos joelhos dele. Mais uma vez encarou-o diretamente nos olhos.

-Tom, você mentiu para mim seis anos ou mais. Eu realmente não sei mais em que acreditar.

— Por que diabos você pensa que eu menti para você, Claire? — retrucou ele, os olhos faiscando. — "Oh, a propósito, Claire. na verdade não sou Tom Chapman, da Califórnia. Sou Ron Kubik, de Illinois, e oh, sim, eu não fui um corretor de valores todo esse tempo, eu era um agente secreto e agora sou um fugitivo. Oh, sim, outra coisa, fiz uma operação plástica e o rosto que você está vendo não é realmente o rosto com que nasci." É isso que você sinceramente esperava que eu dissesse? E você, claro, diria, "Ah, sim, que interessante, e a que horas é o jantar?" — Não no princípio, mas algum tempo depois que nos casamos você talvez pudesse ter se aberto comigo. ser sincero.

— E talvez não! — ele quase gritou. Talvez eu não pudesse. Como é que vou saber? Estamos casados há três anos. No frígir dos ovos, não é tanto tempo assim! Provavelmente eu teria contado, quando chegasse a hora. Mas eu olhava para você e sua filhinha — minha filhinha — e pensava, a coisa mais importante que posso fazer no mundo agora é tornar seguro o mundo delas. Protegê-las. Porque eu sabia que se lhe contasse, você passaria a correr perigo

imediatamente. Você sabe, uma vez que se sabe, passa-se a ser vulnerável. As coisas acontecem, as pessoas falam, a notícia corre. E eu não ia fazer isso com você. Meu trabalho era protegê-la! Ele a abraçou, adiantou-se para beijá-la, mas ela se desviou.

— O que eu deveria ter feito? — perguntou ele.

— Não sei o que dizer.

Tom enfiou a mão direita por dentro de sua blusa e cobriu seu seio esquerdo, mas ela sacudiu a cabeça.

Estava dilacerada pelas emoções, totalmente confusa. Quase não tinha forças para resistir a ele e no entanto, ao mesmo tempo, desejava desesperadamente ser capaz de resistir. Finalmente, fechou os olhos e beijou-o e logo ele passou a beijar delicadamente sua nuca, a ondulação na parte de cima dos seus seios, os mamilos, a parte de baixo deles.

— ESTOU FAMINTA — DISSE ELA. — Não jantei ontem.

Nus, os dois estavam entrelaçados no leito estreito. Ele deu uma olhada no relógio.

— São três da manhã. Que tal um café da manhã antecipado? — Adoraria.

Outro avião passou, barulhento, bem por cima deles.

— Três palpites que expliquem por que este lago é deserto — brincou ela.

— Após algum tempo não se notam mais os aviões — disse, levantando-se e indo até o fogão. — Temos ovos e torradas.

— Brioche? — Sinto muito. Pão de forma.

Ele se ajoelhou, acendeu a lenha do fogão e ficou observando até o fogo pegar.

— Tem de esperar um pouco — disse. — Pronto, aí está — exclamou, satisfeito.

— Está frio aqui — disse ela. Claire levantou-se e vestiu uma das camisas dele, de flanela xadrez.

— Boa ideia — disse ele, enfiando a calça jeans e uma camiseta. Depois voltou para o fogão, pôs quatro fatias de pão na grelha e uma colherada de manteiga na frigideira.

Os ovos estalaram e fritaram, e encheram o ar da cabana dos cheiros mais maravilhosos que há.

— Onde é que você toma banho por aqui? — Adivinha.

— Naquele lago gelado? Ele balançou a cabeça. Depois, subitamente, virou-se para ela.

— Claire.

— O quê? — Está ouvindo alguma coisa? — Não me diga que você também tem animais por aqui! — Psiu! Preste atenção.

— O que você está fazendo? — murmurou ela quando ele foi até a porta e começou lentamente a abri-la. — Tom? — Psiu — ele olhou em todas as direções e sacudiu a cabeça. — Pensei que tinha ouvido alguma coisa.

Ele enfiou um par de Reeboks todo maltratado que ela nunca vira antes, e saiu. Claire foi atrás.

Tom parou e olhou para o céu. Claire conseguiu distinguir um barulho que vinha de cima e que não soava como um avião comum: um zumbido, agudo e insistente, que ia aumentando. Nessa mesma hora, um outro barulho foi se tornando cada vez mais distinto: o tuác-tuác característico das pás do motor de um helicóptero. Tom continuou olhando para cima.

— Devia haver um transmissor escondido no Lexus — disse ele.

— Mas eu fiz a verificação que você me disse para fazer! Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não devia ter deixado você vir. Mesmo deixando o Lexus a alguns quilômetros de distância. Esses transmissores ficaram mais sofisticados desde o meu tempo no Exército — você não poderia ter descoberto nada. Os aviões que ouvimos deviam ser pequenos monomotores...

De repente, de algum ponto no solo, veio uma série de explosões que pareciam fogos de artifício.

— Oh, meu Deus, Tom, o que é isso? — Minhas armadilhas. Entre! — O quê? O tuác-tuác das pás do helicóptero foi ficando mais e mais alto à medida que o aparelho se aproximava, e depois parou diretamente em cima deles. De repente um fecho de luz tão claro que chegava a ser ofuscante veio do céu. Claire levantou os olhos. Uma luz brilhante, vinda do helicóptero, iluminou toda a área. Ela piscou, tentando se acostumar com aquela claridade súbita.

-Entre! — gritou Tom, e por fim Claire virou-se rapidamente e saiu correndo de volta para a cabana, com ele no seu encalço.

Tom fechou a porta e agarrou-a.

— Deita no chão! — Tom...? — Agora! Ela arriou e achatou o corpo no piso rústico de madeira.

— Montei armadilhas por toda a parte. Funcionavam com arames de tração amarrados nas árvores. Nunca esperaram uma coisa dessas. Meu sistema primitivo de alarme contra ladrões.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, uma voz amplificada trovejou, vinda do céu: "Agentes federais! Saia e largue todas as armas! " — Tom, o que é que nós vamos fazer? — exclamou ela, a voz abafada pelas tábuas do chão.

Ele não respondeu. Estava procurando qualquer coisa.

— Tom? — Eles não vão invadir isso aqui, com você ao meu lado. Conseguiram nos cercar, mas não vão chegar mais perto.

— Tom, o que é que nós vamos fazer? — repetiu ela, desesperada.

— Deixa comigo, Claire.

Ela virou-se para vê-lo olhando pela janela através do visor da caixa oblonga. Parecia estar apontando a coisa para o céu.

— Tom, o que é que você está fazendo? — Isto é um telêmetro a laser de um carro de combate. Velho truque do pessoal de Forças Especiais.

— Onde diabos você conseguiu isso? — ela virou a cabeça para poder enxergar por uma das janelas.

A voz amplificada estrondou: "Nós somos o serviço de agentes de justiça federal. Temos um mandado para efetuar sua prisão. Saia pacificamente e ninguém será ferido." — Em um depósito de excedentes do Exército, em Albany — respondeu Tom. — Mil pratas. Vou usar o laser para cegar temporariamente o piloto. Um truque velho. Mas não temos chance. Aquele é o posto de vigilância deles no céu. Preciso cuidar primeiro dele.

"Saia com as mãos para cima." Ele apertou um botão na caixa.

— Peguei ele.

Ela olhou para o helicóptero, tendo a impressão de que o barulho das pás ficara subitamente mais forte. O aparelho pareceu mergulhar, inclinado para um lado. Depois, tão abruptamente quanto aparecera, sumiu, levando consigo as luzes fortes.

A cabana voltou à escuridão, o barulho diminuiu tanto que quase se fez silêncio.

— Peguei o piloto com o laser. Ele ficou impossibilitado de enxergar, provavelmente se apavorou. O co-piloto deve ter assumido a aeronave. Mas não são idiotas. Vão voltar, com toda a certeza. Isso nos deixa só com os nossos amigos que estão aí fora, mas eles vão se assustar um pouco.

— Eles parecem estar a cinquenta metros de distância — disse ela.

Outra voz foi ouvida, vindo da parte da frente da cabana, também amplificada, monótona e soando maquinal. "Vocês estão cercados. Saiam com as mãos para cima." — Fique aí deitada, Claire.

Ela virou a cabeça para olhar para fora. Ele estava de pé na sombra, espiando pela janela aberta.

— E agora? — perguntou ela.

— Eu tomo conta disso. O comportamento padrão deles numa hora dessas é negociar. Vamos deixar que falem.

— Vocês têm dez segundos — disse a voz, alta, vagarosa e deliberada. — Saiam pacificamente e ninguém será ferido. Vocês não têm escolha. Nós os cercamos. Vocês têm dez segundos.

— Jesus, Tom, o que é que nós estamos fazendo? — Eles não vão atirar em nós.

— Três segundos. Saiam agora ou abrimos fogo.

— Tom! — Eles estão blefando.

De repente houve uma série de tiros abafados. Aterrorizada, Claire levantou-se, ficou de cócoras, agachou-se e espiou para fora por uma das janelas abertas, e viu que diversos objetos tinham sido disparados contra eles.

— Granadas — disse Tom, baixinho.

— Oh, meu Deus! — gritou ela.

Claire viu que cada granada emitia uma fina nuvem de fumaça.

— Gás! — disse Tom. — Nada de explosivos. Gás incapacitante. Que merda.

E de repente Claire sentiu-se sonolenta, incontrolável e profundamente exausta, e tudo escureceu.

PARTE DOIS

BASE DOS FUZILEIROS, QUANTICO, VIRGÍNIA.

O PORTÃO, FEITO DE BARRAS DE AÇO PINTADAS com o cinzento institucional da Marinha, deslizou devagar, eletronicamente. O fuzileiro da guarda tomou a posição de sentido. O piso era revestido de linóleo verde-claro, aplicado diretamente sobre concreto; o corredor ecoou quando ela andou. O portão fechou às suas costas, enchendo-a de terror. Um sinal vermelho pintado na parede dizia ALA B. As paredes de concreto oco naquela parte do presídio de Quantico, Alojamento Especial Um, eram pintadas de branco. Naquela ala eram encarcerados estupradores violentos e assassinos. Havia câmeras de segurança por toda parte. Seu acompanhante, o capitão-de-fragata de serviço no presídio, levou-a até uma porta marcada BLOCO DE CELAS B e a manteve aberta. Eram oito e meia da manhã., Outro guarda tomou a posição de sentido, num movimento brusco. Ela foi levada a uma sala de visitas com janelas, bem ao lado do bloco de selas, onde seu acompanhante lhe indicou uma cadeira azul em uma mesa de reuniões de madeira. Ela sentou-se e esperou no frio.

Poucos minutos mais tarde um crepitar e retinir de correntes anunciou a chegada dele.

Flanqueado por dois guardas enormes, Tom parou diante dela nu, a não ser pelas cuecas cinzentas do uniforme. Ele estava de algemas, tinha correntes nas pernas e uma outra na cintura, de ligação. Tinham raspado sua cabeça à navalha. Ele estava tremendo.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Obrigado por ter vindo — disse ele.

Ela começou a chorar.

Claire levantou-se.

— Que história é essa? — ela gritou com um dos guardas, que a olhou impassível. — Onde estão as roupas dele? — Medidas contra suicídio, senhora — explicou um dos guardas.

— Quero ele vestido imediatamente! — Esse pedido tem de ser feito ao oficial de serviço, senhora — disse o outro guarda.

— Vá falar com ele agora. Este homem tem seus direitos — disse Claire.

TROUXERAM TOM DE VOLTA vestindo um macacão azul-claro da prisão. Continuava preso como antes, o que o forçou a dar uns passos miúdos, acompanhados do barulho estridente das correntes para se aproximar dela. Ainda chorando, ela o abraçou. Com as mãos algemadas, ele não pôde abraçá-la.

— Quero que tirem as algemas — disse ela.

— Só uma das mãos pode ser liberada, senhora — disse um guarda. — Ordem do oficial de serviço.

Tom sentou-se à mesa de reuniões diante de Claire. Um guarda ficou vigiando do lado de fora. Uma câmera de segurança tinha sido montada num canto da sala, no ponto onde a parede encontrava o teto. Guardas os observavam através de uma parede de vidro.

Eles ficaram em silêncio por um momento. Ele usava um crachá de identificação cor de canela, com uma minúscula foto manchada em preto e branco, seu nome — Ronald M. Kubik — número do Seguro Social e a data do confinamento, que era naquele dia. Uma faixa preta presa no crachá dizia DETIDO. Uma outra, vermelha, dizia MAX, significando segurança máxima.

— É tudo minha culpa — disse Claire.

— O que é culpa sua? — Isto — ela fez um gesto amplo indicando tudo que os cercava. — Tudo isso. Você sabe — o carro.

— Você nunca teria encontrado o transmissor. A culpa foi minha, Claire. Eu não deveria ter deixado você chegar perto do lago.

— Eles não perdem tempo — disse Claire.

Ele balançou a cabeça.

— Você agora está no Exército — disse ela.

Tom balançou a cabeça de novo. Estendeu a mão livre por cima da mesa e segurou a dela.

— Não é piada — disse ela. — Você foi incorporado a uma companhia de comando e serviço, no papel, pelo menos. Depois de

treze anos eles o puseram de novo no serviço ativo. A boa notícia é que você faz novamente jus a um soldo.

Claire exibiu um sorriso falso.

— Como está minha garotinha? — perguntou Tom.

— Está bem. Sente a sua falta. Eu me despedi dela com um beijo hoje de manhã. Jackie a levou para a escola. Último dia. Fim do ano letivo.

— Meio cedo para Jackie, não acha? — ele deu um sorriso melancólico.

— A gente sempre pode contar com ela. Peguei o primeiro voo graças a uma dose reforçada de Logan. Estou rodando de tanque vazio, basicamente por conta dos resíduos.

— Vai voltar para Boston hoje?

— Provavelmente não.

— Onde está hospedada?

— Por ora, num Quality Inn em frente aos portões de Quantico.

— De que estão me acusando? Ocorreu-lhe pela primeira vez que Tom fora mantido totalmente no escuro. Tinham-no trazido diretamente para a base dos Fuzileiros em um dos DC-9 dos agentes de justiça federais — "Con Air", era como chamavam sua frota — e o jogaram em uma cela. Depois tiraram toda a sua roupa, confiscaram o que tinha, colheram suas digitais, o fotografaram e deram um corte regulamentar no seu cabelo. Jogaram-no na cela 3, Bloco B, usando apenas a cueca de dotação do Exército. Não explicaram nada. Tudo que os agentes federais disseram a ela foi que eles tinham sido submetidos a um novo e sofisticado agente incapacitante, uma fórmula desenvolvida após Os fiascos do FBI em Waco e Ruby Ridge. As granadas queimavam uma fórmula que continha um antídoto embutido, de modo que, na mesma hora em que os dois desmaiaram, um agente químico começou imediatamente a despertá-los.

Dentro de uma hora ambos estavam acordados, embora vacilantes e nauseados.

Ameaçaram-na com todos os tipos de acusações: tinham ficado furiosos com sua fuga e, a princípio, recusaram-se a deixar

que visse Tom. No fim, contudo, os homens do FBI cederam. Claire tinha o direito de ver o marido; simples assim. No dia seguinte ela pegou um avião até Washington, alugou um carro no aeroporto e foi parar na Virginia.

— Não sei. Oficialmente você não foi acusado. Eles não têm de que acusá-lo ainda. É um sistema qualquer militar.

— Eles me fizeram assinar uma ordem de confinamento. Ela fez uma careta.

— Não assine nada.

— Era só para eu reconhecer que a tinha lido.

— O que dizia?

— Só a "natureza da ofensa".

— Que é?

— Deserção. Nada mais. Artigo 85 do Código de Justiça Militar. Acho que isso é antigo, do tempo em que desapareci.

Ela aquiesceu.

— Vem mais por aí. Eles leram seus direitos?

— Leram.

— Droga. Agora precisamos encontrar um advogado para você.

— Que tal você?

— Eu? Que diabos eu sei de justiça militar?

— Eles vão designar um advogado militar para mim automaticamente. Ele vai conhecer todo o direito militar.

Claire sacudiu a cabeça devagar.

— Temos de encontrar um advogado de fora que realmente saiba o que está fazendo. Além de quem eles designarem para defender você.

— Como?

— Eu encontro alguém. Não se preocupe.

— Claire, você não percebe o que está acontecendo aqui?

Você não vê o que estão planejando fazer comigo? Eles vão me levar à corte marcial. Uma porra de uma corte simulada caracterizada pela desonestidade e incompetência, que provavelmente vai funcionar em regime de sigilo absoluto. Vão me julgar culpado e depois vão me trancafiar em Leavenworth ou talvez em alguma instalação do

Pentágono da qual nunca tenhamos ouvido falar, pelo resto da minha vida. Que não será longa porque em breve vão me descobrir morto na cela, presumivelmente por suicídio.

Bateram na porta.

— Você viu minha cela, Claire?

— Dá para ver daqui... O guarda entrou.

— Tempo — disse ele.

— Ainda não terminamos — contrapôs Claire.

— Sinto muito — ordens do comandante.

Tom apontou com a mão livre. Pela porta aberta ela pôde ver sua cela, um colchão verde sobre uma armação de metal e uma unidade de toailete-pia de aço.

— Claire — disse Tom. — Eu preciso de você.

DESESPERADA, FURIOSA E, ACIMA DE TUDO, CONFUSA, Claire deixou-se ficar sentada no carro alugado por longo tempo depois de sair da prisão. Sentia-se perdida e impotente e não sabia a quem recorrer. Finalmente pegou o telefone celular e ligou para um velho amigo.

Arthur Iselin. importante advogado de Washington. antigo chefe e amigo de confiança de Claire. concordou em encontrar-se com ela para um almoço no Hay-Adams.

Iselin era sócio de um dos maiores e mais poderosos escritórios de Washington. Ao sair da faculdade, Claire trabalhara para ele, que nesse tempo era procurador-geral.

Iselin era, e continuava a ser, um dos homens mais sábios que ela conhecia.

Sem perguntar, o garçom trouxe para ele o pedido de sempre, uma omelete de fazendeiro com biscoitos quentíssimos em que ele passou bastante manteiga. Não era um fanático por saúde, Iselin. Numa mesa próxima, o chefe do estado-maior da Casa Branca almoçava com um senador republicano; o advogado, que conhecia ambos, cumprimentou-os com um gesto de cabeça.

Iselin tinha olhos cinzentos bem espaçados, com olheiras marcadas e uma boca grande com lábios grossos, sendo que o de baixo parecia ser fendido.

— Você sabe, há um velho ditado — disse ele — que diz que a justiça militar está para a justiça assim como...

— A música militar está para a música — concluiu Claire. -Eu sei, eu sei. Mas achei que tivesse havido uma grande melhora desde o Vietnã.

— Na verdade, desde a corte marcial em que Calley foi condenado. Quando eu estava no Exército todo mundo costumava me dizer que o sistema militar é muito superior ao nosso sistema civil porque pelo menos é levado a sério. Mas nunca acreditei nisso. E ainda não acredito. O que eu penso é que se os militares quiserem prender alguém e jogar a chave da cela fora, podem. E eu não tenho dúvidas de que querem fazer isso com o seu marido.

— Provavelmente é verdade — concedeu Claire.

— E se você me disser que ele é inocente, ele é inocente. — Muito obrigada.

— É claro que para mim isso é fácil de dizer. Depois do almoço volto para o meu escritório e o meu trabalho. Já você, sua vida nunca mais será a mesma.

— Certo — ela mordiscou um pouco de salada. Desde a prisão que não tinha fome.

— A primeira decisão que você terá de tomar, e é uma grande decisão, é se deve ou não tornar este caso público. A história de Tom, por si só, vale uma manchete. Se o Pentágono for em frente e processá-lo, a notícia vai para a primeira página.

— Por que eu não haveria de querer tornar público o caso? — Porque é um ás escondido na sua manga. Atualmente o Pentágono tem pavor da opinião pública. Levar algo ao conhecimento do público é uma ameaça poderosa. Use-a quando tiver de fazê-lo. Por ora, eu manteria tudo absolutamente secreto.

Ela aquiesceu.

— Vou lhe dizer mais uma coisa. Se você deixar vazar a notícia, mesmo que ele seja absolvido, será conhecido sempre como um assassino em massa. Sua família será destruída. Eu não faria isso, se pudesse escolher.

— Faz sentido.

— Parece que você já decidiu não se envolver como advogada. Ela deu de ombros.

— Eu reconsideraria. Você é a última pessoa que eles querem ver atuando nesse caso. Para os militares, advogados civis são imprevisíveis. Com advogados civis envolvidos, logo a seguir vem o que os militares detestam, uma CPI — Comissão Parlamentar de Inquérito. E você, acima de todos os demais — Claire Heller Chapman, a grande e assustadora celebridade da Faculdade de Direito de Harvard — os matará de medo. Farão xixi nas calças. Você realmente devia trabalhar na defesa de seu marido.

Ele olhou para ela, avaliou sua expressão circunspecta e depois mastigou alegremente um biscoito.

— Não sendo este o caso, recorra a isso.

Ele escorregou uma folha de papel com uma lista de nomes impressos por cima da mesa.

— Advogados civis que fazem direito militar.

— Correto. Você notará que não é uma lista muito comprida. Bons criminalistas civis que não apenas praticam o direito militar mas que também se especializam nele, não devem ser mais que um punhado no país. Você vai querer alguém que resida e trabalhe na região de Virginia, o que reduz a lista mais ainda. Dos que restam, todos serviram no JAG, Judge Advocate General Corps. Serviço jurídico de uma das forças militares.

— Eu sei o que quer dizer JAG.

— Ótimo. Você entende, os militares falam uma linguagem diferente, e quanto mais cedo você aprende, melhor. Não que haja muitos advogados civis decentes especializados em direito militar. As alternativas são poucas.

Ela examinou a lista, desanimada.

— É um jeito difícil de ganhar a vida — continuou Iselin. — Antigamente, quando o serviço militar era obrigatório, havia garotos ricos, filhinhos do papai, cujas famílias estavam dispostas a pagar fortunas por um bom advogado civil. Nas novas forças armadas, não há mais tanta gente em condições de reunir um bom dinheiro para pagar um profissional à altura. Se fosse comigo, eu escolhia um cara chamado Grimes. Advoga sozinho em Manassas.

— Por quê? — Porque é inteligente como o demônio e conhece os detalhes da justiça militar melhor do que ninguém. Mas acima de tudo porque ele odeia os militares com a fúria de quem quer se vingar. Você precisa de alguém assim, uma pessoa com fogo nas entranhas. Porque você tem em mãos um caso realmente difícil, e vai precisar de um lutador.

Ela leu as informações sobre Grimes.

— Ele integrou o JAG do Exército e odeia os militares. Por quê? — Oh, porque obrigaram-no a se aposentar há uns cinco ou seis anos.

— Por quê? — Não sei. Um escândalo, ou algo assim. Ele é negro, e eu acho que foi racismo. Pergunte a ele. O que interessa é que ele adora uma briga e é obcecado com a ideia de vencê-los em seu próprio jogo.

— Mas deve haver algum sócio de uma firma de Washington que seja bem-sucedido e que tenha pertencido ao JAG do Exército.

— Claro. Há um sócio de uma das grandes firmas de advogados. Mas não serve.

— Não serve? — Não mesmo. Ele é como eu -cheio de coisas para fazer, sem tempo para nada, passando tudo para o sócio. Você quer alguém que conheça o sistema por dentro e por fora e que ainda tenha tempo disponível para este caso, porque vai ser um grande consumidor de tempo. Vão acusar seu marido de homicídio, conte com isso. Assassinatos em massa, ou seja lá como for que o Exército chame isso.

Ele deu uma espiada em Claire por cima da xícara de café.

— Embora eu achasse que o Exército estivesse exatamente no ramo dos homicídios em massa.

— Sabe de alguém que tenha uma casa para alugar? — Casa? — Preferencialmente mobiliada. Isto vai ser uma longa jornada.

QUANDO VOLTOU PARA O SEU QUARTO NO QUALITY INN, do outro lado do portão de Quantico, ficou surpresa de não encontrar a cama desfeita para a noite. Ao telefonar para a gerência para saber o que acontecera, disseram-lhe que um aviso de NÃO PERTURBE ficara pendurado na maçaneta da porta a maior parte da tarde. Claire sabia que não pusera o aviso. Aquilo fez com que verificasse

sua mala; sem dúvida nenhuma, o zíper estava alinhado de forma diferente da que deixara.

Mergulhou na cama arrumada mesmo e, mais deprimida do que assustada, começou a dar telefonemas.

— PUXA VIDA, É UMA VERDADEIRA HONRA conhecer a senhora — disse o jovem oficial. Era o capitão Terrence Embry, tinha vinte e sete anos de idade, e era o advogado designado pelos militares para a defesa de Tom. (Claire ainda não conseguia forçar-se a chamar seu marido de Ronald. Não conseguia pensar nele a não ser como Tom.) Ela sorriu, balançou polidamente a cabeça e misturou um creme sem leite no café. Era cedo e estavam se encontrando para o café da manhã no McDonald's da base.

Convite dele: ligou para o Quality Inn na noite anterior, disse que acabara de ser nomeado para o caso e quis saber se queria encontrá-lo.

— Quer dizer, nós estudamos o seu livro *O crime e a lei* na minha classe de direito penal — continuou ele. — Sinto muito pelas circunstâncias...

Ele não conseguiu prosseguir, e o rosto, muito vermelho, baixou os olhos para seu Egg McMuffin.

Terry Embry tinha o cabelo meio ruivo, cortado curto no estilo que ela estava começando a reconhecer como sendo o regulamentar do Exército, orelhas grandes e proeminentes, olhos azuis-claros e nervosos. Corava com facilidade. Tinha dedos longos e finos, e um aperto de mão seco e firme. Na mão esquerda, destacava-se uma aliança de ouro larga e muito brilhante, evidentemente nova em folha. Na mão direita, usava um pesado anel de West Point, no topo do qual fora montada uma estrela preta de safira sintética. Formara-se em West Point, explicou, depois fora mandado pelo Exército para a Escola de Direito da Universidade de Virginia e, em seguida, para a escola do serviço jurídico do Exército, o JAG, em Charlottesville. Era um rapaz inteligente, Claire viu de imediato, e quase que totalmente inexperiente.

O apetite dela ainda não retornara. Tomou um gole de café.

— Importa-se se eu fumar, capitão Embry?

Os olhos de Embry dilataram-se e ele olhou em torno, ansioso.

— Não, senhora...

— Não se preocupe, estamos na seção de fumantes — disse ela, abrindo um maço de Camel Lights. Pegou um cigarro e acendeu com um isqueiro Bic de plástico. Sentia raiva de si própria por estar fumando de novo — por comprar um maço e não só filar de Jackie -, mas não podia evitar.

Claire exalou a fumaça. Havia poucas coisas mais desagradáveis do que fumar no café da manhã.

— Diga-me uma coisa, Capitão.— Terry.

— Está bem, Terry. Diga-me uma coisa. Você já trabalhou em algum julgamento? Ele ficou vermelho de novo. Nem precisava responder.

— Bem, senhora, já fiz um bom número de acordos em que o acusado colaborou, ausências sem autorização, esse tipo de coisa...

— Mas você realmente nunca atuou num julgamento.

— Não, senhora — respondeu ele, serenamente.

— Compreendo. E já designaram o promotor? Ou ainda é cedo demais? — Bem, na verdade é cedo. Mas eles já escalaram alguém, o que me diz que provavelmente estão planejando uma corte marcial.

Ela sorriu melancolicamente.

— Que surpresa. E quem foi que designaram? — O major Waldron, senhora. Major Lucas Waldron. Terry deu uma boa mordida no seu Egg McMuffin.

— Ele é bom, você por acaso sabe se ele é bom? Os olhos dele arregalaram-se. Ele acelerou a mastigação, tentou falar com a boca cheia de comida, mas decidiu-se por um vigoroso aceno de cabeça.

— Desculpe, senhora — disse por fim. — O major Waldron... sim, senhora, ele é bom. Muito bom. Provavelmente é o melhor que há.

— É mesmo? — disse ela, sem a menor surpresa.

— Bem, ele é um pouco casca-grossa, senhora, se não se importa que eu diga. É o advogado mais experiente do Corpo Jurídico. Um cara realmente agressivo. E com um histórico perfeito.

Ninguém jamais foi absolvido em um julgamento em que ele tenha atuado na acusação.

— Com isso não se deve supor que ele só trabalha em casos fáceis, a fim de manter seu histórico perfeito, não? — Não que eu saiba, senhora. Ele é realmente bom.

— Estão fazendo do meu marido um bode expiatório.

— Sim, senhora — concordou Terry, polidamente.

— Quando você ler os documentos que lhe deram, vai ver isso. É uma conspiração. Conseguir enfrentar uma conspiração? — Se for verdade, sim, senhora, eu consigo.

— Não será bom para sua carreira, Terry, desmascarar uma farsa dentro das forças armadas, será? — Senhora, não sei o que será bom para minha carreira.

— Chega com esse "senhora", OK? — Desculpe.

— Terry, é bom que você saiba que vou contratar um advogado civil.

Ele examinou seu Egg McMuffin.

— Certamente que estará no seu direito... Claire. Gostaria que eu sáísse do caso? — Não.

— Bem, um de nós terá de ser o advogado associado — disse ele. Quando Claire não respondeu, ele disse: — Suponho que serei eu. O que está ótimo.

— Me diz uma coisa, Terry. Por que acha que você, um completo novato, foi designado para este caso, contra o major Waldron, o melhor advogado do Exército? Alguma ideia, Terry? — Não tenho ideia — admitiu ele, com uma candura que a desarmou —, mas não parece bom para o nosso lado, parece? Ela pigarreou.

— Você não se apresentou como voluntário para este caso, se apresentou? — Não é assim que as coisas se passam nas Forças Armadas. Você vai aonde eles mandam você ir.

— Você não preferia estar trabalhando na promotoria? — Este caso? — ele ficou vermelho. — Pelo jeito da coisa, está me parecendo uma bola que vem devagar, sem efeito, na posição exata, esperando para levar uma batida tão forte que será lançada fora do estádio.

— E o batedor será o major Waldron.

— Só pelo que ouvi falar até agora, mas ainda não comecei a trabalhar.

— Você escolheu trabalhar na defesa, Terry, ou eles o designaram?

— Fui designado, quer dizer, todo mundo na escola do JAG quer trabalhar na promotoria e não na defensoria, sabe? Defender bandidos não é exatamente um bilhete que beneficie a carreira.

Os olhos de Claire faiscaram. — Quero que saiba de uma coisa, Terry — disse, friamente. Exalou um penacho de fumaça como se fosse um dragão, ou talvez, uma mulher fatal. — Meu marido não é bandido.

— Bem, então, de qualquer maneira você devia dar uma olhada nisto — ele retirou alguns documentos de uma pasta e, sem olhar para eles, entregou a Claire um maço de folhas grampeadas.

— O que é isto?

— A acusação. Eles trabalham depressa. Artigo 85, deserção. Artigo 90, agredir ou desobedecer conscientemente militar com patente de oficial. Artigo 118, assassinato de primeiro grau. Oitenta e sete assassinatos.

Ele levantou os olhos para Claire e sacudiu a cabeça.

Pela primeira vez a seriedade e a finalidade de tudo aquilo a atingiram. Estavam realmente a fim de pegar Tom. Ele podia mesmo ser executado. Os militares ainda tinham a pena de morte.

Ela precisava enfrentar aquilo.

— Acho que acabo de mudar de ideia — disse ela, firmemente. — O que diabos preciso fazer para ajudar a defender meu marido? A VINTE MINUTOS DE QUANTICO, ao longo da estrada de duas pistas de Dumfries, em Manassas, Virginia, Claire parou o belo Oldsmobile alugado no acostamento e, mais uma vez, inspecionou o número das casas. O número estava certo, tinha de estar. Era precisamente o mesmo que aparecia na listinha que Arthur Iselin lhe dera, e nem Arthur nem sua secretária cometiam erros. Ademais, ela falara com o advogado pelo telefone e anotara o endereço que ele lhe dera. Era impossível que tivesse anotado o endereço errado.

Mas aquilo não podia ser o escritório dele.

Era uma casinha de tábuas amarelas, quase uma casa de bonecas, de tão pequena. Casa, não edifício de salas comerciais. Ainda por cima, era uma casa saída da peça Tobacco Road; só faltava um caminhão de nabos e talvez um chassi de carro em cima de blocos de cimento. Aquilo não podia ser o escritório de Charles O. Grimes III.

Depois de passar três ou quatro vezes pela casa, Claire finalmente virou na entrada da garagem, saltou e tocou a campainha.

Após alguns minutos bem longos a porta foi aberta. Um negro elegante, mais perto dos cinquenta que dos quarenta anos, cabelo começando a ficar grisalho, bigode com fios brancos e olhos grandes e divertidos, encarou-a por um tempo desconcertantemente longo.

— Errou o caminho, professora? Eu a vi passar umas quatro vezes aí em frente.

— Pensei que tinha anotado o endereço errado.

— Vamos entrar, Charles — ele estendeu a mão.

— Claire.

— Deixe-me adivinhar — disse ele, conduzindo-a numa sala pequena e atravancada, dominada por um aparelho de televisão imenso —, você está se perguntando, por que esse cara trabalha no cafofo em que trabalha, certo? Claire, seguindo-o por uma porta que dava num escritório com as paredes revestidas de lambri imitando madeira, não respondeu.

— Sabe como é, professora, eu tinha uma mulher que não ficou muito satisfeita quando comecei a bolinar minha secretária, que de qualquer modo nunca foi mesmo grande coisa como secretária, e que não é mais minha secretária. Na verdade, nem sei por onde anda agora. Bem, assim, a minha mulher me abandona, me assalta para pegar a pensão das crianças, tira todo o meu dinheiro, e olha só para mim agora. Eu tinha um Jaguar. um Jag. Um cara da JAG com um Jag. Agora tenho um Mercedes de terceira mão enferrujado.

Ele arriou na cadeira de sua mesa de trabalho. um troço barato estofado em plástico cor de laranja, e entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— Sente-se. Seja bem-vinda a Grimes & Associados.

Ela levantou uma pilha de papéis da outra— e única-cadeira, e sentou-se. Aquele era o escritório mais feio que já vira na sua vida. O chão era coberto em toda a extensão por um tapete cor de laranja. Havia pilhas de papéis por toda a parte, umas dentro de caixas de papelão, outras em precárias torres espalhadas no chão ou amontoadas na parte de cima de arquivos bege e de aparência frágil com quatro gavetas. A um canto do aposento, um ventilador portátil fazia companhia a um polidor de sapatos vermelho e preto. Nas paredes havia poucos diplomas, que ela não conseguiu ler. Em cima de um dos arquivos, havia uma porção de troféus de boliche. Em uma placa imitando madeira antiga, presa na parede, em letras também antigas, Claire leu o anúncio: "ADVOGADO DA ROÇA DEVIDAMENTE QUALIFICADO E HONESTO ao seu serviço — Testamentos — Ações — Disputas — Fianças — Patentes — Consultas a partir de 25¢ — Seu Advogado é Seu Amigo."

Pendurada na parte de baixo dessa placa, havia uma outra, um retângulo de madeira: "C.O.GRIMES III, ESQ."

— Grimes & Associados? — perguntou Claire. — Você tem sócios?

— Planejo ter um dia. Um homem pode sonhar, não pode? Um forte cheiro de naftalina despreendeu-se do seu pulôver de poliéster estilo anos setenta, uma confusão psicodélica de marrom, laranja e amarelo.

— Olha — disse ela —, não me leve a mal. Você foi altamente recomendado. Por nada mais nada menos que Arthur Iselin. — Como vai Artie? — Ótimo. Ele diz que você é uma estrela no campo do direito militar. Presumo que isso queira dizer que você ganhou uma porção de casos. Que é bem-sucedido. Agora, no meu mundo, se você é uma grande estrela...

— Um sujeito importante de verdade tem um escritório de esquina num arranha-céu. se a estou entendendo direito.

— Exato.

— Bem, alguns dos caras do meu ramo chegaram nesse ponto, mas quase todos praticam também outras especialidades, como direito corporativo, grandes crimes ou seja o que for. No meu

caso, reforço o orçamento trabalhando com acidentes pessoais e seguros. Não, não sou uma grande celebridade de Harvard, mas você não estaria aqui se não tivesse falado com outros advogados e verificado meu histórico, e se fez isso sabe que gosto de ganhar meus casos. Nem sempre ganho, mas me esforço... e muito.

— Por que deixou as Forças Armadas? Grimes hesitou por uma fração de segundo.

— Me aposentei.

— Por quê?

— Fiquei cansado daquilo — respondeu ele, com uma nota de irritação aparecendo agora em sua voz. — Foi o que aconteceu. Você se importa agora que eu lhe faça umas perguntas?

— Vá em frente.

— Arthur me telefonou. Já sei qual é o quadro geral. Parece que você está metida numa encrenca feia. Seu marido já foi acusado? Ela passou o documento às mãos de Grimes. Ele deu uma olhada, levantou as sobrancelhas aqui e ali, cantarolou com a boca fechada. Lá pela segunda página, o cantarolar ficou mais alto e subiu uma oitava.

— Alguém aqui andou sendo um mau menino — disse ele.

— É melhor que você esteja brincando.

— Claro que ele não fez nada disso — disse Grimes, com os olhos brilhando. — Gosto de dizer que meus clientes são inocentes. Se não fossem, se confessariam culpados.

Claire conteve seu aborrecimento.

— Ele é desertor? Não há dúvida que sim. Mas não é um assassino em massa. Tentaram fazer com que ele assumisse a culpa desse massacre ocorrido há treze anos, e ele foi bastante esperto para escapar de suas garras. O general William Marks -é isso mesmo, o general Marks, de quatro estrelas, Chefe do Estado-Maior do Exército — comandou o pelotão em 1985, quando era coronel. O destacamento das Forças Especiais foi mandado a El Salvador para se vingar do assassinato de alguns fuzileiros. O general Marks em pessoa mandou que matassem oitenta e sete civis, por uma única razão: vingança a sangue-frio. Tom não tomou parte — nem estava lá.

Grimes aquiesceu, sem tirar os olhos dela.

— O general Marks ordenou e supervisionou uma operação para mascarar o que houve e tentou responsabilizar meu marido pelo acontecido. Assim, quem quer que assuma este caso, vai ter de desmascará-lo e expor o que tentou fazer. Porque eu vou atacar todo esse sistema corrupto. Todo esse maldito sistema militar...

— Oh, não, não vai não — interrompeu Grimes. — De jeito nenhum. Seria cometer um erro palmar. Tire isso de sua cabeça, irmãzinha. Você vai seguir as regras do jogo. Pode jogar duro, ser agressiva, mas o jogo é deles. Porra, eles estão jogando em casa! O estádio é deles. Minha senhora, permita que eu lhe diga uma coisa. Todo civil que entrou em uma corte marcial e tentou atacar os alicerces dos militares, saiu perdendo. Sem exceções. Os militares são uma fraternidade fechada e rigorosa, levada extremamente a sério. A justiça militar é um negócio seriíssimo. Você vai se surpreender ao constatar como é parecida com o sistema judiciário civil — foi feita desse modo. Modelada segundo o sistema de justiça criminal dos Estados Unidos. Praticamente os mesmos direitos. Quer defender seu marido? Demonstre que as acusações não procedem, exatamente como em um tribunal comum. Se achar que houve uma encenação, vá atrás do general Marks. Vá atrás do general Patton, do MacArthur e até da porra do general Eisenhower, se quiser. Mas não ataque o sistema. Agora, você sabe que estou louco por este caso, mas não vou mentir. Se me contratar, vai contratar uma pessoa que joga pelas regras deles. Eu jogo duro, mas jogo o jogo deles. Acontece que jogo melhor que eles.

Claire balançou a cabeça e sorriu.

— Já lhe destinaram um advogado de defesa? — perguntou Grimes.

— Já. Um garoto chamado Terry Embry, recém-saído da faculdade.

— Hmm. Nunca ouvi falar. Que tal?

— Totalmente verde. Inteligente. Bem-intencionado, acho eu. Bom garoto. Mas cheira a universidade.

— Nós todos temos que começar de algum ponto. Por que o Pentágono haveria de lhe dar o seu melhor advogado? E o advogado

do julgamento? É como eles chamam o promotor. Já foi designado?

— Lucas Waldron.

Grimes recostou-se na cadeira e deu uma gargalhada. Riu tanto e tão alto que teve um acesso de tosse.

— Lucas Waldron? — perguntou, engasgado.

— Evidentemente você já ouviu falar dele.

Grimes só pôde falar quando finalmente parou de tossir.

— Ah, sim, já ouvi falar dele. É um filho da puta totalmente insensível.

— Você alguma vez atuou contra ele?

— Algumas vezes. Consegui sentenças leves do júri, mas jamais ganhei um caso contra ele. Mas o que não estou entendendo é por que estão se dando ao trabalho de mandar seu marido a julgamento.

— O que mais poderiam ter feito? Quer dizer, legalmente?

— Puxa vida, cara, podiam fazer coisa muito pior. Podiam mandar que três psiquiatras do Exército o declarassem louco. Em seguida o trancavam em algum hospício do Governo e jogavam a chave fora. Eu realmente não entendo por que resolveram seguir a rota da corte marcial.

— Pode ser que tenha sido por minha causa. Preferiram fazer tudo pelos regulamentos.

Ele aquiesceu, lentamente.

— Talvez. Ainda assim, não faz sentido.

— Você vai ser advogado auxiliar. Se eu contratá-lo.

— Auxiliar de quem? Do feto?

— De mim. Ele será o número três, se eu o mantiver. Não sei se posso confiar em alguém do Exército.

— Nada disso, você vai querer ficar com o advogado de defesa designado. Ele tem o poder de mandar que testemunhas militares compareçam para ser entrevistadas; nós, não. Além do mais, precisamos dele para nos livrar de todos os embaraços burocráticos. Acredite em mim, o Exército tem regulamento para tudo, inclusive de como limpar o rabo.

— OK.

— Com todo o respeito, professora — você quer ser a advogada líder neste processo, vá em frente, é seu dinheiro, seu marido, seu processo. Mas tenho a impressão de que não sabe muita coisa a respeito de cortes marciais.

— Você acaba de dizer que é muito parecido com o que temos aqui fora.

— Você vai querer praticar justo quando seu marido está enfrentando uma pena de morte?

— Espero poder contar com a sua orientação.

Ele deu de ombros.

— Ei, você é Claire Heller Chapman. Se quer assim, para mim está ótimo. Já conseguiu autorização para ter acesso a documentos reservados?

— Por quê?

— Eu lhe garanto que eles vão isolar o tribunal completamente. Além do mais, todas as declarações e provas serão classificadas como secretíssimas. É assim que eles vão jogar.

— Eu vou conseguir a autorização. Acha que haverá algum problema?

— Não deve. Você vai ter de preencher um monte de papéis. Formulário padrão 86. Eles vão fazer uma verificação nacional do seu nome. FBI e Serviços Investigativos da Defesa. Você vai receber autorização para ter acesso a documentos "segredos".

— E se eles não me derem a autorização?

— Vão ter que dar, agora que você é advogada de defesa. Caso contrário o seu marido não vai ter que falar.

— Com que rapidez eu consigo isso?

— Se eles quiserem, o processo pode ser feito do dia para a noite. Agora, uma outra coisa. Vamos precisar de um bom investigador.

— Conheço um realmente bom.

— Foi do Exército? CID?

— Polícia de Boston e FBI.

— Para mim serve.

— Ele é de Boston, mas vale a despesa a mais que isto implica. Investigadores realmente bons são raros.

— É a mim que você diz isso? Neste caso, um bom investigador será vital. O processo vai ser brutal. E então, como é que nós ficamos? Estou contratado ou não?

NO CAMINHO DO AEROPORTO, CLAIRE primeiro parou na firma de Arthur Iselin, junto da praça Dupont Circle, a fim de pegar as chaves. Annie e Jackie a esperavam no Olds alugado. A casa ficava na rua Trinta e quatro, perto da avenida Massachusetts, uma caminhada bem curta até o Observatório Naval. Era uma bela casa geminada em estilo federal, a fase dominante do neoclássico em Washington, com a frente revestida de tijolinhos pintados de creme e janelas de venezianas pretas. Pertencia a um dos sócios principais da firma de Iselin, que recentemente havia se aposentado e se mudado para a Toscana por seis meses. Estava querendo bastante dinheiro pelo aluguel naquele período, mas Claire decidiu, ao galgar os degraus da frente, que valia.

— Vou ter um quarto só para mim? — quis saber Annie.

— Tenho certeza que sim.

— E eu? — perguntou Jackie.

— Ei, você vai ter a sua ala! Assim que Claire abriu a porta, Annie disparou para dentro da casa.

— Mamãe, é tão legal! — berrava enquanto corria.

Claire avaliou o vestíbulo espaçoso e elegante, os lindos tapetes persas, a mobília antiga, as paredes revestidas de lambris brancos.

— Temos um problema — disse a Jackie. — Ela vai destruir isso aí.

O ar era mofado — a casa cheirava como se estivesse vazia houvesse meses — misturado com o cheiro de produtos para lustrar móveis. Alguém devia vir uma vez por semana ou algo assim, para fazer uma faxina, deduziu.

Jackie arriou no chão a sacola de lona e olhou em torno, apreciando a graciosa escadaria no canto esquerdo do vestíbulo que subia em curva exibindo um leque de balaústres brancos.

— Legal — disse ela. — Você acertou em cheio.

DEPOIS DA ÚLTIMA AULA Claire disse a Connie para rejeitar todos os pedidos de clientes em potencial. Ainda tinha os exames

finais para corrigir, mas as provas lhe seriam entregues pelo FedEx. Disse aos alunos que estaria disponível pelo telefone, e deu o número de Washington. Dois de seus casos pendentes ela passou para um amigo que trabalhava em uma firma no centro de Boston. Ficou faltando um apelo diante da Suprema Corte do estado, o que representaria um rápido voo, ida e volta, para Boston. Sua casa ia ficar vazia, mas Rosa — que tinha filhos e certamente não poderia ir a Washington para trabalhar — daria uma passada de dois em dois dias para ver se estava tudo em ordem. Jackie, que pagava o aluguel fazendo o que chamava de "redigir uns textos técnicos chatos pra caramba", podia fazer seu trabalho ali e estava disposta, santa que era, a cuidar de Annie.

Claire deu uns telefonemas para uns amigos em Boston, disse que passaria uns tempos em Washington, talvez alguns meses, trabalhando em um caso sobre o qual não devia falar nada. Poucas horas mais tarde, quando ela e Jackie ainda estavam desfazendo as malas e arrumando as coisas, enquanto Annie descobria novos aposentos e esconderijos, a campainha da porta tocou.

Um mensageiro do Exército, um rapaz negro que tinha uma etiqueta de identificação costurada no uniforme com o nome "Lee", carregava uma grande caixa.

— Preciso de sua assinatura em alguns formulários, senhora, mas primeiro preciso ver sua licença de motorista.

Ela assinou com um senso de antecipação e ansiedade muito diferente do que costumeiramente sentia a respeito de documentos que lhe eram entregues durante os processos em que trabalhava. Aqueles documentos eram a respeito de Tom e da vida que ele levava antes de conhecê-la, sua vida secreta.

Eram cópias dos relatórios de avaliação dele — DA Form 2166-6, fotocópias do que ela imaginou serem pedaços de papel velhos e amarelados mergulhados no fundo de arquivos situados em algum ponto da Carolina do Norte (as Forças Especiais são treinadas em Fort Bragg). Neles havia carimbos dizendo EXCLUSIVAMENTE PARA USO OFICIAL e incluíam DADOS ADMINISTRATIVOS e AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO. Claire acomodou-se no cômodo que escolhera para ser seu escritório — uma biblioteca confortável no primeiro

andar, bem longe dos seus aposentos — e examinou a papelada. A maioria era entediante e inócua, mas obrigou-se a ler com toda a atenção. Descobriu a foto dele, anexada a uma cópia de seu arquivo pessoal, tirada quando foi mandado para o Vietnã. Era quase trinta anos mais moço. Um garoto de dezenove anos. Mais jovem, sim, mas também um rosto muito diferente — nariz diferente, mais grosseiro, faces encovadas, queixo recuado. Se não soubesse, não teria reconhecido a foto. Surpreendeu-a o fato de que a plástica que alterara sua aparência tão dramaticamente tinha também melhorado as feições de modo considerável.

Foi então que leu algo que fez seu sangue gelar nas veias.

CHARLES GRIMES ENCONTROU-A NA entrada da prisão de Quantico.

Desta vez, ele usava um paletó mal-ajambrado e gravata. Além da pasta de documentos, carregava um rádio portátil grande.

— Para que é isso? — perguntou Claire.

— Música — respondeu Grimes, sem adiantar mais explicações. — Más notícias.

— Veja só — disse ela vagamente.

Nada a surpreendia mais. Pararam no corpo da guarda e abriram as pastas para a sentinela.

— O comandante do batalhão ordenou a investigação e audiência do Artigo 32 — disse Grimes. — Prazo de uma semana a contar de agora. Eles normalmente levam trinta dias entre a apresentação de acusações e a investigação do artigo 32, mas neste caso estão se mexendo realmente depressa.

— Traduza, por favor.

— Trata-se de uma investigação que precede o julgamento. É imposta pelo Artigo 32 do Código de Justiça Militar. Para avaliar todos os fatos e questões levantadas nas acusações. E decidir se é necessário prosseguir com uma corte marcial.

— Uma espécie de formação de culpa no mundo real.

— Só que melhor. Precisamos estar presentes. Interrogatório de testemunhas, contestação de perguntas, esse tipo de coisa. Nada de júri, e os procedimentos são conduzidos por um encarregado da investigação, e não por um juiz. É uma boa oportunidade de

descobertas — ver que tipo de provas eles têm, que processo conseguiram montar.

— Mas eles não vão retirar as acusações, acha que vão? Vão prosseguir com a corte marcial.

— Olha, nós temos o direito de renunciar à audiência. Mas nós queremos que ela aconteça. Queremos avaliar o processo que eles montaram.

— A audiência vai ser daqui a uma semana? Ele aquiesceu, ao mesmo tempo que prosseguiam pelo corredor onde seus passos ecoavam.

— Não temos muito tempo. Eles tiveram anos para montar o processo. Viu os documentos? — Li tudo.

Eles conversaram rapidamente. Grimes contou a Claire como fora o breve encontro que tivera com Tom na véspera. Tom aprovara sua contratação.

Pararam na comprida sala de reuniões que ficava antes da entrada para o Bloco B.

— Nós vamos conversar com ele aqui — disse Grimes ao militar que os escoltava. — Pode ir pegar o prisioneiro agora? Em seguida voltou-se para Claire e lhe disse que levava horas lendo o processo de Tom.

— Seu marido teve uma vida e tanto. Experiências interessantes.

Ela não respondeu. Não sabia o que dizer. Preferiu falar sobre a investigação determinada pelo Artigo 32. Concentre-se nos procedimentos legais, disse a si própria. Isto você é capaz de fazer.

— Você quer tentar eliminar a possibilidade de corte marcial?

— Se quero? — ele pôs o rádio no chão do lado de fora da sala de reuniões e sintonizou numa estação de rap. — O famoso B.I.G. — disse. — Vida depois da morte. Detesto essa merda. Sim, claro que quero. Não vou conseguir, mas estou disposto a tentar. Ainda mais que é você quem está me pagando.

— Você estava falando sério quando se referiu às músicas, não estava?

Ele sorriu. Tinha um sorriso cativante, com dentes perfeitos e muito brancos.

— Não, é para impedi-los de nos ouvir. Um velho truque da prisão de Quantico.

Grimes entrou, largou a pasta e sentou-se à cabeceira da mesa comprida revestida de fórmica. Ela deu uma olhada em torno e viu que no aposento comprido e estreito não havia uma câmara.

— Está vendo só? — disse Grimes. — Eu disse que iam dar sua licença. Só me espantei por você ter aceitado as condições.

— Por quê?

— Uma advogada famosa pela defesa das liberdades civis como você. Pensei que fosse recusar. Eles a investigam, você tem de assinar aquela ordem da mordaga e agora não pode falar sobre as provas secretas do processo. Foi como vender a alma.

Ele estava certo.

— Não tive escolha, para poder defender Tom.

Ela sentou-se do lado dele.

— Verdade, mas ainda assim... Você o chama de Tom, hem? Seu nome suposto?

— É como o conheço. Não o conheço como Ron.

— Você ainda pensa que ele é inocente? Depois do que nós dois lemos?

Claire virou-se furiosa, mas antes que pudesse responder, a porta foi aberta. Tom, vestindo um macacão azul-claro, apareceu flanqueado por dois guardas. Ela notou que ele usava botas pretas e que estava acorrentado.

— Está certo, quero que tirem isso aí. Tudo! — Grimes dirigiu-se aos guardas, acenando na direção de Tom. — Quero que tirem tudo e não só uma algema. Digam ao comandante de vocês que queremos todas as correntes retiradas, caso contrário vamos apresentar queixa a cada um dos malditos membros da Comissão das Forças Armadas do senado e mais os senadores do Massachusetts e da Virginia, e depois vamos dar início a uma CPI, então o seu comandante vai ficar cego com tanta papelada.

Tom permaneceu atento, na posição de sentido, olhando Grimes com uma expressão de curiosidade no rosto.

— Sim, senhor — disse um dos guardas. Eles se viraram e escoltaram Tom de volta.

Grimes riu, quase uma gargalhada.

— Adoro assustar esses caras. Puxa vida, pelo amor de Deus, aonde diabos esse cara pode ir, afinal de contas? Será que eles pensam que ele vai fugir de uma sala de reuniões dentro da porra de uma prisão, com grades de aço por toda a parte?

Trouxeram Tom alguns minutos mais tarde sem nenhuma corrente. Claire beijou-o e abraçou-o e, pela primeira vez, ele pôde abraçá-la também. Tom parecia pálido e desfigurado.

— Charlie Grimes — disse ela. — Seu novo advogado. Vocês já se conheceram.

— Charles — corrigiu Grimes, e apertou a mão de Tom.

— Onde está o garoto? — perguntou Tom, quando ele e Claire sentaram. — Como é mesmo o nome, Embryo?

— Vamos nos reunir sem ele — disse Grimes.

— Como vai você? — perguntou ela.

— Principalmente entediado — disse ele. Sua voz estava rouca, como se não falasse houvesse muito tempo. — Doutrinação dos prisioneiros novos. Passam com um carrinho da biblioteca, oferecendo uma seleção pavorosa de livros antigos. Uma hora de televisão três vezes por semana, mas nada que eu queira assistir. Banho de sol uma hora por dia, num pátio horrível de cimento. Com todas as correntes a que tenho direito. E sozinho.

— Eles não lhe deram o tour do clube de saúde? Sauna seca, sauna molhada, Nautilus, lindas massagistas? Não?

— Perdi essa — disse Tom. — É, acho que não posso me queixar — e para Claire: — Mas sinto falta de você.

— Sinto falta sua. Todos nós sentimos. Você pode nos telefonar, sabe disso.

— Acabo de me dar conta disso. Eles trazem o telefone num carrinho de madeira e conectam. Chamadas a cobrar, trinta minutos no máximo.

— É isso aí — concordou Grimes —, e eles monitoram os telefonemas, por isso seja discreto.

— Estou representando você também, Tom — disse ela. — Assinei uma carta de comparecimento a juízo. É oficial.

— Graças a Deus — disse Tom.

— Agradeça a ela — retrucou Grimes. — Aposto como Claire acha que assim vai economizar dinheiro do casal.

— Você sabe que este é um processo criminal em que a pena máxima é a pena de morte — disse ela, ignorando Grimes. — E há anos que não trabalho em um julgamento destes. Estou enferrujada em direito processual. Isso não o deixa nervoso?

— Com você me defendendo? De jeito nenhum. Muito obrigado, querida.

— Posso fumar? — ela perguntou a Grimes.

— Esta é uma instalação para não fumantes — respondeu ele, sacudindo a cabeça com firmeza.

— Que coisa mais politicamente correta! Tom, nós vamos ter de saber tudo. Nada mais de guardar reserva — sobre qualquer coisa. Você entende isso?

Ele assentiu com um movimento de cabeça.

— Pode não ser agradável para você — observou Grimes. — Mas se começar a esconder qualquer coisa, vamos acabar tropeçando. Eles estão vindo em cima de você com toda a munição que têm. e se você deixar algo de fora, especialmente se for uma coisa que não o favoreça, estamos todos ferrados, percebe? — Percebo.

— Está certo, excelente — disse Grimes.

— Tom — retomou Claire —, você não nos falou sobre sua missão no Vietnã.

— Eu lhe disse que fui...

— Não é o que estou querendo dizer. Você sabe muito bem a que estou me referindo. Você nunca me disse que fez parte do Programa de Eliminação Vira-casaca.

— De que você está falando? — exclamou Tom.

— De que estamos falando? — retrucou Grimes, furioso. — Esquadrões da morte do Governo, é disto que estamos falando. Operações especiais para caçar e matar. Equipes de atiradores de elite do Exército e dos Fuzileiros enviados em missões profundas em território inimigo para matar americanos. Para eliminar americanos traidores e desertores. Assassinato oficialmente sancionado de soldados americanos. Você integrou uma dessas patrulhas de

reconhecimento e combate. Você foi um assassino pago pelo Governo dos Estados Unidos. Uma coisinha de nada que você deixou de mencionar.

— Isso é mentira! — explodiu Tom. — É invenção deles!

— Está no seu histórico — disse Claire, ansiando para que ele estivesse dizendo a verdade. — Consta que você foi voluntário. Que era um dos melhores atiradores, dono de uma pontaria de precisão mortal. Por isso foi aceito, embora ainda muito jovem.

— É mentira! — exclamou ele. — Eu cumpri um período de serviço normal no Vietnã, depois fui mandado para a escola das Forças Especiais, em Fort Bragg. Ouvei falar dessas equipes sim — todo mundo ouviu boatos sobre elas lá no Vietnã —, mas não tive nada a ver com isso. Não eliminei soldados americanos. Eles forjaram os registros ou algo assim, tentando me fazer parecer um assassino frio. Você não pode acreditar numa coisa dessas, Claire!

— Eu não sei mais em que acreditar.

— Mas não pode acreditar nisso!

— Podemos conseguir que esta informação seja excluída — disse Grimes. — Ela não precisa aparecer na corte marcial.

— Mas é uma droga de uma mentira nojenta! Olha, essas patrulhas da morte eram um segredo tão bem guardado que ninguém sabia da existência delas. Se houvesse alguma coisa escrita a esse respeito, não seria secretíssimo ou algo assim? Não podia aparecer em uma documentação ostensiva como as minhas alterações.

Claire suspirou, frustrada.

— Isto é verdade. Um troço desses tem de ser reservado. Ela olhou para Grimes, que encolheu os ombros.

— Seja o que for. Vamos excluir isso. É claro que eles não vão querer que isso apareça — é um escândalo, um dos segredos mais vergonhosos da Guerra do Vietnã.

O que estão dizendo sobre o que aconteceu em El Salvador? — perguntou Tom.

— Não vimos os históricos ainda — disse Claire. — Mas segundo Charles as revelações do que está nos autos começam agora, portanto saberemos em breve.

— A boa notícia para você — disse Grimes — é que iremos a julgamento dentro de pouco tempo. Os militares têm uma cláusula de julgamento rápido. A corte marcial terá de começar dentro de cento e vinte dias a contar do dia em que você foi preso.

— Mas nós não queremos um julgamento rápido — disse Claire. — Precisamos de todo o tempo que pudermos conseguir para vasculhar as provas e entrevistar as testemunhas.

Para levantar uma dúvida razoável. Não queremos que este caso seja julgado nas coxas.

— Ei, você agora está no Exército — disse Grimes. — Eles têm o direito de nos forçar a ir a julgamento se quiserem, e quando quiserem. A boa notícia para você, Tom-ou-Ron, é que em menos de quatro meses ou estará fora daqui ou...

— Ou em Leavenworth — interrompeu Tom, sarcástico. — Se não tiver sido executado.

— Exatamente — concordou Grimes, com uma animação que pareceu inadequada. — Assim sendo, o relógio está andando.

O SOLDADO DA POLÍCIA DO EXÉRCITO era apumado e alto e envergava um uniforme perfeitamente vincado. Cabelo raspado à navalha atrás das orelhas. Sapatos brilhando como um espelho. Parecia ter acabado de saltar de dentro de uma caixa de inspeção. "Strac", é o que ele era. Grimes maravilhou-se. "Strac", explicou, era a gíria militar para bem apresentado, impecavelmente vestido e limpo no melhor e mais estrito sentido militar.

Ele estava de guarda diante de um aposento sem janelas no porão de um prédio em Quantico chamado Hockmuth Hall, onde todo o material sigiloso pertencente ao caso de Ronald Kubik fora armazenado em condições da mais elevada segurança. Do lado de fora Claire aguardou com Embry e Grimes.

— Isto é o que chamamos de SCIF — disse o capitão Embry a Claire. Ele pronunciou a palavra como "skiff".

— Mais uma palavra nova — disse Claire secamente. — Significado?

Embry hesitou.

— Instalação de Informações Especiais Compartimentadas — disse Grimes. — Algo assim.

— Acho que é Instalação de Informações Sensíveis Compartimentadas — corrigiu Embry.

— Seja o que for — disse Grimes.

— Requeri uma extensão da 32 — anunciou Embry. — Mas o oficial encarregado da investigação não concedeu.

— Que surpresa — disse Grimes. — Quem é ele, a propósito?

— Tenente-coronel Robert Holt. Boa-praça.

— Todos são boas-praças — retrucou Grimes. — Cuidado com os boas-praças no Exército.

Embry o ignorou.

— Ele me informou que este é um caso com implicações na segurança nacional e quaisquer debates a seu respeito deverão ser conduzidos no interior do SCIF.

— Seja o que for que isto signifique.

Grimes encarou Claire, cujo olhar lhe passou o recado de não dar atenção às instruções deles.

— Na próxima vez em que falarmos com seu marido — disse ele —, quero que seja do lado de fora do presídio. Não confio nesses caras. Quem sabe quem pode estar escutando? — Eles não são autorizados a ouvir conversas entre advogados e clientes — disse Embry.

— Oh, eu entendo — disse Grimes. — Quer dizer isso a eles, ou prefere que seja eu? Grimes e Embry tinham se conhecido naquela manhã, e Grimes já estava testando a paciência do garoto, que, no entanto, era polido demais para engolir a isca. De qualquer modo, antes que Embry tivesse uma chance de dizer mais alguma coisa, a porta que dava acesso ao SCIF foi aberta por um oficial de segurança.

Era só um quarto, piso revestido de linóleo e mobília do tipo padronizado do Governo, com mesas de metal verde e cadeiras também metálicas, só que cinzentas.

Havia também diversos cofres grandes, da marca Sargent&Greenleaf, aprovados oficialmente pelo Governo, desses que só são abertos quando se conhece o segredo. Dentro de cada cofre havia gavetas trancadas uma a uma, também de segredo. Cada um deles, Claire, Grimes e Embry, ganhou uma gaveta onde

deveria guardar quaisquer anotações feitas ali no recinto. Nenhuma anotação poderia ser retirada da sala. Os três tinham trazido blocos pautados de papel amarelo tamanho ofício — Grimes dissera a Claire que não se desse ao trabalho de levar um laptop. Mesmo assim, as anotações feitas à mão tornavam-se parte de um arquivo oficial que era mantido sob controle do Governo.

Claire achou aquilo alarmante, até mesmo um pouco sinistro. Não podiam levar suas anotações? Como poderiam trabalhar do lado de fora daquele quatinho horrível? O quartel-general oficial da defesa de Ronald Kubik era a biblioteca de sua casa alugada na rua Trinta e Quatro, onde todos os arquivos eram guardados; como poderiam trabalhar lá sem as anotações secretas? Ninguém lhe deu uma resposta satisfatória. Nem Embry nem Grimes pareceram perturbados por aquela precaução ridícula.

Demonstraram a Claire um procedimento destinado a assegurar que ninguém mais visse suas anotações. Todos os papéis que ela decidisse deixar ali seriam colocados dentro de um envelope de papel pardo, selado com uma fita gomada de cinco centímetros, desse tipo que a pessoa tem de umedecer com uma esponjinha. O oficial de segurança selaria o envelope para Claire, após o que ela firmaria suas iniciais por cima da linha da fita. Este envelope iria para dentro de outro que seria igualmente lacrado e rubricado. Era marcado com as palavras SECRETO-SENSÍVEL PROPRIETÁRIO e colocado ainda dentro de um terceiro envelope, este marcado com PARTICULAR PARA O ritual era destinado a acalmar quem fazia as anotações e dar a impressão de que seria horrivelmente difícil para alguém tomar conhecimento de suas anotações particulares, mas ela não confiava em nada daquilo. Quem quer que houvesse elaborado uma série tão fantástica de precauções provavelmente teria imaginado também um meio de livrar-se delas.

— Meu Deus! — exclamou Grimes do seu lugar numa mesa ao lado. — Ou seu marido é realmente um filho da puta completamente doente ou então eles arrebanharam algumas mentes criativas de primeira linha lá no JAG.

— De que você está falando? — quis saber Claire.
Grimes sacudiu um maço de papéis.

— Um relatório do Departamento de Investigações Criminais de agosto de 1964. O sargento Kubik servia em Fort Bragg, morando na cidade de Fayetteville na ocasião. O vizinho, um civil, entra com uma reclamação contra ele.

Claire aproximou-se, tentando ler por cima do ombro de Grimes.

— Parece que o cão do vizinho insistia em urinar nas roseiras de Kubik, que reclamou inúmeras vezes, até que uma manhã pegou o animal, cortou-lhe o pescoço e pendurou-o pelas patas traseiras na caixa de correio do dono. Puxa vida!

Claire, sem fala, sacudiu a cabeça.

— Isso... é impossível. Esse não é... Tom.

— Cara — disse Grimes.

Embry voltou-se nervosamente e retornou à sua leitura. — Puxa vida. Avon chama, nada de comitê de boas-vindas para esse garoto malvado.

— Tem que ser uma falsificação — disse Claire. — Eles não podem forjar esse tipo de coisa? Olha só, não passa de duas folhas porcamente datilografadas.

— O nome do agente que recebeu a queixa está aí. O nome do vizinho também. Roswell qualquer coisa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é Tom — repetiu.

— Não, professora — veio uma voz da entrada. — É Ronald Kubik. E eu sou o major Waldron.

O major Lucas Waldron era um homem alto e magro, de cabelos castanhos e cujo traço fisionômico predominante era o nariz aquilino. Não era bonito nem feio — tinha uma testa forte e bem delineada, e uma boca fraca de lábios finos —, mas era inegavelmente intenso. Não sorriu quando se apertaram as mãos. Claire sentiu um frio no estômago, como sempre acontecia quando encontrava um adversário poderoso.

— Talvez esteja começando a compreender, professora, por que tantas pessoas consideram seu marido uma mancha na reputação do Exército.

Claire o encarou por um momento.

— Sente-se orgulhoso de atuar como promotor nesta farsa?
Waldron lhe dirigiu um sorriso glacial.

— Tendo em vista quem o seu marido é — o que o seu marido é —, eu, pessoalmente, acho que ele não merece ser submetido a julgamento...

— À farsa de um julgamento, é o que você quer dizer — interveio Claire. — Fiquei surpresa de que você tenha se disposto a aceitar esta missão. Pode estragar seu histórico perfeito de vitórias.

— Permita-me dizer-lhe uma coisa, professora. Este não é um caso que o Exército vá perder. Quando der uma olhada nas provas que temos aqui, compreenderá. Só posso presumir que não tenha a menor ideia do tipo de monstro que este homem é, com que tipo de monstro se casou.

— Você precisaria ser incrivelmente ingênuo para acreditar no que estão lhe dando. A menos que seja incapaz de sentir o cheiro de uma farsa.

— Tudo o que você tem a fazer é verificar as provas.

— Acredite em mim, é o que planejo fazer.

— Pois verifique. Vai ver só. E quanto ao meu histórico perfeito de vitórias, bem, parte é porque sou um homem de sorte. E sou meticuloso. Mas a razão principal é que as pessoas que acuso por acaso são culpadas.

— Tenho certeza de que você é bom, também — disse Claire. — Qualquer um pode condenar um culpado, mas é preciso um promotor realmente bom para condenar um inocente.

— Meu pai foi prisioneiro de guerra no Vietnã — disse Waldron. — Sou oficial do Exército e acontece que tenho orgulho disso. Planejo passar toda a minha carreira no Exército. Mas se tivesse que destruí-la para conseguir condenar um tarado como o seu marido, eu não hesitaria. E o faria alegremente. Prazer em conhecê-la, professora.

Com isso ele se virou e deixou o aposento.

— Cara legal, hem? — comentou Grimes.

— Atenção aqui, pessoal — exclamou Embry. — O Departamento de Investigações Criminais colheu sete depoimentos, de sete membros da unidade de Kubik em Salvador, o Destacamento

27 de Forças Especiais. Colhidos em 27 de junho de 1985. Cinco dias após o incidente de 22, em inquirição realizada em Fort Bragg. São quase idênticos, todos eles. E são devastadores.

Embry olhou ansiosamente para Claire, quase tremendo, e umedeceu os lábios.

Grimes pulou da cadeira.

— Eles estão convocando apenas uma testemunha ocular nesta investigação. Trata-se de um certo coronel Jimmy Hernandez, hoje em dia desempenhando funções administrativas no Pentágono. Agora, não seria ele por acaso um dos sete depoentes, seria? Embry folheou a pilha de documentos que tinha diante de si.

— Major James Hernandez, o subcomandante. E, ele está aqui.

Claire sentiu uma contração no estômago.

— Deixe-me ver isso aí — pediu.

Embry estendeu-lhe o maço de papéis, com um sobressalto involuntário.

Com o coração disparado, ela primeiro deu uma olhada superficial e depois começou a ler tudo bem devagar. A boca estava seca. Sentia-se enjoada.

A página de cima era uma capa da Divisão de Investigações Criminais do Exército dos Estados Unidos. Depoimentos tomados em Fort Bragg, a 27 de junho de 1985.

A hora. HERNANDEZ, James Jerome. Número do Seguro Social. Posto. Em seguida, diversos longos blocos de texto rubricados por Hernandez no princípio e no fim de cada parágrafo. Após isso, diversas páginas de perguntas e respostas.

"Eu, Major James J. HERNANDEZ", começava, faço a seguinte declaração, livre e voluntariamente, a JOHN F. DAWKINS, que sei ser Investigador Criminal das Forças Armadas dos Estados Unidos. Faço esta declaração por minha própria vontade e sem que me tenham feito quaisquer ameaças ou promessas.

A 22 JUN 85 minha unidade, o destacamento 27 de Forças Especiais, uma unidade de combate ultra-secreta, estava sediada em Ilopango, El Salvador. Eu sou o subcomandante da unidade. Nossa missão era conduzir operações referentes às forças contrárias ao

Governo de El Salvador. Nosso comandante, coronel William MARKS, recebeu informações de uma fonte confiável, de que uma ramificação da organização de guerrilha esquerdista antigovernista chamada FMLN, um grupo que tinha matado quatro fuzileiros de folga e dois homens de negócios americanos alguns dias antes em Zona Rosa, San Salvador, fora para uma pequenina aldeia nas proximidades de San Salvador. Nessa aldeia, chamada de La Colina, diversos guerrilheiros do tal grupo nasceram. O que se dizia é que eles tinham ido se esconder lá.

No meio da noite, ainda em 22 JUN 85, localizamos a aldeia. A unidade dividiu-se em duas para abordar a aldeia a partir de duas direções. Tínhamos silenciadores em nossas armas a fim de prolongar o efeito surpresa. matar cães. gansos ou quaisquer animais que pudéssemos encontrar.

As duas equipes se deslocaram e assumiram o controle da aldeia, indo de casa em casa acordando os habitantes e expulsando-os de seus barracos. Adotamos esta abordagem para nos assegurar de que os habitantes não tinham armas de fogo.

Todos os habitantes, que somavam oitenta e sete indivíduos, foram reunidos em uma área aberta que, presumivelmente, era a praça da aldeia. Eram todos civis, velhos, mulheres, crianças e crianças de colo. Foram interrogados em espanhol mas alegaram não ter conhecimento do paradeiro dos guerrilheiros. O coronel Marks, que permaneceu à retaguarda, no QG, foi informado, via rádio, da nossa conclusão de que a informação estava errada e que não havia comandos escondidos em La Colina naquela determinada ocasião. O coronel MARKS então determinou que regressássemos. Houve um diálogo entre diversos aldeões e o sargento KUBIK. De repente o sargento KUBIK apontou sua metralhadora M-60 contra os aldeões. Notei que ele tinha prendido dois cinturões de munição um no outro, de modo que dispunha de um total de duzentos tiros. O Sgt. KUBIK começou então a atirar diretamente contra os habitantes e em poucos minutos matou todos eles.

As perguntas seguintes foram feitas por J.F.DAWKINS e respondidas por mim.

P. Foi feita alguma tentativa para conter KUBIK? R. Sim, mas ninguém podia se aproximar dele, que estava disparando loucamente.

P. Os civis foram revistados para ver se tinham armas? R. Não, porque o Cel. MARKS pensou que tínhamos perdido o controle da situação e mandou que saíssemos dali imediatamente.

P. O sargento KUBIK fez algum comentário depois de matar oitenta e sete civis? R. Não, ele só disse que assim o problema estava resolvido.

Claire largou a página que estava lendo, estonteada. Pediu licença e localizou o toailete feminino no corredor externo. Cambaleou até um dos compartimentos e vomitou. Em seguida lavou o rosto na pia com o tablete do sabonete escuro da dotação do Exército.

ENQUANTO AGUARDAVA PARA SER ADMITIDA NA PRISÃO, Claire viu-se perdida em seus pensamentos.

Foi logo depois do seu casamento, na verdade na lua-de-mel. Estavam se registrando no Hotel Hassler, em Roma, na praça Trinità dei Monte, junto da Escadaria Espanhola. Ela preferia ter ficado em uma pensão mais modesta, nas proximidades, a Scalinata di Spagna, mas Tom insistiu que mereciam um certo luxo. A reserva, contudo, fora perdida. Uma confusão. A suíte que ele reservara já não estava mais disponível. O melhor que podiam oferecer, com as mais sinceras desculpas, era uma "suíte júnior". Tom ficou vermelho e deu um soco no balcão. "Nós fizemos uma reserva, droga! ", ele berrou. Todos que se encontravam no saguão olharam, apavorados e fascinados. O empregado da recepção era todo desculpas, envergonhado, humilhado. Quase dançou diante deles. Tom ficou cego de raiva, mas aí, tão depressa quanto pegara fogo, esfriou. "Veja o que pode fazer", disse.

Há outras ocasiões, ela lembra agora.

Quando, por exemplo, sua assistente na firma confundiu a data de um almoço de negócios em que ele se encontraria com um importante investidor em potencial, fazendo com que Tom faltasse ao compromisso. Ele teve um acesso de ódio, tornou-se agressivo e

a despediu, mas algumas horas mais tarde ficou com pena e a contratou de volta.

A vez em que um vizinho meteu acidentalmente o Range Rover no terreno deles e marcou um sulco no gramado. Tom saiu esbravejando de dentro de casa. o rosto vermelho de cólera. mas na hora em que chegou perto do carro do vizinho já parecia ter se acalmado.

Em outra oportunidade, quando ele estava andando com Annie na Harvard Square. ela estendeu a mão para acariciar um cachorro e o cachorro grunhiu e atacou a menina, e Tom agarrou o animal pela nuca até que ele uivou. O dono protestou, furioso, Tom largou o cachorro no chão, que fugiu, rabo entre as pernas. "Não se preocupe com nada", disse ele para Annie.

Havia dezenas de incidentes semelhantes, mas o que significavam? Um homem que não queria que estragassem sua lua de mel perfeita. Um patrão exageradamente exigente.

Um proprietário meticuloso. Um pai superprotetor. No decurso de um casamento, mesmo um relativamente curto, como o deles até agora, você testemunha raiva e tristeza.

Você vê o melhor e vê o pior no seu marido ou sua mulher. Tom era destemperado, mas nunca dirigira sua fúria contra ela, ou contra Annie, e sempre conseguira se conter.

E havia também o modo como ele tinha paralisado o agente que o perseguira no shopping. Sem dúvida a explicação estava no treinamento dado pelas Forças Especiais.

Será que tinha sido desnecessariamente brutal? Queriam prendê-lo por um crime que ele insistia não ter cometido. E Tom não matara o homem.

Mesmo o modo impiedoso como lutara na cabana à beira do lago nos Berkshires — mas aquilo tinha sido algo mais do que autoproteção, instinto de sobrevivência? Será que todas aquelas coisas realmente faziam dele um assassino?

— Ei, onde está o resto de minha equipe? — perguntou Tom. Ele começava a exibir o ocasional brilho de jovialidade, que, por algum motivo, irritou Claire. Eles se encontraram no pequeno aposento de paredes de vidro ao lado de sua cela. Desta vez tinham

removido todas as correntes, supostamente em sinal de respeito a ela.

— Só eu, agora — disse Claire controladamente. — Quero saber sobre La Colina. O que realmente aconteceu.

Ele inclinou a cabeça, apertou os olhos.

— Eu lhe disse...

— Acabo de ler sete depoimentos. São todos substancialmente a mesma...

— Com toda a certeza são todos idênticos. Os militares costumam ser desajeitados em suas falsificações.

— Quem é Jimmy Hernandez?

— Hernandez? O subcomandante do meu destacamento. O número dois de Marks. Nascido na Flórida, filho de imigrantes cubanos...

— É sincero? Fala a verdade?

— Claire — disse Tom, exasperado —, sinceridade é um conceito relativo para essa gente. O comandante deles manda que peidem, eles peidam. E se diz para eles que são flores, vão dizer que são flores. Hernandez é amigo do panaca do Marks. Dirá tudo o que o Marks mandar.

— Bem, a promotoria está convocando Hernandez como testemunha ocular da atrocidade que você supostamente cometeu. Se o testemunho dele tiver tanta credibilidade quanto o depoimento escrito, estamos encrocados.

Ela adotou um tom de voz profissional, cuidadosamente neutro.

— E o que acontece, ele diz que fui eu? Que cometi um homicídio em massa liquidando oitenta e sete civis?

— É isso aí.

— Eu já falei, o coronel Marks deu a ordem de acabar com toda a aldeia. "Para dar uma lição neles", falou. Hernandez era o subcomandante, o leal número dois de Marks — não me surpreenderia se tiver sido um dos atiradores. Eu não quis participar da farsa para encobrir o acontecido, portanto, eles viraram a mesa e me culpam.

É disto que trata toda esta história. Foi treze anos atrás, pelo amor de Deus, não sei por que eles simplesmente não deixam isto de lado.

— A Divisão de Investigações Criminais interrogou toda a unidade. Devem ter ouvido você também.

— Claro que sim, interrogaram-me demoradamente e eu falei a verdade. Obviamente não produzi nenhuma declaração para eles.

— E você não participou o acontecido a ninguém? Quero dizer, a verdade? — Participar a quem? Você não conhece os militares. Com eles o negócio é manter a boca fechada, a cabeça abaixada e esperar pelo melhor.

— Mas alguns dos rapazes da unidade devem ter visto você no outro lado da aldeia. Deverá haver quem saiba que você não estava lá.

— Você não vai conseguir que ninguém testemunhe isso. Ou eles participaram do massacre, ou fazem parte da farsa destinada a encobrir o massacre. Provavelmente todos eles fizeram acordos, conseguiram imunidades, o diabo. Você pode descobrir isso, não pode? — Fiz um requerimento nesse sentido. Você não tinha amigos na unidade? Caras que podiam ter recusado o acordo, mas concordaram em guardar silêncio? Quem poderia estar disposto a ajudar você agora? — Eu gostava, talvez, de uns três caras na unidade. Um ou dois eu chamaria de amigos. Você sabe que não faço amizades facilmente. De qualquer forma, como vou saber que eles não atiraram nos aldeões? — Tom — começou ela. — Ron.

— Pode me chamar de Ron, se quiser — disse ele, delicadamente. — Se isso a fizer sentir-se mais à vontade.

— Eu o conheço como Tom. Mas é um nome inventado, não é? — É o nome que escolhi, não o que os meus pais me deram. Tornei-me Tom com você. Eu meio que gosto de ser Tom.

— Tom, por que eu deveria acreditar em você? Seja sincero. Você mentiu pra mim durante seis anos, todo o tempo em que o conheci.

— Menti sobre o meu passado. Para protegê-la desses malucos que não brincam em serviço. E que, se tivessem ouvido o menor boato de que eu estava vivo e morando em Boston, teriam

me encontrado e me matado assim como a todo mundo que estivesse ao meu redor. Eu nunca deveria ter me apaixonado por você, Claire. Nunca deveria ter arruinado sua vida perfeita, logo eu, com este meu passado horrível...

— Você não arruinou minha vida — os olhos dela ficaram marejados. Claire deixou escapar um suspiro vagarosamente.

— Claire, tenho pensado um bocado sobre quem poderá saber a verdade. Sobre o que realmente aconteceu. Ele terá a prova. Ele sabe que o Pentágono está tentando mascarar o acontecido. Sou capaz de apostar que ele irá arranjar os documentos.

Ele pegou o lápis dela e rabiscou um nome em um dos seus blocos.

— Guarde este nome trancado, em absoluta segurança — murmurou. — Destrua este papel. Quero dizer, destrua mesmo, jogue no vaso sanitário.

Ela deu uma olhada. Sua testa franziu.

— Tom, preciso lhe perguntar uma coisa.

Claire falou sobre o horrendo incidente com o cachorro que acabou pendurado na caixa do correio do vizinho em Fayetteville, Carolina do Norte.

Tom fechou os olhos e sacudiu a cabeça vagarosamente.

— Vamos lá. Eu realmente morava fora da base, eles pegaram o endereço certo, mas aposto como se você tentar entrar em ligação com esse suposto "vizinho", vai descobrir que não existe.

Os olhos dele ficaram úmidos.

— Claire, precisamos conversar.

— OK — disse ela, reservadamente.

— Vê se me escuta. Você agora é a minha base, meu alicerce. Quando Jay morreu, fiquei a seu lado porque eu a tinha como uma amiga. Tentei ser uma rocha para você porque a amo. Mas agora preciso de você. Não tenho como lhe dizer como dói ver a pessoa a quem mais amo no mundo duvidar de mim.

— Tom...

— Me deixa terminar. Estou inteiramente sozinho aqui. Totalmente só. E se não fosse por você, pela sua fé em mim, acho que eu não aguentaria.

— O que significa isso? — perguntou Claire, baixinho.

— Só que eu acho que não conseguiria suportar isso se achasse que você não acredita em mim. Eu a amo, você sabe disso.

Profundamente. Quando isto acabar, se tudo der certo, vamos ter nossa vida de volta. Preciso de você, querida.

Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas e o abraçou com força. Sentiu o suor se desprendendo, acaloradamente, dos ombros dele.

— Eu o amo, Tom — foi tudo o que conseguiu dizer.

A BIBLIOTECA DA CASA ALUGADA ERA DAS BOAS, autêntica, casa antiga, dinheiro antigo. Prateleiras claras, cor de linho, onde se viam não apenas os indispensáveis volumes de colecionador encadernados em couro, em conjuntos de dez, vinte e cinquenta, como também livros de verdade, edições de capa dura recentes e não tão recentes, em sua maior parte de política e história, nenhum volume de ficção à vista. O tipo de livros que o proprietário da casa, naquele exato instante talvez bebendo um caffè machiato em um café em Siena, devia ler de verdade.

A biblioteca dele era o protótipo centenário do moderno estúdio de Claire e Tom em Cambridge.

O capitão Embry, vestindo trajes civis (calça jeans azul-escura nova em folha e camisa de manga curta, ambos impecavelmente passados) estava sentado a uma mesinha lateral, fazendo anotações em um bloco tamanho ofício com uma caneta Bic mascada. Grimes (novamente exibindo o suéter cor de laranja Day-glo fluorescente dos anos 70) estava mergulhado numa bergere forrada de tecido floral, com as pernas esticadas.

Fumando, sentada à imensa mesa de carvalho, Claire estava cercada de livros de direito: Manual de regras militares de provas, Justiça militar criminal, Prática e procedimento, Manual das cortes marciais dos Estados Unidos.

— Então tudo o que a promotoria está planejando apresentar na investigação da 32 — ela já estava parecendo tarimbada — são os sete depoimentos do DIC e desse tal de Jimmy Hernandez para corroborar? Só?

— Só — confirmou Grimes. — O Governo não é obrigado a apresentar tudo de que dispõe. Somente o necessário. Lembre-se de que tudo o que eles têm de fazer é demonstrar que há causas prováveis suficientes para uma corte marcial. Seria burrice deles apresentarem mais que o mínimo.

Embry se meteu na conversa.

— A ideia é que nós devemos tentar derrubar o que eles apresentarem.

— O que não vai acontecer — disse Grimes —, por mais que a gente se esforce. Considerem então a 32 como uma apresentação experimental do Governo, como um teste. Temos a chance de analisar o caso deles antecipadamente, ver o que põem em cima da mesa. Reinquirir as testemunhas para destacar todos os pontos fracos.

— E o que você me diz dos outros seis membros do grupo Árvore Ardente que depuseram? — perguntou Claire. — Por que não estão sendo chamados para testemunhar? — Primeiro, porque não são obrigados — respondeu Grimes. — Qualquer testemunha "legalmente indisponível", significando mais de cento e sessenta quilômetros de distância, não é obrigada a ser convocada para depor. Em segundo lugar, o Governo não precisa delas.

Claire aquiesceu.

— Eles podem nos surpreender? — perguntou. — Aparecer com alguma coisa de supetão na audiência? — Normalmente — foi Embry quem respondeu — eles lhe passam a prova assim que a conseguem.

— Isso — concordou Grimes, inspecionando os detalhes ornamentados do teto abobadado —, e também podem nos dar um ou dois dias antes. Mas eu duvido que venham a nos surpreender. Querem ser capazes de dizer que nos deram tudo com antecedência.

— De qualquer modo — lembrou Embry —, se jogarem qualquer coisa em cima de nós de repente, nós pedimos mais prazo, só isso.

— Como em um tribunal civil — disse Claire. — Mas e o Artigo 46 do código? A cláusula que determina igualdade de acesso?

Grimes abaixou a cabeça e virou-se lentamente para olhar para Claire.

— Alguém deixou o Código de Justiça Militar na mesinha de cabeceira dela.

— Temos oportunidades iguais de obter testemunhas e outras provas, blablablá, certo? — perguntou Claire.

— Certo — concordou Grimes, — mas não tem nada escrito sobre tempos iguais, tem? — Mãe? Era a voz de Annie, fina, meiga e hesitante. Vestia um macacão de jeans azul e usava rabo-de-cavalo. Ficou parada diante da porta aberta, lançando disfarçadamente um olhar cheio de curiosidade para os dois homens.

— Sim, querida? — Mãe, Jackie está fazendo o jantar. Vai ficar pronto logo.

— Sim, querida. E nós também vamos acabar logo. Agora deixa a gente trabalhar, sim? — Está bem — ela olhou em torno timidamente. — Oi.

— Oi — os dois homens responderam quase ao mesmo tempo.

— Por que você está fumando, mãe? — Vamos — disse Claire —, saia daqui. Vejo você na hora do jantar.

— Mas eu quero brincar aqui — disse ela fazendo bico.

— Agora não, queridinha.

— Por que não? — Porque mãe está trabalhando.

— Você está sempre trabalhando! — exclamou Annie, e saiu correndo.

— Cara — disse Grimes —, você tem um caso muito sério com esse vício asqueroso. Pensei que ninguém em Cambridge pudesse fumar devido a alguma lei de zoneamento ou algo semelhante.

— É, bem, vou parar quando isto terminar — disse ela. — Eu ia convidar vocês para jantar, mas...

— Convite aceito — cortou Grimes. — Posso sentir o cheiro daqui. Alguém por aqui sabe cozinhar. Adoro alho.

— Terry? Não posso — respondeu Embry, ficando ruborizado imediatamente. — Desculpe, eu tenho... eu tenho de encontrar alguém.

— Já está traindo a mulher? — perguntou Grimes.

Embry sorriu timidamente e sacudiu a cabeça.

— Muito bem, pessoal — disse Claire —, quero descobrir tudo o que for possível a respeito de Hernandez. Terry, quero que você comece um arquivo sobre toda testemunha já definida ou em potencial, começando com Hernandez e os outros seis que depuseram contra Tom. Quero o que houver, relatórios, resultados de tudo, desde o teste de aptidão física às avaliações de desempenho, o diabo. Depois vou querer entrevistar Hernandez.

— Bem, acho melhor você deixar essa entrevista por minha conta ou do Embry — disse Grimes.

— Por quê? — Porque nós dois somos militares. Eu servi ao Exército. Sei como o negócio funciona.

— Ótimo, mas quero estar presente. Quero ver a cara dele. — Claro.

— Quero também descobrir se ofereceram alguma coisa a esse cara em troca do seu depoimento. Como imunidade, por exemplo. A mesma coisa para quem quer que possam convidar.

— Temos isso pela cláusula que manda que uma parte revele à outra tudo o que usará no processo — lembrou Embry. — O pedido de revelação geral.

— Bem, não tem que ser assim — contrapôs Grimes. — É preciso que o pedido seja feito de modo específico. Exigir que o Governo decline de maneira exata quais testemunhas estão reivindicando privilégios e por que motivo. Precisa dizer a eles que você quer uma cópia de todas as concessões de imunidade dadas a quaisquer testemunhas. Ou de promessas de clemência. Queremos uma via de todos os acordos feitos pelos informantes, inclusive qualquer registro de remuneração monetária ou sob forma de propriedade.

— Está bem — disse Claire, acendendo um novo cigarro. — Quero os nomes de todos os homens da unidade de Tom, nomes.

— Você não vai encontrar todos — disse Grimes. — Esses caras às vezes desaparecem.

— Ray é bom — disse ela.

— Eles são melhores.

— Vocês acham que podemos confiar neles? — indagou Claire.
— Que nos darão tudo o que pedirmos?

Embry hesitou. Foi Grimes quem falou.

— Você pode confiar sempre em seu oponente numa situação parecida? No mundo real?

— Nem sempre — admitiu ela. — É sempre duvidoso.

— Lá vai você — comentou Grimes.

— Mas o código Brady obriga que nos deem todas as provas escusatórias, tudo que possa indicar a inocência de Tom — disse ela.

Grimes deu uma risada.

— Você não confia neles.

— É porque eu tenho um emprego — respondeu Grimes. — Mantém a grana entrando.

— Se não conseguirmos acesso a tudo o que a promotoria tem, poderemos anular o julgamento.

— Se pudermos provar.

— Terry — prosseguiu ela —, quero que você faça uma pesquisa completa na documentação do inquérito Irã-Contras, e dos relatórios das Nações Unidas sobre ataques acontecidos na América Central nos anos 80. Veja se há alguma menção ao massacre de La Colina.

Embry rabiscou uma anotação.

— Está certo — disse ela —, nós vamos requerer que todas as acusações sejam desconsideradas. Vamos alegar que o Governo não tem jurisdição sobre o acontecido em La Colina, já que a tropa americana não deveria estar lá. O Governo, na verdade, está com as mãos sujas.

— Mas e a acusação de deserção? — lembrou Embry. — Você não vai contestar essa, vai? Quer dizer, ele destruiu o uniforme, rasgou a identidade e obviamente não tinha a menor intenção de retornar.

— É o menor dos nossos problemas — replicou ela. — Nossa defesa é pressão, estresse.

— Pressão?

— Deserção é uma transgressão especificamente intencional. Ou seja, no caso da deserção o que vale é a intenção, certo? Bem,

ele tinha medo de ser morto — se isso aconteceria ou não é uma defesa válida, desde que sejamos capazes de demonstrar que o réu acreditava de boa-fé que seria morto. Talvez consigamos reduzir a acusação para "ausência sem permissão".

— Não é "réu" e sim "indiciado" — lembrou Grimes. — Assim como não é "promotor" e sim "advogado do julgamento". Você vai acabar aprendendo o jargão.

Claire despejou em cima de Grimes um furioso olhar de contrariedade.

— Obrigada. Basicamente, provaremos que o Governo dos Estados Unidos está tentando fazer de Tom o bode expiatório de um massacre horrível, que, na verdade, foi sancionado pelo próprio Governo.

— Criança, você pode alegar tudo o que quiser — começou Grimes, voltando à inspeção do teto.

— Você diz que a 32 serve como apresentação experimental, teste para se descobrir que processo o Governo montou — lembrou Claire. — Pois aqui está como vamos usá-la. Mostraremos a eles que sabemos jogar duro e que tencionamos jogar duro. Que, se seguirem em frente com esta corte marcial destinada a inventar acusações e distribuir o que consideram justiça rápida, vamos desencavar um bocado de merda e jogar tudo no ventilador. Nosso plano é envergonhá-los o máximo possível. Nós vamos ameaçar revelar os segredos do Governo durante o julgamento. Apresentar informações operacionais, revelar coisas que eles não queiram que sejam vistas à luz do dia.

— É um processo fechado — objetou Embry. — Tanto esta investigação quanto a corte marcial que pode se seguir ou não a ela. Totalmente fechado. Lacrado.

— Lacrado? Nós vazamos. Não pode existir um julgamento totalmente estanque.

Grimes deu uma risadinha seca. Vazamos? — perguntou Embry, horrorizado. — Mas nós assinamos um acordo de manutenção de sigilo. Se vazarmos, eles vão investigar e seremos acusados...

— Ei, você quis trabalhar no caso, não quis?

— Bem, não, senhora, como lhe falei...

— Claire.

— Senhora?

— Me chame de Claire. E não se aflija. Vazamentos são quase impossíveis de se comprovar, desde que a pessoa seja cuidadosa a respeito de onde fala. E se eles não forem capazes de provar, não dá em nada. De qualquer forma, vamos argumentar contra esta idiotice de tribunal fechado. Alegamos o direito que a Sexta Emenda dá a Tom de ter um julgamento público, e o direito que o cidadão comum tem de assistir a um julgamento público.

— E eles vão alegar razões de segurança nacional — disse Grimes, sentando-se direito, atraído pelo jogo.

— Aí nós entramos com uma petição extraordinária por um julgamento aberto na corte distrital federal.

— Eles vão dizer que não se metem em assuntos militares — disse Grimes.

— Então nós entramos com uma petição extraordinária para um julgamento aberto na Corte de Apelos Criminais do Exército. E na das Forças Armadas. E depois no maldito Supremo Tribunal. E deixamos que aleguem razões de Segurança Nacional — vou dizer que a operação já terminou, que foi encerrada há anos e que só estão tentando proteger a reputação do Pentágono. Onde estão os interesses da segurança nacional? Eles querem tudo ao mesmo tempo -preservar a segurança nacional e processar o meu cliente.

Grimes balançou a cabeça devagar, ritmadamente. Um sorriso cruzou o seu rosto. Embry ficou olhando para ela, em pânico.

— Aí a gente vai ver se o Governo vai realmente querer levar adiante essa coisa de corte marcial — disse Claire. — Aposto como vão perder o entusiasmo.

— Claire — perguntou Grimes —, você realmente quer que esse julgamento seja aberto?

Ela ponderou a pergunta por um longo momento.

— Não quero, não é mesmo? De certa forma. estamos presos numa armadilha. Não quero o nome de Tom manchado. Uma vez que as acusações forem tornadas públicas, acabou. Passam a ser aceitas como verdade.

Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. — Você pode ter razão, Grimes, mas vou lhe dizer uma coisa. Vamos chamar o general Marks para testemunhar.

Grimes deu uma risada, seu típico ha-ha.

— Também quero fumar o que você anda fumando — disse ele.

— Camel Lights — e eu não podia estar falando mais sério. Se ele se recusar, eu o intimo.

— A moça chuta rabos e usa nomes — ironizou Grimes.

— Claire, senhora — disse Embry desesperadamente. — O general William Marks é o chefe do estado-maior do Exército. É um general de quatro estrelas. Acima dele só tem o ministro do Exército. Não se pode fazer com que deponha.

— Quem disse? Onde isso está escrito? Não li nada a este respeito no Código de Justiça Militar.

— Gosto disso — aprovou Grimes. — Você tem colhões.

— Muito obrigada. Isto é um cumprimento, certo?

JACKIE SÓ CONTOU A CLAIRE depois do jantar.

— Você recebeu um telefonema do *Washington Post*. Seção de estilo de vida, acho eu. Souberam que alugou uma casa aqui em Washington e querem saber a razão. Como se fosse da conta deles.

— O que foi que você disse?

— Que não tinha a menor ideia. Queriam saber se você estava atuando em algum caso importante, se estava ensinando ou o quê.

— Sem comentários — disse Claire.

— Foi o que imaginei.

— Que tal irmos tomar um drinque? — sugeriu Grimes.

— Temos bebida aqui em casa — disse Claire.

— Tem um lugar que eu quero que vocês conheçam. Na região Sudeste.

— Pode esperar eu pôr minha garotinha na cama?

— Espero na biblioteca. Preparo uma petição ou algo assim.

Mais tarde, Grimes as levou em sua velha Mercedes prateada e circulou o quarteirão onde ficava o tal bar três vezes, sem ter onde estacionar. Finalmente viu uma vaga enorme bem na frente do bar, mas antes que entrasse um Volkswagen Jetta meteu-se nela como

uma bala. Grimes parou ao lado do Jetta, abaixou o vidro e deu uma buzina.

— Por favor — gritou. — Por favor.

— Deixa disso, Grimes — reclamou Claire. — Ela chegou primeiro.

— Por favor! — Grimes gritou de novo.

A motorista do fusca virou-se, abaixou o vidro do carona e perguntou, apreensiva: — O que você quer?

— Ei, não é da minha conta. Mas acho que você não vai querer estacionar aqui. É um estacionamento com manobristas e, pode acreditar em mim, eles rebocam dia e noite.

— Manobristas? — a mulher ficou confusa. — Mas não tem aviso nenhum!

— A placa caiu, mas não é isso que vai deter essa gente. Dez minutos depois que deixar o carro aí, ele vai ser rebocado para uma parte da cidade onde você nunca esteve antes e onde nunca mais vai querer voltar.

— Meu Deus do céu, obrigada! — agradeceu a mulher. Levantou o vidro de novo, deu marcha a ré e sumiu no meio do tráfego.

— Ei, Grimes — disse Claire —, você vai me desculpar, mas isso não foi muito legal da sua parte.

Ele riu, e entrou na vaga.

— Sempre funciona — disse.

O bar era um antro, escuro e sujo, e fedia a cerveja derramada. As tábuas do chão rinchavam e eram pegajosas. A música — uma velha canção do Parliament/Funkadelic no juke-box — explodia nas caixas de som.

— É isso? — perguntou ela.

— Autêntico, não é?

— Na onda — disse ela, sem muito entusiasmo.

Depois que um jarro plástico de cerveja espumante tirada direta do barril foi colocado em frente a eles juntamente com dois copos grandes também de plástico e um prato com pretzels, Grimes falou.

— Tenho de lhe dizer uma coisa. No interesse da sinceridade e da total transparência.

— Sim? — Você quer que eu seja o segundo advogado, ótimo. Mas quer que eu me levante e inquiria uma testemunha enquanto você fica lá sentada — uma das melhores do ramo? Acho que não concordo.

Ela riu.

— Minhas habilidades de interrogar estão enferrujadas. De qualquer forma, o que é que você sabe a meu respeito? Ele bebeu um longo gole de cerveja.

— Depois que se formou na Faculdade de Direito de Yale, trabalhou duas vezes. Na primeira por dois anos para Arthur Iselin, na Corte Itinerante do Distrito de Columbia, Tribunal de Recursos. Lá você emitiu pareceres e escreveu discursos. Trabalhou em um caso de insanidade, idem em casos de transporte escolar com fins de integração racial e em alguns casos de ação ineficaz do advogado de defesa. Depois foi trabalhar por um ano para o Ministro Marshall do Supremo Tribunal, onde estudou pedidos de revisão.

— Muito impressionante — disse ela. — Lançou o meu nome numa busca Nexis? Ele tomou outro gole de chope.

— A verdade é que li todos os artigos, todas as entrevistas que fizeram com você. Mesmo antes de nos conhecermos. Acho você muito legal.

Ele sorriu, embaraçado e apressou-se a acrescentar.

— Como era o Ministro Marshall? Um cara legal? — Muito — respondeu Claire. — E extremamente engraçado. Era um cara ótimo, definitivamente o melhor de todos na corte Suprema. O único que confraternizava com o pessoal que trabalhava para ele. Um de seus programas de TV favoritos era aquela série chamada People's Court, você sabe, aquela com o juiz Wapner.

Grimes caiu na gargalhada.

— Não me diga! — Verdade. Agora deixa eu lhe perguntar uma coisa: por que você deixou o Exército? Ele estudou sua cerveja, tomou um gole.

— Aposentado. Passei para a reserva, como falei. — Voluntariamente.

— Com os diabos, claro — respondeu ele, aborrecido.

— Sem intenção de ofender, pensei que você tivesse sido mais ou menos forçado a sair.

— O que foi que Iselin lhe disse? — Só que houve alguma espécie de, não sei, escândalo.

— Oh, é mesmo? Escândalo, foi a palavra que ele usou? — Algo assim.

Ele sacudiu a cabeça, bebeu de novo. Um longo silêncio se passou.

— Então, como é que foi, Grimes? — Você serve vinte anos como advogado no Exército e faz sentido se aposentar. Faça as contas.

— Você não foi forçado a sair? — Você não desiste, não é mesmo? — Grimes olhou-a com uma hostilidade próxima do desespero.

— Desculpe — disse ela, rápido. — Mas preciso conhecer o seu background.

Ele arriou o copo de cerveja na mesa e estalou os dedos.

— Olha, entrei para o Exército como soldado raso, fui para o Vietnã e sobrevivi. Certo? Voltei. estudei durante anos em escolas noturnas, consegui meu diploma de bacharel, me formei em direito, fui comissionado como oficial. Formei-me aos trinta e um anos. O Exército vive dizendo que é o único empregador que oferece oportunidades iguais, onde os negros são tratados da mesma forma que os brancos, e durante algum tempo cheguei a acreditar nisso. Nunca fui além de major, mas isso foi porque comecei tarde. Ótimo.

Grimes inclinou-se um pouco para a frente.

— Muito bem, então aparece o caso de um irmão de cor lá na Carolina do Sul. Fort Jackson. Cara negro, PFC, ou seja, soldado de primeira classe — acusado de roubo armado de um cara branco na base. Sou designado para o caso provavelmente por nenhuma outra razão além de ser negro. Tomo um avião, vou lá, falo com o garoto. O garoto nunca tinha feito nada de errado em toda a sua vida, certo? Quer dizer, aluno dos mais destacados na escola, membro da National Honor Society, atleta, nunca se meteu em encrenca, o Exército ia mandá-lo para a faculdade, motivo pelo qual se alistou,

porque vinha de uma família pobre. Muito bem, que provas tem a promotoria? Um reconhecimento fraquíssimo, já que a vítima não era capaz de distinguir um negro do outro. Enquanto isso, eu amarro as pontas do caso. Acontece que quando o roubo teve lugar, o garoto está em casa, a trezentos e cinquenta quilômetros de distância, numa licença de fim de semana. Não só isso, mas consigo cronometrar cada segundo do tempo dele naquele fim de semana. Sete testemunhas diversas lhe asseguram um alibi, e nenhuma dessas testemunhas tem antecedentes criminais ou qualquer coisa assim. Convoquei vizinhos para depor sobre o bom caráter do menino. Quando digo "coroinha", não estou mentindo. Mas a promotoria traz o menino para a corte acorrentado, o que não devia ter sido feito, e no fim não precisava nem ter havido julgamento, porque o júri totalmente integrado por militares brancos sai, delibera e volta em cinco minutos. Não tiveram tempo sequer de fazer uma votação secreta por escrito. Deram-lhe dez anos em Leavenworth.

Grimes finalmente olhou para cima. Tinha os olhos cheios de lágrimas. A expressão do seu rosto era feroz.

— Deram a essa porra desse coroinha, que entrou para o Exército só para poder fazer a faculdade, dez anos de prisão em Leavenworth por roubo a mão armada. Bem, eu sabia que aquela sentença não se sustentava, mas eu sou advogado, entende? Eu ia lutar até a Suprema Corte. Enquanto isso, toda a unidade dele sabe que o menino é inocente, e depois da sentença lhe dão quinze dias de adiamento do confinamento para que ele possa ir em casa se despedir da mãe e dos irmãos.

Grimes cerrou o punho e deu um soco de leve na mesa.

— Como eu queria que o tivessem posto na prisão... — ele sacudiu a cabeça.

— Por quê?

— Quando botam você na cadeia, tiram sua arma e você entra num esquema de alerta suicídio. Ele nunca poderia ter feito o que fez. O garoto se matou. Explodiu os miolos com a sua pistola de serviço. No dia seguinte entrei com o pedido de passagem para a reserva.

— Meu Deus do céu, Grimes.

— Você pode ver então, menina — disse ele, falando muito baixinho —, que não precisa me convencer de que merda um júri militar é capaz, certo?

Houve um silêncio longo e desconfortável, e quando Grimes falou de novo, sua voz estava mais alta e o tom beligerante.

— Agora permita que eu lhe faça uma pergunta pessoal. Você realmente acredita que seu marido seja inocente? Não que isso interesse ao nosso caso, claro.

— Claro que acredito. Não o estaria defendendo se não acreditasse.

— Bem, você se casou com ele.

— Grimes, se eu achasse que ele é culpado, teria contratado outro advogado. Não estaria eu mesma o defendendo se achasse que é realmente o monstro que estão querendo fazer dele.

Ele a encarou diretamente. Seus olhos estavam injetados.

— Claro, você representou Gary Lambert, não foi?

— Isto é diferente — retrucou ela, exasperada. — Ele é meu marido.

— Você pensa que tudo não passa de uma armação.

— Claro. O coronel Bill Marks volta para os Estados Unidos depois do massacre que ordenou e chega à conclusão de que é melhor se proteger. Por isso atribui a culpa do ocorrido ao único cara da unidade que se recusou a mentir. O único que pode destruir sua carreira. Treze anos são decorridos, o coronel Bill Marks passa a ser o chefe do estado-maior do Exército e está prestes a chefiar o Estado-Maior Conjunto. Tem plena convicção de que se safou. Pois bem, o filho da puta está enganado. Não contava comigo.

— O que é que eu sou? — perguntou Grimes. — Um peso de fígado moído? — Não, você é patê. Ei — exclamou ela subitamente —, por que não submeter Tom a um detector de mentiras? E apresentar os resultados nesta audiência? Vão desistir da corte marcial mais depressa que qualquer outra coisa.

— De jeito nenhum. Tire essa ideia indecente da cabeça. De qualquer forma, testes de detectores de mentira não são admissíveis.

— Oh, são, sim senhor. Você não se mantém atualizado? — A cláusula 707 das Regras de Provas Militares diz que não. Está nos casos comentados. Baseado em uma decisão da Corte de Apelos Criminais do Exército. Um rotundo não.

— Grimes, não era admissível, mas agora pode ser. Depende do juiz. Em U.S. versus Scheffer, 1996, decidido pela Corte de Apelos das Forças Armadas. Se for escusatório e o advogado da defesa conseguir estabelecer uma justificativa sólida, pode ser admissível.

— E se você estiver errada? E se ele realmente for culpado? — Ele não é culpado.

— Vai assumir esse risco? Além do mais, ele pode ser inocente e se sair mal no teste por estar nervoso. Aí nós estamos ferrados, porque o pessoal fala, você sabe disso. A notícia se espalha. Os jurados da corte marcial vão saber das fofocas de corredor. Todo mundo vai saber que ele falhou. Esses caras, esses técnicos que aplicam o exame, são Bonecas Tagarelas.

— Não se forem contratados por nós. Contratado por nós, ele passa a ser um assessor do advogado de defesa. Fica classificado na categoria produto do trabalho do advogado, com o mesmo tipo de relacionamento privilegiado com o cliente. Vou ver o que Tom pensa, mas você conhece um bom técnico? Ele suspirou, resignado.

— Conheço um, sim. Faz uma porção de trabalhos para Os militares. Quer outro jarro? — Não posso. Não um terceiro. E você também não devia, se vai dirigir.

QUANDO SAÍRAM, GRIMES FOI costurando seu caminho entre o bar e as mesas. Claire decidiu que insistiria em dirigir na volta para casa. Podia pegá-lo de manhã, mas não deixaria que dirigisse agora. Passaram por uma mesa grande redonda perto da entrada, onde ouviram uma súbita explosão de riso. Por ação reflexa, ela virou-se para olhar e viu Embry cercado por um bando de outros homens de cabelos curtos, uns de trajes civis, outros de uniforme de instrução do Exército.

— Grimes — disse ela.

Ele virou-se com um sorriso contaminado de cerveja, viu o que ela estava olhando, quem estava sentado do lado de Embry.

— Bem, olha só! O nosso capitão Terry Embryo, tomando umas e outras com o nosso promotor, o major Lucas Waldron. Bem, que se dane!

PARTE TRÊS

AINDA NÃO ERAM QUATRO HORAS DA MANHÃ e o céu era azul, quase preto, com um traço de rosa no horizonte. Havia orvalho na grama da pequena elevação abandonada em frente à "loja da defesa", uma estrutura baixa e branca com aspecto de temporária que servia como escritório do JAG — Judge Advocate General — em Quantico. Parecia um galpão cilíndrico, baixo e comprido.

Grimes chegou primeiro, de calça jeans, suéter e uma jaqueta de couro preta saída diretamente de Shaft. Claire também estava de jeans, suéter verde de lã e jaqueta de camurça. Permaneceram em silêncio. Dois sujeitos passaram trotando, vestindo camisetas e abrigos cinzentos do Exército, bufando no mesmo ritmo. Um carro parou, um Honda Civic cinza-grafite, o carro do capitão Terry. Grimes e Claire se entreolharam. Não o tinham visto desde aquela noite no bar; tampouco tinham dito qualquer coisa a ele.

Embry saltou e aproximou-se correndo.

— Sinto muito — desculpou-se.

— Não tem problema — disse Claire. — Ainda não chegou ninguém.

— Bom dia — disse ele para Grimes, balançando a cabeça. Estava de uniforme, bem passado como sempre. Tinha a pele clara, um pouco avermelhada. Ela podia sentir o cheiro de seu líquido bucal quando falava.

— Claire, senhora, más notícias sobre o general. O gabinete dele finalmente respondeu ao nosso pedido e disse que o general não poderá testemunhar nem mesmo dar um depoimento. Houve uma mudança na agenda dele. Vai ter de viajar para a CINCPAC, a sede do comandante-em-chefe da frota do Pacífico. em Camp Smith. no Havaí. Assim, vai ficar totalmente fora de alcance durante todo o tempo da investigação.

— Peça adiamento até que volte.

— E — disse Grimes —, só que você não vai conseguir. Panaca — ele rosnou.

— A boa notícia é que entrei em contato com Hernandez em seu nome e ele está disposto a ter uma entrevista conosco.

— Obrigada, Terry.

— Mas — Embry gaguejou — você se lembra que ele trabalha no Pentágono?

— Sim?

Embry destrancou a porta da frente e acendeu as luzes. — Bem, ele é o oficial administrativo chefe do general Marks.

— O quê? — disse Claire.

— É isso aí. Ocorre que Hernandez é como uma espécie de assistente do general. Seu oficial executivo. Cuida dos negócios pessoais do homem, da agenda, essas coisas.

Segue o general Marks por toda a parte desde 85. Totalmente leal.

— Tenho certeza de que vai falar a verdade — ironizou Grimes. — Não vai mentir para proteger o general. Oh, não ele, não o Hernandez!

Claire e Grimes seguiram Embry até uma sala de reuniões onde ele também acendeu as luzes.

— Querem que eu fique para isto ou não?

— Está bem então, se não se incomodam, eu gostaria de voltar à minha sala em Fort Belvoir.

— Ótimo — disse Claire. — Muito obrigada.

O TÉCNICO EM DETECTORES de mentiras chegou quinze minutos depois, um homem corpulento, atarracado e barbado, quase sessenta anos, que usava óculos de aros de chifre no estilo usado pelos aviadores. Carregava uma valise metálica cor de prata. Enquanto ia montando seus instrumentos, tagarelava. Seu nome era Richard Givens. Tinha uma voz grave, tranquilizadora. Falava devagar, cuidadosamente, como se estivesse se dirigindo a uma criança, com um melodioso sotaque sulista. Era de Raleigh, Carolina do Norte. Fizera o curso de detectores durante seu tempo de serviço no Serviço de Investigação Naval e trabalhara como examinador para a Marinha, em Newport, Rhode Island e San Diego.

— Será que a gente encontra umas cadeiras mais confortáveis por aí? — perguntou ele. — Seria ótimo.

Grimes saiu para o corredor e voltou um minuto depois com uma cadeira debaixo de cada braço.

— Estas servem?

— Excelentes — disse Givens. Ele se movimentou de um lado para o outro por algum tempo, montando o equipamento.

— Eu uso um aparelho de cinco canais — explicou. — Isto significa cinco canetas se movendo sobre este cilindro de papel aqui. São três os parâmetros — pneumo, cárdio e galvânico. A pulsação, o ritmo respiratório e a reação galvânica da pele.

— Podemos ficar na sala? — quis saber Grimes.

— Se quiserem. Mas terão de permanecer atrás do prisioneiro. Fora de sua linha de visão.

— Ótimo — disse Grimes.

— O teste que aplico — disse Givens, parando agora diante de Grimes, os braços curtos balançando desajeitadamente ao lado do corpo — é altamente estruturado, muito puro. Muito dogmático. Primeiro eu me encontro com o prisioneiro e conversamos até nos sentirmos à vontade um com o outro. Aí passo as perguntas com ele antecipadamente, diversas vezes. Ele saberá todas as perguntas antecipadamente. Não haverá surpresas. Quando eu sentir que o teste está completo, mandarei que vocês e o prisioneiro saiam. Então passo a examinar os gráficos. Por fim chamo vocês de volta em primeiro lugar.

Claire aquiesceu e sentou-se numa das cadeiras confortáveis.

— Se eu achar que há indicação de burla — se ele estiver mentindo, na minha opinião — eu lhe direi isso. Por favor, compreendam que o produto do meu trabalho é, e continuará sendo, confidencial.

— Depois eu chamarei o prisioneiro e farei também um relato para ele. Se não passou no teste, o que lhe direi é que o teste não irá ajudá-lo de jeito nenhum. Aí então, se quiserem, começarei o processo interrogatório. Para obter uma confissão.

— Nós lhe diremos quando chegar a hora — afirmou Claire. Givens consultou o relógio.

— O prisioneiro só vai chegar dentro de meia hora, certo?

— Certo.

— Ótimo. Agora preciso descobrir em que parâmetros exatamente vocês estão interessados.

CLAIRE E GRIMES VIRAM Tom — ele ainda era Tom para ela, qualquer que fosse seu nome oficial — chegar numa van branca. Usando um uniforme cáqui, e com todos os grilhões a que tinha direito, foi escoltado na hora de saltar da van por diversos guardas armados da prisão. Levaram-no, com as correntes tilintando ruidosamente, pelo corredor. Um guarda parou do lado de fora da janela da sala de reuniões. Um segundo guarda permaneceu no corredor, diante da porta. Um terceiro removeu as correntes de Tom e depois foi se juntar ao segundo.

— Tom, este é Richard Givens — disse Claire, apresentando os dois homens como se estivesse num coquetel. — Richard, este é... Ronald Kubik. — Eles iam passar por um exame que se propunha a detectar mentiras, e ela usou seu nome verdadeiro. Teve a consequência indesejada, contudo, de fazer com que ele parecesse uma pessoa diferente.

— Como vai, Ronald — disse Givens, quando se apertaram as mãos. Ele sentou-se em uma das cadeiras confortáveis e fez um gesto para que Tom fizesse o mesmo. Os dois homens conversaram por largo período. Givens subitamente tornou-se caloroso e jovial, não mais didático. A mudança foi impressionante. Tom começou a conversa meio desconfiado, mas depois de algum tempo sua reserva se dissolveu e ele passou a exibir o costumeiro jeito amável de ser.

— Ronald, você sabe que polígrafo é um instrumento que registra diversos fenômenos fisiológicos (pressão arterial, movimentos respiratórios etc.), usado geralmente como detector de mentiras. Você já foi submetido alguma vez a um teste de polígrafo?

— Sim, já.

— Quando foi isso?

— Em diversas ocasiões antes e durante o tempo em que servi com o Destacamento 27.

— Então aplicaram em você o teste que o Exército usa, chamado de teste de Zona de Comparação. É um teste muito

simples, mas muito bom. É o que vou lhe dar nesta manhã. Não sei como o técnico que lhe aplicou o teste trabalhava, mas quando dou o polígrafo, não há surpresas. Comigo não há perguntas surpresa. Na verdade, eu e você vamos rascunhar uma lista de perguntas e depois trabalharemos com ela, OK?

— OK.

— Nada de surpresas. Nada de armadilhas. Tudo muito amigável, OK?

— OK. Parece-me excelente.

— AGORA, PROFESSORA HELLER, SR. GRIMES, poderiam se aproximar? Preciso que saiam da linha de visão de Ronald. Nada de distrações, por favor.

Os dois se deslocaram para junto de Givens. O pulso de Claire bateu mais depressa — uma reação solidária ao que seu marido estava experimentando? — Seu nome é Ronald Kubik? — perguntou Givens. Mais uma vez sua voz tornou-se lenta, deliberada e monótona.

— Sim — a voz de Tom saiu clara e forte.

Seguiu-se um longo silêncio. Claire contou pelo menos quinze segundos. Givens teria esquecido o que vinha a seguir? — No tocante à sua presença no incidente de La Colina no dia 22 de junho de 1985, você responderá às minhas perguntas dizendo exclusivamente a verdade?

— Sim.

Outra pausa longa. Grimes olhou para Claire.

— Você está convencido de que não farei uma pergunta surpresa neste teste? — indagou Givens.

— Sim.

Claire contou quinze segundos mais uma vez. A longa pausa era intencional.

— Antes de sentar praça no Exército, você alguma vez feriu alguém deliberadamente?

— Não.

— Você participou ativamente na morte de alguém durante os tiroteios que ocorreram no dia 22 de junho de 1985?

Claire conteve a respiração. Sentiu tudo ficar imóvel no seu corpo. Até mesmo o coração pareceu parar de bater.

— Não — a resposta de Tom foi alta, clara e forte.

Ela soltou o ar silenciosamente e deu uma olhada no polígrafo, tentando descobrir o sentido das linhas que iam sendo riscadas pelas penas na bobina de papel, mas nada feito.

— Após a sua deserção do Exército em 1985, você alguma vez causou, deliberadamente, danos corporais em alguma pessoa?

— Não.

Desta vez foram dezoito segundos.

— Você tomou parte nos tiroteios havidos no dia 22 de junho de 1985, na aldeia de La Colina, em El Salvador?

A resposta de Tom veio mais rapidamente desta vez. — Não.

Dezesseis segundos. Claire deu-se conta de que seguia o avanço irregular do ponteiro de segundos do seu relógio.

— Há alguma coisa que você tema que eu lhe pergunte, mesmo eu tendo afirmado antes que não iria perguntar?

— Não.

Precisamente quinze segundos.

— Alguma vez você ameaçou uma pessoa amada de lesões corporais?

— Não.

Dezessete segundos de silêncio — Você viu alguns civis morrerem no dia 22 de junho de 1985 na aldeia de La Colina?

— Não.

Quinze segundos e depois vinte. A pausa mais longa até aquele instante.

— Muito obrigado, Ronald — disse Givens. — Estamos terminados por ora.

Grimes bateu à porta. Ela foi aberta e dois guardas entraram. Puseram os grilhões de novo em Tom e o levaram para o corredor, seguidos por Claire e Grimes, que se sentaram diante da sala da estenografia. Tom permaneceu de pé, com um guarda de cada lado. Todos aguardaram em silêncio por cinco minutos, o que pareceu uma eternidade.

Givens abriu a porta.

— Professora Heller, Sr. Grimes, eu poderia ter uma palavrinha com vocês, por favor?

Entraram na sala, Claire com o coração batendo com força. Sentia que suava atrás das orelhas.

Ele esperou até que ambos se sentassem. Não parecia interessado em gerar suspense. A impressão que dava era de que seguia algum roteiro com deliberada ponderação.

— Bem — perguntou Grimes —, ele é um filho da puta mentiroso?

Claire teve ímpetos de esganá-lo.

Givens não sorriu.

— Na minha opinião, ele está dizendo a verdade. Meu relatório concluirá por SIS. Sem indicação de simulação.

— Ah-ah! — exclamou Claire, calma e profissional na superfície. Por dentro estava exultante. Desde o nascimento de Annie que não experimentava uma tal sensação física e biológica de euforia: uma grande inchação dentro da caixa torácica, como se seus órgãos, coração e pulmões, tivessem levantado diversos centímetros. Ao mesmo tempo sentiu um imediato alívio da tensão.

— Muito obrigada — disse. — Quando podemos esperar o seu relatório?

A SALA DE AUDIÊNCIA ONDE A INQUIRIÇÃO ia se realizar era um aposento subterrâneo sem janelas, de construção recente, no subsolo de um dos prédios situados na área de Quantico, não muito longe da Academia do FBI. Tinha sido construído especialmente para reuniões secretas, cortes marciais e outros procedimentos reservados, e a intenção era que fosse usado pelos quatro ramos do serviço militar — Exército, Marinha, Aeronáutica e Fuzileiros. Dois soldados da polícia do Exército montavam guarda diante da escada de aço que descia até as portas duplas, também de aço, dotadas de trancas eletrônicas. Era um lugar extremamente seguro.

Pouco antes das nove horas da manhã Claire e Grimes se encontraram em frente ao prédio de tijolinhos vermelhos. Ela vestia um conjunto azul, conservador— nada demasiado elegante ou excessivamente berrante. Grimes, ela gostou de ver, estava de terno — jaquetão de oito botões, risca de giz, elegante.

- Não quero Embry falando — disse ela.
- Nem eu.
- E eu quero que você comece com a primeira testemunha.

Eu observo.

- Ótimo.
- Você está alinhado.
- Espantada, hem?
- É verdade. Vamos.

Eles entraram e desceram para o subsolo, e depois esperaram que as portas de aço do subsolo 2 fossem abertas. O teto era baixo, e a sala luzidia e moderna tinha cerca de seis metros por nove. O piso era de concreto, revestido de linóleo cinzento; as paredes também eram de concreto aparente. A não ser por essas coisas, era exatamente como qualquer outra sala de tribunal do mundo, com a bancada do juiz mais elevada e a cadeira destinada às testemunhas, uma área delimitada destinada ao júri (dez lugares em vez de doze), mas vazia, porque não haveria júri naquela audiência, uma mesa comprida para a defesa e outra para a acusação. A mobília — cadeiras das testemunhas e dos jurados, cadeiras destinadas aos espectadores, e mesas — era moderna e de bom gosto, de madeira clara e estofamento cinzento. Havia uma bandeira americana pendurada em um mastro ao lado da bancada do juiz, no qual tinha sido montado um selo em bronze das Forças Armadas. Na parede atrás da seção destinada ao júri ficava um relógio grande. A qualidade do som ali dentro era curiosamente abafada; o local tinha sido, é claro, submetido a tratamento de som.

Claire ficou surpresa ao ver quatro ou cinco espectadores muito sérios já acomodados, homens uniformizados usando crachás de segurança pendurados ao pescoço em correntes de continhas redondas de plástico. Não reconheceu nenhum deles. Por que estariam ali e como tinham sido autorizados a presenciar uma ação judicial tão secreta? — Pensei que fosse uma audiência fechada — murmurou Claire para Grimes.

- Quem tem autorização para tomar conhecimento de assuntos secretíssimos tem permissão para entrar e assistir.
- Quem são?

Grimes encolheu os ombros.

— Tem muita gente no Pentágono acompanhando este caso de perto.

Claire, mesmo depois de ter atuado em centenas de julgamentos e assistido a um número ainda maior, não pôde deixar de se sentir nervosa. A garganta estava ressecada. Olhou em torno procurando água. Sim, um jarro de água já fora colocado em cima da mesa da defesa. Serviu um pouco para si e para Grimes, arriou a valise em cima da mesa e abriu-a para retirar suas pastas cuidadosamente classificadas. Escondido no fundo, havia um ursinho Winnie-the-Poo de pelúcia cor de mel, um presentinho, uma mensagem de Annie. Claire sorriu, quase riu em voz alta de tanta satisfação.

Poucos minutos depois entrou o major Lucas Waldron, alto, magro e circunspecto, acompanhado por seu associado na acusação, cujo nome, disseram a Claire, era Philip Hogan, um capitão. Ambos estavam uniformizados e carregavam idênticas e volumosas pastas de couro. Waldron viu Claire e Grimes e cumprimentou-os com um gesto de cabeça enquanto ele e Hogan se aproximavam da mesa da promotoria.

— A turma está quase toda aqui — disse Grimes. — Onde está o homem?

— Deve chegar a qualquer segundo — respondeu Claire. Ela viu as portas de aço abrirem e, como acabara de prever, Tom entrou, flanqueado por dois guardas. Vestia um uniforme verde, bem passado. Ficou assombrada ao vê-lo fardado: o uniforme caía perfeitamente, ele parecia ter nascido para vesti-lo. As correntes nos tornozelos, nos pulsos e no cinto lembravam joias funk. A camisa estava imaculadamente passada mas visivelmente larga demais no pescoço. Perdera peso. E estava pálido.

Ele percorreu a sala ansiosamente com o olhar até que viu Claire, e sorriu. Claire acenou de volta. Ele foi conduzido para a cadeira vaga entre Claire e Grimes.

Faltavam três minutos para as nove quando Embry entrou, de uniforme verde também, e apressou-se a se juntar aos demais.

— Desculpe — disse, quando se sentou ao lado de Grimes.

— Foi dormir tarde, ontem à noite? — perguntou Grimes. Embry sacudiu a cabeça e sorriu amavelmente.

— Problema com o carro.

— Você é amigo da promotoria? — perguntou Grimes de repente.

Claire estremeceu. Tinha pedido a ele para não se confrontar com Embry, pelo menos por ora.

— Não especialmente. Por quê?

— Porque se eu souber que você vazou qualquer coisa para eles, e estou dizendo qualquer coisa, não interessa o quanto trivial ou idiota seja, casso você da Ordem dos Advogados e vou guardar seus testículos em vinha d'alho dentro de uma jarra de pickles na minha sala, ao lado de meus troféus de boliche.

— A propósito de quê, tudo isso? — perguntou Embry, magoado.

Grimes virou-se para a frente e viu o encarregado da sindicância entrar na sala, vindo de seus aposentos.

— Podemos conversar mais tarde. Agora é hora do espetáculo.

— ESTA AUDIÊNCIA PREVISTA NO ARTIGO 32 terá início. Eu sou o tenente-coronel Robert T. Holt. Como sabem, fui designado encarregado desta investigação que se faz segundo o previsto no Artigo 32 do Código de Justiça Militar.

O tenente-coronel Holt era um oficial de carreira com cerca de cinquenta anos de idade, integrante do JAG. Mesmo sentado na bancada parecia ser bem alto; era magro, o cabelo escuro começava a recuar e a testa alta coroava o rosto comprido e estreito, de expressão contraída. Usava óculos de armação metálica, formato quadrado. A voz era rouca, alta, o ritmo comum. Na sua frente sentava-se a estenógrafa da corte, uma mulher de meia-idade, corpulenta, falando baixinho dentro de uma máscara de borracha preta.

— O propósito desta investigação é avaliar a verdade das acusações feitas sob juramento contra o sargento de primeira classe Ronald M. Kubik, das Forças Armadas dos Estados Unidos. Cópias dessas acusações — e a ordem determinando a realização desta investigação — foram fornecidas ao acusado, advogado do acusado,

advogado dos Estados Unidos e estenógrafa da Corte. Sargento de primeira classe Kubik, tomou conhecimento das acusações feitas contra a sua pessoa? Ele estava sentado entre Claire e Grimes, na mesa da defensoria. Os grilhões tinham sido removidos.

— Sim, senhor. Tomei conhecimento.

— Entende que foi acusado de oitenta e sete assassinatos, que é um crime capital?

— Entendo.

— A defesa foi avisada de que tem o direito de reinquirir qualquer testemunha apresentada contra o acusado nesta investigação. Tudo bem, vamos agora tratar de assuntos práticos. Os documentos de manutenção do sigilo foram assinados tanto pela promotoria quanto pelo advogado de defesa?

— Sim, foram — respondeu Waldron.

— Sim — repetiu Grimes.

— Todos compreenderam que qualquer coisa que seja dita nesta inquirição, qualquer coisa que aconteça aqui, não pode ser divulgada fora deste recinto? — Compreendemos — disse Waldron. Grimes pôs-se de pé.

— Sim, senhor, nós compreendemos, mas queremos deixar bem claro que, ao assinar a declaração de sigilo, não estamos de modo algum desistindo de nosso direito a um julgamento público como é garantido pela Sexta Emenda. O Governo não fez nenhum esclarecimento, seja qual for, quanto ao motivo pelo qual esta inquirição deva ser classificada como secreta.

O tenente-coronel Holt encarou-o por alguns segundos e pigarreou.

— Sua afirmativa foi devidamente registrada.

Foi a vez do major Waldron se levantar.

— Sr. Oficial Investigador, o acusado não precisa de um processo público para obter uma inquirição justa. Desde que a defesa tenha acesso total e completo a todas as provas, o público não precisa tomar conhecimento do processo.

— Muito obrigado, major — agradeceu Holt.

Waldron permaneceu de pé.

— Senhor, ademais, este é um caso regulado pela CIPA — Classified Information Procedures Act — ele se referia à lei que regula as informações e procedimentos reservados — já que envolve a segurança nacional e informações classificadas.

— Ademais — murmurou Grimes, debochando.

— No entanto o Governo tem razão para acreditar que a defesa possa tentar "forçar" o Governo — continuou Waldron — ameaçando vazar informações classificadas a fim de obter uma vantagem indevida nesta corte. Ou pode estar inclusive planejando vazar informações de modo seletivo a fim de tentar conquistar a opinião pública — o que seria uma total violação dos documentos que assinaram. Eu gostaria de pedir que, no interesse da justiça deste processo, o senhor determine que os advogados de defesa nada vazem para a imprensa.

Claire e Grimes se entreolharam, assombrados. Até que ponto Waldron saberia a respeito de suas intenções? Teria sido Embry quem lhe contara? Quem mais poderia ter sido?

— Bem... sim — disse o coronel Holt. — Lembro aos senhores advogados que este é um processo reservado e os senhores são aconselhados a não fazerem quaisquer declarações à imprensa.

Claire levantou-se. — Senhor, aprecio sua advertência, mas como é do seu conhecimento, o Sr. Grimes, e eu, na qualidade de civis, não somos sujeitos a suas ordens. Tenho certeza de que o terceiro membro da defensoria, o capitão Embry, obedecerá às suas ordens. Mas todos nós assinamos um formulário em que nos comprometíamos a não revelar informações classificadas, e é nossa intenção cumpri-lo. Se o senhor decidir nos instruir com qualquer outra coisa concernente a este assunto, levaremos em conta apenas para propósitos informativos.

O oficial que presidia a inquirição olhou-a com raiva e, depois de uma pausa significativa, resmungou: — Registrado. O advogado do Governo tem, a esta altura, uma lista das testemunhas que tenciona convocar?

Quem respondeu foi o capitão Phil Hogan.

— Senhor Oficial Investigador, a esta altura do processo o Governo antecipa a chamada do coronel James Hernandez e do

primeiro-sargento Stanley Oshman.

— Quem é esse último? — murmurou Claire para Grimes. Ele deu de ombros.

— Não faço a menor ideia.

— Muito bem, capitão Hogan, major Waldron. Gostariam de dar início ao seu caso? Waldron ergueu-se.

— Senhor, o Governo oferece as Provas Investigativas de número 2 a 21, cópias das quais foram fornecidas aos advogados de defesa para fins de inspeção e possível objeção, e requer que sejam consideradas pelo oficial encarregado da investigação.

— Advogado de defesa? — perguntou o coronel Holt.

— Hmm, sim, senhor — disse Grimes. — Nós objetamos quanto à admissão da Prova Investigativa número 3, uma declaração relativa ao pretense comportamento delituoso do meu cliente envolvendo um vizinho na Carolina do Norte em 1984.

— Com base em quê?

— Com base em que trata de um comportamento pelo qual meu cliente não foi acusado e que não é relevante neste caso. É também imprópria como prova de caráter. Nenhuma acusação foi apresentada por causa deste suposto incidente — cuja simples existência nós questionamos de qualquer forma. Além do mais, o estatuto de limitações já expirou. Assim sendo, apresentamos nossa objeção amparados pelos artigos 404 (b) e 493 do Código Militar de Provas. Este incidente sem acusação não tem importância, tenha ou não meu cliente matado oitenta e sete civis em El Salvador. O Governo está simples e obviamente tentando fazer admitir esta evidência falsa com o único propósito de contestar a reputação do meu cliente nesta investigação.

— Advogado de acusação, pode explicar como isso é relevante? — perguntou Holt.

— Senhor — replicou Waldron —, estamos oferecendo este outro ato de morte, a morte de um cão, não para mostrar a propensão do acusado...

— Um momento — interrompeu Holt. — A morte de um cão?

— Suposta — murmurou Tom. Na verdade, Devereaux não tinha conseguido levantar nenhuma informação sobre o incidente e

tampouco do tal vizinho.

— Sim, senhor — confirmou Waldron —, não para mostrar a propensão do acusado para cometer assassinato mas sim para provar que o acusado é capaz de formular um projeto premeditado de matar.

Seja o que for que isto queira dizer, pensou Claire. Houve um longo silêncio.

— Eu vou concordar com o advogado de defesa — disse Holt finalmente. — Trata-se de um ato de comportamento impróprio estranho ao caso que estamos analisando e, por não ser relevante a qualquer dos elementos que compõem a acusação, não vou levar em consideração. Advogado de acusação, o senhor não pode apresentar esta prova.

— Sim, senhor— concordou Waldron em tom neutro, sem trair o menor desapontamento.

Grimes sorriu.

— Objetamos também contra as provas de 6 a 11 — disse ele. — Os depoimentos tomados sob juramento pela CID, a Divisão de Investigações Criminais do Exército, supostamente dados por seis outros membros da unidade de Forças Especiais do meu cliente, o Destacamento 27. Não é fácil reinquirir pedaços de papel. Onde se encontram esses seis homens?

— Advogado de acusação? — perguntou Holt.

— Senhor, diversos deles já faleceram. Quanto aos outros, nós só temos a obrigação de apresentar testemunhas que estejam "razoavelmente disponíveis", quer dizer, localizadas dentro de um raio de cento e vinte quilômetros do local da inquirição. Os outros no momento estão indisponíveis segundo o prescrito no Regulamento das Cortes Marciais 405 G1 A.

Holt hesitou.

— Estou disposto a considerar esses depoimentos prestados sob juramento. Se não há mais objeções, advogado de acusação, pode chamar sua primeira testemunha.

Waldron exclamou — na verdade, cantou: — O Governo chama o coronel James Hernandez.

O CORONEL JAMES HERNANDEZ, ASSISTENTE DO GENERAL, era baixo, mas muito musculoso, de cabelo preto curto e ondulado, bigode fino e pele morena. Havia uma cicatriz sob seu olho direito. Quando falava, exibia, de modo quase imperceptível, um vestígio de sotaque cubano e agarrava com força a grade na frente do estande das testemunhas.

— Eles pediram misericórdia — disse ele. — Juraram que não eram rebeldes.

— E o que foi que o sargento Kubik fez enquanto os estava metralhando? — quis saber Waldron.

— O que foi que ele fez? Ele reagiu de algum modo?

— Bem, ele sorriu, mais ou menos.

— Sorriu? Como se estivesse se distraindo?

— Protesto — exclamou Claire. Ela sentiu a mão de Grimes em seu braço. — Esta testemunha não pode declarar se o sargento Kubik estava se distraindo ou não...

— Hmm, bem, Sra. Chapman — disse o coronel Holt —, isto aqui não é uma corte marcial e sim uma inquirição prevista no Artigo 32. Isto significa que nenhuma das regras das provas se aplica aqui. A única coisa que seguimos aqui são as regras militares de procedimentos para as investigações pré-julgamento do Artigo 32.

— Meritíssimo...

— E eu não sou meritíssimo, por mais que eu gostasse de ser. Pode me chamar de "Senhor" ou de "Senhor Oficial Investigador", mas não Meritíssimo. Agora, a senhora vai reinquirir esta testemunha, quando chegar a oportunidade?

— Eu vou, senhor — disse Grimes.

— Muito bem, então, advogada, não vejo afinal por que está objetando. Temos uma regra aqui — para cada testemunha, um advogado. Nada de trabalho em equipe. Entendido?

— Entendido — disse Claire, com um meio sorriso. — Desculpe — sussurrou para Grimes.

— Não tenho mais nada — disse Waldron.

Grimes pôs-se de pé e parou na frente da mesa da defesa.

— Coronel Hernandez, quando o senhor foi contatado a respeito desta inquirição, foi ameaçado com acusações se não

cooperasse?

— Não.

— O senhor não foi coagido de modo algum?

— Não, não fui — ele encarou Grimes diretamente, numa atitude de confronto.

— Entendo — disse Grimes, como se claramente não acreditasse nele. — E quando foi interrogado pelo Departamento de Investigações Criminais em 1985, a respeito do incidente ocorrido em La Colina, foi pressionado de algum modo pelo Departamento?

— Em 1985?

— Exatamente.

— Não, não fui.

— Ninguém o ameaçou com acusações, se não cooperasse — cumplicidade, envolvimento no suposto crime, conspiração para cometer homicídio, ou mesmo homicídio?

— Ninguém.

— Nenhuma ameaça, seja qual for?

— Nenhuma — ele esticou o queixo como que para expressar melhor o desafio.

— Então este foi um depoimento completamente voluntário?

— Correto.

— Agora, o senhor trabalha para o general William Marks, o chefe do estado-maior do Exército, certo?

— Sim, sou o segundo dele.

— Ele lhe pediu para depor?

— Não, estou depondo por minha conta.

— Ele não o coagiu de modo algum?

— Não, senhor.

— O senhor não tem medo de prejudicar sua carreira se disser algo que represente uma crítica ao general?

Hernandez hesitou. — Se eu tivesse alguma coisa crítica a fazer, eu não poderia me calar. Estou sob juramento. Mas ele não fez nada de errado.

— Ahã. Agora, diga-me uma coisa, coronel. Quando o senhor viu o sargento Kubik descarregar a arma contra civis, o senhor pessoalmente tentou detê-lo?

Hernandez hesitou de novo. Aquilo seria algum truque de advogado? — Não — respondeu finalmente.

— Não tentou?

— Não.

— Quem foi que tentou detê-lo?

Hernandez hesitou de novo. Chegou mais para a frente na cadeira. Desviou o olhar para Waldron e companhia.

— Não sei. Não vi ninguém tentar detê-lo.

— Hmm — fez Grimes, que se aproximou mais alguns passos. Deu de ombros e disse em tom de conversa.

— Então na verdade o senhor não viu ninguém tentar impedi-lo?

— Não. não vi.

— E. coronel, já que o general Marks — naquele tempo, coronel Marks — se encontrava no quartel-general na hora do tiroteio. era o senhor quem estava no comando. Certo?

— Certo.

— Coronel Hernandez, há quanto tempo vem trabalhando com o general Marks?

— Desde 1985.

— Já é um bom período de tempo. Ele deve confiar no senhor enormemente.

— Espero que sim, senhor.

— O senhor levaria uma bala pelo general?

— Se fosse o caso, sim, senhor, levaria.

— E também mentiria por ele, não mentiria?

— Protesto! — gritou Waldron.

— Retiro a pergunta — disse Grimes. — Muito bem agora, coronel Hernandez, vou conduzir o senhor passo a passo pelo incidente. Vamos explorar cada detalhe muito lentamente, de modo a não deixar passar nada, certo?

Hernandez deu de ombros.

Em um nível de detalhe de atordoar, durante duzentas perguntas ou mais, Grimes conduziu a testemunha por todos os pontos em que foi capaz de pensar. Era como ver um filme fotograma por fotograma. Onde ele estava? O que disse o primeiro-

sargento Fulano de Tal? Até que, de repente, Grimes começou a desviar o curso.

— Coronel Hernandez, o senhor se considerava amigo de Ronald Kubik?

Os olhos de Hernandez desviaram-se para Waldron por um instante. Ele pareceu ter ficado mal-humorado. Abriu a boca e fechou em seguida.

— Pode nos dizer a verdade — instou Grimes, afastando-se do estande da testemunha e voltando para a mesa da defensoria.

— Não. Eu não me considerava seu amigo.

— O senhor não gostava muito dele, gostava?

— Eu achava que ele era pervertido.

Grimes parou e virou-se.

— Pervertido?

— Foi o que eu falei.

— Pervertido como que — tarado?

— É. Pode ser. Nojento.

— Oh? — Grimes pareceu curioso. — E exatamente como ele era tarado?

— Ele era sádico. Adorava matar.

— Em combate, certamente?

Hernandez pareceu confuso.

— Em combate, sim. Onde mais poderia ser?

— Você não matou ninguém fora de combate, matou?

— Não. Exceto em operação ordenada pelo escalão superior, o que nem sempre é uma operação de combate.

— Entendo. Quer dizer então que em operações ordenadas pelo escalão superior, ele adorava matar.

— Certo.

— O que era o trabalho dele — o seu trabalho.

— Só parte do tempo...

— Parte do tempo o seu trabalho era matar gente.

— Certo.

— E ele era bom nisso. Na verdade ele amava isso.

— Correto.

— Você diria que Ronald Kubik era um bom soldado?

— O que ele fez foi ilegal...

— Não estou perguntando sobre o que aconteceu no dia 22 de junho de 1985. Estou perguntando se até aquele ponto, até aquela noite, você diria que Ron Kubik era um motivo de orgulho para as Forças Especiais?

Hernandez, pego na armadilha, ficou ressentido. — Sim.

— Ele era realmente bom.

— Era — concedeu Hernandez. — Tão corajoso que assustava. Era um dos melhores homens que tínhamos.

— É tudo o que temos para esta testemunha — disse Grimes, dando por encerrado o interrogatório de Hernandez.

— Como é hora do almoço — anunciou o coronel Holt —, entraremos em recesso de uma hora e meia, até as catorze horas.

Um murmúrio, estranhamente amortecido pelo tratamento acústico, foi ouvido, juntamente com um tagarelar de vozes excitadas. Os poucos espectadores se levantaram.

Waldron encaminhou-se para a saída. Hogan, seu colega de acusação, deixou-se ficar para trás, fazendo qualquer coisa na mesa da promotoria. As portas de aço se abriram.

Tom deu um abraço em Claire.

— Estamos indo bem — disse ele —, não acha?

— Estamos — concordou Claire —, ao que parece. O que sei eu?

Neste momento Hogan passou pela mesa da defesa e, quando estava perto de Tom, murmurou: — Você sabe que nós vamos pegar você, seu tarado filho da puta, de um jeito ou de outro. Aqui dentro da corte ou fora.

Tom arregalou os olhos, mas nada disse. Claire, que tinha ouvido a ameaça, sentiu-se invadir por uma onda de adrenalina, mas também não disse nada.

Tom estendeu os pulsos para que o algemassem. Os grilhões também foram recolocados e ele foi levado de volta para a prisão, a fim de almoçar em sua cela.

Embry aproximou-se e esticou a mão para cumprimentar Grimes. Este ignorou o gesto, inclinou-se para a frente e falou em

voz baixa e ameaçadora: — Que porra foi essa que você falou com eles sobre vazarem para a imprensa?

Embry abaixou lentamente a mão. De tão vermelho, seu rosto chegou quase a ficar roxo.

— Nós vimos você, Embry. Vimos você tomando cerveja com Waldron e companhia.

— É mesmo? Pois bem, não passou disso. Cerveja. Eu trabalho com esses caras, sabe? São meus colegas. Vou ter de viver com eles, trabalhar com eles muito tempo depois que vocês se forem.

— E é por isso que você se sente livre para fazer confidências a eles?

— Agora ele fez você pensar desse jeito? Não falei nada, Claire. Absolutamente nada. Eu nunca diria nada a eles, Claire. Não é profissional e só serviria para me meter em encrenca. Além do mais, me faria passar por idiota. De qualquer modo, por que deveria eu contar que ia tomar parte numa conspiração destinada a violar o sigilo do processo? Ia me meter numa encrenca e tanto! Ele virou-se, parecendo magoado, e se afastou.

— Acredita nele? — perguntou Grimes.

— Não sei em quem mais acreditar — respondeu Claire. — Vamos almoçar. Meu carro está estacionado aqui perto. Há um McDonald's por perto.

— Boa ideia.

— Há um em cada base do Exército?

— Ou Burger King.

No caminho para o carro, quando se assegurou de que não havia por perto quem pudesse ouvi-los, Claire disse: — Não entendo por que você não o pegou, Grimes. No depoimento ele disse algo como "nós todos tentamos detê-lo". Mas na corte recuou dessa posição, numa contradição importante! Por que não explorou mais essa incoerência?

— Porque não é isso que queremos aqui. O que se procura é fechar a testemunha dentro da história que contou. Botar isso no papel. Não queremos questionar sua confiabilidade aqui.

— Explique.

— Não gaste todos os seus recursos agora. Nós vamos a julgamento, eu e você sabemos disso. Assim, vamos guardar munição para o julgamento. Nós tratamos esta inquirição como um depoimento para conhecimento das duas partes. Nada de confrontar a testemunha com suas inconsistências. Não aqui. Talvez nós as apontemos no fechamento, mas eu preferia que não. Acho sempre melhor usar o calibre grosso no julgamento.

Ela sacudiu a cabeça ante as esquisitices do sistema militar.

— Olha — explicou Grimes —, é como diferentes tipos de ratoeiras, certo? Tem umas com cola, onde o camundongo pisa e fica preso, se sacudindo, vivo, e você depois tem de pegar o bicho e jogar fora. E tem a tradicional de mola, que fecha em cima dele, quebrando sua espinha em meio segundo. A 32 é uma ratoeira de cola. Você faz a testemunha enfiar as patinhas na cola para que ela fique presa lá, se sacudindo, mas viva. Não se esmagam os filhos da puta por enquanto.

— Sim, bem, é verdade, eu quero esmagar o filho da puta.

— Porque você está defendendo seu marido. Não é assim que o sistema funciona. Seria pouco recomendado.

Ela ficou fortemente ruborizada, percebendo que ele estava com a razão. Não estava sendo objetiva. Como seria possível que seus sentimentos por Tom não influenciassem a maneira como atuava no caso? Ela abriu primeiro a porta do carona do carro alugado e os dois entraram. No instante em que girou a chave na ignição, eles se viram esmagados pelo barulho do rádio ligado a todo volume.

— Cara, você está querendo me matar? — berrou Grimes. — Tenho perda permanente de audição. Não sabia que você era do tipo musical.

Ela desligou o rádio.

— Jesus, o que era aquilo?

— Marilyn Manson, eu acho. Sei lá. Não ouço essa bosta, portanto não adianta me perguntar.

— Não fui eu que liguei — disse ela. — Nunca ouço rádio quando estou dirigindo.

— Talvez você tenha esbarrado em algum botão sem querer.

— Eu teria percebido. Acredite em mim, não liguei o rádio. Foi outra pessoa.

— Uma advertência — disse Grimes. — Para que saiba que podem entrar no seu carro ou sua casa na hora em que quiserem. Assim, tenha cuidado.

— Sutil — disse Claire.

— SUA ÚLTIMA TESTEMUNHA, ADVOGADO? — perguntou Holt.

— Senhor Oficial Investigador — disse Waldron —, tenho um testemunho que não é relevante agora e que preparei em resposta ao que antecipo que a defesa fará.

Grimes olhou para Claire, intrigado.

— Assim, em vez de reter o suboficial Stanley Oshman por mais um dia e meio, eu gostaria de fazê-lo depor agora.

— A Defesa tem alguma objeção? — perguntou Holt.

— Você não descobriu quem era esse cara? — cochichou Claire para Grimes.

— Não tive sorte — respondeu Grimes, também cochichando.

— Tudo bem, depois interrogamos o cara, ajuda a expormos o nosso caso. Em voz alta, acrescentou: — Não temos objeção.

— Chamo como minha próxima testemunha, o suboficial Oshman — anunciou Waldron —, técnico na aplicação de testes de detector de mentiras que trabalha em Fort Bragg.

A sala do tribunal agitou-se.

— O que diabo é isso? — exclamou Grimes em voz alta. Ele olhou para Claire e depois para Embry. — O que diabo é isso?

O suboficial Stanley Oshman, pequeno e com óculos de lentes grossas que o deixavam parecido com uma coruja, o cabelo louro já começando a escassear, com pouco mais de quarenta anos, levantou-se de um dos lugares destinados à assistência. Estivera ali o tempo todo, observando. Dirigiu-se até o estande das testemunhas e prestou juramento. Waldron livrou-se sem perda de tempo das preliminares, enquanto Claire e Grimes observavam horrorizados.

— Suboficial Oshman — perguntou Waldron, — além de suas responsabilidades normais, o que você faz com as unidades de Forças Especiais com as quais trabalha em Fort Bragg?

— Ensino os rapazes a vencer a máquina.

— Vencer a máquina? O que significa isto?

— Ensino técnicas — truques, se preferir — que os capacitem a vencer uma máquina detetora de mentiras, para o caso de serem capturados e interrogados atrás das linhas inimigas.

Em voz alta, mas ostensivamente dirigindo-se a si próprio, Grimes disse: — Espere um pouco aí!

— Então o senhor declara hoje aqui — continuou Waldron — que certos integrantes das Forças Especiais, como Ronald Kubik, são capazes de vencer o detector de mentiras.

— Correto. Ele certamente pode fazer isso.

— Quer dizer então que se for submetido a um exame, ele saberá como dar as respostas que quiser dar, sejam verdadeiras ou não, e ainda assim a maior parte dos examinadores concluirá que não mentiu.

— Exatamente.

Em tom demasiado alto, Grimes exclamou: — Nossa Senhora! O nosso cara pode muito bem ir para casa agora.

— Está me acusando de vazamento de novo? — perguntou Embry depois que terminou a audiência. — É isso que você está sugerindo?

— Não estou sugerindo, estou afirmando — fulminou Grimes. — Você tem outra explicação sobre como Waldron sabia que nós íamos chamar nosso técnico e apresentar os resultados do exame a que Tom foi submetido? Você tem outra explicação, cara?

— Não tenho explicação — até mesmo as orelhas de Embry ficaram vermelhas —, fiquei tão chocado quanto você...

— Oh, é mesmo? — interveio Grimes.

— Dê uma chance dele falar — disse Claire.

— Para quê? — retrucou Grimes amargamente. — Para que ele possa ficar aí nos tapeando? A acusação acaba de liquidar com sucesso o nosso trunfo. Você pensa que alguém vai dar atenção ao resultado favorável de um teste feito por um sujeito treinado para vencer a máquina?

Claire virou-se instintivamente para Tom, depois se lembrou de que ele acabara de ser levado de volta para a cadeia.

— Ótimo — disse Embry. — Dá pra ver onde isto vai dar. Posso ver que realmente não se importam com o que tenho para dizer. Portanto, vou tornar as coisas fáceis para vocês. Estou saindo.

Ele virou-se e começou a se afastar.

— Você ainda está sujeito à relação de confiança entre cliente e advogado, seu panaca — exclamou Grimes, falando na direção das costas de Embry. — Não que isso alguma vez o tenha detido, seu filho da puta.

Embry juntou-se ao êxodo de espectadores e advogados que abandonavam a sala do tribunal. Ao mesmo tempo, Waldron vinha se aproximando da mesa da defesa. Claire perguntou-se quanto ele teria percebido. Não seriam precisos ouvidos particularmente sensíveis para escutar o diálogo acalorado.

Quando chegou a cerca de um metro de distância, Waldron falou diretamente com Claire.

— O capitão Embry não me disse nada. Vocês lhe devem um pedido de desculpas. Este é um mundo pequeno, e as notícias circulam.

Claire preferiu não lhe dar a satisfação de insistir naquele assunto. E disse, com voz doce: — Talvez você possa me esclarecer uma coisa. O que adianta realizar um julgamento atrás de portas fechadas? Quer dizer, eu sempre ensinei que os julgamentos visam a demonstrar ao público que está sendo feita justiça. Neste caso, onde está o público? Cinco sujeitos anônimos portadores de licenças que lhes dão acesso a assuntos secretíssimos?

— Pergunte ao secretário do Exército — retrucou Waldron.

— É bem possível que eu pergunte — replicou Claire. — Mas está claro para mim que tudo isso é mantido em sigilo para não envergonhar certas pessoas. Não há claramente qualquer justificativa verdadeira com base na segurança nacional, tendo em vista que os eventos de que estamos falando ocorreram há cerca de treze anos.

— A segurança nacional — começou Waldron.

— Somos só nós aqui falando — interveio Claire. — Sem nenhum oficial encarregado da investigação por perto. Só nós. Assim, podemos ser sinceros. Você vê, eu realmente não entendo a

necessidade de submeter meu marido a uma corte marcial. Por que vocês simplesmente não o trancam num asilo de loucos?

— Que é realmente onde ele deveria estar — disparou Waldron. — Seu marido é um sociopata, um perverso, um doente. Demonstrou isso como assassino no Vietnã. Ele foi uma lenda, uma lenda perversa naquele mundo secreto. Mas era brilhante, falava um monte de idiomas e dialetos perfeitamente e não tinha escrúpulo de matar outros seres humanos. Perfeito para as finalidades militares. Exatamente como o governo dos EUA contratou aqueles nazistas no fim da Segunda Guerra Mundial. Só que o Pentágono pensou que podia controlar Kubik. E não pôde.

— Pergunte a si próprio o que os altos escalões realmente desejam — disse Claire. — Diga as mentiras que quiser a respeito de meu marido, o pessoal lá de cima só quer manter tudo isso enterrado. Querem se assegurar de que um massacre realizado em El Salvador por tropas americanas jamais venha a público. E nós estamos preparados para concordar com isso, Retire as acusações agora e nós concordaremos com o sigilo total. Por escrito, se você quiser. Nada será divulgado. Mas se você deixar que isto vá a corte marcial, destruirá o Chefe do Estado-Maior do Exército. Isto eu lhe prometo. E irei a público com a história — o mundo todo tomará conhecimento. Você deve se perguntar se é realmente isso o que deseja. Ele afunda, você afunda junto.

Waldron sorriu. Foi um sorriso desagradável, cruel, o sorriso de uma pessoa que raramente sorria.

— Eu sinceramente não dou a mínima para quem quer se proteger. Ou para quem afunda. Meu trabalho aqui é acusar um assassino, pô-lo em Leavenworth pelo resto de sua vida sem sentido. E preferivelmente, fazer com que seja executado. Este é o meu trabalho, que farei com alegria. Vejo você no julgamento.

LIMPANDO A COZINHA DEPOIS DO JANTAR, Claire e Jackie conversavam. Annie se preparava para dormir, escovando os dentes. Claire, exausta e pensativa, enxaguava os pratos enquanto Jackie enchia a máquina de lavar louça.

— Alguém pode fazer o favor de me dizer o que é que há com o Eeyore? — disse Jackie. — Quer dizer, podiam dar ao pobre burrico

um comprimido de Prozac, não podiam?

Claire assentiu, sorrindo.

— E essa história de Kubik. Não consigo chamá-lo de Ron — disse Jackie. — Fica muito confuso.

— Também não consigo. Não sei como chamá-lo, e há qualquer coisa de simbólico nisso. É como se ele fosse outra pessoa, só que eu não sei quem ou o que ele é. Eu o vejo por cinco minutos antes da sessão começar e falamos de trabalho. Só trabalho. Ele fala que me saí bem, ou me pergunta qualquer coisa relativa ao ritual que deve ser seguido. Vou visitá-lo na prisão e conversamos sobre o caso. Tudo é só trabalho.

— E não é assim que deve ser? Você o está defendendo, você é a advogada dele — a propósito, conseguiu que o resultado do teste da máquina detectora de mentiras fosse aceito?

— Claro que consegui. Mas foi um lance perdido. Se eu fosse o encarregado da inquirição, diria que ele venceu a máquina por estar treinado para isso.

— E o que é que você acha? Odeio esta máquina de lavar louça.

— Acha de quê?

— Se ele "venceu a máquina" — se ele tapeou o examinador?

— Como é que eu posso saber? É possível — quer dizer, ele aparentemente sabe como vencer a máquina. No entanto, acho que não precisaria fazer isso — ele é inocente.

— OK — disse Jackie, cautelosamente.

— É de enlouquecer. Já defendi um número suficiente de casos contra o governo em que o governo perseguia alguém, ou transformava alguém em bode expiatório — um sujeito que denunciou algo de errado, ou qualquer outra coisa —, de modo que sei como essas coisas podem ser feitas. Como os caras do governo podem ser corruptos. Uma vez defendi um sujeito que foi demitido da Agência de Proteção Ambiental por ter feito uma denúncia, basicamente sobre um local onde havia lixo tóxico. Acontece que o supervisor do meu cliente forjou os registros pessoais e as folhas de avaliação dele, e pôs uma data falsa anterior, tudo para fazer parecer que o cara tinha um problema de alcoolismo. Quando, na

verdade, sempre foi um funcionário modelo. Assim, eu já vi esse tipo de coisa acontecer.

Jackie virou um dos pratos de cerâmica pintados à mão.

— Estes pratos são muito legais — disse ela. — Fico surpresa por deixarem que nós os usemos. Acha que podem ser lavados na máquina?

— Não houve recomendação para não lavar.

— Posso abrir o jogo com você?

— Que é?

— Olha só, dois meses atrás nós duas basicamente pensávamos que Tom Chapman era simplesmente um cara fantástico — macho, bonitão. Bom em tudo o que fazia. Realmente um grande cara. Bom provedor, bom pai, grande marido, certo?

— Sim, e daí?

— E daí que agora sabemos que ele escondia muitas coisas de nós. Tem outro nome, seu passado secreto é arrepiante...

— Jackie...

— Não, espera. Seja qual for a verdade a respeito desses assassinos, o certo é que ele era membro dessa unidade militar supersecreta que cai de paraquedas nos lugares ou, sei lá, em um país estrangeiro onde não deveriam estar, portando identidades falsas, metralham tudo e depois vão embora. Quer dizer, você quer falar em símbolos? Pois ele caiu de paraquedas na sua vida, assumiu o comando de tudo, com uma identidade falsa...

— Brilhante — Claire começou a esfregar, profundamente concentrada, os detritos do cereal Alpha-Bits de Annie incrustados numa tigela.

— E nós realmente não sabemos quem ele é.

— Seja o que for de que o acusem, ele continua sendo o homem por quem me apaixonei.

Jackie parou e voltou-se para encarar diretamente a irmã.

— Mas você não sabe quem é o homem por quem se apaixonou. Não é o homem que pensou que era — não é o cara que você amou.

— Ora, vamos, o que na verdade você quer dizer com isso, Jackie? Olha, eu não estava sendo tola ou ingênua quando disse que

ele é o homem por quem me apaixonei. Quem quer que ele seja, eu o conheci como ele era, por causa do que ele era. Eu o amei — eu o amo — pelo que ele é, pelo que sei que é. Todo mundo tem um passado, todo mundo esconde alguma coisa, intencionalmente ou não, quer seja sua sexualidade, quer...

— Lá vem você racionalizando — Jackie ergueu a voz. — Você não sabe, ponto final, quem é ele e se fez ou não o que dizem que fez...

— Eu sei que não fez aquilo de que o estão acusando!

— Você não sabe nada a respeito dele, Claire. Se ele pôde mentir a respeito de sua família, de seus pais, de sua infância, de sua escola, de praticamente toda a porra da sua vida, você sinceramente acredita que não seria capaz de mentir a respeito disso?

Annie parou na entrada da cozinha vestindo seu pijaminha do Urso Pooh, chupando o dedo polegar pela primeira vez em anos.

— Annie! — exclamou Claire.

Annie tirou o polegar da boca com um pop líquido. Dirigiu um olhar triste, desconfiado, para a mãe.

— Por que você e a tia Jackie estão brigando?

— Não estamos brigando, amor. Estamos conversando.

Estamos discutindo.

— Parecia que estavam brigando — insistiu Annie, acusadoramente.

— Estávamos só conversando, garotinha — disse Jackie, acrescentando para Claire: — Vou fumar um cigarro.

— Lá fora, por favor. Pode ser que eu vá me juntar a você depois que a Annie deitar.

— Criei um monstro — disse Jackie.

— Não, você não vai me botar na cama — disse Annie à mãe.

— É a tia Jackie quem vai.

— Oh, mas será que eu posso? Eu quase não tenho visto você — sinto sua falta!

— Não! — exclamou Annie, falando mais alto. — Eu não quero que você me bote na cama. Quero a Jackie! Jackie virou para trás.

— Garotinha, deixe a sua mãe pôr você na cama.

Claire acrescentou: — Queridinha, sua mamãe...

— Não! Você vai trabalhar! Jackie me põe pra dormir! Vai embora!

Ela saiu correndo, batendo os pés com força na escada. Claire olhou para Jackie, que deu de ombros.

— Vai lá — disse Jackie. — Não se pode culpar a menina.

O quarto temporário de Annie era um quarto de hóspedes cujo único toque pessoal eram os brinquedos que ela espalhara pelo chão.

Annie já subira na cama e já estava olhando Madalena e o chapéu mau chupando furiosamente o polegar.

— Vai embora! — exclamou, quando Claire entrou.

— Querida — disse Claire suavemente, aproximando-se da cama e se ajoelhando ao lado.

Annie tirou o dedo da boca.

— Vai embora! Vai trabalhar!

— Posso ler para você? Eu adoraria, sinceramente.

— Bem, eu não quero que você leia, e é melhor ir embora.

Ela recolocou o polegar na boca e ficou olhando para o livro, emburrada.

— Posso falar com você?

Annie ignorou-a.

— Por favor, querida. Quero falar com você.

Os olhos de Annie não se desviaram do livro.

— Eu sei que você está zangada comigo. Não tenho sido uma boa mamãe, eu sei. Sinto muito.

A expressão de Annie pareceu suavizar por um instante; depois ela abaixou os olhos, franzindo a testa. Continuou calada. Claire tinha lhe falado que seu pai estava sendo submetido a julgamento, mas o que a menina realmente estaria entendendo do que se passava?

— Eu tenho andado ocupada demais tentando libertar o papai. Saio de casa cedo, volto tarde, ando exausta e não temos feito nenhuma das coisas que costumávamos fazer. E eu quero que você saiba que a amo muito. Mais que a qualquer coisa neste mundo. Quando isto tudo acabar vamos brincar juntas um bocadinho, vamos ao

zoológico, tomar sorvete e acima de tudo vamos voltar a ser do jeito como éramos.

Annie puxou as cobertas até o queixo. Sem tirar os olhos do livro, disse magoada, quase reclamando: — Quando papai volta para casa?

— Em breve, eu acho. Assim espero.

Uma pausa, e Annie resmungou.

— Jackie diz que ele está na cadeia.

Claire hesitou. Não queria mentir mais para ela, e naquele instante, Annie, ferozmente observadora como todas as crianças da idade dela, parecia quase desafiar Claire a dizer a verdade. — Ele está na cadeia sim, mas é um engano.

Annie franziu a testa de novo.

— Como é a cadeia? — ela parecia estar querendo os detalhes como prova da credibilidade da mãe.

— Bem, fazem com que ele fique num quarto. Nesse quarto dão sua comida e livros para ele ler.

— Não tem grades, trancas e tudo mais? — perguntou Annie cautelosamente.

— Sim, há grades.

— Ele está triste?

— Ele está triste por não poder ver você.

— Posso ir lá?

— Não, bebê, sinto muito.

— Por que não?

Boa pergunta — por que não?

— Eles não deixam entrar crianças — mentiu Claire.

Provavelmente as crianças podiam entrar nas salas destinadas às visitas. Annie pareceu aceitar aquilo.

— Ele está com medo?

— No princípio estava, mas agora não. Sabe que vão libertá-lo em breve e aí voltaremos a ser uma família novamente. Vamos ler um livro.

— Não, eu não quero.

Claire não seria capaz de dizer com certeza se Annie tinha se acalmado ou não.

— Estou cansada — disse a menina, virando-se de lado. — Boa noite, mamãe.

CLAIRE CAIU NO SONO deitada no sofá da sala de estar, cercada por livros de justiça militar e pacotes de materiais não classificados.

Lá pelas nove horas acordou assustada com a campainha da porta. Correu para atender, antes que tocasse de novo e acordasse Annie.

A expressão do rosto de Grimes era solene. — A decisão é contra nós, não é?

Grimes aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Quando vamos a julgamento?

— Posso entrar? Ou devo ficar aqui fora na varanda?

— Desculpe.

— O libelo acusatório está marcado para daqui a seis dias — disse ele, tirando o sobretudo verde cor de samambaia e pendurando no cabideiro que ficava no hall. — Isso significa que todas as nossas petições terão de estar prontas até lá, ou pelo menos deverão. Provavelmente entraremos em julgamento dentro de um mês.

— Por que será que eu me permiti pensar que seria diferente?

— Porque, debaixo de todo esse seu cinismo, você é uma otimista. Uma otimista maluca.

— Pode ser — disse Claire, sem muita convicção. — Quer um café ou qualquer outra coisa?

— Não, nada disso. Não de noite.

— Então é isto — disse Claire quando os dois se sentaram nos lugares de sempre na biblioteca-escritório. — Perdemos, estamos ferrados.

— Não acredito que eu esteja ouvindo essas palavras da rainha das apelações de Cambridge. Isto aqui é como beisebol, moça. As petições são a primeira base. O julgamento é a segunda. Depois você tem a Corte de Apelos Criminais do Exército. Segue-se a Corte de Apelos Criminais das Forças Armadas. Eles só fizeram um gol, o jogo ainda não acabou.

— Quem é agora o otimista maluco?

— Só estou descrevendo as regras do jogo. Uma porção de tentativas.

— Mas toda esta encenação é ridícula; o oficial encarregado da investigação diz a qualquer oficial que esteja integrando o júri que o comandante acha que Tom é culpado. Ninguém vai querer inocentá-lo depois dessa! O que é isso aí?

Ela fez a pergunta quando reparou que Grimes segurava um pedaço de papel.

— A convocação — disse ele, ficando de pé e entregando-a a ela. — Dê uma espiada. Vê quem está determinando que haja uma corte marcial?

Grimes ficou estudando uma urna de porcelana com aspecto frágil em cima de uma coluna de madeira pintada de branco que ficava perto da escrivaninha.

O cabeçalho dizia SECRETÁRIO DO EXÉRCITO.

O documento fora assinado pelo secretário do Exército em pessoa.

— Não entendo — disse ela. — Por que é o próprio secretário quem assina a convocação? Pensei que isso seria feito por alguém situado em um ponto mais baixo da cadeia de comando, como o comandante aqui da base de Quantico, por exemplo.

— Geralmente é. E é isto mesmo que é interessante. É como se ao enviar a mensagem lá de cima eles quisessem dar um recado. Você sabe como é. Não estamos brincando, isto aqui é sério pra caramba.

— Não — disse Claire.

— Não o quê?

— Não é esta a razão. Há um motivo legal. Um motivo realmente interessante.

— Diz pra mim.

— É porque o general Marks, o chefe do Estado-Maior do Exército, está envolvido no caso. O que, legalmente, faz dele um acusador de Tom. E, de acordo com o Artigo I do Código de Justiça Militar e a regra 504 do Regulamento das Cortes Marciais, letra c, inciso 2, uma corte marcial não pode ser convocada por ninguém

mais novo que o acusador. E o único mais antigo que o general Marks...

— É o secretário. Certo — ele traçou um desenho na urna e balançou a cabeça. — Certo.

— E o que é esta lista? — perguntou Claire, ainda olhando para a carta. — O júri?

— Sim, só que em um tribunal militar eles são chamados de "membros".

— Eu quero todos esses sujeitos verificados para ver se encontramos algum problema em seu passado. Preconceitos. Qualquer coisa que possamos usar no exame das testemunhas.

Como é que pode todos serem sargentos? Tom era sargento, graduação baixa. Não seria melhor um sargento mais antigo no painel? — Se quisermos, podemos requisitar. Mas acho que conseguiremos melhor negócio se ficarmos com oficiais. Na minha experiência, são mais inclinados a considerar as provas.

— Presumo que o mais antigo automaticamente lidere o júri.

— Você está pegando a manha da coisa. Aqui tudo é posto.

— E como podemos saber se esses sujeitos não foram escolhidos pela sua disposição em condenar Tom?

— Não podemos. Oficialmente é ilegal um comando exercer sua influência para escolher jurados com uma posição preconcebida, visando a um determinado resultado em um julgamento, mas é preciso muita sorte para provar isso. Você não consegue.

A campainha da porta tocou.

— Droga! — exclamou Claire. — Annie vai acordar. Ela estava quase pegando no sono.

— Esperando alguém?

— Ray Devereaux. Meu investigador. Desculpe um instante.

Ray estava parado diante da porta como uma estátua imensa com uma cabeça inacreditavelmente pequena. Envergava um de seus bons ternos.

— Boa noite — disse ele, com exagerada cortesia.

— Oi, Ray — cumprimentou Claire. Ela adiantou-se para abraçá-lo mas só conseguiu apertar sua barriga. Ele entrou e olhou em torno.

— Gosto disso — disse Devereaux. — Você morando num verdadeiro Tahj Mahal e eu hospedado numa espelunca.

— Seu hotel não é tão ruim, Ray. É...

— Esquece, é uma piada. O que aconteceu ao humor?

Na biblioteca, ele foi apresentado a Grimes e recusou-se a sentar.

— Quero saber por que vocês não denunciam o que está ocorrendo ao *Post* ou ao *Washington Times* — disse Devereaux. — É a única coisa capaz de descarrilar este trem. Abram a porta e deixem entrar a luz do dia.

— Não — apressou-se a dizer Claire, sacudindo a cabeça. — Aí Tom vai virar outro William Calley. Não importa se a gente vai conseguir ou não libertá-lo, desse jeito ele será um genocida e minha filha vai ter de conviver com isso.

— Mas se mudar de ideia — disse Grimes —, vê se toma cuidado. Nem sequer mencione o assunto no seu telefone.

— Você acha que nos grampearam?

Devereaux deu uma risada típica de quem já tinha visto tudo.

— Moça — disse Grimes —, eu não deixaria nada ao alcance deles.

— OK. Relatório de campo — anunciou Devereaux. — Dos homens do Destacamento 27 que fui capaz de localizar, há o Hernandez, que provavelmente faz continência cada vez que os intestinos do general Marks funcionam. Dois estão no setor privado. Dois eu não consegui encontrar. É tudo o que resta deles.

— Contando com Tom, são seis — disse Grimes. — Havia doze na unidade. Onde estão os outros seis?

— Mortos.

— Foi o que Tom me disse — lembrou Claire.

— Parece ser alta a taxa de mortalidade nessa unidade, vocês não acham? De 1985 para cá morreram seis.

— Como? — perguntou Claire.

— Dois em combate, mas não há nada disponível sobre as circunstâncias em que morreram. Três morreram em acidentes de automóvel. Um, que morava em Nova York e que nunca teve carro e mesmo carteira de motorista, morreu de ataque do coração.

— Porque não conseguiram montar um acidente de carro plausível — disse Grimes, balançando a cabeça. — Mas ataques do coração podem ser forjados, com os produtos químicos adequados.

— Tom tinha razão — disse Claire. — Disse que iam atrás dele também.

— Eles não imaginaram que iam perdê-lo do jeito como perderam — comentou Devereaux.

Claire ouviu um barulho na porta da biblioteca e viu Annie com o polegar na boca, arrastando o cobertor pelo chão. Outro episódio de regressão.

— O que é que você está fazendo de pé?

— A campainha da porta me acordou — respondeu Annie, num fio de voz. Ela deu uma olhada na biblioteca, piscando.

— Annie! — exclamou Devereaux, adiantando-se e estendendo os braços. — Quer dar uma volta de elevador?

— Quero! — respondeu Annie, esticando os bracinhos. Devereaux levantou-a quase que até o teto.

— Décimo andar! Descendo!

Ele foi abaixando a menina por estágios.

— Oitavo andar! Sexto andar! Terceiro andar! Térreo! Ela gritou, deliciada, e Devereaux jogou-a para cima outra vez.

— Opa, subindo de novo! Décimo andar! — e mergulhando com ela até o chão — Descendo, direto! Subsolo!

— Ray! — reclamou Claire. — A menina precisa dormir e você fica aí excitando-a!

Annie ria sem parar.

— Mais!

— Chega — disse Devereaux. — A mamãe disse que está na hora de dormir.

— Posso brincar um pouco aqui?

— Está na hora de dormir.

— Mas amanhã eu não tenho escola.

Claire hesitou por um momento.

— Está bem, só um pouquinho. Vocês se incomodam? Ela quase não tem me visto nos últimos dias.

— Ela também tem de obedecer à lei que define o sigilo do relacionamento advogado-cliente?

— Você tem de ficar quietinha, está bem? — disse Claire.

— Está bem.

Annie pôs-se a andar em torno da biblioteca, inspecionando os objetos, brincando com um peso de papéis.

— Vamos ter de substituir o Embry — disse Grimes. — Ou eles o substituirão, o que é mais provável. Mas definitivamente precisamos de alguém de dentro do sistema.

— Você realmente acha que ele vazou nossos planos sobre o exame do detector de mentiras?

— Você tem algum outro candidato?

— Não, mas pela avaliação que faço do caráter dele, acho difícil de acreditar.

Annie envolveu a urna de porcelana com as mãos.

— Cuidado — disse Claire para a filha. — Isto aqui não é a nossa casa. — Mas Annie não retirou as mãos e encarou a mãe com uma expressão de desafio no olhar.

— Você é assim tão boa para julgar caracteres? — ironizou Devereaux.

— É um mundo diferente, o dos militares — disse Grimes. — Regras diferentes. Lealdades diferentes. Valores diferentes. Moralidade diferente. Ele pode ser um sujeito ético, mas sua lealdade é com o sistema, com proteger os militares. Não conosco.

— Se você acredita nisso, por que não tenta conseguir que o registro de advogado dele seja cassado? Annie, querida, estou falando sério. Quero que você vá para a cama agora.

— Ah, era só papo furado. Como é que vou provar uma coisa dessas? Nunca acontece.

Houve um movimento súbito e a urna caiu no chão com um barulho chocante.

— Annie! — gritou Claire.

Annie dirigiu um olhar feroz à mãe e depois contemplou o que tinha feito. A urna de porcelana, espatifada em pedacinhos minúsculos, se espalhara numa larga extensão do assoalho lúcido.

— Oh, meu Deus! — disse Claire, levantando-se de um pulo.
— Annie! Está bem, você volta agora para a cama.

— Não, eu não quero ir para a cama!

— Hora de dormir, senhorita — Claire pegou-a no colo. Annie se retorceu, sacudindo o corpo para todos os lados e protestando furiosamente.

— Eu...não...vou...para...a cama!

— Ei! — exclamou Devereaux.

— O quê? — perguntou Claire, ao mesmo tempo que Annie conseguiu se libertar dos seus braços, aterrissou lindamente e fugiu correndo.

— Annie, volte aqui! — Vejam só isto aqui — ele apontou para os cacos de porcelana espalhados no chão.

Claire e Grimes se aproximaram.

— De que você está falando? — perguntou Grimes.

— Isto — respondeu Devereaux.

— Puxa vida! — lamentou-se Grimes.

— O que é isso? — perguntou Claire, os olhos fixos num pequeno objeto preto que nunca tinha visto antes.

Devereaux pegou o tal objeto no chão. Era oblongo, com não mais que três centímetros de comprimento e mais ou menos um centímetro de largura, preso a um fio comprido.

— Um transmissor — disse Grimes, a voz abafada.

— Oh, meu Deus! — exclamou Claire, num murmúrio agudo.

— Puxa vida — repetiu Grimes.

Claire pegou subitamente um cachorro de cerâmica em cima da mesa atulhada de enfeites ao lado da cadeira de Grimes e o atirou no chão. Ele espatifou-se e outro pequeno transmissor preto apareceu no meio dos cacos.

— Meu Deus do céu! — exclamou Claire.

— Claire — disse Grimes, em tom de advertência.

Ela levantou a pequena luminária preta esférica da mesa que usava como escrivaninha e atirou-a também ao chão. Abriu-se em duas partes, revelando outro transmissor.

— Calma, Claire — disse Grimes. — Você vai ter de pagar por toda essa bosta.

— Chega, Claire — disse Devereaux. — Não precisa fazer isso. Eu localizo o resto.

— Esta casa está repleta de grampos! — disse Claire. ofegante.

— Eu avisei — disse Grimes, agarrando os braços de Claire para contê-la. — Não se pode deixar nada perto deles. Agora você entende do que eu estava falando.

A CASA FORMIGAVA DE AGENTES DO FBI — investigadores da cena do crime, especialistas em colher impressões digitais e técnicos em geral. Chegaram com assombrosa velocidade depois que Ray Devereaux, um deles, os chamara na manhã seguinte. O telefonema de Ray foi dado depois que ele terminou uma inspeção rápida que revelou mais doze minitransmissores na biblioteca, no quarto de Claire e na cozinha. E outros haveria, sem dúvida. No teto do armário em um quarto de hóspedes vazio, Devereaux localizou uma caixa preta grande, que ele disse ser usada para receber os sinais, amplificá-los e irradiá-los num raio de muitos quilômetros para quem quer que estivesse ouvindo.

Foi marcada uma reunião para uma hora daquele dia com o juiz militar que fora designado para presidir a corte marcial de Ronald Kubik.

— Bem, sua queixa certamente apressou as coisas — disse Grimes, no caminho de Quantico, com Claire dirigindo.

Ele estava se referindo à queixa que ela apresentara ao Procurador Federal para o Distrito Leste do Estado de Virginia, que encarava coisas como engenhocas ilegais de vigilância e interferências no relacionamento privilegiado advogado-cliente com a maior das preocupações.

— Conseguimos assim que o juiz militar fosse nomeado — eles queriam que fosse designado um juiz para resolver a petição de Claire contra os grampos encontrados na sua casa. — O problema é que agora estamos ferrados.

— Por quê? — indagou ela, olhando para Grimes para ver se ele estava sendo irônico.

— Estamos ferrados porque o nosso juiz é o Warren Farrell, que, por acaso, é nazista.

— Como assim?

— Ele é o que chamam de um verdadeiro coronel de ferro.

— Hem?

— É o coronel antigão, um sujeito no último posto da carreira, perto da aposentadoria e que por isso mesmo não pode ser ameaçado. Assim sendo, pode ser tão arrogante quanto quiser e fazer de nós gato e sapato, que é algo que adora fazer com advogados de defesa, particularmente se forem civis. Com certeza não vai ligar a mínima para uma coisa dessas.

— Pelo visto você já funcionou em processos em que ele foi o juiz.

— Nunca tive o prazer. Mas já ouvi um bocado de histórias. Ele não gosta de militares moreninhos como eu — Grimes parou para tomar um gole do seu café. — Grandes circunstâncias para trabalhar com ele pela primeira vez.

— Do que é que você está falando? Acho tudo isso ótimo. Pomos o outro lado na defensiva e por contraste fazemos o papel de bonzinhos.

— Você não conhece o juiz Farrell.

— Será que ele vai ter preconceito contra nós porque tivemos o azar de ter o nosso espaço de trabalho ilegalmente grampeado pelo Governo?

— Não foi obrigatoriamente a promotoria, Claire — ponderou Grimes.

— Ah, sim? E você tem outro candidato?

— Puxa vida, pode ter sido o Pentágono. O Serviço de Inteligência da Defesa. O Serviço de Inteligência Humana — Humint — da Defesa, ou qualquer um desses grupos assustadores de inteligência militar que se escondem nos porões do Pentágono. Talvez uma organização privada de antigos integrantes das Forças Especiais que não querem que toda essa imundície venha a ser do conhecimento público. Ou que queira se assegurar de nossa derrota.

— Talvez alguns amigos do general — sugeriu Claire. — Mas o FBI não vai encontrar impressões digitais em nada. vai? Os culpados não iam ser assim tão negligentes.

Grimes, distraído, balançou lentamente a cabeça. — Esse tipo de coisa acontece o tempo todo.

— Entre os militares?

— Oh, sim, sem dúvida. Quando eu trabalhava no JAG, como promotor, ouvia montes de histórias sobre como grampeavam advogados civis. Os militares não gostam de ver advogados civis brincando no seu quintal, já falei isso.

— Papo furado, Grimes. Não me diga que a promotoria usava informações colhidas por intermédio de grampos.

— Oh, eles primeiro lavavam tudo. Acontece sempre. Você encontra uma fonte independente, atribui a ela. Acha que estou brincando?

— Não, não acho. Só não quero que você pense que está com a razão.

O ENCONTRO COM O JUIZ MILITAR DEU-SE in camera, na sala do tribunal de segurança máxima, segundo subsolo do prédio. Waldron já estava sentado, furioso, quando eles chegaram. Ficou arrumando uns papéis enquanto o capitão Hogan falava com ele. A estenógrafa da corte colocava fitas na máquina de gravar Lanier e testava o equipamento. O local destinado ao júri não tinha ninguém. Tom, de uniforme, foi posto sentado na ponta da mesa da defesa.

Dentro de mais algum tempo, o funcionário encarregado da disciplina na sala de sessões entrou, vindo do gabinete do juiz.

— Todos de pé! — exclamou.

Foi um homem grande, musculoso, de ombros largos e com uma densa cabeleira branca quem entrou. Sob a toga preta, ele estava uniformizado. Carregava uma pasta de couro em uma das mãos e uma Pepsi na outra. Parecia ser dispéptico. Claire teve certeza de que ele tinha uma expressão de raiva na fisionomia. Sem pressa, aproximou-se da bancada e deu uns piparotes no microfone, e ficou satisfeito com o nível da amplificação.

— A sessão tem início. Podem se sentar.

Depois que os advogados de defesa e acusação se sentaram, ele falou de novo.

— Sou o juiz Farrell.

Em seguida pôs um par de óculos de meia lente, consultou alguns papéis que estavam na sua mesa e passou alguns minutos dedicados a preliminares.

Claire sentiu um aperto no coração. Tinha ouvido vozes como aquela em Charlestown, nos bairros de brancos em Boston — seguro, dogmático, perverso, corporativista. Por tudo quanto sabia, ele ia demonstrar ser um homem razoável, respeitador do direito das pessoas, mas seu instinto lhe dizia que não passava de um valentão de pátio de escola.

Do jeito que ele falou, a impressão que deu foi de que já estava farto do julgamento mesmo antes de ter começado, mesmo antes da acusação.

— Agora, como todos aqui presentes sabem, esta sessão que antecede o julgamento é para tratar de uma queixa apresentada pela advogada de defesa concernente a supostos grampos ou transmissores, ou sei lá mais o quê, supostamente encontrados em seus aposentos e escritório.

O luxuriante cabelo branco de Warren Farrell contrastava com seu rosto avermelhado, cheio das pequenas rugas típicas de quem bebe pesadamente. Farrell tinha competido no Luvas de Ouro, o famoso campeonato amador de boxe, segundo informações de Grimes, e a isso podia atribuir-se a responsabilidade pelo nariz quebrado. Além do mais, graduara-se em Direito estudando à noite.

— Advogada de defesa — murmurou ele —, tem algo a dizer? Claire se levantou.

— Meritíssimo, eu sou Claire Heller Chapman, a principal advogada da defesa.

Ela levantou um saco plástico Ziplock destinado a guardar provas, no qual tinham sido claramente marcadas as letras e que continha um dos minitransmissores pretos.

Na verdade, nada poderia parecer mais um grampo que aquilo, com seu corpo negro fino de onde se projetava, como cauda, um filamento. O FBI relutantemente o emprestara a ela, após grande pressão de Ray Devereaux.

— Meritíssimo — prosseguiu ela —, recebi assistência técnica do FBI, que está investigando esta questão agora e que confirma a

informação de que meu escritório foi grampeado por pessoas desconhecidas.

Claire falou cuidadosamente, temendo exceder-se.

— Tenho razão para crer que o governo esteja envolvido.

Gostaria de requerer, como reparação adequada, todas as conversações interceptadas a partir do meu escritório. Gostaria de, respeitosamente, solicitar que o senhor determine ao governo que exiba toda e qualquer informação concernente a grampos, escutas casuais, etcetera, assim como cópias de todas e quaisquer transcrições ou fitas gravadas.

— Advogado de acusação? — disse o juiz, cansadamente.

Waldron pôs-se de pé com um salto.

— Meritíssimo, nós consideramos essas alegações ultrajantes e claramente destinadas a influenciar Vossa Excelência contra o governo. Não há a menor evidência de que tenhamos qualquer coisa a ver com tão chocante quebra do privilégio que protege o relacionamento advogado-cliente e, com sinceridade, sentimo-nos ofendidos com esta acusação.

Waldron falou de forma tão acalorada, com tão justa indignação, que por um momento Claire chegou a acreditar nele. Certamente que era possível que ele nada soubesse acerca do golpe sórdido. Se Grimes estivesse certo, as informações ilegalmente obtidas podiam ser lavadas através de fontes independentes. Neste caso, eles — quem quer que fossem esses "eles" — não iam querer conservar Waldron no escuro acerca da origem de tão "suculenta" matéria?

— Você está me dizendo que não tem nada a ver com isso — disse Farrell, fixando os olhos pequenos e brilhantes em Waldron.

— Meritíssimo, não apenas não temos nada a ver com tudo isso — replicou Waldron, furioso —, como também eu me sinto pessoalmente ofendido...

— Está bem, está bem — disse Farrell, interrompendo a tirada de Waldron, como se estivesse farto dele também. — Prestem atenção, porque vou dar uma solução rápida e rasteira. Advogado de acusação, vou expedir uma ordem para que o governo justifique sua afirmativa de que as acusações da advogada de defesa são

mentirosas e que o governo não tem responsabilidade alguma quanto aos grampos. Agora, na hipótese de que a acusação tenha qualquer envolvimento no caso, determino que apresente cópias de todas as transcrições ou fitas de conversas interceptadas, e justifique por que sua conduta não representou uma violação da lei. E, pessoalmente, quero lhes dizer que se eu encontrar a menor evidência de atividade ilegal da parte de qualquer dos lados, o responsável vai pagar pelo que fez! Ele bateu o martelo de madeira.

— É só.

Waldron passou pela mesa da defesa quando saía da sala e, antes que tivesse uma chance de dizer qualquer coisa, Claire levantou os olhos para seu rosto de lábios finos.

— É bom que você saiba que eu vou requerer o cancelamento do processo por conduta exorbitante do governo — disse ela. — Você estragou tudo, major. Infringir o relacionamento privilegiado advogado-cliente é uma gigantesca violação do conjunto de procedimentos que dirigem um julgamento.

Ela torceu a boca, enojada. — Foi realmente patético. Coisa de amador.

Waldron a encarou com seus lúcidos olhos azuis acinzentados. — Espero que você não pense mesmo que tenhamos necessidade de grampear seu escritório.

Ele sacudiu a cabeça e dirigiu a ela um dos seus sorrisos cruéis.

— Você realmente não tem ideia, tem?

O HOMEM CUJO PRIMEIRO NOME E TELEFONE Tom rabiscara num pedaço de papel na prisão encontrou-se com Claire em um bar yuppie em Georgetown — escolha dele, embora assim que chegou tenha declarado que odiava aquilo. Um número excessivo de pôsteres de publicidade italianos antigos, um número excessivo de charutos. Mas nenhum dos dois fez menção de ir para outro lugar. O sujeito era baixo e fino de corpo, de aparência atlética, com cerca de cinquenta anos. Era também inteiramente calvo, desses homens que têm uma careca tão reluzente como se a encerasse, coisa que Claire ouvira dizer que havia quem fizesse. Examinando-o mais de perto, ela viu que ele escanhoava os lados da cabeça, provavelmente todos

os dias. Tinha sobrancelhas escuras espessas e sua aparência seria sinistra se não fosse seu jeitão emburrado. De qualquer modo, fez com que Claire se sentisse perturbada.

— Dennis — ele se apresentou sem oferecer a mão.

— Claire — disse ela, também sem estender a mão. Por diversas noites seguidas telefonara para o número que Tom lhe dera, mas ninguém atendera. Era da casa daquele homem, que não tinha secretária eletrônica ou caixa postal. Só tocava sem parar, até que na noite anterior ele finalmente atendera.

— Quem sabe que você está aqui? — perguntou Dennis. Ele vestia um terno cinza decente, uma camisa branca com jeito de cara, gravata prateada e grandes abotoaduras de ouro.

— Por quê? Você vai me matar?

Ele não achou graça.

— Você falou com algum dos advogados da sua equipe, ou dos militares?

— Não.

Ela planejava contar a Grimes depois, mas não viu necessidade de entrar nesse nível de detalhe agora.

— Você não está escondendo nenhum gravador, presumo.

— Não, não estou.

— Vou aceitar sua palavra. Eu posso vir a enfrentar uma porção de dificuldades, de modo que, por favor, nada de registros do nosso encontro. Não conte a ninguém. Você conhece a rotina.

Ela aquiesceu.

— Você tem sobrenome. Dennis?

— Por ora vamos deixar como está.

— Como você conhece Ronald Kubik?

— Eu o conheço.

— Vietnã?

— Melhor não entrar neste detalhe.

— Se incomoda se eu fumar?

— Preferia que não — ele disparou um sorriso simpático, embora seus olhos não participassem.

— Ainda bem que pelo menos isso ficou esclarecido. Onde você trabalha?

— Langley — respondeu ele, o rosto totalmente inexpressivo.

— Ah, a Agência. Eu devia ter adivinhado. Não imagino que queira me dizer em que divisão da Agência trabalha.

Ele deu de ombros e sorriu. Por pouco não era um sorriso juvenil encantador.

— Podemos tratar de negócios?

Seu terno cinza estava amarrotado debaixo dos braços, como se ele o estivesse vestindo desde cedo. Não tinha jeito de quem trabalhasse em mangas de camisa. Ela achou que devia ser razoavelmente bem situado nos altos escalões da CIA.

— Imagino que não saiba muita coisa sobre como os militares atuam — disse ele.

— Estou aprendendo.

Ele sorriu de novo.

— Com o que vê?

— Não estou planejando incorporar-me às fileiras, se é a isso que está se referindo.

— Bem, quando uma unidade de combate volta para sua base depois de uma ação de combate, é uma obrigação do comandante preencher um relatório de incidentes, o que, no Exército, é chamado de Relatório de Combate. Assim sendo, diga-me uma coisa: tenho certeza de que vocês entraram com o pedido para conhecer tudo o que a Promotoria sabe, essas coisas todas — mas receberam uma cópia do Relatório de Combate que o coronel Marks preencheu depois da atrocidade de La Colina?

— Não. Temos caixas e caixas de papéis, mas isso não está lá.

— Nem poderia estar. Não existe. Eu só estava curioso para saber se eles tinham forjado qualquer coisa. O ponto é o seguinte: quando o Destacamento 27 voltou para o seu acampamento, o coronel Marks, agora general, preencheu e apresentou um MPR. Memorando para Registro. Para contar seu lado da história, sua versão do que aconteceu. Três ou quatro linhas, escritas à mão. Você entende, Marks é o tipo do sujeito que põe "dar uma cagada" numa lista, certo? Ele planeja tudo. Há um ditado no exército — MPR = TRR. Sabe o que significa TRR?

Ela ficou aguardando.

— Tirar o Rabo da Reta — explicou ele.

— Claro, nós também tirávamos o nosso da reta em Harvard. Ele não sorriu.

— Você deve ter acesso a esse MPR.

— Como?

— Especifique isso no seu pedido de igualdade de acesso às informações.

— Acha que conseguimos?

— Difícil prever. O Pentágono é muito bom nisso de "perder" as coisas. O Congresso tentou conseguir os arquivos do Pentágono sobre a Guatemala e eles levaram cinco anos para encontrar. A explicação foi que tinham sido guardados em local errado.

— Certo. Então não vamos conseguir o MPR. Mas de que adiantaria, afinal? Vai conter apenas a mesma mentira antiga sobre Tom — quer dizer, Ron — ter massacrado um monte de gente inocente.

— Talvez.

O scotch com soda de Claire acabava de chegar mas Dennis já vestia de novo sua capa de chuva verde-oliva.

— Vocês devem ter uma cópia em algum lugar — disse Claire. Ele exibiu outro sorriso ortodonticamente perfeito.

— Bem, para falar a verdade, é possível que tenhamos. Mas você não acredita a bagunça em que se encontram nossos arquivos. Eu até posso mandar uma das minhas meninas procurar. E aviso se ela conseguir descobrir alguma coisa.

— E o que isso vai provar?

— Pode provar ou não que Marks é um mentiroso. Olha, ninguém vai testemunhar contra o general Marks. Mas agora talvez você não precise disso.

Jackie ainda estava acordada quando Claire voltou. As duas foram para a pequena "sala de recreação" ao lado da lavanderia para um uísque e cigarros. Claire tinha declarado o fim da regra que impedia o cigarro dentro de casa. A civilização estava desmoronando.

— Oh, espionagem — disse Jackie. — Legal. Esse cara, lembra, como é mesmo o nome dele, G. Gordon Liddy. Sabe aquele

cara de Watergate que passava o dedo em cima de uma vela acesa para demonstrar o quanto era macho?

— Acho que todos os espões inteiramente carecas desejam ser o Gordon Liddy.

— Por que ele está ajudando você?

— Essa é a grande questão. Acho que é por ser amigo de Tom.

— De onde?

— Ele não quis dizer.

— Acha que está dizendo a verdade?

— Vamos ver se aparece com alguma coisa.

— Mas isso torna você ainda mais segura de que Tom está dizendo a verdade.

— Há algo na intensidade de Tom que me diz isso.

Independentemente do resto. É o som da verdade falada por um homem desesperado. E ele não perdeu a fé. Sabe, da última vez em que o visitei na prisão, ele me disse que queria ir à missa, mas não quiseram que ele saísse da cela. Por isso levaram o capelão lá.

— Entrega a domicílio. Melhor é impossível. Vai pô-lo para depor?

— Não sei — disse Claire com pesada ironia. — Cirurgia plástica, nome trocado, falsa identidade — tenho certeza de que Tom daria uma grande testemunha.

— Oh, sem dúvida.

— Não é só isso. O fato é que sei que ele se sairia muito bem. Tenho certeza. Mas se o pusermos depondo, tudo o que diz respeito à sua vida pregressa passaria a ser admissível. Histórias inventadas pelo outro lado, embora não possamos provar. Sua atuação no Vietnã, onde era uma espécie de assassino pago pelo governo para matar desertores americanos. As coisas doentias que fazia com cachorros.

— Cachorros?

Claire acendeu outro cigarro.

— Engraçado, não é, como ficamos mais revoltadas com a morte de cachorros do que de seres humanos.

— Imagino que os nossos soldados no Vietnã não estavam a fim de fazer nada de bom. Cachorros são inocentes.

Ela exalou a fumaça do cigarro pelas narinas.

— Sua secretária de Cambridge telefonou. Connie. Há uma longa lista de pessoas que querem contratar você.

— Ela disse que eu não podia, suponho.

Jackie fez que sim.

— O *Post* ligou de novo. Acho que estão ficando realmente furiosos com você por não querer falar com eles.

— Não tenho de falar com nenhum repórter.

— Eles pensam que têm o direito moral, concedido por Deus, de falar com você.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Se houver uma chance — mesmo a mais remota das chances — de que ele seja culpado, de que seja o monstro que a acusação diz que é, você realmente vai querê-lo perto de Annie?

— Se for culpado, claro que não.

— É bom ouvir isso — disse Jackie, sombriamente. — Porque nas últimas semanas tive a impressão de que você vem sendo primeiro esposa e depois mãe. Tipo muuuito depois. Olha só para Annie, veja como está reagindo. Veja como você a vem ignorando.

Claire olhou para Jackie, viu a cólera estampada no seu rosto. Nunca vira a irmã tão furiosa. Só que ela sempre fora extremamente protetora em relação à sobrinha.

— Estou fazendo o melhor que posso — disse Claire, em um tom de voz submisso. — Trabalho dia e noite...

— Ora, deixa disso — interveio Jackie bruscamente. — Você era louca por ela. Antes que tudo isso acontecesse. Agora mal fala com a menina, Cristo Rei, Claire, você é a mãe de uma criança que não tem pai! Ela só tem a mãe, criatura de Deus! Annie precisa muitíssimo de você. Mais que o seu marido. Ele pode arranjar outro advogado. Annie não pode arranjar outra mãe.

Absolutamente chocada, Claire limitou-se a encarar a irmã, incapaz de dizer qualquer coisa.

Enquanto permaneceu acordada na cama durante horas, a cabeça de Claire disparou. mas de um modo desorganizado e inútil.

Chorou por causa de Annie, pelo modo como negligenciara a filha. Não conseguiu dormir senão muito depois das duas horas.

As três e trinta e sete da manhã, o telefone tocou.

Acordou assustada, custou a achar o telefone, o coração disparado.

— Sim? Não conseguia tirar os olhos dos números digitais vermelhos do relógio em cima da mesa.

Silêncio absoluto no telefone. Ela já ia desligar quando ouviu uma voz.

Uma voz estranha, metálica, metálica e vazia. Sintetizada.

— Você devia se perguntar quem realmente deseja acabar com ele.

A voz era grave e eletronicamente alterada.

— Quem está falando? — perguntou Claire.

— Waldron é apenas o homem da linha de frente — disse a voz. Depois silêncio, um silêncio mortal.

— Quem fala? — insistiu Claire.

Desligaram.

Ela tentou, mas não conseguiu dormir de novo mais que uma hora.

NO SEU UNIFORME DE PRISIONEIRO, que era um macacão azul-bebê, e algemas, Tom parecia peculiarmente vulnerável. Os dois corpulentos guardas da prisão que o escoltavam ficaram parados, observando-o examinar uma metralhadora.

Estavam todos em uma grande sala vazia ao lado de um dos depósitos de armas de Quantico.

A arma, uma M-60, tinha 112 centímetros de comprimento e estava acondicionada dentro de um saco plástico e etiquetada como prova. Supostamente era a arma de Tom, a que ele usara quando integrara o Destacamento 27, e que teria empregado para matar oitenta e sete civis. Para Claire era apenas uma metralhadora; nunca vira uma de perto antes.

Ela e Grimes esperaram dentro do depósito, sentados em cadeiras de metal, enquanto ele a revirava e examinava.

— Você sabe — perguntou Grimes — que chamam a base de Terra do Vale Sonolento, como na história do cavaleiro sem cabeça?

— Por quê? — indagou Claire, sem simular qualquer interesse.
— Por ser tão sossegado e arborizado.
— E pacífico — acrescentou Claire, sarcástica. — Quero Embry de volta.

— O quê?
— Você me ouviu. Quero Embry de novo na equipe.
— O que a faz pensar que ele voltará?
— Porque provavelmente o puseram tratando de casos de brigas de bar e motoristas bêbados. Vai pular de alegria com a chance.

— Foi ele que saiu, não se esqueça. Não fomos nós que despedimos.

— Nós o envergonhamos tanto que ele se viu forçado a sair. E também erramos. Nós o acusamos de ter vazado informações para o outro lado, quando agora sabemos que o nosso escritório estava grampeado. Precisamos dele. Precisamos de alguém de dentro, você mesmo disse. Precisamos de alguém para entrevistar e preparar as testemunhas, além de fazer todo o trabalho braçal a que você e eu não temos tempo de nos dedicar.

— Ei, você não precisa me convencer. Fale com ele. Eu é que não vou falar, de jeito nenhum.

Elevando a voz, ele dirigiu-se a Tom.

— Parece familiar?

— O que é que eu posso dizer? — respondeu Tom. — Quer dizer, como é que posso saber que é a minha? Falando sério, sei que é uma M-60. Nós usávamos M-60s.

— É claro que vamos ter um técnico independente examinando-a, assim como os projéteis e os cartuchos — disse Claire. -Não confio nessa gente.

— Gostaria de saber o motivo — debochou Grimes. — Há um número de série gravado nela. Parece familiar? Grimes -disse Tom—, você acha mesmo que vou conseguir me lembrar do número de série da minha arma depois de todos esses anos? — Só estou tentando ajudar. Pensei que o pessoal que atua em operações secretas limasse os números de série das armas para nunca serem identificados no caso de caírem prisioneiros.

— Histórias de comadres — disse Tom. — Nós éramos parte do Exército — precisávamos dos números de série como todo mundo para não perder as armas e saber do seu destino. Éramos apenas imaginosos a esse respeito. Usávamos armas limpas — armas novas compradas pelos governos do Panamá ou de Honduras, para não haver registro histórico anterior, com a sequência dos detentores.

— Não deveria ser uma coisa bastante simples verificar se foi ou não esta a arma usada para matar toda aquela gente? — quis saber Claire.

— Sem dúvida — respondeu Grimes. — Fazer o exame balístico, comparar os estojos e as balas com o cano da metralhadora e ver se existe uma coincidência.

— E se houver uma coincidência? — indagou Claire. — Como podem provar que foi Tom o autor dos disparos?

— Se houver uma coincidência — disse Tom, exausto —, então a arma não era a minha.

De uma hora para outra ele deu a impressão de se sentir derrotado.

— Mas havia registros de quem pegou qual arma?

Ele deu de ombros, estudou o chão.

— Havia — respondeu lentamente. — Cada um de nós recebia uma metralhadora, um fuzil e uma pistola. Usávamos a mesma arma sempre. Para retirá-la do depósito a gente tinha de assinar um recibo.

— Então há registros — disse Claire.

— Registros do depósito de armamento — acrescentou Grimes.

— Mas não fazem parte dos documentos do processo de que dispomos.

— Ainda não chegaram. E pode ser também que eles não os tenham.

— Se forem favoráveis a nós — disse ela —, aposto como os "perderam". Sem os registros do depósito de armamento eles não têm um caso.

— Pode ser que seja a minha arma — disse ele, ainda mais devagar, cobrindo os olhos com uma das mãos. — Mas se for... não

foi a que disparou os tiros. E se esta arma não foi a que disparou...

De repente ouviu-se um soluço.

— Claire? Ela o examinou detidamente. Tinha sido um soluço, que ele tentara conter. Tom estava chorando. O inopinado da cena a assustou.

Ele inclinou-se na direção dela. Na mesma hora os dois homens que o acompanhavam pularam para a frente, o agarraram e o atiraram no chão. Quando Tom caiu, ouviu-se um estalo forte, causado pelo seu crânio batendo no chão, o que pareceu deixar os guardas satisfeitos. Ele uivou de dor.

— Jesus! — exclamou Grimes.

— O que é que vocês estão fazendo? — gritou Claire.

— Ela é minha mulher, pelo amor de Deus! — disse Tom. — Eu não tenho o direito de tocá-la?

Os guardas permaneceram em silêncio.

— Claire, eu quero falar com você! Sozinho!

— Não podemos permitir isso, senhora — disse um deles.

— Esta é uma visita legal — disse ela. — Temos o direito de conversar sem vocês estarem presentes.

LEVARAM TOM PARA a sala da defesa e esperaram do lado de fora, em uma das salas vazias com Grimes, enquanto Claire e Tom conversavam.

A essa altura, ele parecia ter recuperado o autocontrole.

— Desculpe pelo que houve. É só que tudo está começando a fazer sentido.

— O quê, exatamente?

— O que está acontecendo comigo. Estados Unidos versus Ronald Kubik. De repente eu me encontrava em estado de negação. Mas isto aqui é real. Está acontecendo. Eles nunca vão me soltar. Estou percebendo agora. Isto é real.

— Sei o que você está sentindo — disse ela, baixinho. Claire sentiu um aperto no peito. A vontade que tinha era de chorar no ombro dele, mas sabia que não devia perder o controle; ele precisava ver força e confiança, quer ela sentisse isso quer não. — É um pesadelo, um pesadelo para todos nós. Mas você tem que

manter a fé. Grimes e eu estamos fazendo tudo o que podemos. Não vamos deixar que eles consigam nada. Eu prometo.

— EMBRY — DISSE ELA QUANDO ele atendeu o telefone. — Terry.

— Sra... Claire. Oi — ele pareceu contente por ouvir a voz dela. — Como vai?

— Mesma coisa de sempre — disse ela. — Precisamos que você volte.

Uma pausa muito longa.

— Vocês concluíram que não tive nada a ver com o vazamento.

— Nunca pensei que fosse você.

— Grimes também me quer de volta? Ou é só você?

— Ele também quer você. Com certeza.

— Mas vocês não vão ficar suspeitando de mim? Não vão querer que eu faça o teste da máquina de detectar mentiras?

— Como é que a gente pode saber que você não foi treinado para vencer a máquina? — contrapôs ela, com uma risada.

WALDRON ESTAVA ESPERANDO, NÃO LONGE DE CLAIRE, Grimes e Embry na frente da porta da sala de segurança máxima onde se desenrolava a inquirição, às oito e quarenta e cinco da manhã. Quando Claire chegou, ele atacou.

— Sra. Chapman.

— Major — respondeu ela, suavemente.

— Está pronta para fazer um acordo?

Claire tentou ocultar seu espanto.

— Nem passou pela minha cabeça.

— Gostaria de poder acreditar. Recebi ordens para fazer uma oferta. Pessoalmente me oponho a toda espécie de acordo — acho que conhece minha posição. Estou preparado para pedir a pena de morte e tenho muita confiança de que podemos consegui-la, no clima atual do processo. Mas me pediram para fazer uma oferta.

— Estamos ouvindo.

Embry e Grimes se aproximaram.

— Estamos dispostos a abandonar a acusação de homicídio voluntário — Artigo 119.

— Quantas especificações? — quis saber Grimes.

— Uma — respondeu Waldron, e Grimes levantou as sobrancelhas. — Não oitenta e sete. Mesma linha de conduta.

— Homicídio voluntário é quinze anos — interveio Embry.

— Aqui é o ponto crucial do acordo — disse Waldron. — Insistimos em sigilo total. Garantia por escrito, claro. Se o governo de El Salvador tomar conhecimento disso, haverá um enorme incidente internacional. O sargento Kubik não falará das circunstâncias do ocorrido com ninguém, assim como dos termos do acordo e tudo mais que for relacionado com estas negociações. Nada de livros, artigos em revistas, cartas aos editores. Nenhuma publicidade, seja qual for. E tampouco alguma conversa em particular com quem quer que seja sobre o incidente.

Embry e Grimes balançaram a cabeça. Claire simplesmente ficou olhando para Waldron, muito pálida.

— Todos os advogados, pessoal de apoio e de investigação também terão de assinar o acordo de sigilo — continuou Waldron. — Você também desiste de apelar. Kubik dá baixa com desonra, sem direito a pagamentos ou gratificações.

— E o tempo? — quis saber Grimes.

— Ele fica preso durante cinco anos — respondeu Waldron. — E todo confinamento que exceder os cinco anos será suspenso por quinze anos a partir da data do julgamento. O sigilo que ele deverá guardar será uma das cláusulas da especificação do bom comportamento. Se a violar, cancelamos o acordo e ele volta para Leavenworth.

Grimes virou-se para Claire.

— Nada mau, hem? — disse Waldron, asperamente. — Cinco anos por matar oitenta e sete pessoas? Você nunca conseguirá um acordo melhor do que este.

— Por que você de repente ficou tão preocupado em fazer um acordo? — quis saber Claire.

— Porque este é um processo longo e árduo e julgamos que seria melhor para todos os envolvidos acertar um acordo agora.

— Quando você quer a resposta?

— Agora.

— Agora? Você está maluco. Tenho que falar com meu marido.

— Ele estará aqui em um ou dois minutos. Tenho que avisar que o acordo fica cancelado uma vez que ele seja denunciado formalmente.

— Temos três semanas até o julgamento — disse Claire. — Para que tanta pressa?

— Só quero que me diga qual a sua decisão antes da denúncia. Que acontecerá dentro de cerca de cinco minutos.

QUANDO CLAIRE FALOU com Tom sobre o acordo, na hora em que os grilhões estavam sendo removidos, dentro da sala de sessões, ele sacudiu a cabeça.

— Por que não? — perguntou Claire. — Essa história do sigilo não tem a menor dificuldade — você já ficou de boca fechada durante treze anos! E cinco anos de Leavenworth — bem, não vou minimizar a dureza que deve ser qualquer tempo passado em um presídio, mas parece ser uma proposta muito atraente, levando em conta a alternativa.

— Claire, eu sou inocente — disse Tom. — Não vou cumprir cinco anos de prisão por um crime que não cometi. De qualquer modo, não sobreviveria a Leavenworth. Eles dariam um jeito para que me matassem. Se ofereceram um acordo é porque estão com medo. Têm medo de que possamos tornar públicos os acontecimentos de La Colina. Você não acha isso também?

— Você está sendo muito corajoso para um homem que enfrenta a possibilidade de ser executado. É um jogo, Tom. Um enorme jogo.

— Tudo o que venho fazendo não passa de um jogo.

Grimes, descrente, arregalou os olhos.

— Eu ouvi errado ou você acaba de recusar a oferta do Waldron? — murmurou.

— Não vou cumprir tempo por um crime que não cometi! — respondeu Tom enfaticamente, com outro murmúrio.

Grimes virou-se para Claire.

— Você não fez com que ele aceitasse?

— Não posso obrigá-lo a fazer um acordo.

— Esse homem vai processar você por ineficiência — disse ele, ofendido.

CLAIRE APROXIMOU-SE DA MESA DA ACUSAÇÃO e bateu no ombro de Waldron.

— Estamos fora — disse.

— Kubik ouviu as condições e não deu pulos de alegria? — perguntou Waldron. — Você está falando sério?

— Desista dos cinco anos e você tem um acordo.

— Inegociável.

— Então vamos para o julgamento.

Waldron deu um sorriso de gladiador.

— Você vai se arrepender de não ter aceito.

— É possível.

— acredite em mim. Você não sabe o que vem por aí.

— Nem você — retrucou ela.

PARTE QUATRO

— TODOS DE PÉ! — EXCLAMOU O FUNCIONÁRIO encarregado da disciplina na sala de sessões.

O juiz Farrell, usando uma toga preta sobre seu uniforme verde, entrou, subiu os degraus da bancada e sentou-se na cadeira de espaldar alto forrada de couro. Na sua voz tonitruante falou ao microfone.

Sentem-se, por favor. Esta audiência, determinada pelo Artigo 39(a), tem início.

Waldron permaneceu de pé.

Esta corte marcial é convocada pelo secretário do Exército, pela ordem de convocação número 16-98 — disse ele.

Nas cortes marciais, o advogado de julgamento, ou seja, o promotor, funciona também como secretário da corte.

— Estados Unidos versus Sargento de Primeira Classe Ronald M. Kubik. O indiciado é acusado de ter violado o Artigo 85, deserção, e de ter violado o Artigo 118, homicídio premeditado, oitenta e sete especificações.

Ele continuou lendo uma litania das preliminares.

Na frente da bancada do juiz estava sentada a estenógrafa, a mesma mulher de cabelos louros e meia-idade que estivera presente na sessão anterior. Usava fones de ouvido, e as luzes do gravador de fita diante dela brilhavam, dois pontos verde-esmeralda pulando e sumindo.

Está certo, sou o coronel Warren Farrell, do Exército dos Estados Unidos — recitou o juiz. — Fui designado para esta corte marcial pelo juiz do circuito militar. Sou qualificado de acordo com o artigo 216(a) do Código de Justiça Militar. Algum dos advogados gostaria de examinar a competência do juiz militar?

Ele se referia ao direito raramente usado de questionar ou até mesmo apresentar contradita ao direito do juiz de julgar o caso.

Waldron levantou-se.

— Não, Meritíssimo — disse ele.

Claire levantou-se logo a seguir.

— Sim, Meritíssimo — declarou ela. — Nós gostaríamos.

Grimes deu um tapa na testa com a mão enorme. O barulho foi audível até na mesa da promotoria, onde o capitão Hogan dirigiu um sorriso falso a Grimes. Na véspera ele tentara convencê-la a não fazer aquilo, mas Claire estava determinada.

— Está certo, Sra. Chapman — disse o juiz Farrell, numa tentativa de fingir bom humor.

— Meritíssimo — ela perguntou —, o senhor sabe o motivo pelo qual foi designado para este caso?

Farrell projetou o queixo, lançou um rápido olhar na direção de Claire e tomou um gole de café.

— Presumo que foi por causa de minha experiência em casos que envolvem a segurança nacional.

Claire considerou a resposta por um instante e resolveu prosseguir.

— O senhor pode fazer o favor de descrever, para fins de registro, as conversas concernentes a este caso que possa ter tido com qualquer membro do JAG — o serviço jurídico militar?

Os olhos de Farrell piscaram quase que imperceptivelmente. Mas ele continuou no jogo.

— Pelo que posso me lembrar, advogada, tive uma ou duas conversas de natureza estritamente administrativa.

— Entendo. E poderia, também para o registro, descrever as conversas que possa ter tido com qualquer membro dos estados-maiores pessoais do Secretário do Exército ou do Chefe do Estado-Maior do Exército?

Era uma pergunta interessante e Claire perguntou-se até que ponto seria sincero, ou se arriscaria para cobrir suas pegadas.

Mas o juiz era esperto demais. Tomou outro gole de café e olhou para o teto, como se estivesse tentando rememorar uma lembrança distante e já quase imperceptível.

— Bem, advogada, só consigo recordar uma conversa que posso ter tido relacionada a este caso com um membro da equipe do chefe do Estado-Maior, há alguns dias.

— O senhor pode descrever, para fins de registro, o que lembra dessa conversa?

Os olhos dele se mantiveram absolutamente inexpressivos.

— Oh, conversamos apenas generalidades sobre a programação das matérias a serem julgadas e coisas assim.

Mas por que alguém do gabinete do general Marks iria falar com o juiz sobre essas coisas? Não fazia sentido.

— Com quem o senhor falou?

— Com o coronel Hernandez.

Claire ouviu a exclamação de Grimes atrás dela. — O quê? Esforçando-se para não demonstrar seu espanto, Claire formulou nova pergunta.

— O coronel Hernandez integra a sua cadeia de comando, senhor?

— Não, não integra.

A paciência do juiz estava evidentemente se esgotando.

— E, Meritíssimo, o cel. Hernandez alguma vez já entrou em contato com o senhor a respeito da programação de alguma outra corte marcial?

Desta vez ele deu a impressão de estar querendo ser indiferente.

— Não, acredito que não.

— Ele nunca teve qualquer outra conversa com o senhor concernente à programação de alguma outra corte marcial?

— Como já falei, não me lembro de outras ocasiões.

— Agora, Meritíssimo, poderia ser mais específico a respeito do que conversou com o coronel Hernandez?

Mas o juiz Farrell resolveu encerrar o questionário.

— Advogada, sou um homem atarefado — disse, inflexível. — Todos os minutos dos meus dias são programados. Tenho conversas com dezenas de pessoas a cada dia sobre centenas de assuntos. Lamentavelmente, nem sempre sou capaz de recordar cada palavra trocada. Agora, a senhora ou o advogado do julgamento vão contestar nomeação do juiz militar?

Waldron levantou-se.

— Nós certamente não iremos contestar, Meritíssimo — afirmou ele.

— Meritíssimo, precisamos de um breve recesso para deliberar a respeito — disse Claire.

— A Corte entra em recesso por dez minutos — anunciou o juiz Farrell, batendo com o martelo.

Grimes esticou a mão e agarrou o ombro de Claire quando ela se sentou.

— Tenho uma pergunta muito simples para lhe fazer. Você perdeu a porra da cabeça ou tem fumado erva demais? Não vai querer apresentar uma razão para questionar a nomeação do juiz, vai? Porque nós não temos uma razão.

— Não — admitiu ela. — Ele está se esquivando, lamentavelmente, e não há nada que possamos fazer.

— Está certo, ele falou com o Hernandez. Surpresa, surpresa! Sua intenção era apenas irritar esse panaca?

— Grimes, quero que ele saiba que estamos de olho e que é melhor que se comporte direito.

QUANDO A CORTE VOLTOU A SE REUNIR, Claire dirigiu-se ao juiz.

— Nada temos a contestar desta vez, Meritíssimo — disse ela. O juiz Farrell deu a impressão de conter um sorriso.

— Está bem. O acusado que se levante, por favor.

Tom levantou-se vagarosamente. Tinha sido instruído sobre o que dizer.

— Sargento Kubik, de que forma deseja ser julgado?

Tom sabia a resposta.

— Uma corte marcial integrada por oficiais, senhor.

Os membros do júri eram selecionados pela autoridade que convocara a corte marcial. Era ilegal selecionar pessoas tendenciosas ou com determinado ponto de vista, na intenção de se conseguir um determinado resultado, embora se soubesse que isso acontecia de tempos em tempos. Esperava-se também que os membros do júri fossem livres para votar segundo sua consciência, sem orientação superior, ou "influência do comando". De um modo geral, os membros do júri devem ser mais antigos que o acusado. Se o

acusado for praça, e não oficial, tem o direito de requerer que pelo menos um terço dos jurados sejam também praças. Mas Grimes insistira com Tom para preferir que todos fossem oficiais, mais confiáveis e com menor probabilidade de agir precipitadamente. Ou pelo menos foi o que Grimes disse.

— Sargento Kubik, por quem deseja ser representado? — perguntou o juiz.

— Pela Sra. Chapman, Sr. Grimes e capitão Embry, senhor.

— Sua escolha é aprovada. O acusado agora será denunciado. A defesa quer que as acusações e especificações sejam lidas?

— Nós desistimos da leitura, Meritíssimo — disse Claire.

— Sargento de primeira classe Kubik, vou lhe perguntar agora o que alega quanto às acusações que lhe foram feitas, mas antes de fazer esta pergunta devo avisar que qualquer petição para cancelar este julgamento ou para qualquer outra coisa deve ser feita agora.

— Meritíssimo, a defesa tem inúmeras petições — disse Claire.

Foi possível ver um certo brilho nos olhos do juiz. As petições não eram nenhuma surpresa, já que o juiz exigira que estivessem prontas três dias antes da denúncia e lhes fossem apresentadas sem a presença do júri. O procedimento todo não passava de uma formalidade, um ritual onde tudo era previsto, uma dança Kabuki.

— Sargento Kubik, pode sentar.

Tom retomou seu lugar numa manobra militar brusca. Aquela era a única vez em que ele teria de falar na corte, e já tinha falado.

Foi neste ponto que começou a dança Kabuki. Claire apresentou e justificou suas petições, uma após outra. Waldron levantou-se para contestá-las da melhor forma que podia. Havia um bom número de petições. Uma para cancelar toda a corte marcial por insuficiência de provas. Outra, in limine, para excluir o registro funcional de Tom no Vietnã, que Tom continuava insistindo em que era forjado, com o argumento de que não era relevante para as acusações.

E assim a coisa foi se desenrolando, sem parar. O juiz Farrell escrevia furiosamente enquanto Claire falava e mostrava os indícios que apoiavam suas moções.

E por diversas horas isso continuou.

Até que, por fim, Claire terminou e o juiz Farrell começou.

— Advogada, analisei sua moção para cancelar esta corte, assim como o depoimento e as provas que apresentou, da mesma forma como analisei as provas apresentadas pelo governo, e decido negar seu pedido. Minha avaliação do fato e as conclusões legais serão anexadas ao registro do julgamento, antes da autenticação.

Nenhuma surpresa, mas Claire levantou-se para preservar o registro.

— Objeção à sua decisão, Meritíssimo.

— Objeção rejeitada.

"Em seguida, advogada, considere sua moção para permitir a admissão de um perito a fim de depor sobre um teste escusatório realizado em polígrafo, o depoimento do seu perito assim como o depoimento apresentado pelo governo, e neguei seu pedido. Minha avaliação do fato e as conclusões legais serão anexadas ao registro do julgamento, antes da autenticação.

Tratava-se de uma derrota importante e Claire levantou-se de um salto.

— Objeção à sua decisão, Meritíssimo.

— Objeção rejeitada.

E assim continuou. Uma após outra.

Todas as moções, por mais engenhosamente apresentadas, por mais convincentemente defendidas — negadas. De cada vez Claire se levantava como o boneco de uma caixa de surpresas infantil para que constassem dos registros do julgamento as suas objeções, mas era este o quadro. Negada. Rejeitada. Até que, por fim, o juiz Farrell definiu o fim da série, com um brilho de triunfo nos olhos.

— Mais alguma moção, advogada?

Grimes sacudiu a cabeça, com raiva. Tom ficou olhando reto em frente, sem acreditar no que se passara. Embry manteve um ar distante, perturbado.

— Sim, Meritíssimo — disse Claire, levantando-se cansadamente. — A defesa mais uma vez questiona a natureza fechada deste processo. O acusado, como continuamos a sustentar,

tem direito a um julgamento público, que lhe é garantido pelas Primeira e Sexta Emendas, o que nós respeitamos...

— Não — interveio o juiz Farrell bruscamente.

— Meritíssimo?

— Já passamos por tudo isto, de modo que é melhor que esqueça.

— Meritíssimo, a defesa respeitosamente sustenta que um julgamento destes...

— Sente-se. Eu disse para que esquecesse isso. Não quero ouvir essa argumentação de novo — o rosto ruborizado do juiz ficou ainda mais vermelho. — O governo já apresentou uma argumentação bastante persuasiva provando que os direitos do acusado não estão comprometidos pela realização deste julgamento in camera. Que há preocupações válidas com a segurança nacional. Tudo isso está conforme com o Código Militar de Provas, 505. Já apresentei minhas decisões. A senhora estava prestando atenção no que vinha acontecendo neste tribunal?

— Meritíssimo — começou Claire, do seu lugar na mesa da defesa.

— Deixe que eu lhe diga uma coisa, Sra. Chapman. Alto e bom som. Não quero ouvir de novo esse seu argumento. E se a senhora trazer este assunto à baila diante do corpo de jurados, eu a prenderei por desrespeito à Corte, entendeu?

— Sim, senhor — disse Claire. — Eu desrespeito esta corte a maior parte do tempo — ela murmurou para Grimes.

— A senhora disse alguma coisa? — berrou Farrell.

— Não, senhor.

— Ótimo. Agora, falando sério, mas muito sério mesmo. Se a senhora levantar este assunto na frente dos membros — ou seja, do júri, já que a senhora não parece bastante familiarizada com as regras do nosso sistema de corte marcial — vai presa em Quantico. Não sei como estas coisas funcionam em Cambridge, professora, mas por aqui não é obrigatória a expedição de uma advertência. E a senhora não tem direito de apelar. Está me ouvindo?

Claire levantou-se.

— O senhor não pode aplicar o que acaba de dizer. Sou civil, o que significa que não sou submetida à sua jurisdição. E o senhor certamente não pode me prender numa prisão militar.

— Quer me testar?

Claire e o juiz se encararam por diversos longos segundos e por fim ela se sentou.

Grimes cobriu os olhos com a mão e mergulhou na sua cadeira.

— Agora — disse o juiz Farrell —, está preparada para entrar com as alegações em nome do seu cliente?

— Sim, senhor — respondeu Claire, com firme desprezo, levantando-se. — Nós estamos preparados.

— Acusado, por favor, levante-se.

Tom pôs-se de pé.

— Meritíssimo — disse Claire —, através de sua advogada, o sargento de primeira classe Ronald M. Kubik declara-se inocente de todas as acusações e especificações.

— Muito bem. Entendo sua declaração. Podem se sentar. Os dois se sentaram. Claire apertou a mão de Tom com firmeza. Tom respondeu da mesma maneira.

— Muito bem, está encerrado.

— Uma dureza, hem? — sussurrou ele.

— Pior do que eu esperava. Este juiz não liga a mínima.

— Advogada — exclamou o juiz Farrell —, está preparada para conduzir o exame preliminar?

— O quê? — exclamou Claire.

— Eu perguntei se está preparada para a entrada dos membros. Claire virou-se para Grimes, que estava tão assombrado quanto ela.

— O julgamento não deveria começar senão daqui a três semanas! — exclamou Tom, alto demais.

— Sim, senhor — disse Waldron —, nós estamos prontos.

Claire pôs-se de pé de um pulo.

— Não, Meritíssimo, nós certamente não estamos preparados. Era do nosso entendimento que este julgamento não iria começar senão dentro de três semanas. Este é um julgamento em que há a

possibilidade do acusado ser condenado à pena capital, as acusações são de natureza extremamente séria e a defesa não está preparada para inquirir as testemunhas. Ainda estamos no meio de nossa investigação.

— O que a senhora quer dizer com esse "do nosso entendimento"? — retrucou Farrell, com os olhos semicerrados.

Foi Grimes quem se levantou.

— Fomos informados disso informalmente pelo JAG, Meritíssimo.

Claire nunca havia sentido tanta ansiedade e medo na voz dele.

— Ah, sim, vocês podem ter esse acordo com o JAG — disse o juiz Farrell —, mas sou eu o juiz militar e assim sou eu quem controla a agenda do tribunal.

— Meritíssimo — disse Claire, — acabamos de ter uma sessão de moções na manhã de hoje. É evidente que não podíamos preparar o nosso caso sem saber quais seriam suas decisões. As suas decisões sobre a admissibilidade ou não de certas provas esculpem o nosso caso. Há certas testemunhas que não tivemos a menor oportunidade de interrogar. Em relação a outras, precisamos investigar mais para corroborar ou contradizer seus depoimentos.

— Advogada — retrucou o juiz glacialmente —, a senhora teve tempo de sobra para se preparar.

Claire precisou de todo o seu controle para não gritar com o juiz.

— Meritíssimo, a defesa não tem sido negligente. Planejamos a montagem do nosso caso com base em um cronograma decidido informalmente — ou seja, o intervalo de três semanas entre o sumário de culpa e o julgamento. Quero dizer também que tentamos repetidamente interrogar a principal testemunha contra o meu cliente, o chefe do estado-maior do Exército, e ele sempre se recusou a nos atender. Assim sendo, não estamos de modo algum preparados para apresentar nosso caso hoje e não estamos preparados para interrogar as testemunhas. Na verdade nós gostaríamos de requerer um mês para nos prepararmos.

— Pedido negado — disse o juiz Farrell sem rodeios.

Waldron levantou-se.

— O JAG nos comunicou que o general William Marks decidiu conceder uma entrevista à advogada de defesa.

Claire olhou para Grimes. Aquilo era uma revolução. Ela levantou-se.

— Neste caso, Meritíssimo, nós respeitosa­mente solicitamos duas semanas para preparar e conduzir essa entrevista antes que o julgamento tenha início.

— Negado.

— Meritíssimo — interveio Grimes —, a defesa aceitará o adiamento no julgamento rápido que o acusado tem direito segundo a constituição. O acusado já ouviu seu sumário de culpa, portanto o julgamento rápido não está mais em jogo. Tudo o que interessa agora é se o nosso cliente terá um julgamento justo, e ele não terá um julgamento justo se a defesa não estiver preparada.

— Bem, advogado — disse o juiz Farrell —, os advogados de defesa deveriam estar preparados, e se não estão, a culpa não é deste tribunal. O caso vai a julgamento hoje.

Grimes arriou na cadeira, estupefato. Tom virou-se para ele de olhos arregalados.

— Ele está falando sério?

— Isto é uma corte militar — murmurou Grimes. — Eles têm o direito. Só numa corte militar.

— Filho da mãe! — reagiu Embry, incrédulo.

— Meritíssimo — disse Claire, ainda de pé. — Mais uma vez objetamos ao prosseguimento do processo hoje.

— Sua objeção foi registrada e rejeitada, advogada. Está preparada para a inquirição?

— Se o senhor vai nos forçar a prosseguir — retrucou Claire, incisiva—, nós conduziremos a inquirição da melhor maneira que formos capazes.

— Está bem — disse Farrell. — Eu lhes darei duas horas para preparar as perguntas que farão aos membros. Como já estamos praticamente na hora do almoço, a hora é apropriada para dar início a esse intervalo.

Ele falou e bateu o martelo com força.

— O GOVERNO ESTÁ PREPARADO PARA FAZER O libelo acusatório? — perguntou o juiz Farrell.

Waldron levantou-se.

— Sim, senhor.

Isto aconteceu diversas horas depois da inquirição dos membros do painel. Ou seja, o júri. Depois de diversas objeções feitas por ambos os lados e duas impugnações peremptórias, o resultado final foi que duas mulheres e quatro homens iriam decidir o destino de Tom. O mais antigo dos membros, um tenente-coronel, tornou-se presidente do júri, o equivalente ao representante dos jurados no mundo civil. Era um negro de pele clara que usava óculos de aviador de aro de aço. Sentou-se no centro da primeira fileira do local reservado ao júri, o mais antigo depois dele à sua direita e o segundo mais antigo à esquerda, e assim por diante. Era um grupo de pessoas comuns que observavam enlevadas tudo o que se passava no tribunal. Todos tinham acesso a documentos ultrassecretos e podia-se confiar que mantivessem sigilo absoluto.

WALDRON COMEÇOU FALANDO baixinho, uma voz quase de encantamento. Claire tinha esperado um início estentóreo, estrondoso. Waldron, no entanto, era esperto demais para fazer uma coisa dessas.

— No dia 22 de junho de 1985, na minúscula aldeia de La Colina, não muito longe de San Salvador. oitenta e sete pessoas foram acordadas e mortas como animais de uma fazenda.

Ele conquistou a total atenção dos membros do júri. Eles nada escreviam; o juiz lhes dissera que o libelo acusatório não constituía uma prova, e que não deviam tomar notas. Ficaram olhando quando Waldron se aproximou lentamente e parou diante deles.

— Essas oitenta e sete pessoas não eram militares. Não eram soldados. Não eram combatentes. Não eram rebeldes. Não tinham nada a ver com os combates que naquele tempo devastavam seu país. Eles eram homens, mulheres e crianças, civis inocentes.

"E esses civis inocentes foram massacrados não por uma facção inimiga, não pelos soldados do governo de El Salvador ou por rebeldes ou guerrilheiros.

"Eles foram massacrados por um soldado americano. "Vocês ouviram direito o que eu disse: um soldado americano.

"Um.

"E não no calor da batalha. Não por acidente. Mas pelo prazer de matar.

Claire olhou para Grimes, que sacudiu a cabeça. Não proteste contra o motivo, era o que ele queria dizer. Não agora. Não chame a atenção para isso. Ainda não.

— Como pode ter acontecido uma coisa dessas? Waldron baixou a cabeça como se estivesse imerso em profunda meditação. Mordeu o lábio superior.

— Algumas horas antes de este fato acontecer, uma unidade ultra-secreta das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, o Destacamento 27, recebeu ordem para bloquear a aldeia de El Camino e determinar se os relatórios de inteligência recebidos estavam certos. Tratava-se de saber se havia rebeldes contrários ao governo escondidos ali.

"Na verdade, não havia nenhum. A informação, como frequentemente ocorre em tempo de guerra, estava errada. Ele deu de ombros.

— E o Destacamento 27, sob a liderança competente do coronel William Marks — atualmente chefe do Estado-maior do Exército —, tomou a determinação de se retirar.

Eles se prepararam para retornar à sua base em Ilopango.

"E aí então, subitamente, sem qualquer aviso, alguém começou a disparar sua arma. Uma metralhadora. Uma M-60. A disparar contra os inocentes aldeões.

Claire virou-se para murmurar algo para Tom e viu lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Pegou a mão dele e apertou com força.

— Vocês vão ouvir esta história contada por dois membros da unidade, o coronel James Hernandez, subcomandante do Destacamento 27 e o segundo sargento Henry Abbott, que viram este homem.

Waldron virou-se lentamente e caminhou até a mesa da defesa, onde apontou diretamente para Tom.

— Primeiro-sargento Ronald M. Kubik. Eles o viram levantar sua metralhadora e disparar contra oitenta e sete aldeões, que estavam dispostos em quatro filas, e começar a ceifá-los.

"Eles viram os aldeões, que não dispunham de armas, suplicar misericórdia. Eles ouviram seus gritos.

"E viram o primeiro-sargento Kubik, enquanto metralhava aqueles oitenta e sete civis, sorrir.

Waldron voltou-se para o júri, uma expressão de perplexidade na fisionomia.

— Ele sorriu.

Tom sacudiu a cabeça. Ainda chorava silenciosamente.

— Como ele pode mentir desse jeito?— murmurou para Claire.

O comandante do Destacamento, o general William Marks, apesar dos seus esforços, não conseguiu deter aquela atrocidade.

Os membros do painel mantiveram-se imóveis, observando a tudo fascinados. Um deles pôs o dedo indicador em cima dos lábios. A estenógrafa, uma mulher negra de meia-idade e um xale florido nos ombros, continuou a operar sua máquina quase sem fazer barulho.

— Dois integrantes daquela unidade nos falarão sobre essa noite horrível. Assim como o seu comandante.

"Mas nós não vamos nos satisfazer com os depoimentos de testemunhas. Também temos provas concretas. Apresentaremos provas balísticas: balas usadas para matar aqueles civis e cartuchos ejetados durante a ação. E demonstraremos, fora de qualquer dúvida, que essas balas saíram da arma do primeiro-sargento Kubik. Não haverá dúvidas, ambiguidades, ou o menor resquício de incerteza. Temos testemunhas e temos provas de laboratório.

"E ainda há mais.

"Depois do pesadelo que foi esse incidente, os membros do Destacamento 27 foram chamados ao quartel-general das Forças Especiais, em Fort Bragg, a fim de serem interrogados sobre o que acontecera. Sete soldados prestaram depoimento sob juramento. Mas o que foi que o sargento Kubik fez? Foi questionado demoradamente mas recusou-se a prestar depoimento sob juramento.

"E em seguida planejou uma fuga.

"Ele escapou. Desertou do Exército.

"Atravessou o país. Criou uma falsa identidade usando documentos habilmente falsificados. Adotou um nome falso e adotou inclusive uma biografia igualmente falsa. Em seguida submeteu-se a uma extensa cirurgia plástica, para mudar drasticamente de aparência.

"Com o tempo, o primeiro-sargento Kubik, tendo adotado o nome de Thomas Chapman, mudou-se para Boston, onde passou a viver como fugitivo, sob um novo nome, com um novo rosto. Durante treze anos conseguiu escapar do crime que cometeu.

"Até algumas semanas atrás, quando uma informação obtida fortuitamente nos levou a ele, que foi preso por agentes federais.

"Este, senhoras e senhores, não é o comportamento de um homem inocente. E, sim, o comportamento de um homem muito inteligente e calculista que sabia que seria processado por crime de homicídio cometido a sangue-frio.

"Temos regras, senhoras e senhores. Temos leis. Mesmo em tempo de guerra; especialmente em tempo de guerra, diriam alguns, nossa conduta é governada por leis severas e honradas. E não matamos civis inocentes pelo prazer demente que possamos achar nisso.

"As provas de que os senhores tomarão conhecimento neste julgamento os chocarão e os deixarão horrorizados. Tudo o que peço é que os senhores se comovam, ficando assim demonstrado que nós, americanos, nunca devemos fazer coisas tão horríveis. E que julguem o primeiro-sargento Ronald Kubik culpado de homicídio em primeiro grau.

"É o que a Justiça exige.

Em silêncio, ele retornou à sua mesa.

Houve um silêncio longo e chocado.

O juiz Farrell pigarreou.

— Advogada de defesa, a senhora vai apresentar suas alegações iniciais ou deseja reservar para depois? — Vou reservar, Meritíssimo.

— Muito bem. Então entraremos em recesso durante este fim de semana. Na segunda-feira às nove e meia da manhã recomeçaremos com a promotoria.

Claire afundou na cadeira, exausta.

DUAS CAIXAS DE PIZZA DE PAPELÃO CHEIAS de manchas de gordura tinham ficado na mesa da biblioteca, com latas vazias de Coca-cola em cima. Era tarde da noite de sexta-feira. Entre o libelo acusatório feito por Waldron pela manhã e o encontro com o general Marks de tarde, após a suspensão dos trabalhos da corte, decorrera um longo dia. Mal se passara uma semana desde o início da inquirição, e a impressão que dava era de que tinham se passado alguns meses.

Grimes e Embry estavam esparramados nas respectivas cadeiras. Ray Devereaux vasculhava o aposento atrás de grampos.

experimentando as frequências de um aparelho que lembrava um rádio com uma antena comprida, Claire andava de um lado para o outro.

— E se nunca tivéssemos nos encontrado com o general? — disse ela. — E se ele nunca tivesse se gabado de que tinha imunidade? Quando a promotoria planejava nos contar? Grimes e Embry nada disseram.

— Eles não são obrigados a notificar a defesa de qualquer concessão de imunidade — prosseguiu ela — e nos dar uma cópia antes do sumário de culpa? — Na verdade — disse Grimes, cansadamente —, está escrito "dentro de um prazo razoável antes que a testemunha deponha", algo assim.

— O que significa quando eles cismarem.

— Basicamente.

— Está limpo — anunciou Devereaux. — Podem falar livremente.

— Os grampos nunca a detiveram — disse Grimes.

— Gostaria de saber se devemos levantar essa questão com o juiz — disse Claire.

Embry sacudiu a cabeça vagorosamente mas não se manifestou.

— Claire — disse Grimes —, vou falar uma coisa. Quando decidi questionar o juiz, quando saiu atrás dele, você torrou o saco dele. Pôs em dúvida sua integridade. Agora acho que está na hora de esfriar, deixar de lado o cara. Parar de irritá-lo.

— Não tenciono parar de irritá-lo — respondeu ela. — Veja só a nossa posição, sem testemunhas para corroborar o relato de Tom. Se pedirmos um adiamento, Farrell vai gargalhar. Os depoimentos prestados sob juramento dos outros membros da unidade dele são estranhamente idênticos...

— Você acha que foram ensaiados? — perguntou Embry.

— Só pode.

— Como podemos desmascarar isso? — O único modo — respondeu Claire — é através de testemunhas. Tentar fazer com que os membros da unidade ainda vivos repudiem as declarações prestadas há treze anos. A propósito, quem nós temos? A resposta veio de Ray Devereaux.

— Os dois que Waldron mencionou como sendo os que viram Tom disparar sua metralhadora são Hernandez e um cara chamado Abbott, Henry Abbott. Com Hernandez vocês já falaram.

— Ele é o queridinho do general — disse Grimes. — Nunca irá recuar. Embora eu talvez consiga pegá-lo numa armadilha, se tiver sorte. Quem é Abbott?

— Segundo-sargento Henry Abbott. Deixou o Exército em 1985. É empreiteiro de obras. Trabalha para o Departamento de Defesa.

— Por que não me espanto? — exclamou Grimes.

— Trabalha como "elemento de ligação" em uma dessas enormes e assustadoras corporações. Isto significa que ele abre as portas do Pentágono para o patrão efetuar suas vendas. Assim sendo, não imagino que vá alterar uma prova da promotoria. O Pentágono o mantém preso pela orelha, como se costuma dizer.

— O nome dele está na lista de testemunhas da promotoria — disse Embry —, mas não sabemos quando será chamado.

— Ele está em Washington — informou Devereaux, sempre o mestre do senso de oportunidade. — No Madison Hotel. — Vamos vê-lo — disse Claire.

— Marquei com ele um café da manhã para vocês — disse Devereaux. — Amanhã de manhã, às sete horas.

— O quê? — exclamou Claire, espantada. — Obrigada por nos contar...

— Sete horas? — queixou-se Grimes.

— Acabei de marcar o encontro — explicou Devereaux, virando-se para Grimes.

— O homem é madrugador.

— Ou está querendo nos sacanear — sugeriu Grimes. — Com quem isso nos deixa? — Dois outros — respondeu Devereaux. — Robert Lentini e Mark Fahey. Fahey eu finalmente localizei. Trabalha com imóveis em Pepper Pike, Ohio. Ou onde quer que isso fique. Falei com ele. Pode ser que valha a pena uma entrevista — é difícil dizer. Ele parece meio amargurado com a sua experiência no Exército. Não é exatamente um sujeito entusiasmado.

— Nosso tipo favorito — disse Claire.

— E há também o tal de Lentini — prosseguiu Devereaux. — O homem misterioso. Tudo o que posso fornecer dele é a foto de quando se alistou. Entrei com um pedido e eles vão desencavá-la em mais uns dias, mas não vai adiantar. Além disso, nada. Não há informações escritas sobre ele. Não há registro do seu destino. Chequei o Centro do Pessoal da Reserva do Exército em St. Louis, que mantém registros de todo pessoal que deixa o Exército. E recorri, por via das dúvidas, ao arquivo do pessoal da ativa, na Virginia. Zero. E não há registro da morte dele em nenhuma parte.

— Impossível — disse Claire. — Se não morreu, ou está no Exército ou está fora. Não pode estar no meio. Certifique-se de que não houve algum errinho bobo, tipo a inicial do meio trocada, erro de ortografia ou algo assim.

Devereaux fulminou-a com um olhar.

— Tenho cara de idiota?

— Não responda, Claire — disse Grimes.

— Está bem. Ray, preciso do que quer que seja que você possa conseguir sobre Abbott, agora. Vocês podem continuar de pé se quiserem, mas são quase duas horas da manhã e eu tenho que

dormir um pouco se pretendo ser coerente com Abbott amanhã cedo.

CLAIRE OUVIU UMA LEVE BUZINADA e abriu a porta da frente. O Mercedes enferrujado cor de prata de Grimes estava na entrada da sua garagem. Manhã de sábado, às seis e meia, a rua Trinta e Quatro estava deserta. A luz do sol, assim tão cedo, ainda era esmaecida. Um passarinho cantava com a regularidade de um metrônomo. A cabeça dela doía e latejava nas têmporas. A claridade machucava seus olhos.

— Vamos lá, menina. O dia já raiou, acorda para ser feliz — disse Grimes, sarcástico.

— Fiquei lendo a papelada sobre o Abbott até quase quatro horas. Preciso de um café.

— Pegamos no caminho.

No saguão do Madison Hotel, Ray Devereaux juntou-se a eles. Entregou a Claire um pequeno telefone celular Motorola, falou por alguns minutos e voltou para a rua.

O encontro com Henry Abbott fora marcado no próprio restaurante do hotel. Abbott era um homem bronzeado que aparentava prosperidade, bonito de um modo vagamente sinistro. O cabelo prateado era penteado para trás a partir da testa quadrada. Usava óculos de aros metálicos e vestia terno cinza, camisa branca e um elegante foulard azul.

Abbott consultou o relógio, um delgado Patek Phillippe de ouro, quando Claire e Grimes se juntaram a ele.

— Vocês têm vinte minutos — disse.

Grimes rolou os olhos para cima mas nada disse.

— Bom dia para você também — disse Claire, colocando o telefone celular na sua frente. O café e um retoque no batom fizeram com que se sentisse marginalmente humana. Apresentou-se a si própria e a Grimes.

— Não tenho nada a dizer a vocês — disse ele. — Não há nenhuma lei que me obrigue a falar com investigadores militares.

— Então por que concordou em se encontrar conosco? — perguntou Claire.

— Curiosidade. Queria ver como você era. Li umas coisas a seu respeito.

— Bem, agora já sabe — disse ela.

— Normalmente a aparência dela é melhor — ironizou Grimes —, mas agora vem operando com menos de três horas de sono por noite.

— Temos umas perguntas para você — disse ela.

— Por que diabos devo falar com você? Tenho uma reputação a proteger.

Aposto como tem, pensou Claire.

— O depoimento que você prestou foi muito específico — disse ela. — Aposto como lhe deram o texto escrito para avivar a memória.

— De qualquer modo, eu não vi o que dizem que Kubik fez.

— Não é o que consta do seu depoimento prestado sob juramento — interveio Grimes.

— Bem, isso aí... — disse Abbott.

Ele tomou um gole de café. Neste momento apareceu um garçom e serviu café para todos. Claire tomou um gole. A cafeína teve efeito imediato, acelerando seu batimento cardíaco e fazendo com que gotículas de suor surgissem em suas têmporas.

— Nós conhecemos a história real — disse ela. — Todos os seus depoimentos são exatamente iguais, os depoimentos de todos vocês do Destacamento 27, o que é difícil de acreditar. A medida que este caso for prosseguindo, aumenta o risco que você corre de ficar preso ao próprio depoimento, aquele que foi forçado a fazer treze anos atrás. E você não deseja isso.

— Você está gravando a nossa conversa? — perguntou Abbott.

— Não — respondeu Claire.

Ele tocou levemente na boca com o guardanapo de linho branco.

— Se, teoricamente, eu fosse mudar a minha história, eles me acusariam de ter mentido sob juramento para a CID.

Então era isso.

— Impossível — afirmou ela. — Você não é mais sujeito à legislação militar depois de dar baixa.

— Quem disse?

— A Suprema Corte — disse Grimes. — Há décadas. Você vai querer ser o primeiro cara do grupo a sair limpo. Não vai querer resistir até o fim, mentindo.

— E se eu quiser? — ele agora explorava suas opções, procurando espaço de manobra.

— Muito simples — respondeu Claire. — Se você cometer falso testemunho pode ser julgado em uma corte federal. Segundo o Código Penal, pode pegar cinco anos de prisão. Quando sair, vai dar adeus a todos os contratos lucrativos com o Governo. Vão desaparecer.

— Olha — disse Abbott, exasperado —, você quer uma testemunha, eu não sou o seu homem. Não o vi atirar — eu estava do outro lado da porra daquela aldeia operando o rádio.

— Mesmo assim declarou tê-lo visto atirar.

— Você é mesmo assim, ingênua desse jeito, ou só está fingindo? — retorquiu ele.

— O que é que você quer dizer com isso? — perguntou Claire.

— Esta nossa conversa é confidencial?

— Se você insiste.

— Insisto sim. O que vou dizer não é para ser registrado. Não me diga que não sabe como o sistema funciona. O sistema funciona a favor de caras como o coronel Marks — me desculpe, o filho da puta do general Marks. O sistema quer que alguém leve a culpa. Logo depois de voltarmos a Fort Bragg, Marks procurou cada um de nós e disse, "Estou preparando meu depoimento e quero ter certeza de que vou narrar os fatos direito. Qual a lembrança que você tem do que aconteceu?" Eu disse que não me lembrava de um jeito nem de outro. Eu fui um bom soldado, sabia o que dizer. Mas ele queria mais. Falou comigo: "Você não viu Kubik levantar subitamente a arma e começar a atirar?" Respondi, "Não, senhor, não vi". Puxa vida, era noite, estava a uns duzentos metros de distância. Vi alguém atirar. Como diabos ia saber quem era? Ele disse, "Você tem certeza de que não viu Kubik de repente ficar maluco e começar a

atirar? Tenha certeza do que fala, sargento. Isto poderá ajudar ou acabar com a sua carreira. Kubik tem tendências violentas. Se rebuscar sua memória tenho certeza de que se lembrará dele pegando de repente a metralhadora e começando a disparar". Bem, eu não nasci ontem, e disse o que o homem queria ouvir, "Sim, senhor, claro, foi assim mesmo. Foi isso o que ele fez, senhor, o senhor está absolutamente certo, senhor". Foi o que aconteceu.

Claire balançou a cabeça como se estivesse simplesmente confirmando o que já sabia.

— E deixa eu lhe dizer uma coisa, vou negar tudo isso na corte. Tenho que negociar com o Pentágono todos os dias. Eles compram bilhões de dólares de equipamentos da minha companhia. E lá não gostam de dedos-duros e vira-casacas. Tenho uma reunião.

Abbott se levantou.

— Era tudo verdade, aquilo que saiu no *Post*? — perguntou ele.

— Ainda não li o *Post* hoje — disse Grimes. — De que se trata?

— De você — respondeu Abbott, dirigindo-se a Claire. — Você realmente fez aquilo? Provavelmente não quer falar a respeito, quer?

— Que merda! — exclamou Claire. — Descobriram por que eu estou aqui em Washington, não foi?

Ele fez um ar de espanto.

— Você leu, não leu?

Abbott abriu com um estalido seco sua valise de metal, de onde puxou um exemplar cuidadosamente dobrado do *Washington Post*, que largou em cima da mesa na frente dela.

Claire viu seu retrato, pequeno e logo abaixo da dobra, leu o título da matéria — O PASSADO SUJO DE UMA PROFESSORA DE HARVARD — e sentiu o sangue subir à cabeça.

CLAIRE DEU UMA TRAGADA NO CIGARRO.

Annie dançava em torno da mesa da cozinha, repetindo sem parar, "Quê? Quê? Quê?" — Pode nos dar um pouco de privacidade, por favor? — pediu Jackie.

Claire esmagou a ponta do cigarro. puxou outro do maço, ofereceu à irmã e espantou-se quando Jackie sacudiu a cabeça.

Annie agarrou a saia da mãe.

— O que é que você está lendo? Conta! Conta!

Claire estava tonta demais para falar.

Annie precisava da atenção da mamãe. A mamãe, contudo, estava a milhares de quilômetros de distância, e quase duas décadas atrás.

Mamãe tinha de novo vinte e três anos. Cursava o primeiro ano da Faculdade de Direito de Yale. Provavelmente era uma das estudantes mais inteligentes da classe, mas na verdade não se sentia assim. A maior parte do tempo tinha vontade de chorar, e com muita frequência chorava mesmo. Passara quase todo o semestre indo e vindo de avião entre Pittsburgh e La Guardia. Alugando um carro no aeroporto de Pittsburgh e indo até Franklin. Pegando um ônibus no La Guardia e indo até New Haven. Sentada ao lado da cama de hospital da mãe e vendo-a sucumbir ao câncer no fígado.

Havia dezenas de justificativas. Quase não ficara em New Haven naquele semestre, o segundo do seu primeiro ano. Estava com a cabeça no ar. Deveria ter conseguido uma licença mas não o fez. Estava apavorada. Mesmo para quem só estudava, o curso de direito era um desafio, e ela pouco tinha frequentado a biblioteca da faculdade.

Sua intenção fora usar o artigo apenas como inspiração. Na verdade não tinha interesse em processo civil. Entregara um esboço que teria reescrito totalmente se não tivesse de tomar um avião. Recebera um telefonema da atendente dizendo que sua mãe acabara de falecer. Qualquer outra pessoa teria pedido uma licença antes de se ausentar, mas ela queria manter uma aparência de normalidade.

Foi um azar, na verdade. Uma terrível coincidência.

Seu professor era bastante familiarizado com o tal artigo que ela reescrevera e assinara. Fora escrito por um antigo aluno dele. que lhe enviara orgulhosamente uma cópia autografada.

Um azar.

Ele a chamou na sua sala e mostrou-lhe o texto original. Nem por um instante ela tentou negar ou desculpar-se. Ele era um

homem acerbo e amargo. sem inclinação a demonstrar clemência.

Plágio. puro e simples. O reitor foi mais compreensivo que o professor. Ela estava estressada. A mãe estava morrendo.

Deveria ter pedido uma licença. Ou pelo menos uma extensão de prazo para entregar o trabalho. Fora irresponsável, não criminosa.

A acusação foi cancelada e ela ganhou uma chance de apresentar o trabalho outra vez. Só o reitor compreensivo e o professor injuriado (cuja posterior designação para a Corte Suprema foi asperamente rejeitada) tomaram conhecimento.

Ao fundo o telefone tocava sem parar, mas ninguém se levantou da mesa da cozinha para atender. Claire leu o artigo pela centésima vez. Em essência, era exato.

Aqui e ali havia um detalhe trocado, mas fora um bom trabalho de reportagem. O jornalista do *Post* podia inclusive dizer, triunfantemente, que os repetidos telefonemas que dera para a casa da Sra. Chapman não foram respondidos.

O título queimava suas entranhas como um ferro em brasa.

O PASSADO SUJO DE UMA PROFESSORA DE HARVARD

Advogada Célebre Culpada de Plágio Quando Estudante da Faculdade de Direito de Yale.

Annie agarrou-se à barra da sua saia como se tivesse medo de que a mãe a abandonasse.

— O que acontece com você agora? — perguntou Jackie.

— Não sei — respondeu Claire, a voz embargada. — Eu talvez perca a minha posição na Faculdade. Tenho quase certeza de que é isto que vai acontecer.

— Mas você tem estabilidade.

— Não cobre esse tipo de coisa.

— Havia circunstâncias atenuantes.

— Eu poderia argumentar com isso. Harvard podia até me ouvir. Mas é mais provável que peçam discretamente para que eu abandone o corpo docente. Sei como agem.

— O general avisou — lembrou Jackie melancolicamente. — "A senhora tem uma carreira com que se preocupar", foi o que ele disse. "Não vai querer arruiná-la".

— É isso aí — concordou Claire. — Ele me avisou. Mas uma ameaça dessas não ia me deter.

Finalmente Claire e Jackie começaram a se revezar no atendimento do telefone. No mínimo uns vinte repórteres de rádio, televisão, jornais e serviços de notícias telefonaram querendo informações sobre a história publicada no *Post*. Em todos os casos ela se recusou a fazer comentários, e nem quis atender o telefone. Uns poucos amigos de Cambridge ligaram, maravilhosamente cheios de compreensão, amigos leais. Abe Margolis, seu colega de Faculdade, telefonou, e embora não fosse exatamente do tipo sensível, também expressou sua raiva com a intromissão do *Post* em uma parte da vida pessoal dela que não era da conta de ninguém e falou sobre a estratégia que imaginara. Disse que ia falar com o reitor da Faculdade de Direito e achava que o problema podia ser vencido.

Claire não se sentia tão otimista. O trabalho tinha que prosseguir.

Grimes e Embry entrevistaram testemunhas, tomaram depoimentos, debruçaram-se atentamente sobre transcrições. Mais tarde todos se reuniram na biblioteca de Claire para uma conferência telefônica com Mark Fahey, de Pepper Pike, Ohio. Antigo integrante das Forças Especiais, trabalhava agora como corretor de imóveis. Coisas mais estranhas tinham acontecido.

— Ouvi dizer que Kubik metralhou todos — ressoou a voz de barítono de Fahey no viva-voz do telefone.

— Mas você não viu — disse Claire.

— Não. Mas todo mundo comentou depois. O pessoal ficou realmente assustado.

— Você prestou um depoimento para os investigadores do CID — disse Grimes. — Totalmente diferente do que está nos contando agora.

— É, aquilo era mentira — disse Fahey. — Decorado. Planejado antes em segredo.

Grimes balançou a cabeça, sorrindo.

— Como assim? — indagou Claire.

Fahey levantou a voz, tanto em timbre quanto em volume.

— Eles escreveram uma porra de um depoimento e me mandaram assinar.

— O agente do CID.

— Isso.

— O coronel Marks preparou você para a entrevista?

— Ele preparou todo mundo. Chamou cada um antes de ser interrogado e disse, "Olha, vamos acertar os ponteiros".

— Por que ele estava tão preocupado em fazer com que todos culpassem Kubik? — perguntou Embry.

— Estava tirando o dele da reta.

— Você quer dizer então que não foi Kubik? — quis saber Claire. De repente percebeu que tinha contido a respiração, na expectativa da resposta dele.

— Já falei que não vi o massacre. Mas todo mundo disse que foi o Seis que deu a ordem.

— O Seis? — estranhou Claire.

— O Coronel, o 6. Ele mandou que Kubik atirasse. E Kubik, um puta de um maluco, cumpriu a ordem alegremente. Acabou com todos os camponeses.

— Mas Marks não estava lá.

— Deu a ordem pelo rádio de campanha. Ele perguntou, "Cercaram todos?" Hernandez, o Sub, respondeu que sim. Aí ele disse, "acabem com eles". Hernandez ainda ponderou, "Mas, senhor" — e o Marks repetiu, "Acabem com eles". E o maluco do Kubik assim fez, feliz da vida. Sabendo muito bem que todos eram inocentes.

— Isso foi o que contaram a você — corrigiu Claire. Você não viu com seus próprios olhos o que se passou.

— Certo. Mas aqueles caras não tinham razão de mentir para mim.

— Mas não é possível — insistiu Claire — que a farsa estivesse começando nessa hora? Que vários homens tivessem matado os camponeses e já estivessem planejando pôr a culpa em Kubik?

Após um longo silêncio, a voz de Fahey fez-se ouvir de novo.

— Tudo é possível, acho eu.

— Se você tiver que depor — disse Claire — não vai poder falar sobre o que ouviu a respeito de Kubik. Ou sobre o que ouviu dizer sobre Marks. Tudo isso é informação por ouvir dizer, algo que não é aceitável no processo. Mas pode depor sobre como Marks o chamou a fim de prepará-lo para sua entrevista com os investigadores e sobre como eles escreveram o depoimento para você assinar.

Ouviu-se uma risada curta. — O que a faz pensar que vou depor?

— Ninguém o procurou para falar a esse respeito? — perguntou Grimes.

— Uns caras do departamento de investigações criminais do Exército vieram me ver, me pediram para depor. Eu disse a eles o mesmo que disse a você. Que não ia mentir para salvar Marks. Nem que ele fosse a porra do presidente dos Estados Unidos. Aí eles me disseram que iam usar o depoimento que prestei sob juramento em 1985 e que era melhor que eu depusesse agora do mesmo modo.

— Ou então?, incentivou Claire.

— Eles disseram qualquer coisa a respeito de meus benefícios de veterano, essas merdas. Eu sabia que estavam mentindo. Não podem retirar os benefícios de veterano de ninguém. Eu disse a eles que fossem se foder. Não têm mais poder sobre mim. Prestei um depoimento falso, o que mais vocês querem? Não vou aparecer num tribunal para cometer perjúrio.

— Excelente — disse Claire. — Você está certo. Eles não têm mais poder sobre você.

— É mesmo?

— Você estaria disposto a testemunhar? — indagou Grimes.

— Que menti para o CID? Você está maluco?

— Para limpar sua ficha. Limpar sua consciência — ponderou Grimes.

— Não tenho interesse em reviver aquele pesadelo.

— Nós o traremos aqui de primeira classe — prometeu Grimes, com um sorriso amarelo para Claire e um encolher de ombros.

— Uma passagem de primeira classe para Quantico! — disse Fahey.

— Qual é o segundo prêmio? Férias com todas as despesas pagas em Leavenworth?

— Se prefere a solução mais difícil, podemos intimá-lo.

— Cortes militares não podem intimidar as pessoas — retrucou Fahey. — Não queira me enganar.

— Não estou falando de cortes militares. Estou falando em expedir uma intimação por intermédio do Procurador da República.

Um longo silêncio.

— Quem garante que eu vá cooperar uma vez que chegue aí?

— A lei — respondeu Claire. — Você não terá outra escolha.

— Ei, faça o que tiver de fazer — disse Fahey.

Houve um clique, e a linha ficou muda.

NO MEIO DA NOITE, O TELEFONE TOCOU DE NOVO.

Claire acordou com o coração disparado e a cabeça latejando.

Deixou o telefone tocar. A secretária eletrônica ia atender.

Depois de cinco toques a secretária funcionou, e soltou a mensagem gravada que finalizava com um bipe. Houve um período de silêncio e por fim um clique. Claire esticou o braço, atrapalhou-se um pouco com o aparelho e finalmente conseguiu desligar a campainha.

Com o coração se acalmando, ela finalmente conseguiu cair no sono.

Não tocou de novo por três horas.

Às cinco e cinquenta e seis da manhã de segunda-feira ela acordou e deu uma olhada no despertador digital. Sabia que precisava se levantar e começar a se preparar para o tribunal. Só então deu-se conta de que o telefone estava tocando em algum lugar distante, em algum outro cômodo da casa. Lembrou-se de ter desligado a campainha.

Permaneceu deitada, o coração mais uma vez disparado. e esperou que a secretária eletrônica atendesse.

Desta vez uma voz masculina fez-se ouvir. Era uma voz jovem, decidida e autoritária.

— Claire Heller — disse a voz.

Ela esperou.

— Pegue o telefone, é importante.

Ela estendeu o braço e pegou o aparelho.

— Sim?

— Tenho uma informação para você — disse a voz.

— Que tipo de informação? — ela se sentou lentamente.

— Para o seu julgamento.

— Quem está falando?

— Informação sobre Marks.

— Quem está falando?

Silêncio. Será que ele tinha desligado?

— Lentini. Reconhece o nome? — Reconheço.

— Preciso de sigilo absoluto, e deixe que eu lhe diga logo — não vou testemunhar. Não vou testemunhar contra ele.

— Podemos nos encontrar?

— Não na sua casa.

— Onde então?

— E só com você. Nada de aparecer com qualquer um dos outros advogados. Nem com o seu detetive. Vendo alguém eu dou o fora.

— Como sabe que estou trabalhando com dois outros advogados?

— Conheço gente.

— Foi assim que conseguiu meu telefone?

— Só posso me encontrar com você de noite. Tenho um emprego e não é fácil para mim sair da cidade.

— Vou aonde for conveniente para você.

— Não será perto de mim. Não vou correr esse risco. Escreve aí.

Ele ditou instruções precisas.

— Só você — sozinha.

ANNIE JÁ ESTAVA SENTADA à mesa do café, de pijama e comendo cereais de chocolate. Claire, vestindo um belo conjunto de sarja verde-oliva, beijou-a e deu-lhe um rápido abraço.

— Como vai minha filhinha?

— Ahmm — fez Annie, atrapalhada com a boca cheia.

— Você vai pintar com Jackie hoje?

Annie balançou a cabeça entusiasticamente, os olhos brilhando. E continuou mastigando. Claire preparou um bule grande de café.

— Você vai soltar papai hoje? — perguntou Annie quando finalmente engoliu.

— Estou trabalhando para isso. Pode não ser hoje, boneca.

— Podemos brincar hoje, eu e você?

Claire hesitou.

— Vou me esforçar ao máximo — disse. — Sim, querida, vamos brincar quando eu voltar do trabalho — acrescentou em seguida. — Você, eu e Jackie ou só você e eu se quiser.

— Quem está usando o meu nome em vão? — perguntou Jackie, arrastando-se, estonteada, para dentro da cozinha. Apoiou-se na moldura da porta e massageou a testa. — Bom dia, ursinhas.

Claire viu a camiseta preta comprida de Jackie do grupo Grateful Dead e a calça de moletom também preta, e ergueu ambas as mãos para estalar os dedos no aplauso típico dos beatniks.

— Onde você desencavou esses panos malucos, menina?

— É muito cedo, Claire — gemeu Jackie, olhando para o café borbulhar no bule de vidro.

— Preciso injetar um pouco dessa cafeína na veia.

O telefone tocou.

— Não! — exclamou Claire. — Pode atender para mim?

— Não — respondeu Jackie. — Eu mal consigo falar.

O telefone tocou de novo.

— Oh! meu Deus ! — disse Claire, e pegou o aparelho que ficava na parede.

— Claire, aqui é Winthrop.

Winthrop Englander, o reitor da Faculdade de Direito de Harvard. Não era difícil adivinhar o que teria em mente.

— Win, bom dia.

— Claire. este não é um telefonema que eu já tenha querido fazer um dia — disse ele.

— Win...

— Aquela reportagem é verdadeira?

— Em grande parte, sim.

— Isso me coloca em posição extremamente difícil.

— Eu compreendo. Apresentarei apenas uma desculpa, que é dizer que isso aconteceu muito tempo atrás e que foi uma péssima decisão tomada em uma oportunidade em que minha mãe acabara de morrer.

— Eu compreendo.

— Isso não justifica o ocorrido, Win, mas...

— Ainda assim vai ser muito, Claire. Você sempre foi um membro valioso do corpo docente, uma professora destacada, um recurso fundamental da Faculdade de Direito.

Ela reparou no tempo do verbo. Aquela era a versão dele do discurso de despedida com entrega de relógio de ouro.

Claire teve vontade de perguntar se tivesse lhe contado o incidente e ninguém mais soubesse, se ele ainda assim se apegaria a seus grandiosos princípios morais. Ou se seria o *Washington Post* — e provavelmente, àquela altura dos acontecimentos também o *The New York Times* e, graças às agências noticiosas, todos os outros jornais e órgãos da mídia no país — que estariam reforçando seu senso de moralidade.

Mas, em vez disso, ela limitou-se a dizer duas palavras.

— Eu entendo.

— Haverá todos os tipos de reuniões e consultas. Manterei contato.

ELA CHEGOU EM QUANTICO justo a tempo de ver a van branca parar diante do prédio onde ficava a sala de segurança em que funcionava o tribunal. À distância ela viu Tom saltar, acorrentado. Ele pareceu-lhe pequeno. Fez um cálculo rápido: queria atrair seu olhar? Dar-lhe um abraço? Cada vez mais achava doloroso fazer contato humano com ele, antes e depois do julgamento. Era mais fácil tratá-lo apenas como um outro cliente. um cliente com quem raramente se encontrava.

Mas ele a viu primeiro.

— Claire — exclamou, com a voz rouca.

Ela sorriu, embora fosse a última coisa que desejasse fazer naquela manhã. Por que colocar sobre os ombros dele suas centenas

de preocupações?

— Claire — ele repetiu, estendendo os braços como se quisesse exibir as algemas. Um estranho gesto.

Ela aproximou-se. Os olhos dele brilhavam, cheios de lágrimas. Desconcertada, ela o abraçou. Ele não pôde retribuir o abraço, o que cortou o coração de Claire.

— Está na hora do espetáculo — disse ela, com falso bom humor.

— Aqueles filhos da mãe — a voz dele estava abafada. Ela afastou-se para ver seu rosto. Ele estava chorando.

— Tom?

— Malditos! Eu vi a CNN hoje de manhã. Na verdade eles me fizeram ver. Eles querem me pegar, isso é uma coisa. Agora estão tentando destruir você — os guardas ficaram parados, olhando para eles com hostilidade. Àquela altura já tinham aprendido que não deviam interromper.

— Mas é verdade, Tom. Eu fiz aquilo de que me acusam.

— Não ligo a mínima. Já passou, ninguém tem nada com isso...

Ele cerrou ambas as mãos e socou o ar como um pugilista amarrado. Suas correntes tilintaram.

— Malditos sejam, Claire. Vem cá, por favor. Quer me dar um abraço? A droga dessas algemas...

Ela o abraçou, sentiu o rosto quente dele de encontro ao dela.

— Quero que você saiba de uma coisa — disse ele, com muita calma. — Sei o que está passando por minha causa. O que estão tentando fazer com você. E eu estou aqui por você, do mesmo modo como você tem feito por mim. Estou acorrentado, sei disso, passo o dia inteiro trancado, mas mesmo assim sou a sua rocha, está bem? Penso em você o tempo todo. Está sofrendo tanto quanto eu, talvez mais. Não tem tempo para estar com Annie, está separada de seus amigos, não pode contar a ninguém aquilo por que está passando, exceto talvez a Jackie, certo? E agora isto. Vamos ultrapassar toda essa merda, eu lhe prometo.

— O GOVERNO CHAMA FRANK LA PIERRE — anunciou Waldron.

A acusação estava começando a trabalhar com o agente da Divisão de Investigação Criminal encarregado do caso contra Ronald Kubik. Frank La Pierre entrou escoltado.

Caminhava com um lento arrastar de pés, como se tivesse sido ferido muito tempo atrás. Usava um terno barato escuro e claramente não tinha conseguido abotoar o paletó por cima da barriga protuberante. Usava óculos de aros grosso, tinha o nariz fino e a boca pequena com os cantos virados para baixo. Começava a ficar calvo, mas ainda exibia na testa um bico de viúva.

Waldron, de pé, permaneceu com as mãos cruzadas nas costas.

— Sr. La Pierre, é correto dizer que o senhor é um agente especial da CID?

— É correto — respondeu La Pierre, numa voz de barítono grave e retumbante.

— Na verdade você é o agente da CID encarregado desta investigação, certo?

Como se pudesse haver outra razão para a presença dele ali.

— Certo.

— Agora, Sr. La Pierre, há quanto tempo o senhor trabalha como agente da CID?

— Oito anos.

— E a que escritório da CID o senhor é vinculado?

— O QG da CID em Fort Belvoir.

— O senhor tem alguma especialidade?

— Tenho, sim.

— E qual é a sua especialidade?

— Crimes contra a pessoa, particularmente homicídios.

— Eu entendo. Sr. La Pierre, em quantos casos de homicídio o senhor diria que trabalhou em sua carreira?

— Não sei ao certo. Talvez uns quarenta.

— Quarenta? Bem, é uma boa quantidade.

E assim foi ele conduzindo La Pierre, examinando suas credenciais e seu envolvimento no caso Kubik. Tudo muito banal, quase sempre bastante monótono, mas eficiente.

Depois do almoço, Claire levantou-se para interrogar a testemunha. Por um instante deu a impressão de estar perdida.

— Sr. La Pierre, o senhor diz que oitenta e sete civis foram mortos em La Colina, El Salvador, no dia 22 de junho de 1985, certo?

— Exatamente — a certeza de La Pierre era quase desafiadora.

— O senhor pode identificar, por favor, os indivíduos mortos?

La Pierre hesitou. — Identificar como?

— Bem, quantos eram, digamos, do sexo masculino?

Claire sacudiu os ombros com as palmas das mãos viradas para cima, como se aquilo tivesse acabado de lhe ocorrer.

Ele fez nova pausa, olhou furtivamente para Waldron e depois para o chão.

— Não sei isso.

— Quantos eram do sexo feminino?

Aborrecido: — Não há como saber...

— Bem, quais eram as idades das oitenta e sete vítimas?

— Olha, isto aconteceu há treze anos...

— Responda à pergunta, por favor. Quais eram as idades das vítimas?

Firmemente: — Eu não sei.

— Bem, as vítimas estão enterradas?

— Tenho certeza de que posso conseguir esta resposta para você...

— Quem as enterrou?

— Meritíssimo — explodiu Waldron furioso—, a advogada está seguindo uma linha de interrogatório completamente enganosa, imprópria, inadmissível...

— Aceito sua objeção — disse o juiz Farrell suavemente. — Vamos seguir em frente, advogada.

— Muito obrigada. Senhor La Pierre, o senhor tem fotografias dos corpos mortos? — Não — respondeu ele, impaciente.

— Não? E que tal certidões de óbito? Certamente o senhor tem as certidões de óbito dos camponeses mortos.

— Não.

— Não? As autópsias, sem dúvida. O senhor deve ter as autópsias.

— Não, mas...

— Sr. La Pierre, o senhor pode me dizer o nome de pelo menos um indivíduo que o meu cliente é acusado de ter matado?

La Pierre encarou-a com um olhar virulento.

— Não, não posso.

— Nem mesmo um? Se não pode me dizer um, sei que não pode dizer dois. E muito menos vinte e dois. Ainda assim, está acusando o sargento Kubik de ter matado oitenta e sete pessoas. Não é este o seu testemunho aqui hoje?

Mas Frank La Pierre já estava farto e, quando respondeu, exibiu toda a indignação moral que sentia.

— Ronald Kubik matou oitenta e sete pessoas inocentes...

— E no entanto o senhor, em seu depoimento, não consegue afirmar que viu um único dos corpos das oitenta e sete pessoas que meu cliente supostamente matou. O senhor não consegue, certo?

— Mas...

— E o senhor também não viu uma única autópsia de qualquer das pessoas que meu cliente supostamente matou?

— Não, não vi — desta vez a resposta saiu quase que orgulhosamente.

— Da mesma forma não viu uma única certidão de óbito de qualquer das pessoas que meu cliente supostamente matou?

— Não, não vi.

— Para falar a verdade, o senhor não dispõe de um só documento, a não ser — ela fez uma pausa, para enfatizar o que estava dizendo, e ergueu as sobrancelhas — os depoimentos prestados sob juramento apresentados pelo governo, de que oitenta e sete pessoas foram mortas em La Colina no dia 22 de junho de 1985. Está correta esta minha afirmativa?

— Sim.

— Ou quem eram essas oitenta e sete pessoas.

— Sim.

— Vamos então ter de aceitar a sua palavra?

— Baseada em sete depoimentos idênticos prestados sob juramento — La Pierre conseguiu dizer.

— Oh, eu entendo. Os sete depoimentos prestados — ela ergueu dois dedos de cada mão e fez no ar o gesto universal de aspas — sob juramento. Os quais são, como o senhor corretamente lembrou, idênticos. No entanto, o senhor não tem autópsias. Não tem certidões de óbito. Na verdade, não dispõe de nenhuma prova concreta, seja qual for, não é?

Uma longa pausa.

— Além dos depoimentos, não.

— Agora, Sr. La Pierre, nós tivemos a oportunidade de examinar os arquivos de cada um dos membros do Destacamento 27 que prestaram depoimento ao senhor. E, sabe de uma coisa, é engraçado, mas não descobrimos qualquer menção que indique serviço temporário em El Salvador. Será que perdemos alguma coisa? Estavam de volta agora ao território conhecido por La Pierre.

— Não. Quase sempre as missões ultrassecretas não constam dos cadernos de assentamentos dos militares.

— Então não perdemos nada.

— Acredito que não.

— Excelente. Dessa forma não havia em qualquer um dos arquivos registros da incursão realizada em El Salvador no mês de junho de 1985, certo?

— Acredito que sim.

— Sr. La Pierre. o senhor viu meu pedido de compartilhamento das informações de conhecimento da Acusação?

— Não, o advogado do julgamento não me mostrou.

— Bem, Sr. La Pierre, a defesa fez um pedido no sentido de ter acesso à ordem que designou os militares de que estamos falando para cumprir uma missão em El Salvador. Estranhamente, nunca recebemos nada. Fico pensando que talvez toda essa burocracia, o modo como às vezes os papéis teimam em se esconder dentro das gavetas... Por acaso o senhor viu alguma ordem designando os membros do Destacamento 27 para El Salvador em junho de 1985?

— Não, não vi.

— Nenhum registro de qualquer tipo?

— Correto.

— Absolutamente nenhum?

— Bem, é verdade — disse ele, cautelosamente.

— Que alívio — disse Claire —, porque eu também não vi.

Algumas risadas na sala de sessões.

— É bom saber que não sou a única pessoa que passou aperto lidando com essa gente do Pentágono que vive misturando papéis. E, com certeza, o senhor foi procurar os supervisores desse Destacamento das Forças Especiais de que estamos tratando.

— Acredito que fomos, sim.

— E mesmo assim não conseguiram registros de qualquer tipo designando-os para El Salvador?

— Não.

Ela virou-se de repente para a testemunha como se outra ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

— O senhor tentou localizar as cópias das ordens de missão temporária que toda unidade militar tem de receber antes de ser despachada para qualquer lugar?

— Hmm, não.

— Não? E o que me diz das despesas de deslocamento?

Tentou achar os documentos referentes às despesas de viagem do Destacamento 27 para sua suposta incursão em El Salvador, em junho de 1985?

— Bem, não, mas...

— Sabe, Sr. La Pierre, não sou membro das Forças Armadas...

— Eu não teria adivinhado — debochou ele.

Os espectadores caíram na gargalhada e Claire riu junto, compartilhando da piada feita à sua própria custa.

— E, bem, você sabe — prosseguiu ela —, eu realmente não sei muita coisa a respeito do seu mundo aqui, mas é do meu entendimento — corrija-me se eu estiver errada — que em qualquer ocasião que qualquer soldado dos Estados Unidos for mandado para um lugar em que haja viagem envolvida, terá de ser submetido às autoridades responsáveis um documento de despesa. Estou certa?

— Acredito que sim — respondeu La Pierre, aparentemente entediado.

— O senhor acredita. Muito bem. E mesmo assim não encontrou nenhum documento de despesa referente à suposta operação em El Salvador de junho de 1985.

— Bem, não, mas...

— Quer dizer então que na verdade não há uma confirmação documentada de que os indivíduos integrantes do Destacamento 27 foram a qualquer lugar?

La Pierre, boca aberta, tentou falar algumas vezes e por fim começou.

— Eu...

— Presumivelmente o senhor se esforçou um pouco — interrompeu Claire — para determinar se essa operação ocorreu mesmo ou não, certo?

Com os olhos semicerrados, La Pierre gritou de volta: — A senhora não está querendo negar que essa operação tenha existido, está?

— Deixe que eu faça as perguntas, Sr. La Pierre. O senhor se esforçou um pouco para determinar se esta operação ocorreu mesmo, não foi?

— É óbvio que ela ocorreu...

— Óbvio? Para quem? Para o senhor e o major Waldron ali sentado? Ou para mim, o Sr. Grimes e Ronald Kubik aqui? Óbvio para quem?

— A operação ocorreu — retrucou La Pierre, furioso.

— Mas o senhor não tem qualquer registro das ordens que foram dadas. com o que poderia corroborar o que afirma, não é mesmo?

Ela não esperou pela resposta.

— Ora, Sr. La Pierre, é do meu entendimento — e, mais uma vez, corrija-me se eu estiver errada — que antes que qualquer setor do governo dos Estados Unidos, militares inclusive, se engaje em uma operação secreta, tem de haver um documento autorizando a operação. Uma ordem secreta assinada pessoalmente pelo presidente dos Estados Unidos. É isso mesmo?

— Acredito que sim.

— Uma ordem presidencial autorizando uma ação secreta é chamada de DDSN — Diretriz Decisória de Segurança Nacional — certo?

— Hmm, sim.

— Que pode ser um documento secreto, certo?

— Pode ser.

— Pode haver o caso de existirem duas versões da mesma DDSN, uma secreta e outra comum, correto?

— Acho que sim.

— E essa operação foi uma operação secreta, não é verdade?

— Sim, foi.

— Quer dizer então que deve existir uma DDSN, presumivelmente classificada como secreta, autorizando a missão do Destacamento 27 em El Salvador, no mês de junho do ano de 1985. Certo?

Ele tentou fugir da armadilha. — Eu não saberia dizer.

— Mas acabou de dizer que toda operação secreta deve ser autorizada por uma DDSN, e esta foi uma operação secreta, o senhor mesmo afirmou. Então tem de ter havido uma DDSN, certo?

— Suponho que sim.

— E, no entanto, o senhor não conseguiu obter a ordem autorizando a operação secreta de junho de 1985 e assinada pelo Presidente dos Estados Unidos?

— Não. não consegui.

— Puxa vida, Sr. La Pierre, como investigador-chefe deste caso, não acha que seria importante saber se a operação foi autorizada pelo Presidente?

— No meu trabalho — disse ele com clareza — não me meto com relações internacionais. O que faço é investigar crimes contra a pessoa, inclusive homicídios.

— O senhor não se mete com relações internacionais — repetiu ela.

— Não, não me meto.

— Sr. La Pierre, se um coronel das Forças Especiais, que é agora chefe do estado-maior do Exército, dirigiu uma operação em

território de El Salvador no mês de junho de 1985 que era ilegal — por não ter sido autorizada por um documento assinado pelo presidente —, o senhor não acha que deveria avisá-lo dos seus direitos?

Frank La Pierre olhou para o juiz. — Não sei como responder a isto.

— Basta responder à pergunta — disse Farrell, contrariado. — O senhor leu para o general Marks os seus direitos?

— Não, certamente que não.

— E por que não? — indagou Claire.

— Porque não tinha razão para acreditar que se tratasse de uma operação ilegal.

— Porque o senhor não "se mete" com relações internacionais. Pois bem, o senhor não acha que, como investigador-chefe de um caso de homicídios em massa que supostamente ocorreram em um país estrangeiro durante uma operação secreta, poderia querer aprender qualquer coisa sobre política exterior e as regras que governam as ações secretas?

— Não vejo por que precisaria fazer isso.

— Sinceramente — exclamou Claire, espantada. — Então não é importante aprender se uma operação feita pelas Forças Armadas dos EUA violou as leis do país desde o começo?

— Não é meu trabalho.

— Permita-me então esclarecer esta história. O senhor não é capaz de identificar uma única pessoa que foi morta. Na verdade, o senhor não sabe quem foi morto, ou, para ser mais exata, se alguém foi morto. Basta, no que diz respeito ao primeiro elemento da acusação, ou seja, que "uma certa pessoa, assim chamada ou descrita, foi morta". Nós não sabemos.

"E, em segundo lugar, nós nem sequer sabemos se esta operação teve ou não lugar. E se realmente ela aconteceu, não sabemos se foi autorizada. Assim não sabemos se qualquer um dos supostos homicídios — dos quais não temos prova — foram ilegais. Porque não sabemos o que era legal neste caso. Não temos ideia do que o presidente dos Estados Unidos mandou fazer — presumindo que esta missão realmente tenha acontecido. Basta, então, no que

diz respeito ao elemento número dois da acusação — ou seja, que as mortes foram ilegais.

Ela sacudiu a cabeça, desgostosa. — Não tenho mais nada, Meritíssimo.

DESTA VEZ A LIGAÇÃO CHEGOU QUASE às quatro da manhã. Ela atendeu.

— Continue — disse. — Nós vamos localizar você.

Antes que saísse de casa naquela manhã, Devereaux telefonou.

— O FBI está perto — disse ele.

— Como assim?

— De rastrear os telefonemas misteriosos. Conseguiram chegar a um dos diversos telefones públicos dentro do Pentágono.

— Pentágono?

— Isso mesmo. Quem quer que esteja tentando assustá-la, não quer fazê-lo de sua sala no Pentágono, aposto. A essa hora da noite, você só pode entrar lá se for um funcionário ou tiver um passe.

— O que limita o número de suspeitos para vinte e cinco mil — disse ela, ironicamente.

O PRIMEIRO DIA DE depoimentos foi, todos disseram, bom para a defesa. O interrogatório feito por Claire fora devastador. E a tentativa superficial de Waldron para reabilitar o homem da CID na sua reinquirição não foi particularmente efetiva.

Lá pelo final da segunda manhã de depoimentos, as coisas de repente tomaram um péssimo rumo para a defesa.

O coronel James J. Hernandez estava testemunhando para o governo, e na maior parte do tempo repetia as mesmas acusações que fizera antes. Waldron o convocara para estabelecer aquilo que a lei chama corpus delicti, a prova material de que um crime foi cometido. Pode ser, por exemplo, o corpo da pessoa morta. Eles não tinham fotos, nem autópsias, de modo que seria preciso apresentar testemunhas oculares a fim de comprovar a existência de fato das pessoas mortas — o que Hernandez fez com habilidade e sem um só tropeço. Até pouco antes da hora do almoço, quando Waldron fez Hernandez falar sobre o momento em que a unidade, na calada da

noite, entrou na cidadezinha, Hernandez declarou ter seguido ao lado de Ronald Kubik.

— E o que foi que vocês fizeram então? — perguntou Waldron, de um jeito aparentemente improvisado.

— Saímos de cabana em cabana, expulsando as pessoas, acordando-as, procurando armas ou qualquer sinal dos guerrilheiros.

— Encontraram armas ou algum guerrilheiro?

— Não, não encontramos, senhor.

— Vocês usaram suas armas enquanto punham as pessoas para fora de suas cabanas?

— Só para apontar para eles. Baionetas ou rifles ou carabinas ou metralhadoras, nós estávamos carregando.

— O senhor não atirou em ninguém, atirou?

— Não precisava. Eles estavam assustados. Eram velhos e velhas, e mães com seus bebês e crianças pequenas. Cooperaram desde o início.

— O senhor viu o que o sargento Kubik estava fazendo nessa hora?

— Vi, sim.

— E o que ele estava fazendo?

Hernandez ergueu um pouco o tronco e virou-se na direção do júri. Claire ficou mais alerta. Quando uma testemunha se vira na direção do júri ou do juiz, quase sempre está prestes a dizer algo que espera que desperte uma determinada reação.

— Ele... bem, ele estava fazendo coisas pervertidas.

— O senhor usaria o termo "sádicas"?

— Objeção — exclamou Claire. — A testemunha não é psiquiatra ou profissional especializado em saúde mental, que eu saiba. Não é qualificada para fazer diagnósticos.

— Meritíssimo — disse Waldron, claramente aborrecido por ela ter quebrado seu ritmo —, a testemunha pode caracterizar ações que viu com palavras com as quais é familiarizada.

— Objeção negada — decidiu Farrell.

— Continue — Waldron dirigiu-se a Hernandez. — Ele fazia coisas que o senhor caracterizaria como sádicas?

— Sim, senhor.

— Podemos falar sobre essas coisas?

— Bem, um velho tentou fugir pela janela de trás da sua cabana, e o sargento Kubik diz, "Você quer fugir? Eu disse para sair pela porta da frente". Aí ele aleijou o cara.

— Aleijou?

— Cortou o tendão de Aquiles do velho. Com um golpe da faca. E disse: "Pronto, aí está. Nunca mais você vai andar de novo."

Claire virou-se para Tom, que sacudiu a cabeça, comprimindo os lábios.

— Já tinha ouvido isto antes? — murmurou ela.

Ele continuou sacudindo a cabeça.

— É uma mentira total, Claire.

— E qual foi a sua atitude? — continuou Waldron.

— Eu disse para que ele parasse.

— E ele parou?

— Não, senhor. Disse que se algum dia eu contasse aquilo a alguém ele me mataria.

— Ele fez mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Foi horrível — Hernandez parecia genuinamente chocado. Ou estava dizendo a verdade, pensou Claire, ou era um ator notável. — Teve um menino — não podia ter mais que uns dez anos de idade — que estava jogando pedras em cima dele, gritando obscenidades. Kubik jogou-o no chão, pegou a faca e cortou a barriga dele.

— Cortou como?

— Fez uma letra Y na barriga do menino com a faca. Muito depressa. Sem profundidade.

— Com que finalidade?

— Bem, senhor, foi tão horrível — os lábios de Hernandez se franziram de um lado. O rosto ficou contorcido como se ele estivesse prestes a vomitar. — Quando se faz uma coisa dessas, bem, as vísceras do menino saltaram. Seus... seus intestinos se projetaram para fora. Quando isso acontece, a vítima tem uma morte lenta e agonizante. Eu berrei — gritei com Kubik —, mas ele parecia estar se divertindo com o que fazia.

Claire dirigiu-se a Grimes.

— Esse cara já disse uma dessas coisas antes? — murmurou. Grimes sacudiu a cabeça. — Não que eu tenha visto.

— E o que me diz da declaração original dele ao pessoal da CID?

— De jeito nenhum. Acha que eu ia esquecer uma coisa dessas?

— Temos que interromper isso.

— Peça uma sessão com o júri fora — disse Grimes. Claire levantou-se.

— Meritíssimo, esta é a primeira vez que ouvimos este depoimento. Nós alegamos surpresa. Requeremos uma sessão 39.

— É realmente necessário? — quis saber Farrell.

— Sim, é ultrajante. A testemunha está introduzindo novo material que nunca esteve em nossas mãos, nem no depoimento prestado à CID nem nas suas entrevistas com o promotor ou conosco...

— Está certo — disse Farrell, interrompendo-a. — Os membros serão retirados.

Todo mundo na sala de sessões se levantou quando o oficial de justiça escoltou os membros do júri para fora da sala.

— Meritíssimo — disse Claire depois que o júri tinha saído e a testemunha temporariamente dispensada —, esta testemunha foi interrogada um número de vezes incontável a respeito do incidente em questão, por investigadores, promotores e por nós mesmos. Nem uma única vez foi feita menção ao suposto sadismo do meu cliente. Agora, se o governo vai tentar nos dizer que a testemunha foi hipnotizada, quero saber disso já. Porque nos últimos tempos os tribunais vêm encarando com uma visão muito desfavorável lembranças induzidas por hipnose...

— Meritíssimo — disse Waldron —, o incidente aconteceu há treze anos e, tendo em vista a natureza terrível dos atos do sargento Kubik, é apenas natural que a testemunha tenha tentado esquecer tudo.

Claire dirigiu um olhar de assombro a Waldron.

— O advogado de acusação está tentando dizer que a testemunha não se lembrou dessas supostas ações imediatamente

depois que tiveram lugar, quando foi interrogada pela CID em 1985? — retorquiu Claire. — Meritíssimo, à luz do novo depoimento que está sendo apresentado, requeremos outra entrevista com esta testemunha, assim como tempo para conferenciar com nosso cliente e entre nós.

— Pedido concedido — disse Farrell. — Os trabalhos serão recomeçados depois da hora do almoço, às catorze horas.

Waldron esbarrou em Claire no caminho da saída e comentou, casualmente. — Vi seu nome no jornal.

Ela levantou os olhos, mas antes que pudesse pensar em uma resposta, ele tinha sumido.

ELES ENTREVISTARAM JIMMY HERNANDEZ em uma pequena sala de reuniões no próprio prédio do tribunal.

Ele se sentou à mesa constrangido, fechando e abrindo os olhos nervosamente.

— Então — disse Grimes. — Um retorno súbito da memória, hem?

Hernandez fez uma careta para Grimes e remexeu-se na cadeira.

— Você foi hipnotizado?

Ele fechou a cara mais ainda e rolou os olhos para cima.

— O gato comeu sua língua? Tem alguma coisa a nos dizer agora que se esqueceu de dizer antes? Hernandez nada disse. Com o dedo indicador ele acariciou cicatriz sob seu olho direito.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa — prosseguiu Grimes. — Você e Marks... desde quando vocês são amigos?

Hernandez franziu a testa e deu de ombros.

— Coronel, olhe só — disse Claire. — Temos cópias da citação e dos depoimentos registrados quando você ganhou sua primeira estrela de bronze, no final da Guerra do Vietnã. Um dos depoimentos colhidos na época, e que serviu de base à sua citação, era de William O. Marks. Assim sendo, é óbvio que a amizade dos dois data de algum tempo. O que eu quero saber é quantas vezes o senhor serviu com ele?

— Muitas vezes — disse finalmente Hernandez. — Em muitas operações.

— Muitas vezes — ecoou Claire. — Poderia ser mais específico?

Hernandez deu de ombros novamente.

A entrevista continuou por quase uma hora.

QUANDO CLAIRE, EMBRY E Grimes entraram na sala de reuniões onde Tom ficara sentado, com os guardas de sentinela do lado de fora, Tom levantou-se.

— Toda vez que acho que não vão conseguir descer mais — disse — eles atingem novo patamar.

— Isto significa que você nega as acusações de Hernandez — disse Grimes, passando-lhe uma caixa com um cheeseburger duplo e um saco de fritas grande.

— Espero que você esteja brincando comigo — disse Tom, pegando a comida. Ele desembrulhou o sanduíche avidamente e deu uma mordida avantajada.

— Não estou. As acusações são sérias, quer venham de um lado quer de outro.

Tom mastigou rapidamente, sacudindo a cabeça. Sua resposta saiu abafada. — Claro que nego. Nego todas as acusações. Como é que você pode perguntar isso a sério?

— É meu trabalho, cara.

— Claire, você não acredita naquela sujeira, acredita? Ele deixou o sanduíche em cima da mesa.

— Não, não acredito. O modo como foi apresentado o depoimento de Hernandez é totalmente suspeito. Não acredito que de repente ele tenha se transformado em um homem honesto.

— Não é isso que estou perguntando. Estou falando sobre mim. Esqueça esse lixo legal. Você não pode acreditar numa coisa daquelas a meu respeito.

Ela sentiu um aperto no estômago.

— Não, Tom — disse. — Claro que não. Terry, você acha que consegue desencavar os registros médicos de Hernandez?

— Claro — disse Embry. — Quer dizer, acho que sim.

— Mas discretamente, sim? Não quero que Waldron tome conhecimento. Ele vai querer que comprovemos a relevância da informação.

— Sem problema. Mas o que você está procurando?

— Bem, corrija-me se eu estiver enganada, mas não é verdade que os registros psiquiátricos não são reservados entre os militares?

— Puxa, cara, nada é reservado entre os militares — interveio Grimes. — Mas você não acredita que aquele tipo repulsivo um dia já tenha visto um psiquiatra, acredita?

— Voluntariamente sou capaz de apostar que não. Mas talvez tenha sido obrigado. Vale a pena checar. Vê se conseguimos encontrar alguma informação interessante sobre o sujeito.

— Em que você está pensando? — indagou Tom.

— Tem uma coisa nele que não consigo entender.

Os olhos de Tom se estreitaram.

— Como assim?

— Se ele está só protegendo o chefe, ou tem mais qualquer coisa por aí acontecendo.

Tom sacudiu a cabeça.

— Ele só está tirando o de Marks da reta.

— Bem, espero que você tenha razão. Espero que não estejamos deixando passar nada.

QUANDO O TRIBUNAL RETOMOU OS trabalhos após o almoço, OS jurados foram trazidos de volta e Hernandez retornou à cadeira das testemunhas a fim de ser interrogado pela defesa.

Claire andou de um lado para outro na frente dele por uns poucos segundos antes de começar, tentando adotar o tom certo.

— Sr. Hernandez, quando o senhor foi entrevistado pela Divisão de Investigação Criminal do Exército, a CID, em 1985...

— Objeção — exclamou Waldron. — A testemunha é um coronel e tem total direito a todo respeito a que seu posto faz jus. Peço à advogada de defesa que se refira a ele como coronel Hernandez.

— Muito bem, Meritíssimo — disse Claire. — Coronel Hernandez, quando o senhor foi entrevistado pela CID em 1985, pediram-lhe para que desse uma versão completa dos acontecimentos de La Colina?

— Sim...

— Muito obrigada. E o senhor deu?

— Não.

— Entendo— disse ela, prosseguindo rapidamente. — O senhor tinha ciência de que quando deu seu depoimento estava sob juramento e devia dizer toda a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus?

— Tinha — concedeu ele.

— Quando o senhor depôs na inquirição do Artigo 32, também tinha conhecimento de que estava sob juramento para dizer toda a verdade, com a ajuda de Deus?

— Tinha.

— Bem, então tenho de admitir que estou espantada, Coronel. O senhor conscientemente pensou nesses detalhes e depois voluntária e intencionalmente não depôs sobre esses eventos na inquirição do Artigo 32?

A pergunta o confundiu. Ele precisou pensar um momento. — Bem, sim, pensei, mas como eu lhe expliquei...

— Basta responder à pergunta, por favor. Coronel, se o senhor não contou toda a verdade aos investigadores da CID, quando estava sob juramento, e se não contou toda a verdade na inquirição 32, quando também estava sob juramento — como podemos acreditar que esteja falando a verdade agora?

— Eu estou falando a verdade!

— Toda a verdade?

— Certo!

— Porque está sob juramento?

Ele hesitou. — Porque estou dizendo a verdade.

— Eu entendo. Muito obrigada por esclarecer este assunto para os membros do júri. O senhor está dizendo toda a verdade agora porque está. Muito obrigada.

— Objeção, Meritíssimo — gritou Waldron. — A advogada está atormentando a testemunha.

— Prossiga, Sra. Chapman — advertiu Farrell.

— Coronel Hernandez, o senhor falou com o promotor sobre isto antes do julgamento começar?

Hernandez mais uma vez pareceu constrangido. Claire estava aprendendo a entendê-lo.

— Não — respondeu ele por fim.

— Posso lembrar que está sob juramento?

— Meritíssimo! — exclamou Waldron.

— Eu disse que não falei — assegurou Hernandez.

— Coronel Hernandez, alguma outra pessoa viu os fatos que descreveu — o estripamento do menino e assim por diante?

— Só eu e o Kubik.

— Ninguém mais pode corroborar seu testemunho?

— Acho que não. Mas eu vi.

— Quer dizer então que temos de confiar em sua memória, que, como acabamos de ver, é totalmente não confiável, para saber o que aconteceu treze anos atrás?

— Minha memória é confiável! — explodiu Hernandez. — Eu já disse antes que...

— Muito obrigada, coronel — interrompeu Claire.

Hernandez olhou queixosamente para Waldron.

— Não posso responder à pergunta?

— Chega! — rugiu Farrell.

— Coronel — disse Claire —, eu tenho outra pergunta para o senhor. O que estava fazendo, exatamente, na hora em que afirma que o sargento Kubik estava fazendo todas aquelas coisas terríveis?

— Eu estava expulsando as pessoas de suas cabanas.

— O que deve ter exigido toda a sua concentração, não é mesmo? Afinal, o senhor não podia garantir se os guerrilheiros estariam escondidos numa das cabanas que estava esvaziando. Estou certa?

Hernandez pareceu desconfiado. Seus olhos se estreitaram.

— Eu podia ver o que Kubik estava fazendo.

— É mesmo? Vamos esclarecer esta questão. O senhor o viu dando ordens a um velho e sua família, e o viu indo atrás do velho que pulou a janela. Viu quando ele cortou o tendão de Aquiles do velho. O senhor viu — e ouviu — quando ele ridicularizou o velho. Depois viu um menino jogando pedra em Kubik. Viu Kubik forçar o

menino a se deitar no chão e cortar seu estômago. O senhor viu muita coisa, não viu?

— Eu não podia deixar de olhar. As pessoas gritaram.

— Depois que ele as feriu?

— E antes, porque estavam com medo do que ele ia fazer.

— Durante quanto tempo esses eventos tiveram lugar?

— Cinco minutos, talvez. Talvez dez.

— Dez minutos! O senhor foi capaz de ver tudo isso no espaço de dez minutos — enquanto, ao mesmo tempo, fazia um trabalho altamente perigoso que requeria toda a sua atenção — que, na verdade, exigia que o senhor não desviasse os olhos do que estava fazendo, sob pena de poder ser morto?

Hernandez olhou para ela com hostilidade. Parecia derrotado. Não respondeu.

— Inacreditável — disse ela, sacudindo a cabeça, e voltou para sua mesa.

— Objeção, Meritíssimo — reclamou Waldron.

— Concedida.

— Retiro o comentário — disse Claire, ao mesmo tempo em que sentava. Tom estendeu a mão e apertou seu ombro.

— Advogado do julgamento, o senhor quer reinquirir?

— Sim, senhor.

Waldron levantou-se e colocou-se diretamente diante da sua testemunha.

— Coronel Hernandez, quando o senhor voltou de El Salvador, depois que a missão terminou, foi submetido a um longo e rigoroso interrogatório da parte da CID, não foi?

— Fui — disse Hernandez, com o tom de voz de um homem sedento que tivesse acabado de encontrar uma fonte de água pura.

— Fale-me sobre esse interrogatório.

— Cara, eles não me deixavam em paz. Eram durões.

— Os investigadores da CID?

— Exato. Fizeram aquele número do policial bonzinho versus o mauzinho e quiseram que eu me submetesse a uma máquina detectora de mentiras e me deram a impressão de que estavam a fim de me enforcar também, junto com o sargento Kubik. Achei que

se eu lhes contasse as maluquices que vi o Kubik fazer, eles iam pensar que eu fazia parte do esquema. Ou, você sabe, por que não fiz Kubik parar.

— E por que não parou? — perguntou Waldron, racionalmente.

— Um cara maluco daquele jeito? Não tem como chegar perto. Nós somos treinados para permanecer fora da linha de fogo, este é o nosso treinamento de autodefesa. Eu sabia que ele estava perdendo a capacidade de pensar, e não ia me meter no seu caminho.

— O senhor achou que iam acusá-lo do crime — sugeriu Waldron.

— Sempre atiram no sobrevivente.

— Mas sua preocupação não era unicamente com a sua própria segurança, era?

— Imaginei que se aquilo viesse a ser divulgado só serviria para manchar o nome do Exército. Não quis passar esse tipo de informação aos caras da CID. Minha esperança era que o incidente viesse a ter sua própria morte natural, você entende.

— E Kubik? — perguntou Waldron, conduzindo visivelmente o depoimento de Hernandez. — O senhor não gostava muito dele, certo?

— Não tem nada a ver com gostar ou deixar de gostar. Nós não éramos exatamente amigos, mas tudo bem. De qualquer modo, fiz meu treinamento ao lado dele, e ele tinha salvado minha vida menos de dois meses antes. Kubik me puxou para trás quando eu ia pisando numa mina na Nicarágua. Viu o arame de tropeço antes de mim.

— Então o senhor se achou na obrigação de, talvez, minimizar seus crimes — disse Waldron.

— É. Depois, na inquirição 32, achei que podia me meter em encrenca se falasse nisso — falso testemunho, ou sei lá como se chama. O que quero dizer é que sofri um bocado por causa dessa história. Aí finalmente decidi dizer toda a verdade aqui.

— Muito obrigado — agradeceu Waldron, dando-se por satisfeito.

— Advogada de defesa, tem alguma pergunta?

Claire apoiou o queixo na mão em concha e pensou por um breve instante.

— Sim, Meritíssimo.

Ela levantou-se.

— Coronel Hernandez, o senhor ama o Exército, não ama?

— Sim, eu amo — ele respondeu sem hesitação.

— Quantas vezes o senhor serviu com o general Marks?

— Diversas.

— Cinco vezes, certo?

— Certo.

— Não é verdade que, em cada uma das oportunidades em que serviu com o general Marks, ele foi seu chefe imediato, e que o senhor inclusive confraternizava com ele fora do expediente?

Hernandez hesitou por um instante. — É verdade — respondeu, decididamente.

— O senhor seguiria o general Marks em qualquer lugar, não seguiria?

Ele fez uma pausa e dirigiu-lhe um olhar duro.

— Segui muitas vezes e seguiria de novo. O general gosta de se cercar de pessoas em quem possa confiar, e eu sei que ele confia em mim e eu sei que confio...

— Muito obrigada, coronel — interrompeu Claire.

— Meritíssimo — interrompeu Waldron —, aonde isto está indo?

— Sim — concordou o juiz —, esclareça-me, advogada.

— Tendenciosidade, Meritíssimo.

— Muito bem — disse Farrell. — Prossiga.

— Agora, coronel, por que motivo não conseguimos encontrar um único relatório sobre o incidente de 22 de junho de 1985 em La Colina, inclusive o relatório secreto?

Hernandez dirigiu-lhe um olhar ao mesmo tempo arrogante e vago. — Talvez não tenham procurado direito.

— Oh, não podíamos ter procurado melhor, coronel. Na verdade, o major Waldron me assegurou — deu-me sua palavra de oficial e, mais ainda, de membro integrante deste tribunal — que

não existe tal relatório. O senhor está me dizendo que não redigiu um?

— Correto. Não escrevi.

— O senhor tem conhecimento de que alguma outra pessoa tenha redigido um AAR sobre o incidente de 22 de junho de 1985?

— Não.

— Bem, houve algum outro tipo de relato que seja do seu conhecimento concernente ao suposto massacre de La Colina, em 22 de junho de 1985?

Ele fez uma pausa.

— Eu acreditava que o comandante tivesse feito um, mas não o vi.

— O comandante, sendo o general Marks, naquele tempo coronel Marsk?

— Sim.

— Muito obrigada — disse ela, com os olhos brilhando. — Não tenho mais perguntas.

OS TRÊS ADVOGADOS FORAM PARA um café em Manassas.

— Bem, isso é uma droga — disse Grimes, enfiando na boca uma fatia exageradamente grande de bolo de café com creme de leite azedo. Os donos do café o conheciam, e obviamente gostavam dele. — Os membros do júri vão engolir numa boa as razões de Hernandez para não ter aberto a boca na hora certa — ajudar um companheiro, *esprit de corps*, proteger o bom nome do Exército. Que merda, a única coisa que ele deixou de fora foi Deus.

Claire tomou um gole de café preto e olhou com ódio para o cartaz de É PROIBIDO FUMAR pregado na parede diretamente acima da mesa deles.

— Mas é mentira — disse ela.

Embry balançou a cabeça e tomou um gole de café.

— Você acha que o cara sonhou com tudo aquilo só para dar um pouco de tempero a sua história? Algo parecido com uma camada de glacê em cima do bolo? Ou o Waldron mandou que ele de repente se lembrasse de tudo?

— Waldron deve ter alguma coisa com isso — disse Embry, — Hernandez apresentou todas as razões certas — e podia

simplesmente alegar que havia se esquecido.

— Pode ser que sim — disse Grimes —, mas não é o que o júri vai pensar.

— Então eles estão um ponto na nossa frente — disse ela, — Você acha que eu deveria ter inquirido Hernandez de novo?

Embry sacudiu a cabeça, desconcertado. Grimes falou primeiro.

— Talvez — disse, finalmente. — Não sei o que eu teria feito. Ela aquiesceu.

— É justo, foi difícil. O julgamento de um crime é um psicodrama — e totalmente imprevisível.

A proprietária do café, ou mulher do proprietário, apareceu com um bule de café fresco. Era uma negra de meia-idade e colo imenso, que cheirava a suor e a Opium.

Pôs a mão livre sobre o ombro de Grimes. — Quer mais, querido? — perguntou a ele.

Grimes levantou a caneca. — Obrigado, garota.

— Alguém mais? — Embry e Claire sacudiram a cabeça.

— Que tal o meu bolo de café, querido? — ela perguntou a Grimes.

— Igualzinho ao que minha mãe fazia antes de ser presa.

A mulher parou por um instante, sem jeito. Grimes deu uma risada.

— Ah-ah! Mas não é tão doce quanto você, garota.

— Não que você saiba — retrucou ela, com fingida severidade, e afastou-se.

— Pelo menos temos Mark Fahey — disse Embry.

— Uma testemunha nossa versus as dez deles — disse Claire, sarcástica. — Ele já foi intimado?

Embry balançou a cabeça afirmativamente. — A acusação foi notificada. Fahey estará aqui em três dias, pronto para depor.

— Gostaria de saber em que tipo de buraco de rato o governo o escondeu — disse Grimes, e enfiou outra imensa garfada de bolo na boca.

— Em que pé está a transcrição? — indagou Claire.

— Contratei cinco profissionais diferentes — respondeu Embry.
— Vai custar um bocado de dinheiro.

— Preciso ler o que há sobre Abbott. Já está pronto?

— Quase. Talvez lá pela meia-noite. Eu ligo. As mulheres estão trabalhando dia e noite. É por isso que sai tão caro.

Grimes levantou a cabeça. As rugas em torno de sua boca estavam cheias de migalhas.

— Você ainda está recebendo trotes?

Claire balançou a cabeça.

— Ainda, mas deixo na secretária e aí o cara desliga.

Engraçado, parece que ele não quer nos deixar uma amostra de sua voz. Ray diz que o FBI não conseguiu nada na base do rastreamento. O sujeito muda para telefones diferentes e só fica na linha por segundos.

— Ele vai parar — disse Grimes. — Já fez o que queria fazer — tentar enervar você —, mas não funcionou.

— Vocês se importam se eu sair? — perguntou Embry. — Tenho uma montanha de troços de balística para estudar e estou trabalhando numa ideia.

— Conta — disse Claire.

— Depois que eu verificar — respondeu Embry, levantando-se.

Depois que ele saiu, Claire falou a Grimes sobre o telefonema de Lentini.

— Puta que o pariu! — exclamou ele. — Quer dizer que ele acabou aparecendo. Cara, esse sujeito deve estar escondido debaixo de uma porra de uma proteção muito forte.

— Por uma boa razão, com certeza.

— Quero ir com você. Não sabemos nada a respeito dele e eu não gosto de mistérios.

— Sei tomar conta de mim.

Grimes pareceu considerar por um momento a afirmativa dela.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

Ela o encarou.

— Aquilo tudo foi forjado — a matéria do *Post*?

— Não — admitiu ela.

Grimes balançou a cabeça lentamente e ficou em silêncio por um momento.

— Que merda, Claire — disse por fim —, todos nós cometemos erros.

— Erros? — repetiu ela com uma risada amarga.

— Todos nós temos esqueletos no armário. Coisas que a gente queria não ter feito.

Ela nada disse, envergonhada por estar falando sobre aquilo com Grimes, mas ele seguiu em frente com entusiasmo.

— O general Marks disse que trabalhar neste caso poderia ser arriscado para a sua carreira. Acho que ele estava mesmo falando sério, hem?

— Acho que sim.

— Acredita que ele ou um dos seus mandou alguém ver o que podia descobrir a seu respeito?

— Meu palpite é que isso apareceu na verificação feita pelo FBI do meu passado. Um dos meus professores em Yale.

Ela disse o nome do professor, que Grimes reconheceu, balançando a cabeça.

— Só precisa alguém na CID que seja amigo do general.

— Ou seja, qualquer pessoa ambiciosa — confirmou Grimes.

— Puxar o saco do chefe. Quer levar este assunto ao juiz, dar início a uma investigação?

— Para quê? Para que ele possa negar, ou, pior ainda, ordenar uma investigação que não leve a nada? Esse tipo de coisa não deixa impressões digitais.

ROBERT LENTINI ESCOLHEU, como lugar do encontro, um restaurante no topo de um monte a cerca de 100 quilômetros a noroeste do Distrito de Columbia, nas montanhas Catocti, em Maryland. A primeira placa indicando Mountain Chalet apareceu na Route 70, ao lado da saída da estrada principal, escrita com falsas letras góticas. Da estrada, ela podia ver o restaurante, iluminado, empoleirado em cima da montanha como uma estação de esqui alpina. A estrada era longa e estreita, mal cabendo dois carros em direções contrárias. Sinuosa, era tão íngreme que Claire sentiu o

esforço feito pelo motor do carro alugado, com a transmissão automática reduzindo a marcha duas vezes seguidas.

Parou no pequeno estacionamento. Havia apenas outros três carros, e aquela parecia ser a única área de estacionamento. Estava claro por que ele escolhera aquele lugar. Não por ser mais conveniente para ela, claro, ou pela decoração em falso e berrante estilo alpino, ou, não era difícil adivinhar, pela qualidade da comida. Era pelo ponto de observação favorável. Lá de cima podia-se ver o campo em todas as direções por quilômetros e quilômetros.

Ainda sentada, ela verificou o gravador de fita Uher que Ray prendera com esparadrapo nas suas costas, na altura dos rins. Um fio saía do aparelho e vinha para a frente, onde estava preso na lateral do sutiã. Podia ser ligado com um rápido movimento — o interruptor minúsculo se aninhava ao lado do seu seio esquerdo. Para quem quer que estivesse observando, ia parecer que ela simplesmente estava se coçando. Folheou os papéis que levava na suapasta de couro e, em outro gesto invisível, ligou o minigravador ali escondido, disfarçado dentro de um maço de Marlboro (não era a marca que fumava, mas não ia questionar um detalhe tão insignificante). Havia, é claro, o risco dele querer verificar se estava usando algum grampo, mas ela se dispunha a correr esse risco.

Não esperava que Lentini se dispusesse a aparecer na corte para testemunhar.

Saiu do carro, segurando a pasta, e dirigiu-se para a entrada principal. A decoração interior fez com que rangesse os dentes: piso de pedras redondas, teto rebaixado com vigas de madeira (as vigas pareciam falsas até de longe), mesas com tampo de madeira artificialmente envelhecida, janelas com vidros coloridos cafonas imitando vitrais, uma imensa lareira artificial com enormes chamas lambendo falsos toros de lenha no calor do verão. Escolheu uma mesa perto de uma janela com vista para um vale e esperou.

Às nove horas chegaram e passaram, e ela continuou esperando. Pediu uma Coca.

Às nove e vinte perguntou-se se ele viria mesmo. Deu um giro pelo restaurante quase vazio e encontrou apenas casais.

Ninguém que pudesse ser Lentini. Perguntou ao maitre, que disse que ninguém lhe falara sobre um encontro marcado ali. Telefonou para casa; Jackie disse que ninguém deixara recado para ela.

Às nove e quarenta e cinco Claire decidiu ir embora. Era extremamente improvável que tivesse errado de lugar, a menos que houvesse mais que uma imitação de um chalé suíço naquela remota cidadezinha de Maryland, o que parecia ser extremamente difícil. Tudo indicava que ele tinha mudado de ideia, ou que por algum motivo se espantara.

Deixou o dinheiro para pagar sua Coca e saiu para o estacionamento. A esta altura só havia dois carros. Nenhum sinal de quem quer que remotamente pudesse se parecer com Lentini.

Aborrecida, ela entrou no carro, ligou o motor e saiu do estacionamento, meio que esperando que ele chegasse quando estivesse indo embora. Mas não. Levava um bolo.

Manobrou para pegar a estrada; estava escuro, e ficou com medo de que um carro viesse da direção oposta, acelerasse na curva e batesse nela. Por isso piscou os faróis quando se aproximou da primeira parte da curva muito fechada, ao mesmo tempo em que pisou no freio.

O pedal do freio não ofereceu a menor resistência. — Jesus! Tentou frear de novo, mas só encontrou um pedal morto. O ângulo reto aproximou-se mais e mais. Claire virou o volante abruptamente para não sair da estrada e mergulhar na ravina.

O carro ganhou velocidade por causa da descida, e seguiu cada vez mais rápido, com Claire girando o volante para a direita e para a esquerda, com a impressão de que a estrada dançava na sua frente de um lado para o outro e corria cada vez mais depressa na sua direção. Tentou frear uma última vez, e nada. Não funcionava.

Girando o volante primeiro para um lado e depois para o outro, o carro progredindo velozmente estrada abaixo, ela puxou com força a alavanca do freio de mão. Ele subiu com facilidade, com demasiada facilidade, e a alavanca balançou e caiu, inútil.

— Oh, meu Deus! — gemeu. Manteve os olhos fixos na estrada à sua frente. O carro adernava para um lado e para o outro,

as árvores passavam indistintamente, sempre mais e mais rápidas e, de repente, quando veio à sua cabeça a ideia de que a qualquer momento um outro carro poderia se aproximar, sentiu um nó no estômago.

— Não! — gritou. — Não, meu Deus, não! Seus olhos estavam embaçados por causa das lágrimas, mas não os desviou da estrada à sua frente, as mãos agarradas ao volante com uma força mortal. O carro voava a noventa, cento e dez quilômetros por hora, acelerando sempre mais e mais. Por uma fração de segundo ela se sentiu afastada dali, apreciando de longe, calmamente, toda aquela cena aterrorizante. Mas no segundo seguinte voltava a gritar com toda a força dos seus pulmões, petrificada, imobilizada enquanto o automóvel mergulhava estrada abaixo. Mudou para ponto morto, mas fez pouca diferença.

E se eu desligar o motor? Não, não me atrevo, ia desligar a direção! Girou o volante primeiro para a esquerda, depois para a direita, e esquerda de novo, e outra vez direita, enquanto a estrada passava voando e as árvores e as rochas de ambos os lados não passavam de manchas escuras.

Ela viu então, parado bem no meio da pista, um jipe verde militar, com dois latões de gasolina na parte de trás.

Não havia como evitar a colisão! Num piscar de olhos tomou uma decisão e girou o volante para a esquerda, dirigindo o carro bruscamente para cima do talude íngreme coberto de mato. Quando os pneus passaram por cima dos arbustos mais baixos, e das pedras, esmagando barulhentosamente os galhos, a velocidade foi bastante reduzida, tal como esperara que acontecesse. Aí obrigou-se a tirar a mão esquerda do volante para tentar abrir a porta, não conseguiu encontrar, bateu, sem se atrever a tirar os olhos da estrada, até que por fim sua mão tocou em aço, ela puxou, a porta se escancarou... e aterrorizada, ela inclinou-se para o lado esquerdo, meteu a cabeça do lado de fora e caiu no talude, a cabeça batendo em alguma coisa dura no meio do mato, os olhos fechados com força, uma terrível chicotada de dor no pescoço, e foi aí que ouviu o carro dar uma guinada para a frente, voltar para a estrada e bater em alguma coisa. Houve um barulho horrível de aço triturado.

Agachada ao longo do lado da estrada, metade do corpo na terra macia coberta de agulhas de pinheiros, metade no asfalto, a cabeça latejando, ela abriu os olhos e viu que seu carro tinha batido no jipe, e logo em seguida houve uma explosão horrível e ensurdecedora. Fechou os olhos com força, mas mesmo através das pálpebras cerradas viu o clarão da gasolina se incendiando. Ficou de quatro, conseguiu ficar de pé e saiu pela estrada acima, gritando.

Poucos minutos depois, embora tivesse a impressão de terem decorrido algumas horas, tropeçando e ziguezagueando na estrada escura como breu, lembrou-se de que estava com seu telefone celular.

PARTE CINCO

— ESTOU ME MUDANDO PRA CÁ — DISSE DEVEREAUX. — VOCÊ TEM MAIS QUARTOS AQUI QUE NA DROGA DO HILTON e já começo a me cansar de ter que fugir das baratas na espelunca em que estou hospedado. E você precisa de proteção.

Claire estava deitada em um sofá de uma das salas de chá, com Jackie e Grimes circulando por perto, visivelmente preocupados. Era quase uma da manhã.

Claire estava bem machucada, particularmente no lado do corpo e no quadril esquerdo, que caíra em cima de uma porção de pedrinhas. Havia também alguns arranhões, especialmente um feio e comprido no pescoço e na bochecha esquerda, perto da orelha. Sentia também uma dor de cabeça feroz. Passara mais de uma hora sendo interrogada pela polícia de Maryland, de quem, não tinha a menor dúvida, não podia esperar nada.

— Não preciso de proteção, Ray — disse ela, fracamente.

— Não, não precisa — disse ele, sardonicamente. — Logo quem. Desativam seu sistema de freio, com a intenção de fazê-la perder o controle do carro e bater num jipe deixado convenientemente no caminho com dois latões de gasolina meio vazios na parte de trás e explodir, mas não, está tudo bem.

— E se você se importasse comigo — começou Jackie — não, pode me esquecer. Se você se importasse com a Annie, aceitaria a oferta dele.

Claire encolheu os ombros, não querendo discutir.

— Então você não chegou a perder a consciência em nenhuma hora? — perguntou Devereaux.

— De jeito nenhum.

— Não vomitou, sentiu diferença na visão, nada disso?

— Nada.

— Suas pupilas parecem estar do mesmo tamanho, tanto quanto eu consiga dizer. Assim, não teve uma concussão, mas na

verdade devia procurar um pronto-socorro e fazer uma tomografia computadorizada.

— De repente você agora também é médico, hem?

— Você não está desorientada.

— Não mais que o usual.

— Está bem. Agora, Jackie — disse Devereaux —, quero que você a acorde dentro de umas duas horas e assegure-se de que ela acorda mesmo.

— Não se preocupe — disse Claire. — Tenho meu telefonema anônimo noturno para me acordar.

— Acha que foi mesmo o Lentini quem preparou isso, ou foi alguém usando o nome dele? — perguntou Grimes.

— Quem se importa? — replicou Claire.

— Olha só — disse Devereaux —, o telefonema que você recebeu, marcando o encontro em Maryland, segundo uma fonte da companhia telefônica local, foi dado de um telefone público dentro do Pentágono. Duvido que o autor tenha sido Lentini — quem não quer aparecer, quem quer ficar escondido, não vai querer falar de dentro da barriga da besta.

— Precisamos fazer um boletim de ocorrência com a Polícia do Exército.

— Para quê? — perguntou Claire. — Enquanto não pudermos descobrir quem fez isto comigo e provar, não temos nada.

— Sabe de uma coisa? — disse Devereaux, aproximando-se dela. — Você me irrita de verdade. O que diabos pensou que estava fazendo, marcando um encontro desse jeito, pedindo que escondesse uns grampos em você e não me dizendo aonde estava indo? Eu teria ido com você.

— Ele insistiu em que eu fosse sozinha — disse Claire num fio de voz.

— É o que eles fazem sempre — comentou Devereaux. — Você tem que parar de ser tão descuidada com a sua segurança. Tenho uma notícia para você — Ele olhou em torno, dirigindo-se aos demais. — Para todos vocês. Sabem o seu corretor de imóveis de Pepper Pike?

— Nossa testemunha? Qual é mesmo o nome dele, Fahey? — disse Grimes. — Não me diga que...

— Isso mesmo. Morreu em um acidente de carro hoje de manhã.

Claire sentou-se no sofá de um pulo. Sua cabeça quase explodiu de dor.

— Oh, meu Deus.

— Quem quer que o quisesse fora do caminho é a mesma pessoa que queria você de fora também — disse Devereaux. — *Modus vivendi* parecido.

— *Modus operandi* — corrigiu Grimes.

— Isso. Parece ser o *modus operandi* oficial de Kubik versus Estados Unidos.

O telefone tocou quase às três e meia da madrugada. Claire rolou na cama, lembrou da dor que sentia e pegou o aparelho antes que a secretária eletrônica atendesse.

Não esperou para ouvir a voz do homem ou sua respiração.

— Não consegui o que queria, seu filho da puta — disse, e bateu com o telefone.

ACORDOU TARDE — às nove e dez. A corte já estava em sessão. Sentiu uma pontada de dor e depois um espasmo no estômago.

— Oh, meu Deus — exclamou, e saltou da cama.

Não, Claire se lembrou. Naquela manhã o armeiro de Fort Bragg estava depondo para a acusação sobre a integridade dos registros computadorizados que ele supervisionava. Grimes ia fazer a reinquirição. Não gostava de perder um só instante dos depoimentos, mas não era nenhuma tragédia. E aquele sono fora muito necessário.

Devereaux e Jackie estavam sentados à mesa do café, conversando. Annie estava no colo dele, desenhando com um marcador de ponta de feltro em um bloco. Claire sentiu o cheiro de café fresco.

— Ei, campeã! — cumprimentou Devereaux.

Annie encarou a mãe toda arranhada com os olhos arregalados e cheios de lágrimas. e desatou a chorar.

ELA CONSEGUIU DISFARÇAR O MACHUCADO NO ROSTO bastante bem com um creme, mas durante a noite apareceu uma mancha enorme e berrante, vermelho-amarelada, em torno do olho esquerdo, que nem mesmo o mais poderoso creme conseguiria esconder, a menos que usasse uma colher de pedreiro.

Tom notou imediatamente quando foi trazido para a mesa da defesa.

— O que diabo aconteceu com você? — perguntou ele, boquiaberto.

— Escorreguei e caí — respondeu Claire. — Morar numa casa estranha, sabe como é. Acontece.

Ele não pareceu convencido.

O fato é que estavam perdendo a causa. A despeito da vigorosa reinquirição feita por Claire tanto de Hernandez quanto de La Pierre, ambos ainda assim tinham feito o trabalho para o qual a promotoria os chamara. O júri sem dúvida acreditara não só que Tom metralhara oitenta e sete mães, filhos e velhos, como também lhes infligira atos de sadismo que só podiam ser imaginados por uma mente desequilibrada.

Na sessão da tarde do terceiro dia de depoimentos, Henry Abbott, a testemunha ocular seguinte, estava pronta para ser reinquirida. Claire deu uma olhada em torno, localizou Ray Devereaux sentado em uma das cadeiras destinadas aos espectadores com as mãos cruzadas sobre a barriga enorme, e sorriu. Ele estava usando o que chamava de um de seus ternos de tribunal, para o caso de ter que se sentar no banco das testemunhas, e parecia sem graça.

Claire levantou-se lentamente e se aproximou. Henry Abbott, envergando um terno azul-marinho, camisa branca muito bem passada e gravata prateada de listras, parecia tranquilo e confiante. Ele a encarou com olhos absolutamente inexpressivos. Não traduziam nem ódio nem desprezo. Era como se olhasse através dela, como se Claire fosse uma mendiga, dessas pelas quais a pessoa passa na rua e não vê.

— Sr. Abbott — disse ela. — Meu nome é Claire Chapman. Sou a principal advogada de defesa.

Ele piscou e balançou a cabeça de modo quase imperceptível.

— Sr. Abbott, o senhor viu o acusado atirar nas oitenta e sete pessoas?

— Vi, sim.

Claire virou a cabeça ligeiramente para sair da linha de visão do júri, e dirigiu um rápido sorriso para Abbott.

— O senhor viu as vítimas reagirem ao impacto das balas?

— Sim.

— Pode descrever a reação delas?

— A reação? Algumas gritaram e choraram, outras se jogaram no chão e tentaram proteger a cabeça. As mães serviram de escudo para os filhos.

Excelente. Ele estava bem preparado.

— E o senhor viu a reação das vítimas ao impacto das balas?

— Sim.

— Qual foi?

— Algumas voaram para trás. Debateram-se, caíram, os corpos dobrados em posições bizarras.

— E acredita que o acusado é a única pessoa que pode ter disparado esses tiros?

— Ele foi o único a atirar.

— Mas o senhor pode afirmar positivamente que as balas que atingiram essas vítimas saíram mesmo da arma do acusado?

— Como eu disse, ele era o único atirando.

— Mas o senhor viu as balas saindo da metralhadora?

— Não pude ver as balas voando, se é o que pretende saber.

Não sou o Super-Homem.

Algumas risadinhas foram ouvidas entre os jurados. Abbott era imperturbável. Fora muito bem instruído.

— Sr. Abbott, quantos tiros há em um cinto de munição da M-60?

— Cem.

— Para atirar em oitenta e sete pessoas, cem balas não são suficientes, são?

— Não, não são.

— Então o senhor deve ter visto o acusado recarregando a arma.

Mas Abbott estava realmente muito bem preparado. — Ele tinha dois cintos de munição presos um no outro — disse, sem se dar por achado. — Não tinha que recarregar.

Um breve brilho de triunfo pareceu surgir em seus olhos.

— Sr. Abbott, a sua unidade tinha um dispositivo chamado "distorcedor" para ser colocado nas metralhadoras M-60?

— Tinha.

— Por quê?

— Por que nós os tínhamos?

— Correto.

— Para mascarar a localização do atirador — respondeu ele, umas das sobrancelhas levantadas em uma hábil expressão de desprezo. — Às vezes era muito importante que não fôssemos localizados.

— E o senhor pode me dizer se o sargento Kubik tinha um distorcedor ou silenciador na sua arma?

Abbott hesitou. Não lhe tinham fornecido aquele detalhe. — Acredito que não.

— O senhor acredita que não? — perguntou Claire. — Bem, o barulho feito por uma metralhadora M-60 atirando não é extremamente alto?

— Sim — concedeu ele, com raiva.

— Então não há nada sutil nisso, há? Seria praticamente impossível não saber se uma M-60 estava atirando ou não com um supressor de som, certo?

Ele deu de ombros, com medo da armadilha que suspeitava que ela estava preparando para ele.

— Talvez.

— Quer dizer então que o senhor declara que o sargento Kubik não usou um silenciador ou distorcedor quando disparou os tiros que mataram os oitenta e sete civis?

— Certo.

— Teria ele adivinhado? Nesse caso, era um homem de sorte.

Abbott tinha sido muito bem preparado ou era demasiado esperto para ser forçado a sair de sua história pré-fabricada. Claire decidiu que estava na hora de atacar.

— Sr. Abbott, qual é o volume dos negócios que a sua companhia faz com o Departamento de Defesa?

— Na verdade, não sei.

— Certamente o senhor tem uma boa ideia da quantia.

— Uns dois bilhões, com certeza.

— Uns dois bilhões de dólares! — ela se maravilhou. — Quer dizer então que um bom relacionamento com o Pentágono, e em particular com o Exército, deve ser muito importante para o senhor e a sua companhia.

Ele encolheu os ombros. — O freguês sempre tem razão, eu gosto de dizer.

— Com certeza. E o senhor está atualmente envolvido em alguma negociação de contrato com o Pentágono?

— Estou.

— De quê?

— O assunto é reservado.

— Nós nos encontramos em um tribunal mais que reservado, Sr. Abbott. Todo mundo aqui tem autorização para tomar conhecimento de qualquer assunto, inclusive os jurados e os espectadores. Pode falar à vontade.

— Estamos conduzindo negociações com o Exército para a compra de uma nova geração de helicópteros de ataque.

— O que deve representar uma enorme receita em potencial para a sua firma.

— Representa, sim.

— E o senhor é uma das pessoas mais importantes nessas negociações, correto?

— Sim

— O que deve deixá-lo inclinado a cooperar com o Exército.

— Isto é uma pergunta?

— O freguês sempre tem razão, como o senhor gosta de dizer. Ele deu de ombros.

— Sr. Abbott, o senhor se lembra da conversa que tivemos no hotel Madison quatro dias atrás?

— Lembro.

— Nós nos encontramos para o café da manhã, não foi?

— Foi.

— Eu fui conversar com o senhor na companhia do meu colega, o Dr. Grimes?

— Sim, foi.

— Quanto tempo durou a entrevista?

— Não me lembro.

— Que tal vinte e seis minutos?

— Pode ser. Eu não saberia dizer.

— Senhor Abbott, na nossa conversa o senhor nos contou que foi treinado pelo coronel Marks. Que o coronel Marks lhe ensinou o que declarar para a CID?

Os olhos dele ficaram inexpressivos de novo, os olhos fixos de uma serpente.

— Não.

— O senhor não se lembra de ter dito isso?

Ele inclinou-se para a frente.

— Eu nunca disse isso.

— O senhor nunca disse que foi treinado a depor antes do interrogatório feito pela CID?

— Não, eu não disse, e não fui.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Certeza absoluta?

— Protesto, Meritíssimo — gritou Waldron. — A pergunta já foi respondida!

— Protesto rejeitado — disse Farrell, e tomou um gole de sua Pepsi, como se estivesse assistindo na tevê a um jogo particularmente interessante.

— Lembro ao senhor que ainda está sob juramento, Sr. Abbott. O senhor nunca me disse que seu comandante lhe ensinou o que dizer ao investigador da CID?

— Eu nunca falei isso e ele nunca me ensinou.

— O senhor percebe, Sr. Abbott, que eu posso passar para o banco das testemunhas e depor sobre o que me disse?

— Aí então seria sua palavra contra a minha — disse ele, com delicadeza. — E a senhora não é exatamente uma testemunha imparcial, não é mesmo?

Claire observou diversos jurados acompanhando aquele diálogo com muito interesse. O presidente do conselho, um negro de óculos, tomava notas sem parar.

— Se eu lhe dissesse que é exatamente isso de que eu me lembro, estaria mentindo? — perguntou.

— Sim, estaria — respondeu Abbott.

— Se eu lhe dissesse que é exatamente isso de que meu colega de defesa se lembra, ele estaria mentindo?

— Com toda a certeza.

— Se eu lhe dissesse que nós gravamos a conversa, estaríamos mentindo? — ela fez a pergunta casualmente e se virou para a mesa da defesa. O tribunal se agitou. Ela viu os olhos de Tom brilhando. Ele se esforçava ao máximo para não sorrir.

Grimes entregou-lhe uma pilha de papéis. Ela viu Abbott contrair o corpo e cerrar ambas as mãos. Ele dirigiu a Claire um olhar de ódio.

— Meritíssimo — disse ela —, posso me aproximar da testemunha?

— Pode.

Ela caminhou até a mesa da acusação, onde largou um maço de papéis grampeados. Colocou depois outro na bancada do juiz e terminou entregando o último a Abbott.

— Sr. Abbott — disse ela —, esta é uma transcrição literal da sua entrevista conosco, certificada pelo meu colega, o Sr. Grimes, e meu investigador, o Sr. Devereaux, transcrita de uma gravação em fita realizada pelo Sr. Devereaux.

Ela não se deu ao trabalho, por ora, de explicar que Devereaux tinha lhe dado um transmissor disfarçado em telefone celular e gravara a conversa em seu carro, estacionado em frente ao hotel Madison.

— Por favor, abra na página trinta e quatro, Sr. Abbott. e leia onde está marcado, sétima linha de cima para baixo: "Não viu Kubik levantar subitamente a arma e começar a atirar?" Logo em seguida vem "Não, senhor, eu não vi ". E termina com "eles não gostam de dedos-duros e vira-casacas".

Abbott estava vermelho de ódio. Murmurou: — Puta.

— Desculpe-me, mas o que foi que disse?

Abbott continuou a encará-la com um olhar feroz. Uma veia latejava na sua têmpora direita.

— O senhor acaba de se referir a mim por um palavrão, Sr. Abbott?

De repente Abbott atirou o maço de papéis no chão, ao lado de sua cadeira.

— Sua cachorra, aquilo era confidencial!

— Era confidencial naquela hora — disse Claire, mantendo a calma —, mas o senhor caminhou com seus próprios passos na direção do perjúrio que acaba de cometer. E não nós. E não podemos permitir que isso aconteça.

— Meritíssimo! — gritou Waldron.

— Basta! — explodiu o juiz Farrell, explodindo com o martelo na mesa. — Os membros do júri estão dispensados.

— A SENHORA REALMENTE CONCORDOU COM QUE A CONVERSA seria confidencial? — perguntou Farrell, com sua voz rouca.

— Sim, Meritíssimo, concordei. Eu o enganei. Mandei que meu investigador fizesse uma gravação para me assegurar de que ia ter um depoimento preciso no tribunal.

— O seu investigador gravou secretamente todas as suas entrevistas com as testemunhas?

— Prefiro não dizer. Mas é legal, senhor.

— Por que gravou o que ele disse?

— Não tive intenção de desrespeitar o senhor ou esta corte, mas tive minhas dúvidas quanto à veracidade dele. Esta testemunha não devia poder vir aqui e dizer mentiras de cara limpa para o senhor, para mim e para o júri.

Waldron, que ficara andando de um lado para o outro durante este diálogo, parou subitamente.

— Meritíssimo, isto é uma clara violação da cláusula da descoberta recíproca. Temos um requerimento neste sentido, pedindo acesso a todas as declarações feitas por testemunhas do governo que estivessem em mãos da defesa. Como é que pode nunca termos recebido essa transcrição?

— Não é obrigatório compartilhar essa transcrição — disse Claire. — Obviamente não se trata de um depoimento da testemunha. O depoente não leu e assinou a declaração e muito menos jurou que era verdadeira. Não o pusemos sob juramento.

— Mas Meritíssimo...

— Bem, tenho que concordar com a advogada de defesa desta vez — disse Farrell, acabando de tomar sua Pepsi e batendo com a lata vazia em cima da tribuna com um toc oco. — Não se trata de uma violação da cláusula de descoberta.

— Muito obrigada, Meritíssimo — agradeceu Claire.

— Mas eu vou conceder à promotoria um adiamento de uma hora. Não gosto desse negócio de surpresas. Quero que a testemunha tenha oportunidade de ler a transcrição. Não estou interessado em considerar que a testemunha cometeu perjúrio só para ajudar a senhora, Sra. Chapman. Ou o senhor, major Waldron. Mas sinceramente, major Waldron, se o senhor apresentar uma desculpa esfarrapada, vou ter de deixar os membros do júri se afastarem para um intervalo.

— Mas Meritíssimo — ponderou Claire —, isto aconteceu no meio da minha inquirição. O senhor pode instruir o governo a não falar com a testemunha?

— Não. Não vou instruir.

— Mas senhor... — esbravejou Claire.

— O caso está encerrado — finalizou Farrell.

— Leu a transcrição? — perguntou Claire quando Henry Abbott finalmente foi trazido de volta. Tinha acabado de pentear o cabelo e parecia inclusive ter trocado de camisa.

— Li, sim.

— E considera que seja uma transcrição precisa e verdadeira da entrevista que tivemos no Madison?

— Sim, considero, tanto quanto seja possível, sem as minhas anotações.

Provavelmente ele era o tipo de pessoa que teria tomado nota do que fora dito nos vinte e seis minutos do café da manhã em que estivera com Grimes e Claire.

— O senhor pode então explicar a esta corte por que mentiu sob juramento?

— Eu não menti — contestou Abbott.

— O senhor não mentiu? Gostaria que eu pedisse à estenógrafa para que leia o depoimento que deu antes do intervalo?

— Não precisa. Eu não menti sob juramento.

— Como? Gostaria que eu reproduzisse a fita?

— Eu disse que não menti sob juramento. Eu menti para a senhora.

Claire sentiu um aperto no coração. Waldron obviamente o instruíra.

— Eu lhe disse o que achei que queria ouvir — continuou ele.

— A senhora estava obviamente obcecada por uma teoria conspiratória e isso me irritou demais. Parecia pensar que não se pode confiar em nenhum militar para dizer a verdade, e, francamente, achei isso ofensivo. Por isso decidi que, bem, aquilo era confidencial — acreditei na sua palavra de honra —, decidi que a poria em seu lugar, lhe diria um monte de mentiras, falaria o que tão desesperadamente queria ouvir.

Ele completou sua declaração com um sorriso quase imperceptível.

NAQUELA NOITE CLAIRE FOI se encontrar com Dennis, a fonte de Tom na CIA, no mesmo bar yuppie em Georgetown que ele tanto detestara.

Dennis vestia um blazer azul com vistosos botões dourados onde se viam âncoras, camisa branca e uma gravata azul e vermelha.

— Devo lhe dizer — começou Dennis —, que pode ser que eu não entre em contato com você de novo. A situação está ficando

desconfortável.

— Eu tenho o seu número. Só ligarei se for realmente importante.

— Aquele número não está mais em serviço.

— Você se mudou?

— Só troquei os números de telefone. Faço isso periodicamente.

— Por que, recebe muitos trotes? Ultimamente tenho recebido um monte.

Ele pareceu intrigado, mas continuou.

— Nós temos uma velhinha que trabalha para nós que tem uma memória de elefante.

— Será que toda agência de espionagem tem uma velhinha dessas?

— Ela se lembra de ter visto o tal memorando para registro de que lhe falei. E o encontrou nos arquivos operacionais.

— É mesmo? — Claire exultou, mas depois foi perturbada por uma dúvida.

— Por que a CIA estaria de posse de um documento interno do Exército?

Ele encolheu os ombros.

— Nós colecionamos tudo. Tínhamos uma fonte amiga no Comando Sul do Exército, o SOUTHCOM. Encontrou o memorando dentro de um cofre cheio de troços secretos, lá no Panamá. Achou que seria do nosso interesse.

— Fonte "amiga" quer dizer que trabalhava para vocês?

Dennis levantou suas grossas sobrancelhas mefistofélicas. — Foi você quem disse, e não eu.

Ele empurrou uma folha de papel xerocada por cima da mesa.

A cópia não era boa. Tinha todas as marcas de um documento copiado muitas vezes. No entanto, era bastante legível. Por sorte o general tinha letra caprichada, mesmo que minúscula. O documento não tinha mais que três linhas. Ela leu e levantou os olhos para Dennis.

— Ele diz aqui que os camponeses tinham armas, e que por isso ligou-se pelo rádio com Hernandez e ordenou a seus homens

que atirassem — disse Claire, atônita.

Dennis bebeu seu Bourbon.

— Isto não aparece na declaração dele à CID ou na entrevista que teve com o promotor. Não aparece na declaração de ninguém — pensou Claire, em voz alta. — Em nenhuma outra parte nem ele nem qualquer outra pessoa jamais fala em armas. Ou que ele deu a ordem. E para o Hernandez!

Dennis sorriu.

— É por isso que nunca escrevo nada — disse.

DEZ MINUTOS MAIS TARDE, quando Dennis deixou Claire, não notou o vulto corpulento de Ray Devereaux se levantar de uma mesa perto da porta e sair atrás dele.

— Você acha isso? — perguntou.

— Bem, quem diabo sabe o que vai acontecer nesta corte fajuta... Mas agora temos prova de que Marks deu a Hernandez a ordem para que aquelas pessoas fossem mortas.

Isto é extremamente importante.

Ela olhou para ele por um momento.

— Você acha possível que Hernandez tenha sido um dos atiradores?

Tom deu de ombros.

— Eu já lhe disse, não vi nada. Ouvi os tiros, e na hora em que cheguei, só pude ver os corpos.

— Mas você viu Hernandez empunhando a metralhadora como se tivesse acabado de atirar com ela, algo assim? Você não está escondendo nada de mim, está?

— Claire — disse Tom, levantando a voz —, você está me ouvindo? Eu disse que não vi nada. Certo? Quer que eu repita? Eu não vi nada.

Ela o encarou, espantada com aquela súbita explosão de raiva. Por que diabos estaria tão zangado?

— Eu ouvi você — disse ela, laconicamente, e se levantou para entrar no tribunal.

CLAIRE E TOM SE ENCONTRARAM ALI MESMO no complexo do tribunal, na pequena sala de reuniões. Ela lhe mostrou a xerox do

memorando do general Marks que Dennis lhe dera. Tom leu, com a fisionomia totalmente inexpressiva, e levantou a cabeça.

— Legal — disse. E sorriu.

— Legal? — retrucou Claire, agastada. — Esse pedaço de papel pode ter acabado de ganhar o caso para nós.

Tom inclinou a cabeça e olhou para ela, curioso.

— O GOVERNO CHAMA FREDERICK W. COULTAS.

Coultas era o técnico em balística convocado pela promotoria, um técnico em armas de fogo conhecido nacionalmente.

Alto, meio desengonçado, metido num terno marrom barato, Coultas aproximou-se pelo corredor central, acomodou-se na cadeira das testemunhas e foi submetido ao juramento. O homem tinha uma cabeça enorme, a testa alta ornada por uma peruquinha marrom castor que caía muito mal nele. Óculos de aro de metal emolduravam os olhinhos castanhos que lembravam duas contas de vidro. Praticamente não tinha queixo.

Os jurados viraram-se para ele com curiosidade. A maior parte do tempo eles deixavam extravasar pouca emoção, mas nem uma vez Claire os surpreendera entediados ou distraídos.

Coultas declarou suas credenciais para que fossem registradas nos anais do processo, com a ajuda de Waldron. Frederick Coultas trabalhava com a Unidade de Armas e Ferramentas da Academia do FBI em Quantico. Formara-se na Escola de Reparo de Pequenas Armas do Exército, no Campo de Provas de Aberdeen. Fizera cursos de armeiro, ferreiro e instrutor de armas de pequeno calibre na Academia Smith & Wesson, em Maryland. Trabalhara uns doze anos na Seção de Identificação de Armas e era especialista em marcas de ferramentas. Pouco a pouco, com um detalhamento esmagador, Waldron deixou bem claro sem qualquer sutileza: Coultas conhecia suas armas.

Waldron, no melhor da sua forma, prosseguiu impiedosamente com um metódico exame direto.

— Fale-me sobre a munição recuperada — disse Waldron algum tempo mais tarde.

— Foram recuperados trinta e nove projéteis e cento e trinta e sete estojos.

— Estavam em boas condições?

— Estavam.

— Esse número de balas, trinta e nove, em sua opinião, é coerente com o depoimento que afirma que duzentos tiros foram dados?

— Sim, mesmo que tivessem usado um detector de metais na cena do crime, muitas se perdem. Impossível evitar.

— Alguma outra coisa foi encontrada?

— Sim. Cento e setenta anéis, as pequenas peças de metal serradas e entalhadas que conectam os cartuchos um no outro no cinto de munição.

— Esses anéis foram úteis para identificar que arma foi usada? Coultas endireitou os óculos.

— Não. É muito difícil identificar anéis de uma determinada arma, embora eu suponha que seja teoricamente possível.

— Sr. Coultas, o relatório do governo de El Salvador diz alguma coisa sobre as balas retiradas dos corpos?

— Não, mas isso não quer dizer nada. É extremamente difícil recuperar projéteis de metralhadoras de corpos humanos, já que a maioria passa direto.

Inexoravelmente, lembrando um martetele de ar comprimido desses usados para cortar asfalto, Waldron conduziu-o através da cadeia de custódia dos projéteis. Coultas ficou satisfeito com o modo pelo qual as provas tinham sido coletadas pelos salvadorenses e mandadas para a CID do Exército, marcadas com uma inscrição gravada no metal, relacionadas e colocadas em um saco plástico especial. Waldron não deixou nada de fora, indo até a gravação na base de cada cartucho.

— Agora, nos diga, esses projéteis e cartuchos foram disparados exatamente pela mesma arma?

— Foram sim.

— E a arma foi esta aqui?

— Waldron levantou a metralhadora embrulhada em um saco plástico. Coultas inclinou-se para a frente a fim de examiná-la melhor. Exagero dramático.

— Sim, foi.

— Sr. Coultas, pode nos dizer como estabelece a ligação de uma determinada bala com uma arma?

Coultas acomodou-se na cadeira e mais uma vez empurrou com o dedo comprido a ponte dos óculos. Sua voz tornou-se alta, nasal e insuportavelmente empolada.

— Dentro do cano de cada arma existem as raias, que são sulcos ou ranhuras em espiral. O conjunto das raias é chamado de raiamento. O raiamento faz com que a bala gire em certa direção, em um movimento que a faz viajar cada vez mais depressa e com mais precisão. Além do mais, o raiamento de cada arma tem um padrão único. Entre os sulcos ou raias há aquilo que chamamos de "cheios". Os cheios e as raias imprimem uma marca indelével na bala, que podemos ver ao microscópio.

Ele tinha que ser um instrutor mortal, refletiu Claire. Não era de espantar que o laboratório do FBI estivesse sempre se dando mal.

— E o raiamento do cano desta arma corresponde às marcas das balas que o senhor examinou? — perguntou Waldron.

— Com toda a certeza. O sistema de raiamento desta M-60 é o que nós chamamos de 4-D, quatro à direita, em que as quatro raias e os quatro cheios viram para a direita.

Há também o fato de que dão uma volta completa dentro do cano em qualquer coisa em torno de 30,48 centímetros. Usando comparação microscópica, vi que os projéteis exibiam traços correspondentes a esse raiamento. Notei também que um dos cheios desse cano era mais estreito que os demais, o que é uma característica inconfundível. As estrias das balas encontradas eram idênticas às das balas que testamos neste cano. Ou seja, todas pareciam vir da mesma arma.

Farrell abriu ruidosamente uma lata de Pepsi.

— E o que me diz dos estojos? — quis saber Waldron.

Examinei detidamente os estojos encontrados, verificando a espoleta, a impressão deixada pelo cão, as marcas da câmara e, na base, a impressão da culatra.

— Assim sendo, não há a menor dúvida em sua cabeça de que essas balas foram disparadas da metralhadora que o senhor

examinou? — Nenhuma dúvida.

— Muito obrigado, Sr. Coultas. Nada mais.

— Defesa, quer interrogar?

— Sim, senhor — respondeu Claire, levantando-se. Por uns poucos segundos ela ficou olhando, pensativa, para a testemunha.

— Sr. Coultas — perguntou, finalmente, — o senhor sabe se esta era a arma usada pelo sargento Kubik?

— Não — admitiu ele.

— Oh? E por que não?

— Bem, eu na verdade não sou competente para testemunhar sobre isso. Entendo que o governo já teve uma testemunha de Fort Bragg aqui, descrevendo o sistema de controle da reserva de armamento e como funcionava. Mas isso é fora da minha área de competência.

— Então o senhor não tem ideia de quem seria esta arma?

— Não, não tenho.

— E, Sr. Coultas, o senhor já declarou aqui que não sabe se essas balas foram recuperadas de corpos, certo?

— Exatamente.

— O senhor então não pode dizer se estas balas mataram alguém?

— Não.

— O senhor não pode dizer?

— Não — confirmou ele. — Estritamente falando, é fora da minha área de competência. Suponho que as testemunhas oculares...

— Muito obrigada. Agora, Sr. Coultas, baseado no exame detalhado que fez da prova, pode dizer à corte quando esses tiros foram disparados?

— Na verdade, não.

— Não pode? É mesmo? Não tem absolutamente ideia de quando foram disparadas?

— Na verdade, não.

— Não mesmo? Sinceramente? Não tem absolutamente nenhuma ideia?

— Bem, os registros anexos...

— Eu falei com base no exame que fez. Elas foram disparadas na data em questão, 22 de junho de 1985?

— Eu realmente não saberia dizer.

— Pode então dizer se foram disparadas esta semana?

— Não.

— Ou este mês?

— Não.

— Nem mesmo este ano?

— Não, não posso.

— Interessante. E, Sr. Coultas, será que o senhor pode me dizer uma coisa? Quando atira com uma metralhadora por longo tempo, o que acontece com o cano?

— Bem, fica quente.

Ouviram-se uma risada discreta no corpo de jurados e alguns risos contidos entre os espectadores.

— E o que é que se faz então? O atirador continua usando a arma?

— Oh, não. Depois de quinhentos tiros troca o cano para evitar superaquecimento. Ele remove o cano aquecido e o substitui por outro.

— Mesmo quando está no campo.

— Oh, claro. A metralhadora é geralmente distribuída com um cano sobressalente. Às vezes pode-se receber todo um saco de canos. São intercambiáveis. E também são deterioráveis. Após algum tempo, precisam ser jogados fora.

— Então esta metralhadora de que estamos falando pode ter sido distribuída com dois canos separados?

— Correto.

— Possivelmente mais.

— Possivelmente.

Ela deu uma espiada em Embry. Os olhos dele brilhavam, assim ela imaginou, de orgulho.

— Sr. Coultas, os canos das metralhadoras são numerados em série do jeito como as armas geralmente são?

— Às vezes. Já vi um caso assim.

— Mas este aqui é?

— Não.

— Não é marcado?

— Não.

— O senhor sabe dizer com certeza se foi exatamente este o cano distribuído com esta metralhadora?

Coultas sacudiu a cabeça aturdido, ao mesmo tempo que coçava o queixo recuado.

— Eu não tenho como afirmar isso.

— Mas sabe que os canos são facilmente intercambiáveis.

— Isto eu sei.

— Sr. Coultas, considerando, para poder argumentar, que este seja o cano que foi usado para disparar os projéteis que o senhor estudou tão cuidadosamente — acha possível que alguém tenha trocado os canos?

— Bem, eu suponho que sim.

— O senhor supõe?

— É possível, sim.

— Então alguém pode ter pegado a arma, com seu número de série certinho, e posto nela o cano que foi usado para disparar todos aqueles tiros?

— Não posso dizer que seja impossível.

— Então é possível?

— Teoricamente sim, é.

— Não seria difícil fazer isso?

— Não, em absoluto.

— Na verdade, seria uma coisa bem fácil de fazer, não é mesmo, Sr. Coultas?

— Sim, seria — disse ele. — Seria muito fácil.

— Muito obrigada, Sr. Coultas. Não tenho mais perguntas.

O FIM DE SEMANA, FINALMENTE. Uma folga muito necessária. Claire tentou dormir até tarde, mas não conseguiu. Acordou antes das sete e percebeu que o telefone não tocara no meio da noite. Progresso. Ou talvez eles também tirassem folga nos fins de semana. Preparou um banho muito quente na velha banheira de porcelana branca que ficava no banheiro da suíte principal e que tinha o piso em pequeninos octógonos pretos e brancos, como nos

hotéis de luxo de antigamente, e tomou um longo banho de imersão. Sentiu-se tentada a pegar qualquer coisa para ler durante o banho, talvez uma transcrição, mas depois obrigou-se a desistir. Precisava de uma pausa. Precisava deixar o cérebro febril descansar um pouco. Precisava ganhar um pouco de perspectiva sobre o caso. Assim, fechou os olhos e deixou que a água levasse os machucados e as dores. Pensou em Tom, pensou em visitá-lo na cadeia, mas reconheceu que Annie precisava mais dela naquele instante.

Depois enfiou uma calça jeans, um moletom e um par de mocassins e levou Annie para tomar café em Georgetown, só as duas. Saíram sem avisar Devereaux, que provavelmente ainda estava dormindo.

— Quando vamos poder ir para casa? — perguntou Annie, fazendo desenhos em cima de suas panquecas com o frasco de xarope.

— Você está querendo dizer Boston?

— Isso mesmo. Quero ver minhas amigas, quero ver Katie.

— Breve, querida.

— O que é "breve"?

— Umas duas semanas. Talvez menos.

— Com papai?

Claire não soube o que falar. Tinha vontade de dizer que não, que não seria com papai. Aquela corte ridícula provavelmente o consideraria culpado e o condenaria à prisão perpétua em Leavenworth, onde ela poderia visitá-lo de vez em quando. Vai rasgar em pedaços a sua vida. Isso se mamãe conseguir reduzir a sentença de morte dele para uma sentença perpétua. O tempo todo mamãe estará lutando batalhas difíceis, fazendo petições sem parar, como um desses estudiosos legais meio malucos, levando o caso para a Corte Suprema de Apelações Criminais do Exército e sempre mais para cima, até chegar à Suprema Corte. Tudo isso significando que os recursos da família iriam se reduzindo cada vez mais, pois que Harvard a teria despedido, o que sem dúvida nenhuma, estava para acontecer a qualquer momento. Provavelmente em algum ponto, uma vez que conseguissem sair do sistema militar, o veredicto seria anulado; certamente que o processo do governo não

ia se sustentar eternamente, porque não passava de uma piada. Mas papai certamente não sobreviveria à prisão, porque muita gente o queria morto.

— Claro que com papai, meu amor — disse Claire, desarrumando o cabelo castanho de Annie miraculosamente suave e brilhante. — Agora, quando você terminar com as panquecas vamos ao zoo, está bem?

Annie encolheu os ombros como se a ideia não lhe fosse particularmente agradável.

— Você não gosta do zoo? — perguntou Claire.

Annie sacudiu a cabeça. — Você ainda está aborrecida comigo.

— Não, mamãe. Eu estou zangada com você.

— Eu sei.

— Não, você não sabe, mamãe. Você sempre diz que sabe, mas não sabe — os olhos dela brilharam. — Você disse que ia ficar mais tempo em casa, mas continua sempre fora.

— Você queria brincar comigo ontem à noite, mas eu tive que trabalhar com o Sr. Grimes, o Sr. Embry e o Tio Ray.

— Eu sei. Como é que pode você estar sempre trabalhando?

— Porque papai está sendo julgado — disse ela. — Querem prendê-lo na cadeia por muito, muito tempo, e depende de mim e dos meus amigos não deixar que isso aconteça.

— Mas por que demora tanto tempo?

Essa era difícil.

— Porque as pessoas que o querem prender são do mal, e às vezes mentem.

— Por quê?

Claire pensou longo tempo numa resposta.

— Na verdade eu não sei — disse finalmente, com sinceridade.

— ENTÃO VOCÊS NÃO TÊM nada a respeito do general? — perguntou Claire, quando se reuniram naquela noite. Embry e Grimes tinham se acomodado em suas cadeiras habituais.

Devereaux andava de um lado para o outro, porque gostava de exibir seu tamanho imponente. Claire sentou-se à bela

escrivaninha, recostada na cadeira de executivo de espaldar alto e forrada de couro, e exalou uma nuvem de fumaça de cigarro.

— Nada de espancar a mulher, adultério, abuso infantil, nada?

— Ele é absolutamente limpo — disse Devereaux. — O general mais rapidamente promovido no Exército. Chefe de escoteiros, bom para os animais, bom para os vizinhos. Contribui generosamente para obras de caridade, integrando a direção de duas delas, importantíssimas, a United Way e a American Cancer Society. Nem mesmo aluga vídeos pornô.

— Nem mesmo? — perguntou Claire. — Como todo mundo faz?

— Bem, você não aluga — disse Devereaux. — Isso eu sei.

— Obrigada. É bom saber que você respeita minha privacidade.

— E o tal do Robert Lentini? — perguntou Grimes. — O cara ainda não apareceu?

— Mesmo presumindo que ele não estava por trás do esquema que armaram nas montanhas Catocin, e que só usaram o nome dele porque sabiam que Claire era perigosa — não. O cara desapareceu sem deixar rastro. A menos que nunca tenha existido.

— Bem, nós sabemos que ele existiu, com base nos assentamentos do serviço militar — lembrou Embry.

— Talvez — disse Devereaux.

— E o meu cara da CIA, Dennis? — perguntou Claire. Devereaux abriu um sorriso.

— Vocês vão adorar esta história. Esses garotos de capa e espada não percebem quando estão sendo seguidos, mesmo quando o sujeito que os segue é do meu tamanho. Fui direto atrás dele até Chevy Chase, onde fica sua mansão. O nome é Dennis T. Mackie. Claro que eu não sei de que vai lhe adiantar saber seu nome. A menos que tenha um catálogo com o nome de todos os funcionários da CIA. Agora, vocês se incomodam se eu me retirar? Preciso me deitar, para meu sono de beleza.

— EU QUERIA DIZER UMA coisa — arriscou Embry com ar tímido. — Foi realmente uma grande reinquirição a que você submeteu o cara da balística.

— Obrigada. Mas este foi definitivamente um caso em que eu não teria feito nada sem a sua ajuda.

Embry deu de ombros.

— Não, eu realmente não teria podido fazer nada — insistiu ela. — Eu nunca teria pensado nos canos. O que diabos eu sei a respeito de armas?

— Você a preparou sobre isso? — quis saber Grimes.

Embry olhou para Grimes, meio sem graça.

— Você é um cara esperto — disse Grimes.

Embry sorriu espantado.

— Nem mesmo Coultas se lembrava da história dos canos — disse Grimes.

— Não acredito — disse Claire. — Não uma pessoa como Coultas. Ele é uma autoridade nacional em balística, e não ia deixar passar uma coisa tão óbvia.

— Não era assim tão óbvia — protestou Embry.

— Era óbvia, sim, para um sujeito como Coultas — disse ela.

— Tenho certeza de que ele esperava não ser questionado.

— Nada disso — contestou Grimes —, ele é um perito neutro. Não escolhe lados. Provavelmente foi instruído por Waldron para não trazer o assunto à baila, a menos que fosse interrogado.

— Há mais alguma coisa? — perguntou Embry após algum tempo. — Porque eu quero trabalhar na matéria que temos a respeito do general Marks, ver se posso descobrir algum ângulo novo. Na verdade, estou a fim de dar um pulinho em casa e dar uma cochilada.

— Vá em frente, Terry — disse ela. — Obrigada por ter vindo. Depois que Embry saiu, Grimes perguntou se ela queria um drinque.

— Acho que não. De qualquer forma, obrigada.

— Você parece cansada.

— Estou sempre cansada atualmente.

— Então eu vou para casa — ele se levantou, recolheu seus papéis e colocou na pasta. De pé ao lado da mesa dela, deteve-se.

— Posso lhe dizer uma coisa de cunho pessoal?

— Que é? — perguntou ela cautelosamente.

— Eu... o que quero dizer é que você é uma advogada famosa, e eu era um admirador seu há muito tempo, e achei que foi uma maravilha que quisesse me contratar.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Você veio altamente recomendado.

— Esquece essa merda. O que estou dizendo é que, muito embora eu tenha ficado totalmente intimidado quando você entrou no meu escritório naquela primeira vez, não pude deixar de pensar que era uma piada, você querendo funcionar neste caso, uma corte marcial em que as pressões são imensas, sem saber porra nenhuma de direito militar. Mas sabe de uma coisa?

— O quê?

— Agora eu entendo. Agora vejo por que você é a advogada famosa que é. É que você é simplesmente boa pra cacete em qualquer coisa que faça.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Era tarde, estava exausta e emocionalmente se sentia em frangalhos. Sorriu, encolheu os ombros e sacudiu a cabeça.

— Grimes — Charlie — Charles — oh, que se foda.

E o abraçou com força e demoradamente.

O TELEFONE TOCOU DE novo às duas e meia da manhã de domingo. Ela tateou em busca dele e pegou o fone.

— Pergunte a si própria quem realmente quer que ele fique preso — disse a voz eletronicamente alterada.

— Obrigada — disse Claire. — Estamos quase pegando você, panaca.

— Vou procurar os pontos fracos — disse ela — e enfiar a faca.

Devereaux olhou para ela por um instante e voltou a se concentrar na direção. Ele deu um sorriso de banda.

— Por que eu tenho a sensação de que você vai enfiar a faca mesmo que não haja um ponto fraco? Você recebeu um telefonema hoje de madrugada, lá pelas duas e meia? Ela aquiesceu.

— Os rapazes do FBI conseguiram alguma coisa?

— Eles não. Eu. Veja bem, só há duas entradas no Pentágono que ficam abertas vinte e quatro horas por dia. A do shopping center

e a do rio. Arrisquei e fiquei perto da entrada do shopping. Mais ou menos às duas e vinte — dez minutos antes de você receber seu telefonema — adivinha quem estava entrando no Pentágono, todo serelepe?

— Não posso adivinhar.

— O bom soldado. Coronel James Hernandez. É ele quem lhe telefona. E provavelmente é quem está por trás do "acidente" de carro em Maryland. Bom sujeito, hem?

— ELES VÃO PÔR O GENERAL PARA DEPOR HOJE? — perguntou Devereaux. Claire estava sentada no banco da frente do carro alugado de Devereaux. Um Town Car da Lincoln ainda mais largo e luxuoso do que o que ele dirigia em Boston, todo forrado em pelica finíssima.

— É o que parece — disse ela. Distraída, deu um gole no café que trouxera para viagem.

— Quer dizer então que ele vai se sentar lá na sua farda de general, com quatro estrelas e tudo e mais aquela montoeira de condecorações no peito, e dizer que o culpado de tudo foi o sargento Ronald Kubik? E isso vai influenciar o júri por ele ser um general de quatro estrelas? Mesmo que ele não estivesse presente na cena do crime?

— Essa é a teoria de Waldron, e não é uma má teoria.

— E você vai fazer o quê? — ele entrou no portão dos fundos de Quantico e acenou para a sentinela, que, àquela altura, já os reconhecia.

O INTERROGATÓRIO DIRETO FEITO por Waldron ao general foi incisivo, profissional e respeitoso. Durou quase toda a manhã e depois a corte entrou em recesso para o almoço, um pouco antes da hora normal.

Quando Claire, Grimes e Embry retornaram do almoço, notaram que a mesa da acusação estava vazia, o que não era usual. Waldron e Hogan eram pontuais e gostavam de conferenciar sentados em sua mesa, com tempo de sobra antes da volta do juiz Farrell.

Os dois regressaram com uma folga de apenas alguns segundos, cochichando e evidentemente excitados. Waldron estava

acompanhado por um investigador da CID que Claire via de vez em quando, mas cujo nome esquecerá.

— O que está acontecendo? — cochichou Tom, agarrando-a pelo ombro.

Ela sacudiu a cabeça.

— Aconteceu algo — murmurou Grimes. — Waldron está parecendo o gato que engoliu o canário.

CLAIRE APRESENTOU-SE AO GENERAL com extravagante graciosidade, enfatizando para o júri algo que, em outra oportunidade, podia ser inclinada a subestimar: o augusto posto do general William Marks.

Outro advogado podia ter preferido tratar o general como simplesmente uma outra testemunha, comunicando isso silenciosamente aos membros do painel do júri: esta testemunha não é na verdade diferente das outras, e é bom que os senhores não se esqueçam disso. E não teria sido uma estratégia errada.

Mas ela notou que os jurados pareciam se esmerar quando o general estava presente. Sentavam-se empertigados, evitavam mascar lápis ou apoiar os queixos nas mãos ou quaisquer outros gestos de desatenção ou tédio. Até mesmo o juiz Farrell não levava para a bancada sua tradicional lata de Pepsi. Assim, ela exagerou na deferência, sabendo que em questão de segundos o estaria tratando com todo o desrespeito que ele na verdade merecia.

— General Marks — disse ela, depois de terem sido vencidas as monótonas preliminares —, concederam-lhe imunidade em troca do seu depoimento aqui hoje, certo?

— Exatamente — o jeito dele responder foi franco e confiante. Com seu cabelo prateado e nariz aquilino, o homem estava resplandecente em seu uniforme de passeio.

— Há dois tipos de imunidade, general. Uma cobre apenas o seu depoimento aqui na sala de sessões. O outro alcança os eventos a respeito dos quais o senhor está testemunhando. Especificamente o ocorrido em El Salvador, em junho de 1985. Que tipo de imunidade lhe foi dada, senhor?

— A última. Imunidade transacional — disse ele, balançando a cabeça.

— E por que, senhor?

— A guerra é confusa, advogada. Inevitavelmente são cometidos erros e com frequência o comandante é responsabilizado por eles.

— Oh? E nós estávamos em guerra com El Salvador em 1985, general?

O juiz Farrell interrompeu.

— Madame advogada da defesa, não vou permitir que a senhora use esse tom de voz com o general. Não gosto deste desrespeito.

Claire abaixou a cabeça de bom grado, nem um pouco inclinada a brigar tão cedo.

— Certamente, Excelência. General, quando o senhor usa a palavra "guerra" a sua intenção é dizer que estávamos em guerra em 1985? A impressão que tenho é que o Congresso não tinha declarado guerra a El Salvador naquele tempo.

O general Marks deu um sorriso irônico.

— Sempre que uma unidade do Exército, inclusive das Forças Especiais, conduz operações no exterior contra uma força potencialmente hostil, opera sob condições de guerra.

— Ah, sim — fez ela. — Entendo agora. Isto certamente faz sentido. E o senhor concorda com a ideia de que o comandante é responsável por todos os atos realizados pelos seus homens?

— Não é só uma ideia, advogada. É assim que o Exército opera.

— O senhor então não tem objeção contra isso?

Ele conteve o riso.

— Não, não tenho "objeção", como a senhora diz, quanto à maneira pela qual o Exército opera.

— Assim sendo, como comandante do Destacamento 27, o senhor era, em última análise, responsável por todas as ações dos seus homens?

— Sim, sem dúvida — disse ele, balançando a cabeça vigorosamente. — Mesmo as ações sobre as quais eu não tinha controle...

— Muito obrigada, general...

— Que é o motivo pelo qual me concederam imunidade para falar sobre as trágicas ações do seu cliente.

— Muito obrigada, general. Agora, senhor, o Destacamento 27 foi mandado a El Salvador a fim de executar uma represália pelo bombardeio de Zona Rosa, isto é correto?

Um sorriso pesaroso.

— Não, advogada, não é correto. Fomos mandados lá para localizar os assassinos, os chamados guerrilheiros urbanos que assassinaram quatro fuzileiros. Não para nos vingar.

— Muito obrigada por essa diferenciação, general. E seria correto afirmar que o senhor tinha uma motivação pessoal nessa missão?

— Absolutamente não.

— É mesmo? O senhor não era amigo íntimo de um dos fuzileiros mortos no bombardeio da Zona Rosa em 19 de junho de 1985, um integrante de uma Força de Reconhecimento, o tenente-coronel Arlen Ross?

— Bem, aqui há outra distinção importante a ser feita — disse ele, em tom bastante ponderado. — Eu era mesmo conhecido de Arlen Ross...

— Não, senhor — interrompeu ela. — Não um "conhecido". Um amigo.

O general deu de ombros.

— Como queira. Um amigo. Não tenho nada a opor. O tenente-coronel Ross estava, lamentavelmente, entre os mortos de Zona Rosa. Mas não cometa um engano, advogada. Eu estava lá nomeado pelo presidente dos Estados Unidos. E com toda a certeza não usaria o poder das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos para levar a cabo uma vendeta pessoal.

— Eu certamente não teria dado a entender uma coisa dessas, general — disse Claire, fingindo surpresa. — O que eu quis dizer foi apenas que o senhor podia ter tido interesse pessoal na missão, como qualquer um que tivesse um amigo íntimo morto poucos dias antes por rebeldes contrários ao governo.

Mas o general era esperto demais para engolir aquilo. Não era sem motivo que tinha progredido tanto na carreira e tão depressa.

— É muita generosidade de sua parte, advogada — disse ele, bruscamente —, mas eu atuei sob as ordens do meu comandante-em-chefe. Não como um mafioso sedento de sangue.

Nunca perca o controle da sua testemunha. Claire lembrou a si própria, e era justamente isto que estava acontecendo. Aquela linha de interrogatório era claramente um engano.

— General — disse ela —. quando nos encontramos para uma entrevista pessoal em seu gabinete no Pentágono, o senhor me aconselhou a não trabalhar neste caso porque podia ser prejudicial à minha carreira?

O general Marks a encarou por alguns segundos com uma expressão indecifrável. Ele tinha sido instruído. Sabia da fita gravada secretamente de Henry Abbott.

— Sim, eu a aconselhei — respondeu ele por fim. — Fiquei francamente preocupado ao ver a senhora saindo numa espécie de missão camicase, advogada, só porque o cliente é seu marido.

Pronto, aí estava, finalmente enunciado com todas as palavras. Claire não tinha dúvida de que todos os membros do painel de jurados já sabiam que Tom era seu marido. Mas agora o fato, em toda a sua complexidade e ambiguidade, fora tornado oficial.

— Fiquei receoso — prosseguiu ele — de que a senhora continuasse insistindo neste caso sem ter conhecimento de todos os fatos e que por isso terminasse fazendo papel de tola. A senhora é, afinal de contas, casada com um homem que pode ser um assassino. Não pode ser exatamente objetiva.

Ele sorriu um sorriso triste.

— A senhora é da mesma idade de minha filha. Não pude evitar uma certa preocupação paternal.

— Bem, é muita bondade da sua parte, general — disse ela, sem ironia. — Certamente agradeço sua preocupação e solicitude. Foi nesta hora que decidi dar início ao golpe fatal.

— General Marks, quando meu cliente supostamente atirou nos civis, a que distância o senhor se encontrava?

— Eu não estava presente — disse ele. — A unidade estava sendo comandada pelo meu oficial executivo, o major James Hernandez. Eu dava as minhas ordens pelo rádio.

— O major Hernandez ainda é o seu oficial executivo, correto?

— Sim.

— Agora, general, dizem que meu cliente matou oitenta e sete pessoas, e me ocorre que matar oitenta e sete pessoas deve tomar algum tempo, não é mesmo?

— Lamentavelmente, não. Pode ser feito em um espaço de tempo surpreendentemente curto, advogada. Sinto muito dizer isto.

— É mesmo?

— A senhora ficaria espantada — disse ele, com outro sorriso triste. — O sargento Kubik disparou duzentas balas. A metralhadora M-60 dispara a uma velocidade de quinhentos e cinquenta tiros por minuto. Assim, disparar duzentos tiros não toma muito mais que vinte segundos, advogada.

Em condições normais, a resposta do general teria sido devastadora. Mas Claire sabia onde aquilo ia parar.

— Vinte segundos — repetiu ela, pensativa.

— Um pouquinho mais.

— Mas eu pensei que só houvesse cem balas em cada cinto de munição — disse ela, bancando a ingênua.

— É verdade — replicou o general —, mas parece que ele tinha conectado dois cinturões, usando uma técnica que disse ter aprendido com um comandante de esquadra no Vietnã. Desse modo, o segundo cinto é tracionado com facilidade pelo primeiro.

— E se o cinturão de munição torcer, o que acontece?

— A arma enjambra.

Claire balançou a cabeça afirmativamente e começou a andar de um lado para o outro diante da cadeira da testemunha, pensando.

— Quer dizer então que se um dos seus homens tivesse agarrado o cinto de munição do sargento Kubik e torcido, a arma teria enjambrado e ele teria sido incapaz de continuar atirando?

— Isso no caso de alguém conseguir chegar perto o suficiente.

— E ninguém conseguiria?

— Fala sério? Um homem disparando uma metralhadora?

— Nenhum dos seus homens teria conseguido se aproximar dele em poucos passos e arrancado a metralhadora de suas mãos? Ou torcido o cinturão de munição para enjambrar a arma?

— O homem empunhava uma M-60, advogada. Fui informado de que girava a cabeça sem parar, atento, e com toda a certeza teria percebido a aproximação de alguém na sua direção.

— Mas os seus homens deviam estar armados também, general.

— Certamente.

— Que armas eram?

— Tinham pistolas 45. E eu certamente não ia mandar que avançassem contra uma M-60 portando 45. Ele os teria atingido muito mais facilmente do que meus homens a ele.

— O senhor mandou que ele parasse de atirar?

— Sim, mandei.

— Através do major Hernandez.

— É. Hernandez disse que ele tinha pirado, que não era possível detê-lo.

Claire guardou silêncio por um momento. Marks era bom, e tinha sido muito bem preparado. Ela viu que por aquele caminho não ia chegar a parte alguma. Ele continuaria a insistir que não fora possível deter Kubik, com uma certeza inabalável.

— General, na sua opinião, o senhor estaria agindo dentro de seus direitos de oficial se tivesse mandado que seus homens abatessem o sargento Kubik se, como disse, ele estivesse de fato massacrando oitenta e sete civis?

— Com certeza — disse Mark. — O Código de Justiça Militar permite o uso de força letal para salvar a própria vida ou a vida de terceiros.

Claire estremeceu intimamente. Aquela era a resposta certa. Ele tinha antecipado a linha do interrogatório que ela preparara com a finalidade de demonstrar que ele fora negligente como oficial e comandante — o que pelo menos poderia danificar sua credibilidade. Assim, ela tentou de novo, voltando à pergunta se ele teria matado Kubik. Quando interrogava a testemunha sobre aquele fictício

sargento Kubik que a promotoria estava criando, não pensava nele como Tom.

— General, não é verdade que qualquer um dos seus homens poderia ter esperado pelo instante em que os olhos do sargento Kubik se fixassem nos alvos civis e simplesmente apontasse uma 45 e disparasse?

O general bufou, impaciente.

— Advogada, não sei se a senhora já disparou uma pistola ou mesmo se algum dia já pegou em qualquer arma — e tenho certeza absoluta de que nunca serviu numa guerra...

— Eu gostaria que o senhor respondesse à minha pergunta, Excelência — interrompeu Claire.

— Acho que a senhora abriu a porta para isso com a sua pergunta teórica — interveio o juiz Farrell. — Continue, senhor.

— Muito obrigado — disse o general Marks. — Advogada, sentada em seu confortável escritório em Harvard treze anos depois do fato, suponho que foi bastante fácil formular esse argumento. Mas quando se está comandando uma unidade de dez homens em condições de guerra, a história é diferente. Há riscos que a pessoa tem de enfrentar, e há também riscos que a pessoa não vai querer enfrentar. Talvez a senhora tivesse decidido da melhor maneira possível. Eu usei a minha melhor capacidade de julgamento.

Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça.

— Perdemos inúmeros cidadãos americanos em El Salvador, advogada, por aquilo que o presidente dos Estados Unidos, meu comandante-em-chefe, considerou serem os interesses estratégicos do país. Operações secretas nem sempre são bonitas. Mas há uma diferença entre o preço de uma operação secreta e aquilo que o homem perverso fez. Enoja-me o que aconteceu naquela aldeia — enoja-me como militar e como ser humano.

Aquele era, Claire não tinha a menor dúvida, o pior interrogatório que ela jamais conduzira, e não podia dizer que fosse por falta de preparação. Podia ver como o júri estava comovido. O general Marks era uma testemunha fantástica, e estava extremamente bem preparado. O que, aliás, não deveria espantá-la.

Mas ainda não acabara.

— General, há poucos instantes o senhor se referiu ao fato dos civis serem desarmados. É possível que o sargento Kubik acreditasse que eles na verdade fossem combatentes armados?

— Não — replicou ele prontamente.

— Por que não?

— Porque não estavam uniformizados, para começar. Estavam alinhados pacificamente, sem uma atitude hostil ou gestos antagônicos. E não havia armas.

— Mas não é possível que ele tivesse pensado haver visto armas?

Ela sabia que a pergunta ia deixar o general perplexo. Parecia apontar para uma nova teoria da defesa — que Tom disparara por ter visto armas, enquanto eles tinham o tempo todo insistido em que o incidente fora forjado, sugerindo que outra pessoa tinha feito os disparos. Viu que o general hesitava e dirigia um olhar furtivo a Waldron. Ela deu um passo de lado habilmente, colocando o corpo na linha de visão dos dois homens.

O general voltou à sua costumeira arrogância.

— Não — disse, finalmente. — Não havia armas.

— Como pode estar tão seguro?

— Porque, advogada, fiz o meu subcomandante inspecionar os corpos e ele não encontrou armas.

— Então o senhor soube objetivamente, após o fato, que não havia armas. Mas na ocasião, o senhor tinha algum motivo para acreditar que os aldeões portassem armas?

— Nenhum.

— Quer dizer então que não viram armas apontadas para o sargento Kubik ou qualquer dos seus homens?

Waldron interrompeu.

— A pergunta já foi feita e respondida, Meritíssimo.

— Aprovado. Siga em frente, advogada.

— Minhas desculpas, Meritíssimo. Só queria ter certeza absoluta de que estávamos falando a mesma língua. General Marks, na manhã de 22 de junho de 1985, bem cedo, o senhor se sentou e escreveu um MFR, um memorando para fins de registro, certo?

— Certo.

- Tratava-se de um comportamento pouco comum?
- Como assim?
- Bem, senhor, é de praxe preencher esse documento?
- É, sim. Mas aquele não foi um incidente "usual", advogada.

Um de meus homens tinha massacrado uma aldeia cheia de civis inocentes.

- Na verdade, civis desarmados.
- Conforme eu disse, advogada.
- Então por que preencher um MFR? Com que finalidade?
- Porque eu queria deixar registrado o que aconteceu. Tinha certeza de que o sargento Kubik seria processado por aquilo, e fiz questão de começar a preservar os registros.

- O senhor quer dizer criar registros.
- Meritíssimo! — reclamou Waldron.
- Eu disse preservar registros, advogada.
- General, o senhor tem uma cópia do documento que escreveu naquela manhã?

- Lamentavelmente, não. Parece que se perdeu.
 - Como pode ter acontecido uma coisa dessas?
- Ele sorriu.

— Papéis são perdidos o tempo todo, advogada, especialmente em tempo de guerra. Acredite em mim, eu gostaria de tê-lo comigo. Até mesmo oficiais generais podem ser vitimados por uma burocracia excessiva e de vez em quando pesada.

Ela retribuiu o sorriso.

— General, no memorando que o senhor escreveu naquela manhã, o senhor declarou que os aldeões tinham armas, e que foi esta a razão pela qual ordenou que seus homens atirassem?

- Absolutamente não — disse Marks, os olhos faiscando.
- O senhor não escreveu isso?
- Não, não escrevi, porque não era este o caso. Não mandei que ninguém matasse aqueles civis e aqueles civis não tinham armas.

— Muito obrigada, general — ela recuou até a mesa da defesa, onde Embry lhe passou diversas folhas de papel. Caminhando com delicadeza, quase deslizando, ela foi até a mesa da

promotora e deixou uma folha na frente de Waldron. Em seguida foi entregar ao juiz Farrell.

— Meritíssimo, posso me aproximar da testemunha com o que foi previamente identificado com a marca de Prova C da Defesa?

— Pode — autorizou Farrell, olhando confusamente para o documento que acabara de receber.

Ela deu o papel ao general.

— General Marks, o senhor reconhece este documento?

O general nada disse. Pela primeira vez pareceu ter perdido a compostura. Seu rosto ficou branco.

— A assinatura é sua, general?

Nada.

— A caligrafia é sua?

O tribunal ficou em silêncio, absolutamente imóvel, mas ela podia sentir a agitação que tinha início. Waldron escrevia qualquer coisa furiosamente, um bilhete que mostrou a Hogan. Com o canto do olho ela viu um movimento no fundo da sala e percebeu que era o advogado do general, Jerome Fine, fazendo um gesto qualquer com a mão.

— Podemos ter um recesso, se assim desejarem — propôs Claire delicadamente. — Continuamos depois. Tenho um especialista em caligrafia à espera. Podemos pedir que o senhor copie este documento e mandá-lo ser analisado em seguida.

Aquilo era um blefe, não havia perito em caligrafia algum.

— Penso que o senhor sabe que a letra é sua. Permita-me lembrar, senhor, que sua imunidade não cobre mentir sob juramento, perjúrio ou falso testemunho.

— Sim — disse ele por fim, os olhos fixos nela com ódio. Seu tom de voz, contudo, foi controlado. — Acredito que a letra seja minha.

— Meritíssimo — disse ela, virando-se jovialmente na direção de Farrell —, eu gostaria agora de oferecer a Prova C da defesa para identificação e pedir permissão para dá-la a conhecer ao júri.

— Concedido — autorizou Farrell. — E as palavras "para identificação" deverão ser impressas. E pode dar conhecimento ao júri agora.

Ela entregou seis cópias do documento ao presidente dos jurados, que ficou com uma e passou as demais adiante. Virando-se novamente para o general, Claire pediu que ele lesse o texto para a corte.

Ele hesitou e virou-se para o juiz.

— Tenho mesmo que ler? — perguntou.

— Sim — respondeu Farrell. — Lamento, mas é preciso.

Mark comprimiu os lábios em uma linha fina, depois se virou para Claire e lhe dirigiu um olhar venenoso. Colocando um par de óculos de leitura, ele começou: — "Nas primeiras horas da manhã do dia 22 de junho de 1985, fui informado pelo major James Hernandez que aldeões armados de La Colina, El Salvador, tinham sido observados com aparente intenção hostil em relação ao Destacamento 27".

Ele pigarreou, o rosto congestionado.

— "Ordenei que atirassem à vontade, baseado na presença de elementos hostis armados. Minhas ordens foram executadas e oitenta e sete agressores foram liquidados. O destacamento retirou-se da cena onde havia o contato com o agressor e retraiu para Ilopango. Assinado, coronel William Marks, Comandante do Destacamento 27, Ilopango, El Salvador." O general Marks levantou a cabeça vagarosamente, os olhos faiscando de raiva.

— General Marks — disse Claire —, cada palavra que o senhor acabou de ler corresponde exatamente ao que se lembra de ter acontecido em 22 de junho de 1985? Ou há alguma coisa que deseje alterar?

Por diversos segundos eles se encararam furiosamente. Até que por fim o general Marks se virou para o juiz.

— Meritíssimo — disse. — Eu gostaria de falar com o meu advogado antes de responder a esta pergunta.

— Meritíssimo — disse Waldron, levantando-se —, precisamos de um recesso para que a testemunha possa se consultar com seu advogado.

— Senhores membros do júri — disse Farrell —, poderiam, por favor, nos dar licença?

Depois que os jurados foram levados para fora, a sala de sessões explodiu num verdadeiro pandemônio.

— MERITÍSSIMO — EXIGIU WALDRON—, eu gostaria que a advogada da defesa declarasse, para fins de registro, há quanto tempo está de posse desse memorando e onde o conseguiu.

— Não. meritíssimo — disse Claire, antes que Farrell tivesse uma oportunidade de responder. — Eu não tenho que fazer essa declaração, e não vou fazer. A promotoria não tem direito a uma prévia do meu interrogatório. Pelo amor de Deus, nós pusemos esse memorando em nosso pedido de acesso às informações de posse do governo — nomeamos especificamente o memorando — e o governo, com efeito, respondeu por escrito que o documento pedido nem sequer existia! Recebi o memorando que apresentei aqui depois da negativa escrita; este documento é uma xerox dos arquivos operacionais da CIA, inteiramente marcada com uma completa cadeia de custódia e é só isto que vou dizer.

— A CIA! — balbuciou Waldron, olhando para Claire.

Por que ele tinha ficado tão espantado?, perguntou-se ela.

Farrell ficara claramente surpreendido por tudo aquilo, pelo modo como a situação se invertera e pelo espetáculo de todo um tribunal assistindo a um general de quatro estrelas mentir sob juramento. Tudo o que o juiz disse e ficara registrado nos anais do julgamento ia ser escrutinado em detalhe. Ele precisava ter cautela, e sabia disso. Abriu ruidosamente uma lata de Pepsi e tomou um gole longo e vigoroso.

— Senhor Promotor — disse Farrell —, a testemunha é sua e era sua obrigação encontrar esse documento, de modo que não me sinto inclinado a ajudá-lo com isso.

Nesse meio-tempo, Jerome Fine, o advogado do general, tinha deslocado uma cadeira para o lado dele, no estande das testemunhas, e os dois conferenciavam aos cochichos.

— General — disse ela, aproximando-se —, essa pessoa aí é o seu advogado?

Marks pareceu vagamente divertido.

— É, sim — respondeu.

— E qual é o nome dele?

— Jerome R. Fine. É o advogado dos generais do Exército.

— Hmmm. É interessante, general, que o senhor queira que seu advogado se sente ao seu lado. Acha que tem alguma coisa para esconder?

Ele sorriu e respondeu com uma risadinha.

— De modo algum.

— Agora, general, antes de depor aqui hoje, o senhor reviu o testemunho que prestou ante o Congresso quando foi confirmado na função de chefe de estado-maior do exército?

Marks hesitou por um instante.

— Sim.

— Seu advogado aconselhou-o a fazer isso, não foi?

— Sra. Chapman — disse o general, irritado —, eu não tenho que lhe dizer o que eu e meu advogado conversamos.

— Ah, mas eu receio que tenha sim — ela deu uma olhada em Jerome Fine, que pareceu sem graça. — O senhor compreende, general, podemos chamar o Sr. Fine para depor como testemunha logo após o senhor. Nada do que falaram aqui pode ser considerado privilegiado, já que ele trabalha para os Estados Unidos da América. E não para o senhor.

O general olhou para seu advogado, que balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

— Então talvez o senhor possa responder a minha pergunta, general. O seu advogado aconselhou-o a rever seu depoimento no Congresso?

Uma pausa. O advogado balançou a cabeça de novo.

— Sim, ele aconselhou.

— Agora, general Marks, o senhor disse ao seu advogado que o memorando que escreveu imediatamente após o incidente de La Colina tinha sido destruído, tanto quanto fosse do seu conhecimento, e que o senhor não se lembrava do seu conteúdo?

Marks virou-se de novo para o juiz Farrell.

— Tenho que responder a isso, Meritíssimo?

— Tem sim.

— Sim, eu lhe disse isso — replicou Marks —, mas que era minha recordação...

— Muito obrigada — interrompeu Claire. — General, alguma vez o senhor falou com sua mulher a respeito do suposto massacre de La Colina?

— Minha mulher? — incrédulo, ele se voltou de novo para o juiz. — Meritíssimo, eu não tenho que responder a perguntas sobre a minha vida pessoal, tenho?

— Sim, general, tem — disse o juiz, com tranquilidade.

Erguendo a voz alguns decibéis, Marks falou com sarcasmo. — Minha mulher e eu nunca discutimos esse tipo de coisa.

— Ah, sim? E de que tipo de coisa estamos falando?

— Operações secretas...

— E o incidente em La Colina foi uma "operação secreta"?

— Não torça as minhas palavras — retrucou Marks. — Aquele massacre foi a coisa mais trágica que já aconteceu em toda a minha...

— E o senhor quer nos dizer que não comentou com a sua mulher a coisa mais trágica que aconteceu na sua vida?

Ele hesitou.

— Ou o senhor mentiu para ela também?

— Eu nunca menti sobre La Colina! — trovejou Marks.

— Oh, não? O senhor mentiu para o Congresso, não foi? Não é um fato que quando perguntado sobre o incidente de La Colina pelo Senado durante a sua confirmação, o senhor deu uma versão inteiramente contrária ao memorando que escreveu? O senhor mentiu para o Congresso, não foi?

— Não tenho que aceitar isso! — gritou Marks. — Dediquei mais de trinta anos de minha vida servindo à Constituição dos Estados Unidos e ao povo deste país...

— Mas o senhor mentiu ao Congresso, não mentiu? — persistiu Claire.

— Eu não sou obrigado a aguentar isso de alguém como você! — gritou Marks, meio se levantando da cadeira. Seu rosto estava escarlate. — Você está exorbitando!

— General, por favor! — exclamou seu advogado, puxando o braço de Marks para fazer com que ele se sentasse.

— O que isso quer dizer, alguém como eu? — perguntou Claire com um sorriso débil. — Uma advogada de defesa fazendo o seu trabalho? Protegendo um cliente falsamente acusado de assassinatos que não cometeu? Assassinatos nos quais o senhor pode ter tido participação, como cúmplice...?

— Objeção! — gritou Waldron.

— Isto é uma obscenidade! — trovejou Marks.

— Prossiga — ordenou o juiz Farrell.

— General — disse Claire num tom de voz forte e claro — , o senhor mentiu para o Congresso, não mentiu?

Houve um momento de silêncio.

O advogado do general tapou a boca e cochichou qualquer coisa para o cliente. O general Marks, já recomposto, olhou para cima e disse, descuidadamente: — Seguindo o conselho de meu advogado, declino de comentar.

— Espere um segundo — interveio Claire. — O senhor está recorrendo à Quinta Emenda?

— Sim, estou.

— Bem, a respeito de que o senhor está recorrendo à Quinta Emenda?

— Do meu depoimento — respondeu Marks, sem se dar por achado. — Meu advogado acabou de me avisar que eu posso ter cometido falso testemunho.

Ele se virou na direção do juiz Farrell.

— Meritíssimo, há treze anos que eu não via este documento. Testemunhei aqui segundo o que me lembrava. E, para ser franco, fui apanhado numa armadilha.

— Meritíssimo — disse Claire —, minha intenção é eliminar o depoimento direto da testemunha, já que não podemos desfrutar do direito assegurado pela Sexta Emenda de contrainvestigação.

Farrell olhou enviesado para o general e sacudiu a cabeça, em sinal de incredulidade.

— Sua petição é concedida. O depoimento direto da testemunha é eliminado dos autos.

— Muito obrigada, Meritíssimo. A esta altura, a defesa pede que o julgamento seja cancelado, com base em que o depoimento

desta testemunha não pode ser retirado.

— Negado — exclamou Farrell, com uma expressão ameaçadora no rosto vermelho.

— Neste caso, Meritíssimo, solicitamos que o senhor diga aos membros do júri que o chefe do Estado-Maior do Exército não é mais uma testemunha perante esta corte e que os jurados não podem levar em conta qualquer depoimento que ele tenha dado. Peço também que o senhor informe aos jurados que, como juiz militar, o senhor acredita que o chefe do Estado-Maior possa ter cometido perjúrio e que por isso eles, os jurados, devem esquecer o que ele disse. Mais ainda, que o senhor, no exercício das funções de juiz militar, aconselhou o chefe do Estado-Maior sobre seus direitos contra a autoincriminação segundo o Artigo 31 do Código de Justiça Militar e que o chefe do Estado-Maior decidiu que não prestará mais depoimento aqui diante desta corte marcial.

— Está certo — disse Farrell. Ele sabia que tinha pouca escolha. — Você conseguiu. Instruirei os membros do júri dessa forma. E, general, o senhor está dispensado, com os nossos mais sinceros pedidos de desculpa.

Claire ficou olhando sem acreditar no que via, quando o general se levantou, ajeitou o uniforme e saiu andando em passadas largas, advogado a reboque.

— Bem, Meritíssimo — disse Waldron. — Aproveitando que ainda estamos nesta sessão 39, gostaria de apresentar nossa próxima prova, prova da acusação nº 24, para fins de identificação, que é uma fita de gravação do acusado falando em um rádio tático de campanha no dia 22 de junho de 1985, referindo-se aos eventos pelos quais está sendo julgado, assim como uma transcrição literal da conversa.

Claire olhou para Grimes, depois Embry e finalmente para Tom. Todos pareciam tão assombrados quanto ela.

— Meritíssimo, eu não acredito nisso!

— E eu, o que é que eu digo? — exclamou Farrell. — Que dia é hoje, o Dia das Provas de Surpresa? O Dia de Causar uma Úlcera no Juiz? Promotor, o senhor tem esta fita aqui no tribunal?

— Sim, temos, sim, senhor — respondeu Waldron, entregando uma fita cassete preta ao juiz, juntamente com um pequeno aparelho reproduzidor.

— Venha, vamos ouvir — disse Farrell.

— Os golpes simplesmente continuam vindo — disse Grimes, em voz alta.

PELO SOM DA FITA via-se que fora trabalhada, com a estática filtrada, e por isso a voz de Tom foi ouvida de forma absolutamente cristalina.

E era a voz de Tom, não havia a menor dúvida quanto a isto.

"Era inacreditável, simplesmente inacreditável, porra. Eu já estava enjoado e mais do que cansado daquela gente, não aguentava mais ver aqueles camponeses mentindo, sabe como é? Simplesmente peguei minha M-60 e acabei com eles, e foi uma maravilha. Puta que o pariu, uma maravilha, nem queira saber".

Houve silêncio, e o juiz desligou o aparelho.

— Esse não sou eu — disse Tom para Claire, falando baixo.

— De onde vem isto? — perguntou o juiz Farrell.

— A gravação original foi feita pela AID — Agência de Inteligência da Defesa, Meritíssimo. Pela seção de inteligência especializada em sinais. A cópia foi fornecida pela CIA após uma busca no seus arquivos SIGINT.

— Quando foi que o senhor recebeu esta fita?

— Hoje, Meritíssimo. Na hora do almoço.

— Há quanto tempo sabe de sua existência? — quis saber Farrell.

— Fui chamado esta manhã, mas não acreditei enquanto não ouvi a fita na hora do almoço.

— O que é que temos aqui, CIA versus AID? — perguntou Farrell. — Espiões militares versus espiões civis?

— Esta conversa — respondeu Waldron — foi interceptada por uma turma do 1239 Batalhão de Comunicações, em El Salvador, no dia 22 de junho de 1985. Os receptores deles varriam automaticamente entre 4 e 5 megahertz. A conversação do acusado foi feita às claras em um rádio de campanha tático com um alcance de 36 quilômetros.

O cérebro de Claire disparou. Aquilo não podia ser coincidência. O memorando surpresa imediatamente seguido por uma fita surpresa. O que estaria acontecendo? Virou-se para Tom.

— Você nunca disse essas palavras? — murmurou. Seu estômago doía.

— Claire, não sou eu — disse ele.

— É a sua voz.

— Não sou eu! — repetiu ele.

Ela se levantou.

— Meritíssimo — disse, a voz alta e enfática —, este é um julgamento por emboscada. Esta fita constava do nosso pedido original de acesso às provas da acusação, e nós a deveríamos ter recebido muito tempo atrás.

— Meritíssimo — contestou Waldron —, a advogada de defesa acabou de me ouvir dizer que acabamos de receber a fita hoje, na hora do almoço.

— A questão — replicou ela ironicamente — não é quando o advogado de acusação a recebeu. A questão é saber quando o governo dos Estados Unidos a obteve. O nosso pedido abrangia isto e o promotor tinha o dever de proteger o governo e descobrir se algum setor dele estava de posse de uma informação relevante. Planejei meu caso baseada no que o governo revelasse — e agora aqui estamos, a meio caminho do processo, e subitamente nos vemos às voltas com uma prova seriamente prejudicial que não tivemos tempo de testar. É ultrajante!

— Senhor — retrucou Waldron —, como a defesa bem sabe, essas coisas acontecem. A prova aparece na última hora — exatamente como aconteceu com o memorando assinado pelo general Marks.

— Bem, isto é verdade, Madame Advogada de Defesa. A senhora não pode exatamente se queixar, já que acabou de fazer a mesma coisa.

— O que nós fizemos, Meritíssimo, foi uma retificação de um comportamento impróprio da promotoria. Tivemos sorte de encontrar, por intermédio de nossas fontes, um documento que o advogado de acusação devia ter nos entregado algum tempo atrás.

Agora estão tentando o mesmo truque de novo. "De repente" encontram "por acaso" uma peça chave de evidência e agora estão tentando introduzi-la no processo tão tarde que não teremos uma chance para fazer com que nossos peritos a examinem. Se a AID fez esta gravação treze anos atrás, por que levou tanto tempo para vir à tona?

— Senhor — disse Waldron —, não é impossível que esta corte marcial tenha feito com que pessoas dentro do governo vasculhassem velhos artigos que de outra forma pensariam estar perdidos.

— Eu não acredito que estejam tentando uma coisa dessas! — exclamou Tom. — Você examina a fita, Claire! Não sou eu!

— Sargento — disse Farrell —, modere-se e não fale mais. Advogada, a senhora está avisada de que deve manter seu cliente sob controle. Não serão permitidas outras explosões! Agora, advogada, presumo que a senhora queira um adiamento.

— Certamente, senhor. Queremos um mês a fim de conduzir um exame completo e detalhado.

— Isto é uma maldita armação! — berrou Tom, levantando-se.

— Sargento — trovejou Farrell —, eu lhe disse para ficar quieto. O senhor foi avisado de que tem o direito de estar presente nesta corte marcial. No entanto, se continuar a agir desse modo, providenciaremos para que assista tudo através de um circuito fechado de televisão, está me ouvindo? O senhor não se sentará no meu tribunal e continuará a interromper os trabalhos, está entendendo?

— Não sou eu! — ele gritou de novo. — Não é verdade. Não é a minha voz!

— Soldados, levem este homem daqui! — berrou Farrell. Os guardas do presídio imediatamente cercaram Tom e o jogaram no chão, onde o algemaram.

— Isto é uma maldita armação! — gritou Tom.

— Eu o quero fora daqui agora!

Os guardas agarraram Tom pelos cotovelos e o arrastaram para fora.

— Está bem — disse Farrell a Claire, quando a sala de sessões finalmente ficou quieta. — A senhora tem quarenta e oito horas.

TARDE DA NOITE CLAIRE E JACKIE estavam sentadas à mesa da cozinha, bebendo e fumando. A fita já fora embarcada de avião para um dos mais famosos analistas de voz e gravação em fita do mundo, em Boulder, no Colorado. Claire escolhera o perito cuidadosamente: na verdade tratava-se de uma mulher que fizera inúmeros trabalhos de identificação de voz para os militares, inclusive para Waldron. Era virtualmente um membro aceito do grupo do Pentágono e sua palavra não seria questionada.

— Claro que ele nega — disse Jackie, cuidadosamente. — Ele negou tudo neste caso, Claire. Quer dizer, ele nega inclusive que a metralhadora era dele, certo?

— Sim, bem, provavelmente não era a arma dele! — exclamou Claire, furiosa. — Ou então mudaram o cano!

— Claro que podem ter mudado mesmo. Esses sujeitos são capazes de fazer qualquer porra que cismem fazer. Mas você não acredita lá no fundo que é a arma dele? Que ele atirou mesmo? Que o coronel Marks tanto pode ter lhe dado a ordem pelo rádio como pode não ter dado, mas de qualquer maneira Tom atirou?

Jackie serviu mais Famous Grouse em ambos os copos.

— Não, não acredito.

Jackie tomou um gole comprido de uísque puro e estremeceu.

— Claire, se um homem pode mentir para você sobre toda a sua vida, por que não vai mentir sobre o incidente horrível do qual ele passou a vida fugindo?

Claire sacudiu a cabeça. A exaustão a derrotara. Seus olhos se encheram de lágrimas e uma delas pingou em cima da mesa.

— Eu preciso falar com ele.

O telefone tocou.

— É apenas meia-noite — disse Jackie. — Um pouco cedo para o trotista.

Claire pegou o aparelho, esperando que fosse Grimes ou Embry.

— Professora Heller? — disse uma voz feminina grave. — Aqui é Leonore Eitel, de Boulder.

— Pois não?

— Espero não estar ligando tarde demais... você me pediu que eu telefonasse assim que tivesse em mão os primeiros resultados...

— Tudo bem — o coração de Claire batia tão alto que ela mal conseguia ouvir a voz da mulher.

— Bem, eu receio... eu receio que talvez não seja exatamente o que deseja ouvir.

— É ele, não é? — perguntou Claire com a voz embargada.

— Quero que primeiro saiba os testes que apliquei. Usei um sistema realmente sofisticado da Kay Elemetrics, um Computer Speech Lab Model 4300B, a fim de fazer a análise oral e espectrográfica da voz e fiz a comparação com as amostras que seu marido me deu pelo telefone.

— É ele, não é?

— Examinei coisas como a frequência no eixo vertical, e na estrutura temporal, a trajetória das associações vocálicoconsonantais, o timbre, que reflete a oscilação das cordas vocais e é representado pelas estrias verticais dos espectrogramas...

— Mas que droga, a voz é de Tom?

— Sim, é — respondeu a perita calmamente. — Usei vinte e duas palavras diferentes e consegui dezenove correspondências perfeitas com base nas estruturas formantes.

— Qual é o seu grau de certeza?

— Noventa e nove por cento. Mas ainda não terminei com os meus testes e há mais uma coisa que preciso verificar.

OITO HORAS DA MANHÃ seguinte. Na sala de conferências comprida na prisão, a única em que não havia uma câmera.

— Preciso da verdade agora — disse ela.

Ele fez uma careta.

— Deixa disso, Claire...

— Não. Diga a verdade. Você falou aquilo?

— Claro que não. Nós não estávamos no campo no dia seguinte ao do massacre, já tínhamos voltado para o acampamento. E eu nunca carregava o rádio — não era minha obrigação.

Ele sorriu e prendeu a mão direita dela entre as suas mãos.

— Deixa disso, querida.

— A voz é sua.

— Eles deram um jeito de forjar a gravação.

Não é possível forjar uma coisa daquelas, Tom. A voz é sua.

— Bem, eu não disse tudo aquilo.

— E você está me dizendo a verdade agora?

Ele retirou as mãos.

— Eu estou lhe dizendo a verdade — disse, suavemente.

— Dá a sua palavra? Seus olhos expressaram mágoa.

— Meu Deus, você pensa que fui eu, não pensa? Eles conseguiram fazer com que você mudasse de ideia, não conseguiram? Logo você, minha própria esposa!

— Ora, Tom, deixa disso! — ela gritou. — Não sei o que devo pensar! O que me diz da arma?

— Ainda não estamos falando dela, estamos? Você provou com que facilidade eles podiam ter...

— Esqueça o que eu disse e fiz lá dentro. Esqueça os meus truques de tribunal. Agora somos só eu e você aqui dentro.

— Você demonstrou como eles podem ter substituído o cano.

— Não venha com legalidades para cima de mim. Você matou aquela gente? — Claire...

— Mandaram que você os matasse? É isso que todo mundo está querendo fazer, proteger o general? — Claire...

— Se você recebeu ordem para atirar — bem, não seria realmente uma justificativa, mas podíamos alegar fatores atenuantes e...

— E você acredita que eu massacrei oitenta e sete pessoas? Ela olhou para ele, sem saber o que dizer.

— Dê a sua palavra de que não é a sua voz na fita. Por um longo momento ele encarou Claire, seus olhos ao mesmo tempo magoados e furiosos.

— Não sou um monstro, Claire.

Bateram vigorosamente na porta e quando Claire atendeu encontrou Embry, ofegante, com uma folha de papel na mão.

— O que é isso aí? — perguntou Claire.

— Você perguntou sobre os registros médicos de Hernandez há uns dois dias — disse Embry, arquejando. — Pedi a um chapa meu para dar uma olhada — ele trabalhava na enfermaria do Pentágono, como eu pensava. Acabou de me passar este fax.

— Você conseguiu os registros do psiquiatra dele?

— Não — respondeu Embry. — Melhor.

Ele sorriu e caiu na gargalhada.

— Muito, muito melhor.

A PERITA EM GRAVAÇÕES Leonore Eitel era uma mulher pequena e de ar digno, cabelos cor de prata e óculos de aros pretos e redondos exageradamente grandes. Vestia um conjunto cinzento perfeito.

— A senhora, por favor, fique de pé em frente da cadeira das testemunhas. Levante a mão direita e vire-se para mim — disse Waldron.

Os advogados e o juiz estavam se reunindo em uma audição relativa a provas prescrita pelo artigo 39.

— A senhora jura que o depoimento que prestará neste caso será a verdade, apenas a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus? — Juro.

Claire então tratou de apresentar as credenciais de Leonore Eitel, que eram vastas e impressionantes. Em seguida Eitel anunciou sua descoberta: a voz na fita era na verdade a de Ronald M. Kubik, também conhecido como Thomas Chapman.

— E o que mais, Sra. Eitel, a senhora pode nos dizer sobre esta fita de gravação? — Bem, para começar, usando um analisador de espectro, detectei um zumbido de sessenta ciclos na gravação.

— E qual é o significado disso?

— Trata-se de um ruído produzido por uma linha de força. Isso nos diz que a voz foi gravada em um gravador elétrico, e não em um aparelho que funcionasse a pilhas.

— Mas esse zumbido não poderia ter sido causado pelo gravador usado pelo Signal Corps. o pessoal que supostamente gravou a mensagem na ocasião em que foi transmitida?

— Não, se a voz tivesse sido transmitida por um rádio de campanha e depois gravada fora do ar, eu não teria pegado esse

zumbido. Posso demonstrar precisamente o que estou dizendo.

— Muito obrigada, mas por ora, vamos seguir em frente.

Poderia esse zumbido ter sido causado durante a feitura da cópia do original?

— Não. Eu explicarei...

— Em mais alguns instantes. O que mais a senhora observou?

— A largura de banda era diferente da que se espera ver de uma voz transmitida pelo ar. O registro da fala e as características do microfone são nitidamente diferentes, em termos de frequência de resposta, daquilo que se pode ver em uma transmissão de rádio.

— É só isso?

— Oh, não. Havia coisas faltando que deviam estar lá.

— Tais como?

— Tais como o chaveamento do microfone no rádio de campanha, o botão que a gente aperta para transmitir ou receber. Este som estava faltando.

— Alguma coisa mais?

— Havia estruturas digitais que não deveriam estar presentes em uma fita analógica. Isso é algo que realmente chama a atenção, como uma bandeira vermelha. Havia figuras em forma de V invertidos nas frequências mais altas, espigões inexplicados com mais de um centímetro de intervalo. Marcas acústicas que não são associadas nem com a fala humana nem com um gravador de fita analógico, mas sim com um computador.

— Um computador?

— Exatamente.

— O que a senhora está nos dizendo?

— Que essa fita foi criada em um computador, usando-se um programa capaz de cortar e juntar palavras e frases. Eu diria que a pessoa que está sendo investigada falou na verdade todas aquelas palavras, mas em uma ordem diferente. Talvez em um interrogatório ou numa entrevista. Minha conclusão, que apresento com noventa e nove por cento de certeza, é que a fita é forjada. Muito bem feita — um trabalho realmente bonito —, mas assim mesmo falso.

O tribunal explodiu. Farrell usou o martelo furiosamente.

— Ordem! — berrou. — Quero ordem nesta corte! Promotor?

Os olhos de Waldron faiscaram de raiva e vergonha. Ele levantou as duas mãos, palmas para cima.

— Meritíssimo — disse —, não tínhamos ideia de que se tratasse de uma fita forjada, nós a apresentamos de boa-fé, e neste instante nós a retiramos...

— O senhor tinha a obrigação — trovejou Farrell — de verificar se a fita era verdadeira antes de atirá-la dentro desta corte.

— Senhor, ninguém está tão espantado quanto nós — protestou Waldron. — Não tínhamos razão para acreditar...

— Sente-se! Eu estou horrorizado. Avisei no início dos trabalhos que não queria comportamento impróprio no processo, e aqui tivemos um oficial general que mentiu para esta corte e que depois apelou para a Quinta Emenda, como qualquer narcotraficante. Depois o senhor apresenta esta fita e nem sequer pediu tempo para mandá-la examinar! O senhor me deixa sem escolha. Sra. Chapman, a senhora quer apresentar um pedido para que seu cliente seja considerado inocente das acusações que lhe foram imputadas?

Claire olhou para o juiz, momentaneamente sem fala. Levantou-se lentamente.

— Bem... sim. Sim, Meritíssimo, sim, eu quero.

— Pois seu pedido está concedido — disse Farrell. — Considero o sargento de primeira classe Ronald Kubik inocente de todas as acusações.

Ele sublinhou suas palavras com uma vigorosa batida do martelo.

— O promotor deve preparar os resultados do julgamento, após o que o acusado deverá ser conduzido de volta ao presídio para ser devidamente libertado. Esta corte está suspensa.

E com outro golpe do martelo, ele se levantou.

O TEMPO FOI PASSANDO tão devagar que chegou praticamente a parar.

Em torno de Claire tudo era um turbilhão, e no entanto parecia lento, silencioso, abafado. A luz era como se tivesse sido refratada por lentes enevoadas. O conjunto dela estava encharcado de suor. Movia-se lentamente, como se estivesse debaixo d' água.

Abraçou Tom, depois Grimes e por fim Devereaux. Sorriu, riu, chorou. Devereaux quase a esmagou com seu corpanzil imenso, depois apertou também a mão de Tom. Tom também estava chorando. Envergonhado, ele tentou esconder o rosto molhado de lágrimas dos outros com a mão. Quando abraçou Tom de novo, ela viu Waldron passar enfurecido, parar e fazer meia-volta na sua direção. Ele parou e esperou enquanto Tom batia nas costas dela e dizia, "Você salvou minha vida, Claire. Você salvou minha vida".

Sentia-se estranha: aliviada, é claro, e mortalmente exausta; mas, além disso, havia algo mais — estava levemente deprimida, e estranhamente tensa.

— Advogada — disse Waldron em tom incisivo. Ele estendeu a mão, mas sua fisionomia não era sorridente. — Congratulações.

Claire libertou-se do abraço de Tom e estendeu a mão.

— Muito obrigada — disse. — Você fez um trabalho impressionante — acrescentou, simulando cordialidade. — Deixando de lado esse negócio da descoberta, que eu prefiro acreditar que não tenha sido culpa sua.

— E não foi. Posso chamá-la de Claire?

Ela deu de ombros.

— Você é uma adversária temível, Claire, e espero nunca mais ter de enfrentá-la.

— acredite em mim — retrucou ela —, também espero nunca mais ter de enfrentá-lo outra vez. Vamos conversar em particular por um instante, está bem?

Waldron hesitou, intrigado.

— Claro.

Os dois encontraram um canto da sala de sessões onde poderiam falar sem ser interrompidos.

— Espero que você não acredite que eu esteja por trás da falsificação da fita — disse Waldron.

Ela evitou seus olhos.— Permita-me que eu defina a minha posição da seguinte maneira: não creio que tenha sido obrigatoriamente sua a ideia de grampear a casa que aluguei, mas, por outro lado, você não se acanhou de usar qualquer tipo de informação que lhe fosse dada, certo?

O rosto de Waldron era uma máscara, neutra e inexpressiva. Seus olhos se estreitaram.

— Eu só acho — prosseguiu Claire — que havia muita gente atrás de você que queria ver sua vitória. Gente como o general Marks.

Ela encerrou seu discurso com um sorriso adocicado.

Por um instante o rosto aquilino de Waldron demonstrou sua raiva.

— A fita me foi dada — disse ele. — Pode acreditar em mim, eu nunca a teria usado se tivesse a menor suspeita de que fosse falsa. E, a propósito: ele se matou, você soube?

— Quem?

— O general Marks. Cerca de duas horas atrás. Meteu uma bala na cabeça com seu revólver de serviço. Vestindo o uniforme de gala. Em sua sala do Pentágono.

Claire sentiu o sangue fugir do seu rosto.

— O quê?

— Ele sabia que sua carreira estava destruída e que teria que enfrentar acusações de crimes — disse Waldron. — Não quis passar por isso.

— É uma pena que ele não tenha podido ver a absolvição — disse Claire.

— Não foi decisão dele mandar seu marido à corte marcial.

— De quem foi então?

— Oficialmente, o secretário do Exército — a única pessoa mais graduada que ele. E que nunca gostou muito do general Marks. Mas sou capaz de apostar como houve outros que persuadiram o secretário a convocar uma corte marcial. Rivais do general. Saberemos quem são quando virmos quem sucederá Marks como chefe do Estado-Maior do Exército. Ele tinha inimigos poderosos.

— Quer dizer então que os inimigos dele queriam uma corte marcial — disse Claire, os olhos perdidos na meia distância — a fim de deixar público, mesmo dentro de círculos limitados, o fato de que o general Marks provavelmente deu a ordem para massacrar toda a aldeia de La Colina, mesmo que não soubesse — por não estar lá — que eles na verdade eram inocentes. Um erro horrível. E seus

inimigos sabiam que uma corte marcial evidenciaria o fato de ele ter mentido ao Congresso, que tinha inclusive mandado destruir seu memorando. Mentiu a respeito do massacre durante treze anos. Eles sabiam que a corte marcial exporia seus crimes de primeiro grau.

Ela fez uma pausa e encarou Waldron diretamente. — E, no entanto, a corte marcial tinha de ser secreta, fechada a todo mundo com exceção de observadores militares...

— Porque se fosse divulgada a notícia de que tropas americanas tinham massacrado oitenta e sete civis inocentes e escondido isto durante treze anos, as ramificações em todo o mundo seriam incalculáveis.

Ela concordou, balançando a cabeça. — E agora as peças do quebra-cabeça começam a se ajustar.

Claire lhe passou uma folha de papel.

— O quê? — perguntou Waldron, dando uma olhada. — É um relatório médico... De que se trata?

— Leia — disse ela. — É de Hernandez.

— O que, sobre algum ferimento no olho ou algo assim?

— Sabe aquela cicatriz debaixo do olho dele? É de 1985. Em La Colina.

— É, sim — disse Waldron, ainda confuso. — Foi tratado na enfermaria de Fort Bragg...

— Logo depois do massacre. Há uma observação escrita pelo oftalmologista e pelo cirurgião.

— Queimadura e laceração do tecido inferior lateral do olho direito sem envolver a margem palpebral... — leu Waldron.

— Por que isto é importante? Ele foi ferido em La Colina? E daí?

— Ele depôs sob juramento que não deu nenhum tiro na aldeia disse Claire. — Agora leia o que o médico do Exército escreve, reproduzindo exatamente o que Hernandez lhe disse. Entramos em contato com ele, que estava preparado para confirmar no banco de testemunhas o que escreveu.

Waldron leu o texto detidamente, e levantou a cabeça após um minuto. Tinha os olhos arregalados de espanto.

— Hernandez foi acidentado sob o olho direito por um cartucho incandescente que saltou enquanto disparava mais de duzentos tiros com sua M-60. O cano da sua arma pode ter superaquecido, ou ele pode ter balançado a arma descuidadamente... Puta que o pariu. Seu marido é realmente inocente.

Claire aquiesceu.

— Meu Deus! — murmurou Waldron. Fez um gesto para que Hogan se aproximasse imediatamente. — Entre em contato com a CID — disse. — Eles têm uma prisão a fazer.

Ele virou-se para Claire. — Eu... eu realmente não sei o que dizer.

— Basta pegar o cara que fez isso — disse ela, voltando para junto de Tom.

ELES SAÍRAM DO TRIBUNAL em estado de transe. O sol do início do verão era ofuscante. Tom e ela piscaram. Tom ainda estava acorrentado, mas é assim que os militares trabalham. Sentaram nos degraus do prédio, perto da van branca, os guardas permanecendo de pé a uma distância discreta. Tom estava chorando de novo.

Grimes aproximou-se. — Ei, vocês aí — disse ele, mansamente. — Acho que é aqui que eu digo adeus.

Claire e Tom se levantaram. Claire passou os braços em torno de Grimes e puxou-o para junto de si. Abraçou-o com força, do jeito que um homem salvo de afogamento abraça seu salvador.

— Vou sentir falta de você — disse ela, baixinho. — Muito obrigada.

— Ei, eu é que devia agradecer. Finalmente peguei os filhos da mãe.

Ele notou que Claire estava chorando.

— Não fique tão emotiva. Em breve estará recebendo minha conta. Aí, sim, é que vai ter motivo para chorar.

Ele deu uma de suas risadas características.

Depois que Waldron trouxe o documento de que precisavam, o relatório com o resultado do julgamento, ela e Tom entraram na van e foram levados ao presídio. A hora seguinte foi uma verdadeira loucura de procedimentos burocráticos. A ordem de libertação foi

preparada. Tom foi escoltado até a cela onde estivera a fim de pegar suas coisas. De lá foi mandado à enfermaria para apanhar seu prontuário médico e em seguida para a sala do correio, onde teve de preencher um cartão de mudança de endereço — as coisas banais que tinham que ser feitas! De lá teve de procurar o supervisor do centro de controle para entregar o documento de saída. Claire sentou-se para esperar. Tentou pensar com clareza, mas sua cabeça continuava a girar loucamente. Em mais algum tempo Tom foi trazido. O uniforme fora removido, com os demais itens fornecidos pela prisão, e suas roupas civis — inclusive um terno muito bom, recentemente passado, que Jackie trouxera de Cambridge — foram entregues a ele.

Em cerca de uma hora, elegante em seu terno Armani preto e gravata verde, Tom estava livre.

Saíram andando juntos de mãos dadas. Ela sentiu o calor do sol no rosto. O ar era doce e tinha o cheiro forte de clorofila da grama recém-cortada.

— Ei, querida — disse ele.

— Sim.

Ela virou o rosto para cima e o beijou.

— Você salvou minha vida — disse ele, com a voz apaixonada.

— Ah, não foi nada — ela sorriu. — E vou lhe dizer uma coisa.

Melhor ainda que ser inocentado. Conseguimos uma prova de que Hernandez foi o atirador.

Ela explicou. Por um momento ele pareceu não entender. Até que seu rosto iluminou-se.

— Aposto como Waldron vai querer enterrar essa informação. Ela sacudiu a cabeça. — Ele já entrou em contato com a CID. Eles vão pegar Hernandez para interrogatório, mas eu digo que ele vai para Leavenworth daqui a uns seis meses.

— Ou menos, se for Farrell o juiz. Eu amo você.

Ele inclinou-se e beijou-a de novo, desta vez um beijo sério.

— Vamos ser uma família de novo.

Claire apertou sua mão.

— Temos que fazer as malas — disse. — E depois celebrar. Pela primeira vez ela se atreveu a crer que podiam finalmente ter

sua vida de volta.

— QUEM VAI QUERER MAIS PAELLA? — exclamou Tom, percorrendo com os olhos a mesa apinhada de gente. Ele brandiu uma enorme concha de prata acima de uma imensa tigela de barro cheia de lagostas, mexilhões, moluscos, frango, camarão e inumeráveis tipos de frutos do mar misturados com arroz, cebola, alho e dúzias de outras coisas. Tom fazia a melhor e mais delicadamente temperada paella que Claire já experimentara. De todas as especialidades de Tom, era a que ele mais gostava de preparar para convidados.

Em torno da mesa em Cambridge sentaram-se Ray Devereaux com sua namorada dia-sim, dia-não; o principal corretor de Tom, o elegante e moreno Jeff Rosenthal, com sua última namorada boazuda; o maior amigo de Claire na faculdade de direito, Abe Margolis, de barba grisalha, gorducho, com cerca de sessenta anos, e sua mulher; e Jennifer Evans, a melhor amiga de Claire, muito magra, extremamente bronzada, com cerca de quarenta e cinco anos, cabelo preto liso, cortado em um estilo curto estilizado como a estrela do cinema mudo Louise Brooks. Estava desacompanhada por passar por uma de suas fases frequentes de má vontade com os homens. Ao lado de Claire, sentara-se Jackie, que parecia cansada, deprimida e distanciada. Annie, em um vestidinho de marinheira branco, já com gotas amarelas do açafrão da paella, estava sentada no colo de Tom, que cantava para ela. Parecia ainda menor do que era e estava linda de doer.

— Chega — disse Ray. — Esse é o meu quarto prato fundo.

— Eu vou querer um pouco — disse Jeff, pegando a concha para se servir.

Estavam ali reunidos para celebrar o retorno de Tom de uma longa viagem às Ilhas Canárias com a finalidade de estudar um projeto potencialmente enorme de capital de risco, história esta destinada a servir de desculpa para a ausência dele durante o tempo em que estivera preso, e que ninguém parecia disposto a questionar.

— Quer trocar para tinto? — perguntou Claire à mulher de Abe Margolis, Julia, uma morena grande e ainda muito bonita, com pouco menos de sessenta anos e que estava terminando um cálice

de vinho branco. — Ou você ainda está interessada nesse aí? Ela deu a Tom uma rápida piscadela que passou despercebida.

— Pode encher — disse Julia, levantando o copo. — Misturando os dois, que diabo, viram rosé.

Claire, que tinha bebido bastante, serviu o vinho com a mão insegura.

— No copo, se não se incomoda — disse Julia Margolis.

— Vou querer também — disse Devereaux. — É Chablis?

— Merlot — corrigiu Claire. — Por pouco não acertou.

— Para mim vinho é vinho — disse Devereaux. — Com rolha ou com tampa.

Tom balançou Annie para cima e para baixo enquanto continuava a cantar a música que ia improvisando.

— Se você é feliz e sabe, pegue seu nariz...

— Não! — reclamou a menina, gritando. — É bater palmas!

— Se você é feliz e sabe, pegue o seu nariz! — entoou Tom, com sua bela voz de barítono.

— Não! — ela gritou, deleitada. — Você não sabe a letra! Ele a levantou no ar.

— Eu a amo muito, Annie-Banannie.

— Ei, Tom — exclamou Jen Evans —, na sua ausência você perdeu a grande inauguração de outro restaurante no South End.

— Outro? — gemeu Jeff Rosenthal. — Lembra de quando o South End era um buraco imundo? Agora não se pode andar pela avenida Columbus sem esbarrar numa moita de rúcula.

— Rúcula não dá em moitas — objetou com energia Candy, sua namorada loura e impressionantemente linda.

— Oh, é mesmo?, — retrucou Jeff. Uma expressão de embaraço apareceu rapidamente no seu rosto. Era evidente que estava nos estágios terminais da paixão por Candy. — Bem, então deve ser uma erva ou qualquer coisa do gênero. De qualquer maneira, os italianos devem estar arrancando os pés de rúcula dos seus canteiros de flores, enfiando em sacos de aniagem e mandando para nós aqui nos Estados Unidos, rindo sem parar.

Candy sacudiu a cabeça, olhos arregalados.

— Não é uma erva, Jeff! — exclamou. — A gente compra no supermercado! Eu já vi!

Jackie, silenciosa e distante, rolou os olhos para cima.

— O tal restaurante é tão barulhento — prosseguiu Jen — que você praticamente precisa usar protetores de ouvidos — você sabe, aquelas coisas que os funcionários de aeroporto usam para não ficarem surdos quando trabalham com jatos? Além disso, não servem pão ou água a menos que você faça um pedido específico. Como se isso pudesse levá-los à bancarrota.

— Se você está feliz e sabe disso — cantou Tom —, então é melhor nunca demonstrar...

— Não! Não! — gritou Annie, excitada. — Está errado!

— Puxa vida, o que é que vocês me dizem da história daquele general que se matou?

O suicídio do general William Marks foi a principal notícia no mundo todo.

— Mas sou capaz de apostar que ainda não temos a história verdadeira. Vamos acabar descobrindo que ele estava enfrentando algum processo de assédio sexual ou coisa do gênero.

— Chantagem, talvez — sugeriu Jeff Rosenthal.

— Meu Deus, há uma coisa especial num homem de uniforme — emendou a roliça Julia Margolis num sussurro, sorrindo depois lascivamente. — Esses caras não conseguem guardar o equipamento de combate deles dentro das calças.

Por um instante Claire conseguiu atrair o olhar de Tom. Devereaux inspecionou seu prato de paella meio acabado. Houve um breve silêncio em torno da mesa.

— Bem — disse Claire, se levantando. — Eu bem que gostaria de tomar uma água com gás. Alguém mais?

Diversas mãos foram erguidas. Claire foi para a cozinha. Tom sentou Annie e ela saiu correndo.

— Vou ajudar você com os pratos — disse ele, seguindo Claire.

Tom passou os braços em torno da cintura de Claire quando ela parou diante da geladeira apanhando garrafas azul-cobalto de uma caríssima água mineral importada do país de Gales.

— Ei, querida — disse ele.

— Ei — ela levantou o rosto e o beijou.

— Abe acha — só então Claire deu a notícia — que Harvard vai ficar comigo afinal de contas. Disse que o reitor contou a ele que lutou como um demônio em meu favor e que saiu ganhando.

— Claro que o reitor ia dizer isso. Ele é um político.

O telefone tocou. Nenhum dos dois fez qualquer gesto para atender. Mas Jackie se levantou da mesa e atendeu no aparelho de parede que ficava na entrada da cozinha.

— Oh, claro — disse. — Um segundo. É para você, Claire.

Terry Embry.

— Terry Embry?

Tom encolheu os ombros e pegou as garrafas azuis das mãos dela.

— Terry? — disse Claire, pegando o telefone.

— Puxa, eu realmente sinto muito por atrapalhar vocês, Claire.

Pelo jeito parece que estão no meio de uma festa. Sinto muito mesmo...

— Não se preocupe com isso, Terry. O que é que há?

— Estou com aquele troço que você me pediu para arranjar, os livros de registro de visitantes e tudo mais, e vou mandar agora para você pelo FedEx.

— Para o meu escritório, sim? — ela deu o endereço. — E obrigada.

— Sabe de uma coisa? Hernandez sumiu. Passou a ausente. Querem interrogá-lo, mas ninguém consegue encontrar o homem.

— Vai acabar aparecendo — disse ela.

Claire desligou e começou a apanhar os copos para servir a água.

BATERAM À PORTA DE CLAIRE E A ABRIRAM LOGO em seguida. Era Connie, sua secretária.

— Que tal dar uma olhada em mais algumas cartas e mensagens?, — perguntou ela, metendo a cabeça no interior do escritório.

Claire levantou os olhos de um texto que um estudante lhe pedira para ler. Sorriu, meio espantada, e fez um gesto afirmativo

com a cabeça.

— Temos um verdadeiro engarrafamento postal aqui.

Connie largou a pilha de correspondência em cima da mesa de Claire e sentou-se.

— Imagino que se trabalharmos uma hora pela manhã e uma hora à tarde conseguiremos pôr em dia sua correspondência e seus telefonemas por volta de... lá pelo início do ano que vem — ela sacudiu a cabeça.

Claire reparou no enorme envelope branco da Federal Express com o logotipo azul e laranja.

— Este FedEx é para mim?

— É, sim. Acabou de chegar.

Connie o entregou a ela. O remetente era Terry Embry. Claire abriu o envelope e fez escorregar seu conteúdo. Ela prendeu a respiração.

— Connie — disse ela—, talvez seja melhor ver a correspondência depois, afinal de contas.

Connie a olhou curiosamente. — Está bem — disse. — Digame quando.

Ela saiu calmamente, dando uma olhada para trás antes de fechar a porta.

Claire pegou a pequena foto em preto-e-branco e a examinou. Era a foto de alistamento de um jovem soldado com olhos escuros e cabelos encaracolados. Leu o nome: LENTINI, ROBERT.

Por volta de uma semana antes, Ray Devereaux tinha pedido aos Arquivos Pessoais do Exército para que localizassem a fotografia. Depois, a seu pedido, Embry lhe enviara a foto.

Ela sabia onde tinha visto Robert Lentini, muito embora ele depois tivesse perdido o cabelo.

Robert Lentini tornara-se um agente da CIA chamado Dennis T. Mackie. Sua "garganta profunda". Tinha abandonado a identidade antiga como uma cascavel abandona a pele.

Talvez ele sempre tivesse sido Dennis T. Mackie. Talvez fosse agente da CIA antes de unir-se ao Destacamento 27 e tornar-se Robert Lentini. Coisas desse tipo acontecem. De fato, acontecem até

coisas bem mais estranhas. A CIA gosta de plantar seu pessoal onde quer que seja possível.

A sua fonte.

O homem que tinha, "de algum modo", encontrado o memorando do general Marks e que efetivamente acabara com a carreira dele.

Claire estava começando a entender. Puxou a etiqueta quadrada, a papeleta de encaminhamento que acompanhava a gravação falsa. O cabeçalho dizia AGÊNCIA CENTRAL DE INTELIGÊNCIA.

As iniciais rabiscadas diziam "DTM".

DTM era, tinha que ser, Dennis T. Mackie.

A sua garganta profunda.

O homem que de "algum modo" tinha feito aparecer uma gravação de Tom falando em um rádio de campanha em El Salvador e a fornecera à Agência de Inteligência da Defesa, a fita que não era apenas falsa como também passível de ter sua falsidade comprovada — boa o suficiente para passar por um exame detalhado da acusação, mas não tão boa que um perito contratado pela defesa não pudesse provar que era forjada. A prova falsificada que tinha acabado com o julgamento e libertado Tom.

Claire sentiu-se mal, nauseada. O gosto um tanto salgado e repulsivo de suco gástrico chegou a vir à sua boca.

Enquanto pensava, correu os dedos para trás e para a frente no interior do envelope do FedEx e percebeu que havia algo mais, algumas folhas de papel grampeadas. Tirou-as lá de dentro.

Eram as fotocópias do diário dos visitantes da prisão, nas últimas semanas, que ela pedira a Embry para fazer. O livro que todos os visitantes tinham de assinar.

Não precisou mais que alguns segundos para achar a assinatura de Dennis T. Mackie na coluna NOME DO VISITANTE (REPRESENTANDO: "O próprio", ele escrevera). Havia mais dois registros. Dennis T. Mackie visitara Tom três vezes nas últimas duas semanas do seu confinamento.

Talvez houvesse uma explicação.

Telefonou para Jackie e pediu que fosse pegar Annie imediatamente para passar a noite com ela.

Em seguida, ligou para Ray Devereaux e pediu seu conselho. Depois voltou para casa o mais depressa que conseguiu, o coração batendo com força.

TOM TINHA CHEGADO ANTES DELA.

A casa cheirava a alho, um odor maravilhoso e convidativo.

— Adivinho que não vamos comer sobras da paella — Claire tentou brincar, colocando em cima da mesa a pasta de documentos e tirando o casaco.

— Linguini com molho de mexilhões — disse Tom. Ele aproximou-se e deu-lhe um beijo. — Seu prato favorito. Pronta para comer? Estou morrendo de fome.

— Vamos comer — Claire sorriu. Não estava com fome. Seu estômago parecia uma pequena bola dura.

— Onde está minha bonequinha? — perguntou ele, terminando de servir a pasta e a salada.

— Quis dormir na casa de Jackie.

— Ela está muito agarrada com a Jackie, não acha? Tom começou a comer o linguini.

— Desculpe. Você se incomoda se eu começar?

— Vá em frente.

— Você não vai comer?

Ela brincou com o guardanapo.

— Tom, nós precisamos conversar.

— Hmm-hmm — ele murmurou, com a boca cheia de linguini. Mastigou, engoliu.

— Esta não é uma fala de abertura auspiciosa — ele sorriu, bebeu um gole de água com gás, e deu outra garfada no linguini.

— Quem é Lentini?

Tom mastigou mais devagar por um momento, e depois retomou o ritmo anterior. Depois de engolir, falou com naturalidade.

— Outro membro da unidade.

— Qual é o nome verdadeiro dele? Lentini ou Mackie?

Tom tomou um longo gole de sua água. Olhou fixamente para Claire por cima da curva do copo, e o colocou sobre a mesa.

— Por que a reinquirição, Claire? O julgamento terminou.

— Não para mim — replicou ela, muito calmamente. — Ainda não.

Ele sacudiu a cabeça devagar.

— Você me ama, Tom? — perguntou Claire baixinho, quase murmurando.

— Você sabe que sim.

— Então eu preciso que me conte a verdade agora. Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Lentini — disse, com um sorriso triste —, seu verdadeiro nome é Mackie, mas eu sempre o conheci como Lentini — bem, ele realmente é um cara da CIA. Trabalha secretamente para a CIA desde que foi designado para o Destacamento. Seja como for, ele me disse que a CIA considera — considerava — Marks um verdadeiro inimigo, um oponente burocrático, e todos lá queriam sabotar sua candidatura para a chefia da Junta de Chefes de Estado-Maior. Na verdade eu acho que com o Lentini a coisa era pessoal. Ele desprezava Marks tanto quanto eu.

— Por isto é que ele deu a Waldron a fita forjada? Para comprometer a posição da promotoria, sabotar o caso deles?

— Faz alguma diferença agora? — Tom pegou outra garfada de linguini.

A sala estava absolutamente silenciosa.

— Eu gostaria de saber. Foi ideia sua ou dele?

Ele sacudiu a cabeça, sem parar de mastigar.

— Claire — disse depois de engolir —, eu não via o cara fazia anos. Uns treze anos.

Ela sentiu-se tonta.

— Tenho cópias do livro de visitantes da prisão — Claire disse. — Aqui comigo. Ele visitou você três vezes.

Tom olhou para ela, com uma expressão de curiosidade no rosto. Que depois foi substituída por outra, de tranquila compreensão.

Ele largou os talheres lentamente. Respirou fundo e deixou escapar um suspiro longo e sentido.

— Claire — disse, cansadamente. — Claire, Claire, Claire. Isso tudo aconteceu muito tempo atrás.

— Você matou aquelas pessoas — sussurrou ela.

Tom fitou-a pensativamente.

— Não acho que Marks soubesse que os camponeses estavam desarmados e eram inocentes, mas ele estava tão irritado com a morte de seu amigo Arlen Ross na Zona Rosa que não estava pensando direito. Depois, quando a merda voou no ventilador em Fort Bragg e eles precisaram de um bode expiatório, é claro que o Marks não ia assumir a culpa, nem acusar o seu subcomandante. Mesmo assim, foi ele que deu a Hernandez a ordem para atirar. Percebi então que era a minha palavra contra a de um major, e Marks estava do lado do seu subcomandante, é claro. Eu sabia que precisava desaparecer. Porque eles iam pôr a culpa em mim. E puseram, sem sombra de dúvida. Hernandez e Marks vêm chantageando um ao outro desde então. Parceiros no crime, por assim dizer.

— Mas você também atirou, não foi? — perguntou Claire. — Ajudou Hernandez a massacrar aquelas pessoas.

Os olhos de Tom ficaram molhados.

— Marks sabia que podia contar comigo. Todos da unidade se recusaram, exceto eu e, é claro, Hernandez.

Ele estendeu a mão e pôs sobre a dela. Estava quente e úmida. De repente, Claire retirou a mão, como se a tivesse queimado. Teve a impressão de que seu estômago se revirava. Subitamente, sentiu-se muito cansada.

— Você atirou — disse. — Você ajudou Hernandez a matar oitenta e sete pessoas.

— Você tem de entender as coisas em seu contexto apropriado, Claire. Aqueles aldeões estavam rindo de nós. Não estavam cooperando em nada. Eu tive que ser um pouco duro com eles.

— Torturá-los.

— Alguns. Fui obrigado. Mas não podia torturar uns e depois deixá-los de lado para denunciarem as violações de direitos

humanos ocorridas, entende? Não se faz isso. Você tem de limpar a sujeira que fez. Não tive outra escolha.

Claire sentiu frio. Cruzou os braços sobre o peito, abraçando-se. Estremeceu.

— Marks sabia que podia contar comigo — repetiu Tom, quase que em tom de conversa. — Você sabe, antes de eu ir para o Vietnã eles me fizeram passar por uma bateria de testes. E... concluíram que eu era — qual é mesmo a expressão? — "moralmente prejudicado". Que era o modo de dizerem que eu era o tipo de homem de que precisavam. Primeiro para os grupos de assassinato no Vietnã, e mais tarde para o Destacamento 27. Eu era capaz de matar sem sentir culpa ou remorso.

Ela o encarou. A sala parecia estar girando lentamente.

— O governo precisava de pessoas como eu — disse Tom. — Sempre precisa. Pessoas capazes de fazer o serviço que outras não conseguem. Depois, quando não precisam mais, vêm com esse papo de "Oh, nós estamos chocados, chocados com o que você fez. Passe o resto da sua vida em Leavenworth. Este é o nosso muito obrigado". Faço o que mandam e, de repente, quando não precisam mais de mim, sou um criminoso.

Claire balançou a cabeça.

— Não entendo, Tom — disse ela. — O homem da balística... as provas apontavam apenas para um atirador. Todas as balas vieram de uma mesma arma.

— Todas as balas que ele examinou. Eu disse a você que não eram minhas.

Claire precisava compreender aquilo, mesmo que sua cabeça estivesse flutuando.

— Eu não entendo.

Ele encolheu os ombros.

— Eu limpei a cena do crime. Sempre gostei de limpar o que faço. Sempre usei minha própria munição. Alemã, 308, camisa de metal, estojo de aço. Fácil de pegar com um bastão magnético. Diferente da porcaria de latão que Hernandez estava usando, dotação padronizada, que não se consegue pegar nem com um ímã. Eu voltei com todo cuidado ao local onde tudo aconteceu e peguei

todos os projéteis e estojos. Nunca gostei de deixar para trás meu cartão de visitas.

Mais uma vez ela balançou a cabeça. Engoliu em seco. Levantou-se e foi andando na direção do telefone de parede.

— O que você está fazendo, Claire? — perguntou Tom. Ele levantou e aproximou-se dela com um sorriso. — Está acabado. Lembra-se? Fui considerado inocente. Outra vez ela balançou a cabeça.

— É claro — disse, suavemente. Sentia-se enjoada. Seu estômago fervia como um caldeirão. Queria vomitar. Tirou o fone do gancho, discou um número de sete dígitos.

— Isso tudo é só entre nós dois, Claire — disse ele. Uma nota de crueldade apareceu na sua voz. — Você é minha advogada. Está presa pelo privilégio da relação advogado-cliente.

Ela podia ouvir o telefone tocando.

— Acabou, Claire. Risco duplo, lembra? Não posso ser julgado de novo. Não posso correr duas vezes o risco de ser condenado à morte.

O telefone continuava tocando. Por onde andaria Devereaux?

— Não faça isso, Claire — ele alcançou e comprimiu o gancho do telefone para interromper a ligação.

Ela recolocou o fone no gancho cuidadosamente. Deu uma olhada em torno, admirando a cozinha, tão bem mobiliada. Tão acolhedora. Quantos cafés da manhã tinham tomado ali, ela, Tom e Annie? Quantas vezes Tom havia preparado o jantar para sua esposa e filha adotiva? E durante todo esse tempo tudo não passara de uma mentira sustentada cautelosamente. Quão segura ele fizera que se sentisse. Quando na verdade ela e a filha estavam vivendo com um homem perigoso, doente.

— Você precisa se entregar, Tom — murmurou ela.

— Não vai acontecer desse jeito, Claire.

Ela tentou pegar o telefone novamente.

Tom chegou mais perto, o corpo entre Claire e o aparelho.

— Estou falando sério, querida. Não faça isso. Pense em tudo que enfrentamos juntos. Pense em tudo o que conseguimos juntos, você e eu.

Devagar, ela tirou a mão.

— Você é doente, Tom — disse, muito calmamente.

— Nós somos uma família — disse ele. — Você, eu e Annie.

Nós somos uma família.

Claire balançou a cabeça, meio tonta, e mais uma vez pegou o telefone.

— Estou falando sério, Claire. Desligue esse telefone. Pense em Annie. Não há razão para fazer isso, Claire. Nós podemos ser uma família de novo.

Ela sacudiu a cabeça, as lágrimas embaçando seus olhos, escutando a campainha do telefone tocar.

Com um movimento brusco, ele arrancou o telefone da mão de Claire com um tapa, fazendo com que perdesse o equilíbrio e caísse no chão.

Ele pressionou o descanso na base do telefone, abaixou-se para pegar o fone e recolocou-o no lugar.

— Eu preciso de você, Claire! — berrou ele de repente.

Esparramada no chão da cozinha, ela levantou os olhos para ele, viu seu rosto congestionado. Estremeceu. As lágrimas escorreram pelo seu rosto. Levantou a mão para pegar o casaco do conjunto, que estava pendurado nas costas de uma das cadeiras da cozinha e apanhar o telefone celular. Abriu-o e puxou a antena.

— Claire, querida — disse ele. Seus olhos estavam tristes, o rosto angustiado. — Eu não devia ter feito aquilo. Desculpe. Só preciso que você me ouça.

Ela comprimiu alguns números. E percebeu que não havia ligado o aparelho.

— Minha querida — disse ele, inclinando-se na direção de Claire. Deu um tapa no celular, arrancando-o das mãos dela. O pequeno aparelho caiu ruidosamente no ladrilho. — Escuta. Nós podemos ser uma família de novo. Deixe o passado de lado. Esqueça-o. Pense em Annie.

Chorando, incapaz de focalizar os olhos, Claire rastejou pelo piso da cozinha e pegou o celular; Tom partiu para cima dela novamente, derrubando-o de sua mão.

Foi como uma facada a dor que sentiu no braço. Lutou para levantar-se, tentou dar um passo em direção à porta, mas ele bloqueou seu caminho.

— Entenda, Claire, que se você me obrigar, eu simplesmente desapareço de novo. Já fiz isso antes, e posso fazer de novo. Você sabe disso.

Seu tom de voz era razoável, calmo, controlado. Como quando a tranquilizava a respeito dos problemas da casa, de que se encarregava, tais como um vaso sanitário que não parava de dar descarga, uma lâmpada queimada, um camundongo na cozinha.

— Quero que você pense em Annie. Pense no que será melhor para ela.

— Deixe-me ir — disse ela. — Seu filho da puta.

— Sei que você fará a coisa certa. Eu nunca faria, jamais, algo para prejudicar minha bonequinha se não fosse absolutamente necessário. Nunca. Quero que pense em tudo que é precioso para você neste mundo — sua filha, sua irmã... Impossível ter certeza. Vou desaparecer, você talvez nem me reconheça mais, e você, sua irmã e sua filha nunca estarão seguras.

Ela o encarou horrorizada, percebendo que não era uma ameaça vazia, que ele estava falando a sério. Que Tom certamente tiraria dela seu bem mais precioso, se achasse que era necessário. Porque era incapaz de sentir culpa ou remorso. Podia cumprir facilmente o que prometera. Ela estremeceu de novo.

— É como viver em um tipo especial de inferno, tendo que se preocupar desse jeito o tempo todo — disse ele. — Você não iria querer isso. Acredite em mim.

A campainha tocou, duas sinetas que soaram como um carrilhão. Claire esquivou-se dele e correu para abrir a porta.

Ouviu às suas costas o roçar das calças de Tom, que vinha pegá-la. Só quando abriu a porta é que percebeu como seu coração batia rápido.

A pistola parecia pequena na mão gigantesca de Devereaux.

— Eu não tinha dito a você para bloquear seu identificador de chamadas? — disse Devereaux. — Recebo uma ligação, ela cai, e é seu número. Odeio ligações que caem. O que está acontecendo?

— Está tudo bem — disse Tom. — Tudo sob controle.
Devereaux, curioso, olhou para Claire.

— O que há, Claire?

Claire o encarou firmemente. Seus olhos estavam desesperados.

— Ray — disse ela.

E de repente houve uma série de explosões, de algum lugar atrás de Devereaux, um-dois-três-quatro, e a frente da sua camisa ficou manchada de sangue. Claire gritou. Tom encolheu o corpo, os olhos alerta. Devereaux gemeu, segurou a imensa barriga, tombou para a frente e caiu no chão. Um enorme sopro de ar saiu de seus pulmões, como um suspiro angustiado.

Gritando, ela se jogou no chão ao lado dele, e amparou sua cabeça. Viu que estava vivo, mas debilitado e com muita dor. O sangue, vermelho bem vivo, escorria pela sua camisa.

Neste instante ela viu, entrando pela porta da frente, o coronel James Hernandez, empunhando uma pistola imensa. Hernandez estava de calça jeans e blusa de ginástica.

— Ei, Ronny, amigão — disse Hernandez. — Exatamente como nos velhos tempos, hem?

A postura de Tom relaxou.

— Eu quero que você se foda, velhos tempos — exclamou. — Por que foi no tribunal contar aquela história do cachorro, hem, Jimbo? E aquela merda de tortura?

entrou no vestíbulo.

— Deixa disso, companheiro — disse. — Você sabia que a fita forjada do Lentini ia terminar com o caso. Nunca teve nada com que se preocupar, não importa o que eu contasse. Eu só não queria que eles viessem atrás de mim. E onde está o meu agradecimento? Eu salvei sua vida.

Ele levantou a palma da mão esquerda e Tom bateu nela, em sinal de parceria.

— Assim como eu salvei a sua na Nicarágua, Jimmy — lembrou Tom, com um sorriso.

Claire levantou os olhos e observou os dois sem acreditar.

— Jimmy, você dá um jeito nesse gordo filho da puta aqui. E limpa toda essa bagunça. Eu e Claire temos alguns negócios para discutir. Depois é melhor dar o fora. Tem um bocado de gente procurando você.

Ele passou um braço em torno de Hernandez.

— Aquele negócio com o jipe lá em Maryland... você quase matou minha esposa. Aquilo foi burrice. Eu precisava dela.

— Não fui eu — disse Hernandez. — Talvez outros caras das Forças Especiais, mas não...

Um movimento inesperado. Um tiro saiu da arma de Devereaux, quando a mão dele se mexeu de repente e uma bala explodiu na cabeça de Hernandez. Hernandez caiu no chão, evidentemente morto.

Tom virou-se, espantado com o estampido, e, quando viu o ocorrido, debruçou-se sobre o corpo do companheiro.

Nesse momento Claire sentiu algo frio e duro bater nela e percebeu que Devereaux estava apertando a arma de encontro à sua mão direita.

Tom viu a pistola na mão dela, e sacudiu a cabeça, enojado.

— Desculpe, Claire — disse, sarcástico. — Não há mais ninguém aqui para ajudar você.

Ela hesitou, vendo a figura dele como se através de uma neblina. Sua boca abriu e fechou, mas não conseguiu falar.

Claire levantou a pistola ao mesmo tempo em que se levantava. Mal conseguiu passar os dedos em torno do cabo para atingir o gatilho. Usando as duas mãos para firmar a arma, mirou no tórax de Tom.

De repente, Tom abaixou-se, pegou a pistola de Hernandez e levantou-a até que estivesse apontada para Claire. Sorriu docemente. Seu rosto voltou a ser o do homem maravilhoso que tinha amado.

— Você não quer me machucar — disse ele.

Ela estremeceu. Seus olhos não conseguiam entrar em foco. O sorriso de Tom foi sumindo aos poucos. Ele estava sendo o velho ou o novo Tom? — Você não sabe como usar isso — disse ele.

— Veremos.

Ele observou-a com atenção e, de repente, puxou o gatilho. Houve somente um clique.

Ela viu nos olhos dele a percepção de que a arma estava descarregada. Os quatro tiros que Hernandez dera em Devereaux tinham sido seus últimos. Tom largou a arma no chão do vestíbulo e olhou em torno, obviamente procurando alguma coisa para substituí-la.

— Pare onde está, Tom.

— Você não vai atirar — disse ele, os olhos ainda examinando tudo à sua volta. — Você é advogada. Trabalha dentro do sistema. Joga de acordo com as regras.

O corpo dele parecia estar encolhendo de novo, como uma mola.

— Sei que fará a coisa certa. Por Annie.

Os olhos de serpente de Tom brilharam. Ela seguiu sua linha de mira, viu que era uma pequena escultura de mármore em cima da mesa do hall, e quando ele de repente se lançou para a mesa sobre ela, Claire inspirou e exalou ruidosamente. Todo o seu corpo tremia.

— Você está certo — disse ela, e puxou o gatilho. A arma recuou, quase voou de sua mão. Uma mancha brilhante cor de morango apareceu na camisa branca de Tom, bem no meio do peito. Ele desabou no chão e emitiu um som baixo e horrível que mais parecia de um animal. Claire mirou de novo, e atirou. A bala explodiu no seu peito. Os olhos dele ficaram fixos, cegos, e ela soube que estava morto.

As mãos de Claire começaram a tremer primeiro, depois foram seus ombros. Todo o seu corpo sacudiu violentamente. Ela também desabou no chão.

Um grande soluço formou-se no fundo da sua garganta. As comportas se abriram e aí os soluços, não mais contidos, vieram em ondas poderosas.

Viu que estava ajoelhada em uma poça do sangue de Tom, que escorria dos seus ferimentos. A lã cinzenta fina de sua saia escurecia à medida que a mancha se espalhava.

O gemido das sirenes dos carros da polícia foi ficando cada vez mais audível. Claire primeiro sentiu o leve odor sulfuroso da pólvora, e depois o cheiro de sangue, pungente e metálico. Enquanto chorava, pensou em Annie, que não tinha sido menos confiante que ela, e cuja vida nunca mais seria como antes.

Ainda assim, foi neste mesmo momento que, pela primeira vez, sentiu-se em paz.

FIM

AGRADECIMENTOS

TODO MUNDO DEVIA TER EDITORES TÃO DEDICADOS quanto Henry Ferris. Poucas horas depois do nascimento de suas gêmeas, quando a maioria dos pais ainda não é capaz de pensar direito, ele estava incansavelmente enviando fax e pacotes via FedEx lá mesmo do hospital. Sou-lhe grato pelo seu sólido discernimento, bom gosto e determinação. (Se dependesse de Henry, este parágrafo seria suprimido como desnecessário em uma seção do livro já demasiado comprida.) Com cada um dos meus quatro livros, tive o privilégio de dispor de fontes soberbas e generosas, acima de tudo, o meu amigo Jack McGeorge, do Public Safety Group, em Woodbridge, Virginia, perito em segurança, munições, terrorismo, e praticamente tudo mais. Quanto melhor o conheço, mais me surpreendo com o seu conhecimento.

Sou também agradecido a outros amigos, que cederam graciosamente sua experiência, contatos e conselhos: Paul McSweeney do Professional Management Specialists; H. Keith Melton, especialista (e colecionador em escala mundial) em dispositivos de vigilância; Peter Crooks, da Association of Former Intelligence Officers; o extraordinário Paul Redmond, da CIA; Thomas Powers, por seu sábio aconselhamento e Marty Peretz, por seu apoio generoso e constante desde o começo da minha carreira de escritor.

Um bom número de especialistas em diversos campos me proporcionou ajuda valiosa: em identificação de voz e fita. Lonnie Smrkovski; Forças Armadas e seus procedimentos de segurança, Mickey Connolly; Dick Bigelow, sobre agentes federais; quanto às normas de segurança do governo, Steven Aftergood, da Federation of American Scientists. Carlos Salinas, da Anistia Internacional, proporcionou-me um pano de fundo útil a respeito do envolvimento americano em El Salvador. Na polícia de Cambridge fui ajudado por Kathy Murphy, Alisse Cline e os detetives Lester J. Sullivan e John

Lopes. da Seção de Investigações Criminais; na Polícia do Estado de Massachusetts por Chris Dolan, perito em Crime Scene Services. Tom Williams me ajudou com as cenas em que aparecia o detector de mentiras, dando-lhes a maior autenticidade possível. Em Quantico, o primeiro-sargento Jim Hart proporcionou-me um giro esclarecedor pela prisão. Carl M. Majeskey compartilhou comigo seu inigualável conhecimento de balística. Meu irmão e consultor médico, Dr. Jonathan Finder, foi como sempre muito generoso com seus conselhos profissionais especializados, e com uma catástrofe no computador que não podia ter ocorrido em pior hora.

O trabalho de Claire teria sido ainda muito mais difícil se não fosse meu time de advogados de Boston: Ralph D. Gants, da Palmer & Dodge; Morris M. Goldings, da Mahoney, Hawkes & Goldings; Charles W. Hankin, da Hankin & Sultan; Nick Poser; e especialmente Harry Mezer; e em Washington, Joseph E. diGenova e Victoria Toensing.

Na Faculdade de Direito de Harvard, Alan Dershowitz e particularmente Martha Minow foram extremamente prestativos, assim como M. Tracey Maclin, da Faculdade de Direito de Boston.

Rodney Barker, o escritor, gentilmente assegurou a minha entrada no mundo isolado e altamente especializado do Direito Militar. Graças a ele fui capaz de montar meu próprio Dream Team de advogados civis especializados em cortes marciais, composto por William J. Baker, Tom Folk, David Sheldon e o estimado David L. Beck.

Charles W. Gittins me ajudou imensamente a desenvolver a estratégia legal de Claire, em uma época que ele estava correndo contra o tempo para defender o Sergeant Major do Exército em um processo que teve imensa notoriedade. Não tenho palavras suficientes para o incrível Mike Powell, um advogado civil especializado em direito militar com a imaginação de um romancista, que trabalhou alegremente como meu principal assessor legal e consultor de assuntos militares, e acabou tornando-se meu amigo. Se alguma vez eu fosse submetido a uma corte marcial, eu o contrataria na mesma hora. A natureza perversa da corte marcial de Tom é puramente uma invenção minha e não tem base em nada que

eu tenha visto na vida real. Nenhum dos juízes militares que encontrei foram, de modo algum, como o meu Warren Farrell. (O que é possível, contudo, é outro assunto...) Quaisquer erros legais ou de conduta são meus, ou talvez de Claire.

Na Editora William Morrow agradeço a Paul Fedorko, Ann Treistman e Fritz Metsch. Tive uma soberba editora de texto em Terry Zaroff-Evans. Kathy Economou, minha assistente, maravilhosa e capaz, tornou minha vida de escritor muito mais fácil. Minha gratidão à ótima agente literária e consigliere multi-talentosa Molly Friedrich; seu assistente, Paul Cirone; e Aaron Priest, e não posso deixar de agradecer o entusiasmo do meu agente de direitos estrangeiros, Danny Baror, Richard Green e Howie Sanders, da United Talent Agency. Meus pais, Morris e Natalie Finder, além de fãs, são publicitários freelance e que não demandam pagamento. E, é claro, meu outro irmão, Henry Finder, inigualável editor/consultor, ainda guarda um tempo para mim mesmo que a demanda do seu tempo aumente e que o mundo aí fora tome cada vez mais conhecimento do seu talento. Minha mulher, Michele Souda, não só ajudou a dar vida à Claire, como também reconheceu que, na minha ficção, os homens que sabem cozinhar devem ser observados com atenção. Ela me apoiou desde o começo e continua acreditando em mim; sou grato, como sempre, pelo seu amoroso encorajamento.

.doc

Digitalização e correção **Vera Lúcia Figueiredo**

Arca Literária

Revisão e .ePub

